**Universidade de São Paulo
Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”
Centro de Energia Nuclear na Agricultura**

**Identidade e inclusão social e ambiental: a utilização da polpa da
juçara (*Euterpe edulis*) em Taiaçupeba – Mogi das Cruzes – SP**

Ana Paula Coati

Tese apresentada para obtenção do título de Doutora
em Ciências. Área de concentração: Ecologia
Aplicada

Piracicaba
2013

Ana Paula Coati
Bacharel/Licenciada em Psicologia

Identidade e inclusão socioambiental: a utilização da polpa da juçara (*Euterpe edulis*) em Taiaçupeba – Mogi das Cruzes – SP
versão revisada de acordo com a resolução CoPGr 6018 de 2011

Orientador:
Prof. Dr. **MARCOS SORRENTINO**

Tese apresentada para obtenção do título de
Doutora em Ciências. Área de concentração:
Ecologia Aplicada

Piracicaba
2013

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
DIVISÃO DE BIBLIOTECA - ESALQ/USP**

Coati, Ana Paula

Identidade, inclusão social e ambiental: a utilização da polpa da juçara (*Euterpe edulis*) em Taiaçupeba – Mogi das Cruzes – SP / Ana Paula Coati. - - versão revisada de acordo com a resolução CoPGr 6018 de 2011. - - Piracicaba, 2013.
174 p. : il.

Tese (Doutorado) - - Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”. Centro de Energia Nuclear na Agricultura, 2013.

1. Agricultura familiar 2. Educação ambiental 3. Euterpe edulis 4. Identidade
5. Inclusão social 6. Palmitos I. Título

CDD 634.6
C652i

“Permitida a cópia total ou parcial deste documento, desde que citada a fonte – O autor”

DEDICATÓRIA

Dedico esta tese e todo o processo pelo qual passei e me transformei, aos meus antepassados, à todos os meus familiares consanguíneos e não consanguíneos, que ajudam no meu desenvolvimento pessoal, coletivo, comunitário, planetário. Dedico á todas e todos Educadoras e Educadores, com meu desejo de que tenham sempre força, persistência, amor, auto conhecimento, tranqüilidade e reconhecimento da importância que esses humanos tem no mundo. E por fim, ao meu companheiro de vida Leandro Francisco do Carmo, por todo apoio, ajuda, paciência e amor.

AGRADECIMENTOS

"O saber a gente aprende com os mestres e os livros.
A sabedoria, se aprende é com a vida e com os humildes."

Cora Coralina

Os meus agradecimentos são muitos, inicio pelos meus antepassados que me permitiram estar aqui buscando o meu crescimento e desenvolvimento através de estudos, vivências que se iniciaram com meus familiares mais próximos como por exemplo, meus pais, que me deram uma educação que vai além dos estudos, me ensinaram algo que tenho como extremamente importante pra vida na Terra, os valores! Respeito, amor, amizade, gratidão, entre outros.

Obrigada aos meus avós maternos e paternos. Obrigada meu Pai - Pedro Waldecir Coati – Ciro, pela sua força, amor e exemplo de homem. À minha Mãe - Maria Helena Sanchez Coati (in memoriam) sempre lhe serei grata por me mostrar e ensinar sobre a força feminina, pelo amor incondicional e também pelos exemplos de vida. Grata sempre a minha Irmã - Milena Regina Coati Gorayb, ao cunhadinho querido Leonardo Gorayb e especialmente à minha sobrinha, afilhada e amada Duda - Eduarda Coati Gorayb, pois além da força, do amor, carinho, atenção, sempre me ensinam sobre o valor da família e sempre estão presentes, mesmo de longe.

Um agradecimento especial ao meu companheiro - Leandro Francisco do Carmo por toda a ajuda, pelo respeito, amor, em especial pela paciência comigo em todos os momentos. Com sua sabedoria e a grandeza do seu coração, meu amado te admiro muito.

Meu Orientador - Marcos Sorrentino, serei sempre grata à disponibilidade em me orientar, em me acolher, em ensinar, obrigada por mais esta caminhada!

O meu imenso agradecimento a todos os amigos e amigas, pela companhia, amor, respeito e paciência, pois estes são também minha família a qual tenho muita gratidão e amor profundo.

Agradeço aos familiares em geral, tios, tias, primos..., que estão longe ou nem tanto. Aos familiares por parte do meu Amor Leandro, grata ao acolhimento de todos vocês. Às minhas amadas amigas e família do coração Giovanna Boni e Cristina Gagliardi com suas famílias, pela força de sempre, companheiras que me acolhem em todo e qualquer momento desta vida, alegres ou tristes, obrigada!

Fabiano Ramos, meu professor inglês, tenho imensa gratidão e carinho por você com sua paciência, ensinamentos e carinho comigo.

Júlia Machado querida, sem palavras pra te agradecer por toda a ajuda que me tem dado, não só na tese, mas com sua amizade tão valiosa pra mim, obrigada.

Maria de Lourdes Spazziani e Sandra Lestinge amigas e queridas professoras, sou imensamente grata por toda ajuda, força, acompanhamento e orientação que me deram e pelo carinho.

O meu muito obrigada as várias pessoas que de forma direta ou indireta me ajudaram nesta empreitada, Maria, Daniel, Saulo, Reinaldo, Guilherme, Henriqueta, Edna, Thaís, Ísis, Simone, Cintia, Semíramis, à todas e todos participantes da Oca de hoje e tempos atrás. Um agradecimento especial ao grupo de estagiários da Oca, que em vários momentos me fizeram sentir a delícia da empolgação da juventude; por entenderem minhas limitações e ao aprendizado que me proporcionaram Luana, Marina, Pedro, Igor e Ariane, tenho carinho por vocês. Agradeço também aos alunos da disciplina da qual fui monitora, mais uma vez obrigada ao Marcos por me mostrar e compartilhar essa sabedoria de Professor e Mestre que é.

Queridos Valéria Maradei Freixêdas e Márcio Rodolfo Nogueira, amigos queridos, especiais na minha vida, obrigada por tudo, carinho, ajuda, força, olhares e muitas conversas que me alimentam a alma, o coração e a mente.

Um agradecimento também muito especial à minha Psicóloga Viviane Bertoncello, que por alguns anos deste processo da tese me acompanhou, ensinou e acolheu. Minha gratidão ao Raul Marques e ao grupo de estudos da clínica de psicologia são momentos especiais na minha vida, ao meu crescimento e a alegria de fazer parte disto tudo.

E finalmente quero agradecer imensamente a todos e todas as pessoas de Taiaçupeba, da comunidade, dos participantes do Projeto Juçara, do Parque das Neblinas, os acolhimento em várias situações, as mulheres do pequeno restaurante do centro de Taiaçupeba com sua comida deliciosa e o carinho, ao espaço que o Heródoto e a Valquíria disponibilizam no sítio/RPPN, através do Sr. José que nos acolheu com tanto carinho. A todos que compartilharam suas histórias de vida, num ato de generosidade e confiança que os entrevistados me concederam, obrigada!

Agradeço a CAPES, pela bolsa concedida, ao programa de Ecologia Aplicada.

Cintia Guntzel Rissato e Maria Henriqueta Andrade Raimundo, aos ajustes finais, força e carinho comigo, muito obrigada!

Não há uma seqüência nem como enumerar ou colocar em ordem de quem agradeço primeiro ou mais, assim, seqüenciando meus sentimentos. Porque, cada um tem seu lugar, seu momento, sua forma, todos me ensinaram e me educaram. Obrigada!

EPÍGRAFE

O Cântico da Terra

(Cora Coralina)

Eu sou a terra, eu sou a vida.
Do meu barro primeiro veio o homem.
De mim veio a mulher e veio o amor.
Veio a árvore, veio a fonte.
Vem o fruto e vem a flor.
Eu sou a fonte original de toda vida.
Sou o chão que se prende à tua casa.
Sou a telha da cobertura de teu lar.
A mina constante de teu poço.
Sou a espiga generosa de teu gado
e certeza tranqüila ao teu esforço.
Sou a razão de tua vida.
De mim vieste pela mão do Criador,
e a mim tu voltarás no fim da lida.
Só em mim acharás descanso e Paz.
Eu sou a grande Mãe Universal.
Tua filha, tua noiva e desposada.
A mulher e o ventre que fecundas.
Sou a gleba, a gestação, eu sou o amor.
A ti, ó lavrador, tudo quanto é meu.
Teu arado, tua foice, teu machado.
O berço pequenino de teu filho.
O algodão de tua veste
e o pão de tua casa.
E um dia bem distante
a mim tu voltarás.
E no canteiro materno de meu seio
tranqüilo dormirás.
Plantemos a roça.
Lavremos a gleba.
Cuidemos do ninho,
do gado e da tulha.
Fartura teremos
e donos de sítio
felizes seremos.

SUMÁRIO

RESUMO.....	12
ABSTRACT	14
LISTA DE FIGURAS	16
LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS	18
APRESENTAÇÃO.....	20
1 INTRODUÇÃO	26
1.1 Mata Atlântica	26
1.2 A Palmeira Juçara (<i>Euterpe edulis</i>) e suas Circunstâncias na Atualidade.....	27
1.3 Agricultores Familiares	29
1.4 Contextualização da Área de Estudo.....	31
1.5 A Questão Social e Atividade Local.....	33
1.7 Hipótese e Objetivos.....	35
2 REFERENCIAL TEÓRICO	36
2.1 Buscando a Identidade Local.....	36
2.2 Educação Ambiental	46
3 METODOLOGIA.....	59
3.1 Pesquisa Qualitativa	59
3.2 Estudo de caso	60
3.3 Levantamento Inicial	60
3.4 Entrevistas	62
3.5 Estudos do Laboratório de Educação e Política Ambiental – Oca, ESALQ/USP	63
3.5.1 Identidade	64
3.5.2 Comunidade	65
3.5.3 Diálogo.....	66
3.5.4 Potência de ação	67
3.5.5 Felicidade	68
3.6 Análise dos Resultados	68
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	70
4.1 Histórico e Contextualização	70
4.2 Oficinas de Juçara	77
4.3 Entrevistas e Entrevistados	84
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	99
REFERÊNCIAS.....	108
ANEXOS	118

RESUMO

Identidade, inclusão social e ambiental: a utilização da polpa da juçara em Taiaçupeba – Mogi das Cruzes – SP

A maior parte das espécies ameaçadas de extinção no Brasil se encontra na Mata Atlântica, sendo que menos de 5% em média, da cobertura original que ainda resta deste bioma, se apresenta na forma de remanescentes pequenos e fragmentos florestais. A região do Distrito de Taiaçupeba – SP, pertencente a Mogi das Cruzes, é uma região que além do turismo, possui muitos sítios de produção de hortas e pesqueiros, sendo uma área de Mata Atlântica com certo grau de conservação que conta ainda com a presença da palmeira juçara (*Euterpe edulis*). Em situações parecidas encontram-se outras comunidades ligadas a projetos que trabalham com os frutos desta palmeira e por meio da Rede Juçara, desenvolvem processos de construção da sua própria identidade e legalização do produto. Desta forma, o trabalho se desenvolveu junto aos agricultores familiares do Distrito de Taiaçupeba envolvidos no processo de coleta e despolpa do fruto da palmeira juçara como alternativa de renda ao corte do palmito, tendo por objetivos: mapear junto aos agricultores familiares as influências econômicas, sociais e ambientais que permitam analisar o incremento identitário, possibilitado pelo Projeto Juçara local. Os resultados do estudo indicam contribuições para a produção de conhecimentos sobre o incremento da identidade local em processos educadores ambientalistas. A educação ambiental é assim entendida pela busca do sentido comunitário, por meio da exposição de seus sonhos e da procura coletiva e compartilhada no grupo e no processo de despolpa e manutenção da palmeira juçara em pé, atrelado à melhoria das condições existenciais e à conexão que fazem com as suas histórias de vida.

Palavras-chave: Identidade; Educação ambiental; Agricultores familiares; *Euterpe edulis*

ABSTRACT

Identity, social and enviromental inclusion: the using of the pulp of juçara palm in Taiaçupeba – Mogi das Cruzes – SP

Most part of the endangered species in Brazil are found in Atlantic Forest, and that less than an average of 5% of its original coverage that still exists of this biome, are in form of small reminiscent areas and forest fragments. The area of Taiaçupeba district in São Paulo (belonging to Mogi das Cruzes), is a region where there are not only tourism but also vegetable growing sites and fishing sites so that is and area of Atlantic Forest with a certain degree of conservation where juçara palm (*Euterpe edulis*) is still present. In similar situations there are other communities connected to projects that work with the fruit of this palm tree and through Rede Juçara, they develop processes of construction of its own identity and the legalization of the product. So a work was developed with the farmers familiar to Taiaçupeba district involved in the process of collection and pulping of the fruit from juçara palm tree as an income alternative to the cut of the palm itself, aiming: mapping with the farmers familiar to the economic, social and environmental influences that allow the analysis of the identity increasing, enabled by the local Projeto Juçara. The results of the study indicate contributions to the production of knowledge about the local identity increasing in processes of environmental education. The environmental education is well understood through the search of the community sense, through the exposition of its dreams and the collective and shared search in the group and in the process of pulping and maintenance of juçara palm tree standing, tied to the improving of the existence conditions to the connection that they make with their life history.

Keywords: Identity; Environmental education; Familiar farmers; *Euterpe edulis*

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Reencontros e bate papo durante Oficina de Juçara – Parque das Neblinas, Mogi das Cruzes – SP.....	22
Figura 2 - À esquerda cacho do fruto de juçara; ao centro juçara nascendo em meio à mata; à direita helicónia.....	24
Figura 3 - À esquerda faixa da festa da juçara no quilombo da Fazenda – Ubatuba – SP; à direita licor de juçara.....	24
Figura 4 - À esquerda, cartaz com produtos da juçara; à direita capoeira na festa da juçara.....	24
Figura 5 - Alimentação oferecida nas oficinas, a esquerda fogão à lenha do PdN e a direita almoço na casa de um dos participantes das oficinas.....	32
Figura 6 – Mapa da localização do Distrito de Taiaçupeba (Fonte: Google maps).....	34
Figura 7 - Capela de Santa Cruz no Distrito de Taiaçupeba, Mogi das Cruzes – SP.....	78
Figura 8 – Fruto de Cambuci (<i>Campomanesia phaea</i>).....	79
Figura 9 - Palestrantes em Oficina de Juçara e troca de experiências entre os participantes.....	81
Figura 10 - Palestra e troca de informações com a Polícia Ambiental....	82
Figura 11 - Polpa de juçara sendo retira da despoldadeira.....	84
Figura 12 - Conhecendo a horta orgânica.....	86
Figura 13 - Desenho de logotipos para polpa de juçara de Taiaçupeba, desenvolvidos por participantes das oficinas.....	89
Figura 14 - Que tanto a juçara quanto outras espécies continuem frutificando, nos alimentando, aos animais e a si mesma (...).	108
Figura 15 - Que continuemos a construir pontes entre projetos, entre	

pessoas, entre territórios, entre o homem e a natureza (...)	108
---	-----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BO - Boletim de Ocorrência;

EA – Educação Ambiental;

ESALQ – Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”;

IBAMA - Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis;

MAPA – Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento;

MP - Medida Provisória;

OCA – Laboratório de Educação e Política Ambiental da ESALQ/USP;

ONG – Organização Não Governamental;

PdN - Parque das Neblinas;

PESM - Parque Estadual da Serra do Mar;

SAT - Associação Amigos de Taiaçupeba;

UC - Unidades de Conservação;

UMC – Universidade de Mogi das Cruzes;

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura;

UNESP – Universidade Estadual Paulista;

USP – Universidade de São Paulo;

APRESENTAÇÃO

O trajeto desta pesquisa iniciou-se em 2008, quando participei de uma reunião no Núcleo de Picinguaba – Fundação Florestal, no que seria o início da Rede Juçara. Acredito que tenha sido um dos primeiros encontros onde algumas pessoas do Rio Grande do Sul, que estavam trabalhando no IPEMA – Instituto de Permacultura e Ecovilas da Mata Atlântica, apresentaram suas experiências com o fruto da juçara. Já haviam iniciado esse processo de despolpa do fruto da palmeira juçara, junto à comunidade local, trouxeram então esse processo para a região de Ubatuba – SP, convidando pessoas e instituições para conhecerem o projeto e se engajarem.

Alguns encontros tiveram início até conseguirem um incentivo do PDA – Projetos Demonstrativos do Ministério do Meio Ambiente, formalizando e fortalecendo a construção da Rede Juçara.

No meio de todos esses acontecimentos, o Parque das Neblinas¹ (PdN), entrou em contato com a ESALQ/USP, convidando para uma conversa sobre a palmeira juçara. Idéias novas apresentadas e discutidas, logo iniciaram as Oficinas de Juçara de Taiaçupeba, distrito de Mogi das Cruzes – SP.

Particularmente fui fisgada pela simpatia e autenticidade dos participantes destas oficinas. Uma coisa que me marcou muito foi a sensação de estar com meus avôs, parentes e conhecidos do tempo de infância, esse sentimento de acolhimento foi importante para essa escolha do campo de trabalho da tese e para mim.

Agora aqui escrevendo sobre isto, me levo a pensar, no que na época não percebi, que era o tema relacionado à identidade. De forma intuitiva já estava aqui se mostrando, despontando. No entanto, só fui me dar conta, realmente, no exame

¹ O Parque das Neblinas é gerenciado pelo Instituto Ecofuturo, uma ONG que funciona e tem aporte logístico na Suzano (Empresa Privada) de recursos humanos e de equipamentos. São instituições independentes embora o Instituto Ecofuturo ter e/ou estar ligado a projetos que são financiados pela Suzano. O PdN é uma reserva particular que pertence à empresa Suzano. O Parque das Neblinas funciona hoje como campo escola de práticas sustentáveis, fortalecendo a aproximação do ser humano com a natureza. Fomenta a restauração da Mata Atlântica por meio de programas focados em educação ambiental, ecoturismo, manejo sustentável de recursos naturais, cultivo de espécies ameaçadas e pesquisas científicas (<http://www.ecofuturo.org.br/parque-neblinas>) Acesso em: 21/11/12.

de qualificação, quando a banca destacou que o tema mais desenvolvido no texto era o da “Identidade”.

A minha identidade naquele momento de encontro com os participantes das oficinas e a impressão inicial de acolhimento no grupo, foi um retorno ao meu histórico de vida, ou seja, à coisas que tem a ver com a construção da minha IDENTIDADE.

Esse acolhimento de que falo, não foi devido a nenhum acontecimento dentro das oficinas, nem alguma fala exata, mas um sentimento particular, meu mesmo, de retorno ao inconsciente do meu histórico de vida.

“A partir desse Self corpóreo forma-se, lentamente, já desde o nascimento, o Eu como centro do campo de consciência da criança. Até esse Eu se formar, muitas experiências terão sido armazenadas no corpo, podendo, mais tarde, emergir como imagens ou estados emocionais” (ZIMMERMANN, 2012).

Ao emergir tal estado emocional como uma espécie de impregnação de nós mesmos, de nossas vivências, nossas histórias, nossa identidade que nos leva a sentimentos e lembranças, nos leva a entendimentos sobre a vida que, são específicos de cada pessoa. E foi com esses sentimentos e pensamentos que passei, olhei e compartilhei com o grupo de Juçara de Taiaçupeba.

Segue foto de uma das oficinas, momento de descontração e bate papo:

Figura 1 – Reencontro e bate papo durante Oficina de Juçara – Parque das Neblinas, Mogi das Cruzes - SP

Para finalizar esta apresentação (quero dizer que por inúmeras vezes) a lembrança (de histórias contadas por meus avós me vieram à mente) e também de momentos de vida, por várias ocasiões do meu trabalho de campo retornaram e impregnaram a minha mente e os meus sentimentos, de forma nostálgica às vezes, mas na maioria delas eram por boas lembranças, por situações muito parecidas as vividas na minha infância, uma dessas foi a forma como recebiam em suas casas, o bate papo, a forma de olhar a vida no campo, o amor à terra, o jeito de contar piadas ou de fazer piadas de coisas cotidianas, enfim, esse jeito acolhedor e sem cerimônia de ser e que muito me cativa.

“O Sol e o Caboclo”²

“Quando os raios desenfeixa
o sol e as luzes derrama:
o caboclo logo deixa
a cama.

Quando o sol, do alto, orgulhoso,
as luzes na roça espalha:
o caboclo, vagaroso,
trabalha.

Quando a pino o sol atira
seus raios, sob uma frança,
deitado o nosso caipira
descansa.

E quando no poente rola
o bom sol, depois da janta,
ponteia o caboclo a viola
e canta”.

² “Turma Caipira Cornélio Pires, Os Pioneiros da Moda de Viola em 1929” (publicado em 1999).

Seguem fotos das várias possibilidades, momentos e cultura:

Figura 2 – À esquerda cacho do fruto de juçara; ao centro juçara nascendo em meio à mata; à direita helicônia

Figura 3 – À esquerda faixa da festa da juçara no quilombo da Fazenda – Ubatuba – SP; à direita licor de juçara

Figura 4 – À esquerda, cartaz com produtos da juçara; à direita capoeira na festa da juçara

Organizei este trabalho da seguinte forma:

Primeira Parte – Apresentação dos motivos que levaram ao desenvolvimento desta pesquisa;

Segunda Parte – a Introdução que traz um apanhado geral do trabalho desenvolvido; seguindo, a hipótese e os objetivos.

Terceira Parte – Aqui foi desenvolvida a Revisão de Literatura, que tem como foco subsidiar a análise dos resultados. Estando fundamentado nos estudos do grupo da Oca, falando mais especificamente de Identidade, além do Processo Educador Ambientalista que são os marcos teóricos da pesquisa.

Quarta Parte – Desenvolveu-se a Metodologia mostrando como se deu a organização e os procedimentos que nortearam todo o processo de pesquisa. Seguindo com os Resultados e Discussão, com histórico e contextualização do processo vivido e pesquisado, o cenário das Oficinas de Juçara, as Entrevistas e Entrevistados, As Minhas Percepções do Estado da Arte e encerrando com Reflexões e Análises.

Quinta Parte – E por fim as Considerações Finais.

1 INTRODUÇÃO

1.1 Mata Atlântica

A Mata Atlântica é considerada uma das cinco áreas prioritárias para ações de conservação ambiental no planeta – os chamados “*Hotspots*”. Na época do descobrimento do Brasil, sua cobertura original representava 12% do território nacional, chegando hoje a um nível alarmante de redução da cobertura florestal ocasionado pela exploração de grandes áreas durante os ciclos econômicos agrícolas e a ocupação histórica das regiões litorâneas com a construção de vilas e grandes cidades (INSTITUTO BRASILEIRO DO MEIO AMBIENTE E DOS RECURSOS NATURAIS RENOVÁVEIS, 1997). A maior parte das espécies ameaçadas de extinção no Brasil se encontra na Mata Atlântica, sendo que menos de 5% da cobertura original que ainda resta se apresenta na forma de remanescentes florestais pequenos e fragmentados (CONSÓRCIO MATA ATLÂNTICA, 1992).

O Estado de São Paulo detém a maior área de Mata Atlântica e ecossistemas associados do país, cerca de 17 mil km², representando aproximadamente 7% de sua cobertura vegetal original. As dificuldades de exploração das regiões litorâneas, impostas pelo relevo acidentado na encosta da Serra do Mar, fizeram com que algumas áreas sofressem um menor impacto, estando hoje em melhor estado de preservação. Estas regiões que mantiveram suas características ambientais ficaram sujeitas à criação de Unidades de Conservação (UC), como forma de garantir sua integridade.

No dia 30 de agosto de 1977, através do Decreto N°10.251 (30/08/1977), foi criado o Parque Estadual da Serra do Mar, que abrange parte de 23 municípios em 315.390 hectares, desde Ubatuba, na divisa com o estado do Rio de Janeiro, até Pedro de Toledo, no litoral sul, incluindo Caraguatatuba, São Sebastião, Bertioga, Cubatão, Santos, São Vicente, Praia Grande, Mongaguá, Itanhaém e Peruíbe. Segundo esse Decreto, “o Parque Estadual da Serra do Mar foi criado com a finalidade de proteger integralmente o bioma, utilização educacional, recreativa e científica, caracterizando-se por ser uma Unidade de Conservação de Proteção Integral”. O Parque apresenta um mosaico de situações diversas, caracterizadas em função do uso do solo e dos programas de manejo desenvolvidos ou com potenciais, demandando uma atuação diferenciada da administração, considerando ainda o

domínio das terras, que são públicas ou estão em diversos estágios de regularização fundiária (CARMO, 2007).

Com a criação dessa e de outras unidades de conservação, as populações que vivem nos parques, ou em seu entorno, geralmente formadas pelo pequeno proprietário rural, além de outros, sofreram com a proibição repentina de utilização da terra para culturas de subsistência e extrativismo. De certa forma, tornaram-se dependentes de fontes externas de alimentos, o que muitas vezes resulta em uma mudança cultural e no seu empobrecimento. Diante de tal contexto, para muitos a alternativa se encontra na busca de uma fonte de renda em atividades ilegais e predatórias como, por exemplo, o corte do palmito. Este cenário se apresenta como uma problemática de conflito ambiental que justifica a relevância de ações de pesquisa-desenvolvimento ligadas aos acontecimentos sociais que envolvem essas populações locais (FANTINI et al., 2000).

1.2 A Palmeira Juçara (*Euterpe edulis*) e suas Circunstâncias na Atualidade

O *Euterpe edulis* (Palmitero) é uma planta nativa da Mata Atlântica. Seu principal habitat é a Floresta Ombrófila Densa da Encosta Atlântica, da Bahia ao Rio Grande do Sul, onde habita o extrato médio (REIS et al., 1996; HENDERSON, 2000; REIS, 2000). A elevada produção de fruto (superior a 300.000 frutos/ ha/ ano) serve de alimento para a fauna (grandes pássaros e mamíferos) durante um período de aproximadamente seis meses ao ano (REIS, 1995; MANTOVANI; MORELLATO, 2000). Essa fauna, por sua vez, é responsável pela dispersão dos frutos, implicando em uma contribuição imprescindível para a manutenção da dinâmica demográfica e do fluxo gênico da espécie (REIS; KAGEYAMA, 2000).

Esta planta vem sendo submetida a uma exploração indiscriminada do seu palmito, encontrando-se atualmente na lista das espécies ameaçadas de extinção em todo o bioma. O declínio na densidade das populações dentro de áreas exploradas tem sido observado em muitas regiões e, em casos extremos, a espécie tem sido localmente eliminada (REIS; KAGEYAMA, 2000; CONTE, 2004).

As potencialidades e possibilidades de manejo sustentável de corte do palmito têm sido bastante estudadas por muitas instituições de pesquisa. No entanto, apesar dos aspectos biológicos, tecnológicos e econômicos da realização de manejo sustentável de populações das espécies, estarem bem fundamentadas, outros aspectos como a adequação da legislação ambiental e sanitária, a falta de

um preço mínimo estabelecido e a cultura do extrativismo predatório, ainda se mostram como entraves (REIS, 2001).

Um ponto importante é que pessoas e instituições de diferentes estados, se reuniram para a confecção de um projeto de formação da Rede Juçara (PROJETO MMA - PDA - MATA ATLÂNTICA, 2009), que desenvolvem o uso da palmeira juçara de forma sustentável. Os estados envolvidos são: Rio Grande do Sul, Santa Catarina, São Paulo e Rio de Janeiro. O foco central é o crescimento e desdobramentos “das cadeias produtivas da polpa dos frutos e das sementes, aliadas à conservação da espécie, tendo como principais protagonistas agricultores familiares e comunidades tradicionais na Mata Atlântica” (SILVA, 2012, p. 19).

Segundo Capra (2008, p. 38),

“A vida no campo social também pode ser entendida em termos de redes. Redes sociais, no entanto, (...), são redes de comunicação. Elas são auto-geradoras, mas o que elas geram é na maior parte não material. Cada comunicação cria pensamentos e significados, o que leva a mais comunicações e, portanto, toda a rede gera a si mesma”.

É uma articulação que vem crescendo e se auto-gerando, pois são realizadas oficinas e encontros com os parceiros desde sua criação. É uma rede que trabalha através de comunicação via *site* <http://www.redejucara.org.br/site/conteudo?pid=13&id=>), com um grupo de discussão por *emails*, divulgação pelo próprio *site*, pela realização de festas nas comunidades envolvidas, oficinas nas comunidades, contatos com ONGs, Fundações, Instituições, entre outros, que levam ao fomento e desenvolvimento de políticas públicas³, contribuindo para a preservação dessa espécie chave tão importante para a manutenção da Mata Atlântica.

³ Política Pública entendida como: “(...) a construção da educação ambiental como política pública, implementada pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC) e pelo Ministério do Meio Ambiente (MMA), implica processos de intervenção direta, regulamentação e contratualismo que fortalecem a articulação de diferentes atores sociais (nos âmbitos formal e não formal da educação) e sua capacidade de desempenhar gestão territorial sustentável e educadora, formação de educadores ambientais, educomunicação socioambiental e outras estratégias que promovam a educação ambiental crítica e emancipatória. As políticas públicas em educação ambiental implicarão uma crescente capacidade do Estado de responder, ainda que com mínima intervenção direta, às demandas que surgem do conjunto articulado de instituições atuantes na educação ambiental crítica e emancipatória” (SORRENTINO et al., 2005, p. 285).

1.3 Agricultores Familiares

Os agricultores familiares inseridos no contexto desta pesquisa são do distrito de Taiapuêba, que pertence ao município de Mogi das Cruzes e está situado a 12 km da sede do Parque Estadual da Serra do Mar. Este é caracterizado por ter ao seu redor chácaras e sítios, além de aglomerados populacionais esparsos (bairros rurais) (PÁDUA, 2008⁴).

A LEI Nº 11.326, DE 24 DE JULHO DE 2006, estabelece as diretrizes para a formulação da Política Nacional da Agricultura Familiar e Empreendimentos Familiares Rurais⁵.

Segundo a Lei o agricultor familiar é aquele que desenvolve atividades rurais, de acordo com os seguintes requisitos:

- I - não detenha, a qualquer título, área maior do que 4 (quatro) módulos fiscais;
- II - utilize predominantemente mão-de-obra da própria família nas atividades econômicas do seu estabelecimento ou empreendimento;
- III - tenha renda familiar predominantemente originada de atividades econômicas vinculadas ao próprio estabelecimento ou empreendimento;
- IV - dirija seu estabelecimento ou empreendimento com sua família.

Agricultores familiares têm vivenciado muitas dificuldades de sobrevivência, não só no aspecto que trata do seu sustento, como também da perda progressiva de sua identidade. Assim, é necessário o desenvolvimento de pesquisas que venham ao encontro das necessidades e possibilidades de grupos, como o estudado aqui. Uma forma de resgate da auto-estima e do respeito a essas comunidades, está na perspectiva de uma aprendizagem mais significativa.

Segundo Carvalho (2004, p. 187):

“a intencionalidade pedagógica está na construção de novos sentidos e nexos para a vida, em que atividades, experiências, modos de fazer e informações estejam a serviço de um processo de formação e não sejam um fim em si mesmos. A consciência dos riscos e a informação objetiva são importantes, mas desde que sejam acionadas em um contexto de relações de aprendizagem no qual se favoreça, sobretudo, a capacidade de ação dos

⁴ PÁDUA, C.V.; GARRIDO, M.A.O.; MARTINS, M.B.E.; GROKE, P.H.; DIAS, G.R.; Plano de Manejo do Parque das Neblinas. Instituto Ecofuturo – Instituto de Pesquisa Ecológica. 2008. Material não publicado, cedido pelos coordenadores e organizadores.

⁵ http://www.rebrae.com.br/banco_arquivos/arquivos/legislacao_paa/11.326.pdf, acessado em 06/12/12.

sujeitos no mundo e sua vinculação afetiva com os valores éticos e estéticos dessa visão de mundo”.

A busca pela mudança de comportamentos, valores, conhecimentos e atitudes, é cultivada através da compreensão não apenas de uma nova sociedade, mas também de um novo sujeito, que se vê como parte dessa mudança social, e que abrange também a percepção de uma revolução, ou seja, uma reconstrução do mundo incluindo os estilos de vida pessoal e coletivo.

Um dos caminhos que tem originado maior atenção e está relacionado ao estilo de vida é a questão da alimentação saudável, cultural, identitária. Nesse sentido a filosofia do *Slow Food*⁶, vem ganhando espaço mundial nas últimas décadas, corroborando com a preocupação de que a cada dia se torna mais indispensável analisar e entender as mudanças imediatas do nosso dia a dia, sejam elas sociais, culturais e ambientais, e também lançando o olhar em relação ao futuro.

Segundo Petrini (2008), a alimentação que nos nutre, é também aquela que respeita a cultura e a memória das pessoas da Terra, pois são alimentos ancestrais, é o sagrado e nos liga e religa à natureza. Esta é também uma forma de expressão e de respeito, independente das nossas identidades, o alimento fala muito do que somos, de como crescemos, da nossa cultura, “você é o que você come”, no sentido de que o alimento não só nutre o nosso corpo, mas também nutre nossas memórias, nos dá prazer, e a preferência a determinados sabores, se dá pelas nossas vivências e pelas nossas lembranças, resgatando a nós mesmos pelo sentido do paladar.

⁶ “O que o *slow food* é hoje em dia? Produtores de alimentos de todos os cantos do planeta (que devemos aprender a abraçar e envolver mais e mais) e todos os tipos de pessoas que sabem e querem saber o que estão comendo – para seu próprio prazer, para sua própria saúde, para a saúde de seus filhos, para um mundo melhor por vir. Somos uma representação da diversidade em miniaturas. Dento do *Slow Food*, camponeses nas regiões rurais mais isoladas se aliam aos cidadãos urbanos ansiosos por redescobrir a lentidão como cura homeopática, suas vidas cada vez mais desorientadas pela complexidade moderna e pela velocidade na qual se fartam. No entanto é na complexidade, que de certa forma representamos tão bem, que precisamos reencontrar a criatividade e a força para fazer com que nossas demandas por um alimento melhor, mais limpo e mais justo sejam ouvidas. Não precisamos mais temer a desordem que nos cerca. (...) Nós precisamos apenas decidir que tipo de vida queremos viver, e como desejamos vivê-la, para perceber que a complexidade pode dar frutos maravilhosos. (...) Quanto mais crescemos como associação, mais desordenados seremos. Quanto mais acolhemos novos amigos de lugares distantes, mais aprendemos a viver no mundo” (PETRINI, C. Presidente do *Slow Food* Internacional, Almanaque *Slow Food*, 2008/2009).

Figura 5 – Alimentação oferecida nas oficinas, a esquerda fogão à lenha do PdN e a direita almoço na casa de um dos participantes das oficinas

A busca pelo restabelecimento de um alimento que esteja desvalorizado, passando a cultivá-lo e utilizá-lo como uma ferramenta de influência, pode trazer esse alimento a um papel central que mantém a luta pelo alimento e uma agricultura familiar digna e exemplar nos tempos atuais.

A educação ambiental e o Slow Food são linhas de pensamentos e de ações (com todas as suas características e no caso da EA com seus conceitos e linhas de pensamentos/teóricas), que convergem num mesmo sentido quando se pensa em olhar a vida e o mundo de uma outra perspectiva, com mais respeito, justiça social, ambiental e cultural, na busca por melhor qualidade de vida e desta forma, a busca identitária dos alimentos e das comunidades e pessoas.

1.4 Contextualização da Área de Estudo

A história de Mogi das Cruzes remonta à ligação entre a então capital do Brasil, Rio de Janeiro e a cidade de São Paulo desde o século XVI. O município, tradicionalmente agrícola, foi produtor de café e algodão até meados do século XIX e a partir das primeiras décadas do século XX, com a chegada de imigrantes japoneses, concentrou-se na plantação de chá, posteriormente substituída pela produção de hortifrutigrangeiros.

O distrito de Taiaçupeba data de meados do século XIX, com a construção da capela e o surgimento do povoado, inicialmente denominado Capela do Ribeirão e

posteriormente Distrito de Taiaçupeba. O nome foi dado pelos índios tupi-guarani devido à existência de porcos (Taiaçupeba=espécie de porco) (RAMANUSH, 2000, p. 63).

A região é marcada pela realização de festas religiosas que possuem gênese na história da sua formação e desenvolvimento desde o surgimento do distrito. A leitura das peculiaridades culturais abrangendo os aspectos históricos, artísticos e de patrimônio desses municípios revela que, tradicionalmente, não existe vínculo entre essas manifestações e as características naturais da região (PÁDUA, 2008).

A migração da comunidade nipônica para o município de Mogi das Cruzes está mais concentrada no distrito de Taiaçupeba e é responsável pela introdução, na região, de culturas agrícolas como os fungos, abóboras, gengibres, entre outros, destinados à exportação. Além desses, outra influência cultural importante é a realização de festas e celebrações da sua cultura.

Em plebiscito realizado pela Sociedade Amigos de Taiaçupeba, em junho de 2004, para escolher um representante único para candidato a vereador, o número total de eleitores foi de 3.660 (HARNIK, 2004). Segundo a Secretaria Municipal de Planejamento Urbanístico de Mogi das Cruzes (1996), Taiaçupeba conta ainda com uma população flutuante de aproximadamente 3.000 pessoas nos finais de semana. No entorno próximo ao Parque, observa-se baixa densidade populacional (19,6 habitantes/Km², segundo a Secretaria de Planejamento Urbanístico de Mogi das Cruzes – 1996), com muitos sítios e chácaras e pequenos aglomerados populacionais (PÁDUA, 2008).

A região também conta com o Parque das Neblinas, localizado no Município de Bertioga (SP) na vertente marítima da Serra do Mar. Esta reserva privada que tem 2.800 hectares e faz fronteira com o Parque Estadual da Serra do Mar, região declarada Patrimônio da Humanidade pela UNESCO (em 1991), fazendo parte da Reserva da Biosfera da Mata Atlântica. Do ponto de vista socioeconômico, está sob a influência direta do município de Mogi das Cruzes, localizado na meso região denominada Alto Tietê – Cabeceiras, pertencentes à Região Metropolitana de São Paulo.

Esta é uma área de manancial importante para a região. A Lei Estadual 9.866/97 (SÃO PAULO, 1997), trata como usos permitidos o lazer, recreação, obras e edificações destinadas à proteção dos mananciais, regularização de vazões,

controle de cheias e pequenas obras (pontões de pesca e pequenos ancoradouros), entre outras restrições.

Por se encontrar em uma área de Proteção de Mananciais, Taiacupeba é obrigada a buscar, dentro de suas vocações, possibilidades que se adaptem às restrições impostas por Legislações (Lei Estadual 9.866/97; Lei Estadual: 5.598/87; Decreto Estadual nº 42.837/98) que limitam a implantação de indústrias, advindos da “proteção ambiental”.

Figura 6 - Mapa da localização do Distrito de Taiacupeba (Fonte: Google maps)

1.5 A Questão Social e Atividade Local

Os conflitos causados pelo choque cultural entre a sociedade de consumo e os agricultores familiares, trabalhadores rurais, extrativistas e comunidades tradicionais, introduziram uma mudança no modo de vida local rico em importância histórica e com suas tradições consolidadas há gerações.

Estas populações possuem um importante saber, que deve ser considerado como um patrimônio imaterial, como fator histórico e também étnico-ecológico. De forma geral, em todas as comunidades a mão-de-obra na agricultura é estritamente

familiar, baseada em conhecimentos passados de geração a geração. A agricultura itinerante, que algumas destas comunidades praticam, envolve diferentes sistemas e estratégias, graus de uso da terra, num processo de formação de paisagens integrado à domesticação de cultivos tradicionais (PERONI, 2002).

A riqueza do saber etnoecológico e a agrobiodiversidade são patrimônios que permanecem arraigados nas comunidades locais. No entanto, é prudente considerar que nesta região, assim como em grande parte do planeta, a redução da agrobiodiversidade é provocada pelo avanço da agricultura moderna (baseada na revolução verde) e pelos novos padrões de consumo da sociedade, que vem aumentando a cada dia. Tanto as comunidades tradicionais como os agricultores familiares têm seus papéis na manutenção e conservação dos recursos naturais e da biodiversidade reconhecidos formalmente em acordos internacionais como a Convenção da Biodiversidade (FANTINI, 2000). Conservar a agrobiodiversidade é uma prioridade assim como é também conservar a biodiversidade das florestas.

As atividades ligadas ao turismo assumem um papel importante para as famílias que não conseguem mais viabilizar a agricultura. Este quadro tem causado uma reconfiguração social, cultural e ambiental, devido à perda de conhecimento etnobotânico, de recursos agrícolas e florestais da região e pelo avanço crescente dos empreendimentos imobiliários e turísticos efetivados sem nenhum critério social e/ou ambiental.

Portanto, a inviabilidade da agricultura tradicional, atividade de grande peso econômico para as famílias, acaba forçando os trabalhadores a procurarem outras fontes de renda para cobrir esta perda significativa. Uma fonte de renda para estas comunidades tem sido proveniente da aposentadoria de algum membro da família, que na maioria das vezes não é suficiente para cobrir a demanda familiar. Além disto, alguns praticam o extrativismo ilegal de palmito (*Euterpe edulis* Mart.) que ainda persiste como alternativa de renda, todo esse panorama tem contribuído para o declínio desta espécie em todo o bioma (NOGUEIRA, 2003).

Na última década a coleta dos frutos da palmeira juçara para a extração da polpa vem ganhando força como uma alternativa de renda para as populações rurais da Mata Atlântica (MACFADDEN, 2005; SILVA FILHO, 2005; TROIAN, 2009). A extração da polpa dos frutos, em contraposição ao corte para a extração do palmito, mantém viva a palmeira, o que potencializa o manejo sustentável da espécie, proporcionando ao produtor uma nova opção de renda, não só da comercialização

da polpa, mas também de sementes e mudas. Segundo Troian (2009), no município de Garuva, Santa Catarina, os agricultores estão plantando mais palmeiras juçara em suas propriedades devido à perspectiva de comercialização dos frutos e à disponibilidade de sementes beneficiadas, prontas para o plantio. Em Maquiné, alguns agricultores vêm extraíndo a polpa de frutos da juçara e comercializando-a com valor superior ao que conseguiriam pelo palmito (FAVRETO; BAPTISTA, 2006), embora ainda sem suporte legal.

Esta realidade vem acontecendo em várias localidades como em Taiaçupeba também, onde os participantes do Projeto Juçara e interessados em geral, vem adequando o desenvolvimento das possibilidades que a palmeira juçara e outras alternativas locais, desta forma se desdobrando em oportunidades para a região com a viabilidade trabalhada e exercitada pelos próprios moradores e suas parcerias.

1.7 Hipótese e Objetivos

Hipótese

A utilização do fruto da palmeira juçara (*Euterpes edulis*) por agricultores familiares envolvidos no Projeto Juçara promove um processo educador ambientalista, pois colabora com o fortalecimento da própria identidade local, podendo potencializar o desenvolvimento de novas possibilidades de viver da terra.

Objetivo Geral

Contribuir para a produção de conhecimento sobre a identidade em processos educadores ambientalistas.

Objetivos Específicos

- ✓ Mapear os agricultores familiares de Taiaçupeba – Mogi das Cruzes, envolvidos no Projeto Juçara;
- ✓ Identificar as influências econômicas, sociais e ambientais do Projeto Juçara para os agricultores familiares;
- ✓ Relacionar a constituição da dimensão educadora ambientalista junto aos sujeitos da pesquisa com o processo de envolvimento no projeto de utilização do fruto da Juçara;
- ✓ Analisar o incremento identitário possibilitado pelo projeto em curso.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Buscando a Identidade Local

Estudos sobre o conceito de identidade têm sido tomados para compreender a inserção do sujeito no mundo e sua relação com o outro. Assim, ponderam alguns autores, é um processo de construção de vasto tema, pois são estudos em andamento e conseqüentemente estão abertos a contestações. Neste trabalho serão evocadas leituras, que permitam realizar uma visita à identidade cultural dos humanos nos tempos atuais, buscando construir uma linha de pensamento e/ou entendimento do tema *Identidade*.

Um dos autores pesquisados foi Hall (2006), que questiona e afirma haver uma crise de identidade na modernidade, essa crise na identidade cultural e social, traz mudança estrutural e está transformando as sociedades modernas, o que vem fragmentando paisagens culturais, de classe, etnia, gênero, entre outras, assim, também mudando a nossa identidade pessoal.

“Esta perda de um "sentido de si" estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentração do sujeito. Esse duplo deslocamento— descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos — constitui uma "crise de identidade" para o indivíduo” (HALL, 2006, p. 1).

A questão sobre a identidade veio à tona na idade moderna, momento que o indivíduo também pode obter mudanças e com isso abranger transformações em si, no seu cotidiano, na sua cultura e sociedade. Mudanças da vida em sociedade, nas tradições e estruturas sociais, culturais, econômicas, ou seja, como um todo (HALL, 2006).

O indivíduo prova de uma segurança através da ordem estabelecida pela identidade cultural na qual foi criado e apreendeu sobre como ser frente às inúmeras situações da vida. No entanto, há momentos, que a cada dia se intensificam mais, em que o sujeito se depara com a possibilidade de mudanças, ou com a necessidade de passar por mudanças. Isso para alguns pode vir de forma positiva, para outros negativa, mas é algo inerente à vida e onde o sujeito passa a se relacionar com um mundo mais globalizado.

Coutinho (2007) observa a vulnerabilidade da identidade individual frente às pressões do ambiente social, no qual a perda da identidade seria conseqüência da fragilidade do sujeito defender-se destas pressões. Destaca, ainda, o papel fundamental de evolução do ser humano, sendo a conquista da transformação da

identidade, o resultado do desenvolvimento nas relações sociais cotidianas, pois o sujeito foi capaz de impor sua diferença na relação com o outro.

Berger e Luckmann (2002) ponderam que a identidade é definida de forma objetiva pela procura de um local, do seu mundo e só pode se apropriar deste mundo de forma subjetiva. Desta forma, o sujeito começa a freqüentar um lugar/ território que tem uma cultura diferente da sua, porém carrega seu histórico de vida, seus medos, suas características, enfim, a partir do que ele é, de sua identidade, de suas subjetividades passa a somar novos costumes.

Para Jodelet (1993, p. 5):

“Reconhece-se, geralmente, que as representações sociais, como sistemas de interpretação, que regem nossa relação com o mundo e com os outros, orientando e organizando as condutas e as comunicações sociais. Igualmente intervêm em processos tão variados quanto a difusão e a assimilação dos conhecimentos, no desenvolvimento individual e coletivo, na definição das identidades pessoais e sociais, na expressão dos grupos e nas transformações sociais”.

Ciampa (1987, p. 59) enfatizou o papel da relação com o outro, “... a identidade do outro reflete na minha e a minha na dele”. Refletir sobre esta inserção, sugere o autor, entender o diálogo e o ato de compreender entre o indivíduo e a sociedade, onde “um se identifica e se transforma a partir do outro: o sujeito assimila a realidade e reproduz ativamente sua experiência social” (COUTINHO, 2007, p. 30).

Segundo Berger e Luckmann (2002), por meio de processos de socialização, o sujeito externa seu modo de ser no mundo e internaliza processos que depreende no ambiente, em contatos sociais. Coutinho (2007) associa o estudo da identidade com a análise dos processos de socialização, entendidos como processos psicossociais pelos quais o indivíduo se desenvolve na história como pessoa e como membro de uma sociedade, compete enfatizar a socialização “como um processo de apropriação da vida cotidiana, pois o sujeito é, desde sempre, um ser social” (COUTINHO, 2007, p. 30).

No sentido de integrante de uma sociedade Jodelet (1993) afirma que os indivíduos,

“associam o pertencimento social às implicações afetivas e normativas, às interiorizações das experiências, das práticas, dos modelos de conduta e de pensamento, socialmente inculcados ou transmitidos pela comunicação social, que aí estão ligados. Por esta razão, seu estudo constitui uma contribuição decisiva para a aproximação da vida mental individual e coletiva. Deste ponto de vista, as representações sociais são abordadas simultaneamente como o produto e o processo de uma atividade de

apropriação da realidade exterior ao pensamento e da elaboração psicológica e social da realidade. Ou seja, está-se interessado em uma modalidade de pensamento, sob seu aspecto constituinte, os processos, e constituído, os produtos ou conteúdos. Modalidade de pensamento que tem sua especificidade em seu caráter social” (JODELET, 1993, p. 5).

Esta especificidade das representações sociais, segundo Ciampa (1987), propõe um questionamento sobre identidade, fala da idéia do movimento, da metamorfose no sentido de que o processo de transformação permanente do ser humano, acontece em condições históricas e concretas de cada época.

Vive-se uma época, onde mudanças e transformações estão em evidência devido ao acesso às redes sociais, aos computadores e a internet, enfim, entre tantas outras formas desse movimento da contemporaneidade. Isso tudo vem trazendo a possibilidade de novas discussões, diálogos, estudos e pesquisas que podem auxiliar no caminho de um crescimento com mais consciência e sensibilidade para escolher em que sentido se quer seguir, o que se quer ver e qual identidade está sendo construída na atualidade.

Sobre todo esse desenvolvimento e movimento da contemporaneidade Bauman (2005) coloca que:

“A principal força motora por trás desse processo tem sido desde o princípio a acelerada “liquefação” das estruturas e instituições sociais. Estamos agora passando da fase “sólida” da modernidade para a fase “fluída”. E os “fluídos” são assim chamados porque não conseguem manter a forma por muito tempo e, a menos que sejam derramados num recipiente apertado, continuam mudando de forma sob a influência até mesmo das menores forças” (BAUMAN, 2005, p. 57).

No sentido de fluidez a que Bauman (2005) se refere, não há como ter certeza de nada, se o que nos espera logo mais adiante é tristeza ou alegria, sol ou chuva, o importante é que ao decorrer dos processos de transformação da vida atual, se esteja preparado para qualquer possibilidade. Ou seja, é importante olhar para a própria história, para si mesmo, para o contexto onde se está inserido, para as particularidades a que se está envolvido.

Nessa mesma compreensão, Sader (1988) fala que os sujeitos são inseridos na coletividade, ponderando identidade como sendo as identidades derivadas das suas interações. As posições dos sujeitos são hierárquicas e com particularidades inerentes de cada um, no entanto, esta organização não antecede os acontecimentos, mas são os seus resultados.

Apontando assim, para a importância do processo de construção de alternativas de vida, que leve e conecte com a identidade e com o surgimento e/ou transformação de novas formas de identidades, sejam locais, globais, históricas, atuais, enfim, são processos que levam ao autoconhecimento e ao reconhecimento de nós mesmos no grupo.

Coutinho (2007) procura compreender nas identidades individuais suas interdependências, que surgem das relações coletivas e interpessoais. Decorrem de posições sociais tomadas por sujeitos em seus relacionamentos e vivências cotidianas. Assim, compreendendo identidade como “... um tipo de seqüência cultural da ação, a toda uma interiorização da experiência social, sob forma de modelos tornados inconscientes e que governam as condutas e jogos relacionais pelo viés de representações que eles induzem” (COUTINHO, 2007, p. 30).

Dito isto, é importante entender as trajetórias identitárias dos sujeitos, articulando suas vivências com o sentido que estes lhes conferem. A identidade construída como um processo individual implica um sujeito unitário, isso vem sendo questionado por estudiosos dos conceitos culturais, tais como, Guareschi, Medeiros & Bruschi, Hall, Silva, Woodward, entre outros. Seus argumentos são de que as identidades modernas estão entrando em crise, pois uma forma diferente de mudança estrutural vem trazendo transformações na nossa sociedade, tendo como resultado a fragmentação cultural, social, que antigamente nos davam fortes localizações enquanto sujeitos sociais.

Para Hall (2006), essas transformações sociais, também trazem mudanças nas identidades pessoais, quando o sujeito que está integrado descentraliza a idéia de si, com isso perde a estabilidade do seu próprio sentido, do seu próprio ser. Sob esse aspecto,

“não se trata de algo do sujeito, mas algo construído a partir das diferenças. Assim, a identidade se expressa na forma como nos tornamos alguém, em determinada composição de grupo, etnia, raça, gênero, família ou profissão. (...) Portanto, entendemos que a identidade é fluída, intercambiante, inscrevendo-se em zonas de fronteiras, nas quais os encontros com a diferença fazem com que se constituam, permanentemente, novas combinações” (GUARESCHI, 2007, p. 8).

Esta forma não fundamental do conceito é entendida como uma construção histórica e cultural.

“Os teóricos culturalistas apontam a centralidade da cultura na constituição da subjetividade, da própria identidade e da pessoa como um ator social. O

foco na cultura, como componente das identidades e dos processos de subjetivação, gera uma compreensão de identidade como algo múltiplo, instável e dependente da adesão a grupos, afirmando uma identidade coletiva e não mais como uma realização individual. Segundo esta perspectiva, a cultura é pensada no domínio simbólico, na produção de significações, constituindo visões de mundo que, neste processo, constituem também posições-de-sujeito” (COUTINHO, 2007, p. 31).

Pensar sob esta perspectiva, da identidade, da cultura, do ator social, traz a idéia de movimento e não de algo estático, pois a cada dia estamos mais ligados a coletividade e ao mesmo tempo a individualidade. Parecem contrárias, mas são complementares, é necessária uma identidade construída na sua própria história, com suas características, personalidade, local. No entanto, há um caminho que vai se ampliando, se conectando a outros grupos, outras necessidades, novas possibilidades, desta forma o sujeito se posiciona de acordo com o que surge à frente.

Hall (2006, p. 12), fala sobre o “sujeito fragmentado”, de “como ele é colocado em termos de sua identidade cultural”.

“No mundo moderno, as culturas nacionais em que nascemos se constituem em uma das principais fontes de identidade cultural. Ao nos definirmos, algumas vezes dizemos que somos ingleses ou galeses ou indianos ou jamaicanos. Obviamente, ao fazer isso estamos falando de forma metafórica. Essas identidades não estão literalmente impressas em nossos genes. Entretanto, nós efetivamente pensamos nelas como se fossem parte de nossa natureza essencial” (HALL, 2006, p. 12).

Considera-se que as identidades nacionais não é algo que nasce conosco, mas que se forma e se transforma na representação, a exemplo disso, só podemos saber o que é ser brasileiro, devido ao modo como é representada a chamada brasilidade, por exemplo, de acordo com o dicionário diz: **1** expressão racial distintiva dos brasileiros; modo de ser brasileiro; **2** sentimento de amor ao Brasil. (site, Dicionário UNESP do português contemporâneo, 2004).

Sendo assim, a ligação que se têm com a identidade nacional e a cultural é de certa forma, o que se dá através da construção da própria história, dos históricos familiares, da sociedade, são as origens de um povo, seja ele brasileiro, europeu, qualquer que seja. Hall (2006, p. 13) “traz que para um povo, uma pátria, é uma comunidade simbólica e está aí a explicação de motivar e dar sentido de identidade e fidelidade”.

Tanto a lealdade, quanto a identidade, eram valores, conceitos dados à tribos e etnias, à uma dada região, por exemplo. No entanto, foram transferidas para a cultura nacional. Elas “foram gradualmente sendo colocadas, de forma subordinada, sob aquilo que Gellner chama de “teto político” do estado-nação, que se tornou, assim, uma fonte poderosa de significados para as identidades culturais modernas” (HALL, 2006, p. 13).

“As culturas nacionais, ao produzir sentidos sobre “a nação”, sentidos com os quais podemos nos identificar, constroem identidades. Esses sentidos estão contidos nas histórias que são contadas sobre a nação, memórias que conectam seu presente com seu passado e imagens que dela são construídas. Como argumentou Benedict Anderson (1983), a identidade nacional é uma “comunidade imaginada” (HALL, 2006, p. 13).

Com o estímulo do sentimento de identidade para com a nação, na identificação de novas possibilidades, é que se constrói e/ou desenvolve a identidade, através da memória de vivências, das histórias, da própria cultura, de tradições, isso acontece em constante movimento, transmitidas e estimuladas, por exemplo, por rituais, alimentação, contos, entre tantas outras formas.

O que Hall (2006), chama de ‘estratégias discursivas’, que é a narrativa contada, as tradições e origens, a invenção da tradição e o mito funcional. O discurso de cultura nacional estabelece identidades que estão entre o passado e o futuro. Dessa forma, faz um movimento de volta ao passado, voltando ao tempo perdido, numa tentativa de restaurar a identidade passada.

Por um lado essa retomada pode ser muito importante, mas por outro lado pode ser também uma forma de encobrir a luta das pessoas, grupos, etnias de caminharem adiante.

“As identidades nacionais não subordinam todas as outras formas de diferença e não estão livres do jogo de poder, de divisões e contradições internas, de lealdades e de diferenças sobrepostas. Assim, quando vamos discutir se as identidades nacionais estão sendo deslocadas, devemos ter em mente a forma pela qual as culturas nacionais contribuem para “costurar” as diferenças numa única identidade” (HALL, 2006, p. 17).

Seguindo esta linha de pensamento, fica claro que a questão da identidade nos tempos atuais, se dá em especial de duas formas, sendo uma, a de um dado sujeito que vem de dado lugar, com uma história, com costumes, características, particularidades enfim, uma identidade que nasceu e cresceu em um território, com cultura própria, local.

Ela vem acompanhada de outra forma de identidade, que é a “coletiva” no seguinte sentido, por onde o sujeito passa carrega consigo novas possibilidades, novos costumes, novas estratégias discursivas, novas histórias, a partir daí há uma construção que não para de acontecer nunca, de acordo com os estímulos que através do caminho escolhido trará mais elementos de construção dessa identidade.

Entre essas duas formas, uma não está separada e nem acontece sem a outra, e é isso que proporciona o crescimento, as mudanças, as identificações, o movimento para as IDENTIDADES.

Podendo assim, sintetizar o termo globalização em complexos processos e em força para mudar, atuando em escala global, agregando e fomentando ligações entre comunidades e entidades em novos acordos de local, lugar e do momento, transformando em realidade e conhecimento de um mundo mais conectado (McGREW, 1992).

“Todas as identidades estão localizadas no espaço e no tempo simbólicos. Elas têm aquilo que Edward Said chama de suas “geografias imaginárias” (SAID, 1990): suas “paisagens” características, seu senso de “lugar”, de “casa/lar”, ou *heimat*, bem como suas localizações no tempo — nas tradições inventadas que ligam passado e presente, em mitos de origem que projetam o presente de volta ao passado, em narrativas de nação que conectam o indivíduo a eventos históricos nacionais mais amplos, mais importantes” (SAID, 1990, apud HALL, 2006, p. 19).

Alves et al. (2010), de acordo com Boaventura de Sousa Santos (2003) aponta para a possibilidade de muitos tipos de globalização, como o localismo globalizado, que traz aspectos de uma dada cultura, de um certo território e/ou nação e que é disseminada pelo mundo como por exemplo, a língua inglesa transformada em língua universal. Ou seja, “não existe uma identidade legítima, mas uma pluralidade de identidades, construídas por diferentes grupos sociais em diferentes momentos históricos” (ALVES et al., 2010, p. 16).

A idéia de lugares intocados, culturas/ etnias puras e arraigadas à tradição local e ancestral, é uma fantasia do ocidente sobre “alteridade” segundo o autor, é uma ruptura da modernidade sobre a periferia, ou seja, sobre o que ainda hoje é visto como valores, costumes e tradições, que ficam pelas periferias. “Entretanto, as evidências sugerem que a globalização está tendo efeitos em toda parte, incluindo o Ocidente, e a “periferia” também está vivendo seu efeito pluralizador, embora num ritmo mais lento e desigual” (HALL, 2006, p. 21).

Há alguns efeitos sobre esses processos da identidade nacional e cultural e do seu processo de globalização, estando abertas para serem discutidas, contestadas. Outro efeito é o alargamento das identidades, e o aumento de novas “posições-de-identidades” e suas polarizações. O que abre a possibilidade e confirma duas formas de acontecimento, de estímulo à identidade que caminha para “um fortalecimento de identidades locais ou à produção de novas identidades” (HALL, 2006, p. 23).

A globalização,

“tem um efeito pluralizante sobre as identidades, produzindo uma variedade de possibilidades e novas posições de identificação, e tornando as identidades mais posicionais, mais políticas, mais plurais e diversas; menos fixas, unificadas ou trans-históricas. Entretanto, seu efeito geral permanece contraditório. Algumas identidades gravitam ao redor daquilo que Robins chama de “Tradição”, tentando recuperar sua pureza anterior e recobrir as unidades e certezas que são sentidas como tendo sido perdidas” (HALL, p. 23).

O olhar sobre a globalização, segundo Alves, é o da globalização localizada, “consiste no impacto específico de questões transnacionais nas condições locais, estas condições locais seriam então desestruturadas por tais impactos e reestruturadas de modo a responder a estas questões transnacionais” (ALVES et al., 2010, p. 15).

Para Bauman (2005, p. 95),

“A globalização atingiu agora um ponto em que não há volta. Todos nós dependemos uns dos outros, e a única escolha que temos é entre garantir mutuamente a vulnerabilidade de todos e garantir mutuamente a nossa segurança comum. Curto e grosso: ou nadamos juntos ou afundamos juntos. Creio que pela primeira vez na história da humanidade o auto-interesse e os princípios éticos de respeito e atenção mútuos de todos os seres humanos apontam na mesma direção e exigem a mesma estratégia. De maldição, a globalização pode até transformar-se em benção: a “humanidade” nunca teve uma oportunidade melhor! Se isso vai acontecer, se a chance será aproveitada antes que se perca, é, porém, uma questão em aberto. A resposta depende de nós”.

A globalização da vulnerabilidade econômica, social, cultural, dentre outras, pode estimular transformações, fazendo bom uso da situação atual de forma que se possa aprimorar a vivência coletiva e a troca de olhares e saberes sobre distintas temáticas. As políticas públicas podem trazer de forma mais ampla e clara este aprendizado.

“Não vivemos o fim da história, nem mesmo o princípio do fim. Estamos no limiar de outra grande transformação: as forças globais descontroladas, e

seus efeitos cegos e dolorosos, devem ser postas sob o controle popular democrático e forçadas a respeitar e observar os princípios éticos da coabitação humana e da justiça social. Que formas institucionais essa transformação produzirá, ainda é difícil conjecturar: a história não pode ser objeto de uma aposta antecipada. Mas podemos estar razoavelmente seguros de que o teste pelo qual essas formas terão de passar para poderem cumprir o papel pretendido será o de elevar as nossas identidades ao nível mundial – ao nível da humanidade” (BAUMAN, 2005, p. 95).

O que se evidencia é o fato de que as pessoas continuam buscando manter vínculos de suas tradições, de suas origens, estão sujeitas a negociar com novas culturas onde vivem, no entanto, sem perderem suas identidades por completo.

“Carregam os traços das culturas, das tradições, das linguagens e das histórias particulares pelas quais foram marcadas. (...)Elas estão irrevogavelmente traduzidas. A palavra “tradução”, observa Salman Rushdie, “vem, etimologicamente, do latim, significando “transferir”; “transportar entre fronteiras” (HALL, 2006, p. 24).

Os indivíduos passam a ter a necessidade de aprender a conviver entre duas ou mais identidades, a negociar, a traduzir, a falar várias linguagens culturais, são culturas híbridas, compostas por vários tipos de novas identidades, as quais é preciso entender e se aproximar, assim enfrentando um processo de redescoberta, desvelamento do que é trazido pela modernidade, atualidade.

E desta forma, as comunidades locais, estabelecidas por ações coletivas e preservadas por memória coletiva, constituem fontes específicas de identidades. Essas por sua vez, “consistem em reações defensivas contra as condições impostas pela desordem global e pelas transformações, incontroláveis e em ritmo acelerado” (CASTELLS, 2000, p. 84).

Os povos têm lutado na busca de sua identidade, no uso de seus recursos, nas potencialidades que seu local de origem proporciona, no processo de não aceitação do sistema criado pela sociedade hegemônica. Quando povos indígenas, por exemplo, se organizam e afirmam: “nosso conhecimento não é mercadoria”, estão traçando as trincheiras de uma luta pela crítica ao sistema instituído, em suas diversas manifestações (MOREIRA, 2007, p. 38).

Desta forma, a identidade é:

“o que une os semelhantes, distinguindo-os dos diferentes, adquirindo, para isso, sentido por meio da linguagem e dos sistemas simbólicos pelos quais é representada. Essa marcação simbólica tem reflexos sociais na medida em que estabelece diferenciações que são socialmente vividas. Nesse sentido a identidade é uma construção simbólica e social” (WOODWARD, 2000, p. 58).

Segundo Froehlich (1999, p. 5), a construção ou consolidação de uma identidade coletiva regional, de caráter etno-cultural, é a projeção de um sentimento de regionalidade que funciona, tanto interna quanto externamente em uma região, como referência motivadora e de autoestima para os habitantes de um dado local, que passam a utilizar este “elemento de afirmação, baseados, ao mesmo tempo, numa origem histórica etno-cultural e na pertença a um território”.

As mudanças na sociedade acontecem pela capacidade dos grupos manterem conflitos, tensões, e de negociá-los, criando novas conformações de poder entre si. Para Moscovici (2003), são esses grupos que levam à frente a mudança social, introduzindo inovações, pois se configuram como grupos propositivos, atores sociais, educadores ambientais.

A reflexão sobre a possibilidade de uma ação de educação ambiental dos indivíduos, grupos, sociedade, estimulada pela construção de uma identidade local e de sua história de vida pode oferecer subsídios para o aperfeiçoamento de práticas educativas na formação dos futuros educadores ambientais, ou até de si mesmos.

Relações sociais e práticas espaciais constituem essência de luta pela sobrevivência e, neste processo de construção social do território, o que vale mesmo é a vivência de dificuldades reais e cotidianas em que se descobrem alternativas de enfrentamento, pois o território é parte integrante da identidade de uma pessoa ou grupo, seja ela de sua cultura e/ou história.

Para Tuan (1976), na nossa consciência individual e coletiva, o sentimento de pertença e de uma percepção mais ampliada é fundamental, onde o lugar é espaço percebido e sentido, estando dessa forma, estabelecida a relação de respeito e compromisso com o meio natural e social.

Assim, o desenvolvimento local implica na exploração dos recursos e competências locais disponíveis, no enfrentamento e superação dos entraves e no aproveitamento das condições internas e externas favoráveis, além das oportunidades. Na perspectiva de um verdadeiro desenvolvimento local, a meta não deve ser tão somente o progresso material ou a expansão da oferta local de emprego e renda, mas a promoção da vida, a satisfação das necessidades humanas fundamentais, ou um efetivo combate a todas as formas ou manifestações da pobreza humana.

Desta forma, Santos (2005) nos lembra que a “redescoberta do lugar”, do território como totalidade sistêmica, unidade dialética entre elementos naturais e humanos, está associada à busca por estratégias sustentáveis de atendimentos às necessidades de produção e consumo. Está claro que a elevação da produtividade e a conquista de mercados prosseguem como imperativos à gestão e planejamento econômicos em todo o mundo. De outro lado, a superação das carências e desigualdades socioeconômicas, materializadas por distintas manifestações da pobreza humana, tem desafiado a gestão pública na busca por alternativas que possibilitem a inclusão social, via participação ativa da população. É precisamente neste contexto que a sustentabilidade socioambiental e a educação ambiental se fazem de todo presentes.

Arranjos sócio-produtivos podem ser considerados como uma estratégia que fomenta agricultores familiares a assumirem seus modos de vida próprios, transformando-se e buscando alternativas possíveis no local em que vivem, na sociedade que convivem.

2.2 Educação Ambiental

O cuidado com a Terra representa o global. O cuidado com o próprio nicho ecológico representa o local. O ser humano tem os pés no chão (local) e a cabeça aberta para o infinito (global). O coração une chão e infinito, abismo e estrelas, local e global. A lógica do coração capacidade de encontrar a justa medida e construir o equilíbrio dinâmico.

Para isso cada pessoa precisa descobrir-se como parte do ecossistema local e da comunidade biótica, seja em seu aspecto natureza, seja em sua dimensão de cultura. Precisa conhecer os irmãos e irmãs que compartilham da mesma atmosfera, da mesma paisagem, do mesmo solo, dos mesmos mananciais, das mesmas fontes de nutrientes; precisa conhecer o tipo de plantas, animais e microorganismos que convivem naquele nicho ecológico comum; precisa conhecer a história daquela paisagem, freqüentar aquelas cascatas e cavernas; precisa conhecer a história das populações que aí viveram sua saga e construíram seu habitat, como trabalharam a natureza, como a conservaram ou a depredaram, quem são seus poetas e sábios, heróis e heroínas, santos e santas, os pais/mães fundadores de civilização local. (BOFF, 1999, p. 6).

TERRA, o único planeta que pode sustentar a vida, isso acontece por ela ser dotada da biosfera. Os primeiros organismos viviam no enxofre (...) “essas bactérias desprendiam ‘resíduos’, que com o tempo se tornaram depósitos fósseis e minerais. Algumas evoluíram como plantas, outras escolheram a forma animal”, evoluindo até o homo sapiens (CROALL; RANKIN, 1981, p. 9).

Seguindo a ótica de Croall e Rankin (1981), foram muitas etapas no desenvolvimento da humanidade, vieram as revoluções, as civilizações, colapsos

destas civilizações, a arte de governar, a industrialização, as penúrias colonialistas, o imperialismo, a destruição do meio ambiente, guerras, lutas sociais, entre tantos outros acontecimento. Um dos focos em destaque se dá pela importância e necessidade de olhar para a questão ambiental, nas suas ligações com o humano e vice versa.

“Em 1962, em meio à Segunda Revolução Industrial do Ocidente, um livro escrito por uma naturalista norte americana, Rachel Carson, causou a maior sensação. Nome do livro *Primavera Silenciosa*. Que mostrava como os novos biocidas que inundam o meio ambiente eram uma ameaça para a humanidade, equivalente à guerra nuclear. Carson compartilhava da opinião de White e Thoreau sobre a unidade de todas as vidas e conclamava os cientistas a fazerem uma análise mais modesta sobre a natureza. O livro lançou as bases para o movimento ecológico e o fogo foi aumentando por um outro biólogo norte americano, Barry Commoner, que analisou o aumento explosivo da poluição e encontrou elos ecológicos sendo quebrados pelas novas técnicas de produção capitalista e a substituição de produtos naturais por similares sintéticos” (CROALL; RANKIN, 1981, p. 124).

Pesquisando sobre a questão ecológica e ambiental, além dos biocidas, guerra nuclear, produção capitalista, um momento relevante foi à criação do Parque Nacional de Yellowstone nos EUA, em 1872, o desenvolvimento de estratégias de conservação em parques nacionais e as divergências ideológicas entre preservacionistas⁷ e conservacionistas⁸ (MCCORMICK, 1992; TOLEDO, 2002; BRITO, 2003).

Vieram então, as conferências: - a das Nações Unidas sobre Ambiente Humano, Estocolmo em 1972, propiciou a inserção da questão ambiental e de educação ambiental nas agendas governamentais (MCCORMICK, 1992; BRITO, 2003). Nesta mesma década, também ocorreram outras conferências importantes, colaborando para a consolidação da EA na agenda internacional. Entre elas destaca-se a Conferência Intergovernamental de Educação Ambiental, realizada em 1977 em Tbilisi/ Geórgia, antiga União Soviética.

Foi na década de 70 que a comunidade internacional deu atenção aos conflitos que envolviam comunidades locais e áreas naturais protegidas (BRITO, 2003). Vários estudiosos indicam a importância da função que determinadas comunidades desempenham sobre a conservação da biodiversidade em áreas

⁷Áreas naturais deveriam ser protegidas de qualquer atividade que não fosse de cunho recreativo ou educacional (MCCORMICK, 1992; BRITO, 2003).

⁸ Segundo Toledo, para os quais essas áreas poderiam ser exploradas garantindo o uso dos recursos pelas gerações presentes e futuras, e evitando-se o desperdício. (TOLEDO, 2002, p. 48).

habitadas ou como manejam esses recursos naturais. Pesquisas vêm mostrando que em muitos casos as comunidades são responsáveis pela manutenção e até mesmo pelo incremento da biodiversidade (BALÉE, 1989; POSEY, 2001).

Segundo Feeny et al. (1990), há capacidade das comunidades construírem normas na utilização dos recursos naturais de forma sustentável, através da gestão participativa, pois os recursos naturais são muito utilizados e as comunidades estão cada vez mais próximas dos centros urbanos. Com isso, as normas e regras locais, acabam por serem ampliadas, re-significadas e passam a serem comuns a todos ou a um maior contingente de pessoas ou grupos.

O que remete ao conceito de diálogo, que auxilia na participação, pois:

“Estimular o exercício do diálogo é um desafio e uma necessidade para a educação ambiental que queremos realizar: aquela que fortalece e confere autonomia e confiança aos indivíduos, que promove a coexistência equilibrada entre as realidades e contextos pessoais e coletivos, entre o moderno e as tradições, entre a tecnologia e, por exemplo, o jeito caipira de ser. O diálogo é a via de acesso para a democratização das identidades e saberes diversos” (ALVES et al., 2010, p. 20).

Um dos caminhos de reflexão é o conceito de educação ambiental crítica, uma linha de estudos e ações diferenciadas, que busca contribuir com mudanças de uma realidade em crise social e ambiental.

Assim:

“A Educação Ambiental Crítica objetiva promover ambientes educativos de mobilização desses processos de intervenção sobre a realidade e seus problemas socioambientais, para que possamos nestes ambientes superar as armadilhas paradigmáticas⁹ e propiciar um processo educativo, em que nesse exercício, estejamos, educandos e educadores, nos formando e contribuindo, pelo exercício de uma cidadania ativa, na transformação da grave crise socioambiental que vivenciamos todos” (GUIMARÃES, 2004, p. 30 e 31).

A educação crítica trás em suas ações, práticas que buscam e/ou primam pela desconstrução de modelos educacionais estabelecidos. Procurando exercitar,

⁹ **Paradigmática** (...). Inventário de unidades no plano associativo, para chegar às classes que compõem o sistema, isto é, aos seus paradigmas. Sendo de natureza associativa, o estudo paradigmático é feito por operações abstrativas a partir do arranjo ou combinação de unidades no enunciado, ou seja, a partir da sintagmática. *V sintaxe*, acepção 1. Da análise sintagmática, limitada à fala, chega-se à paradigmática, que diz respeito à organização da língua em si. Enquanto a dependência sintagmática se prende à função no texto ou no processo, a dependência paradigmática se reporta à função no sistema. Cada unidade lingüística se liga a outra ou outras de mesmo nível por relações sintagmáticas e paradigmáticas, mas, enquanto aquelas se definem por regras combinatórias na seqüência falada, estas se caracterizam por diferenças ou oposições entre as unidades numa mesma classe.

(<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=paradigmática>, 04/12/12).

motivar a sinergia através das experiências coletivas, estimulando “a percepção e a fomentação do ambiente educativo como movimento. Viabiliza a adesão da ação pedagógica ao movimento da realidade social” (GUIMARÃES, 2004, p. 31).

Desta forma, fomenta o aparecimento e a formação de líderes que tem como característica estimular grupos, coletivos, pela “perspectiva da construção do conhecimento contextualizado para além da mera transmissão” (GUIMARÃES, 2004, p. 31).

Segundo Guimarães (2004), visto por esta perspectiva da educação crítica, suscita-se refletir sobre o estímulo à autoestima tanto da parte de quem está no papel de educador, quanto do educando, o que conseqüentemente eleva o grau de confiança que se potencializa e transforma ações pedagógicas ligadas a um movimento do todo.

Seja na educação ou na EA crítica, é exercitar:

“a emoção como forma de desconstrução de uma cultura individualista extremamente calcada na razão e a construção do sentimento de pertencimento ao coletivo, ao conjunto, ao todo, representado pela comunidade e pela natureza. Incentiva a coragem da renúncia ao que está estabelecido, ao que nos dá segurança, e a ousadia para inovar” (GUIMARÃES, 2004, p. 32).

Assim, a EA crítica sugere que a inserção do processo educativo, se destaca pelo desvelamento da realidade e desta forma, busca a cooperação pela vertente de políticas públicas com as mudanças sociais.

“Sendo ainda que, se esse processo educativo se dá na adesão ao movimento da realidade socioambiental, numa relação dialética de transformação do indivíduo e da sociedade reciprocamente, o público da Educação Ambiental Crítica é a sociedade constituída por seus atores individuais e coletivos, em todas as faixas etárias. Essa proposta que aqui defendemos coloca-se participante do processo de construção de um campo teórico que busca subsidiar uma prática diferenciada de educação ambiental” (GUIMARÃES, 2004, p. 33).

Desta forma, essa área do conhecimento da educação e da educação ambiental crítica, agrega-se à educação trazida por Brandão (1993), na qual vivemos, compartilhamos e aprendemos em muitas esferas da nossa vida, no dia a dia da nossa casa, no trabalho, na religiosidade, nas instituições de ensino, nos grupos e lutas sociais em que nos envolvemos e até mesmo na rua. “Para saber, para fazer, para ser ou para conviver. Todos os dias misturamos a vida com a educação” (BRANDÃO, 1993, p. 11).

Segundo Brandão (1993, p. 18), muito do que sabemos, aprendemos na convivência com muitas pessoas e em diferentes situações de trocas e esse aprendizado se dá pelo corpo e consciência. “As pessoas convivem umas com as outras e o saber flui, pelos atos de quem sabe-e-faz, para quem não-sabe-e-aprende”.

É por este olhar de ensina-aprende, aprende-ensina que nos guiamos na educação ambiental, de acordo com Sato (2002), a EA precisa estar conectada com a recriação, sempre avaliando e olhando para o caminho escolhido da coletividade nas suas relações sociais.

“Num olhar fenomenológico, significa avaliar a si próprio na busca da identidade individual (ser humano), buscando uma área de aprendizagem coletiva de alteridade (sociedade) e, desta justaposição, construir uma relação com o mundo (oikos). Isso significa que devemos observar na EA um conjunto de relações sociais que determinam a dinâmica do mundo. Buscar nossas próprias identidades e tentar aceitar as dos outros pode representar um risco. Mas quem optou caminhar na EA deve perceber que as incertezas e as dúvidas sempre estarão ao nosso lado. Nossa liberdade e responsabilidade implicam uma situação ontológica que se situa no desenvolvimento da humanidade, que, antes de ser adjetivado de “sustentável”, deve responder ao desejo de uma sociedade global com menos disparidades sociais e com mais cuidados ecológicos” (SATO, 2002, p. 12).

É, portanto, com a identidade individual, local, coletiva, cultural, que se necessita buscar no desenvolvimento humano e ambiental, e é por esse caminho que a pesquisa aqui descrita, procura refletir sobre a educação ambiental não formal, uma das linhas metodológicas existentes e a qual se adéqua ao grupo pesquisado. São ações pontuais, como as Oficinas de Juçara, que não tem como centro a aplicação do processo formativo. “Isso não significa dizer que estacionamos no tempo e nas próprias dinâmicas. Um salto qualitativo da EA pode ser observado em diversas instâncias” (SATO, 2002, p. 14).

“A tarefa da EA é reconstruir uma nova ética capaz de comportar a tensividade e o diálogo, recuperando o movimento das mãos e das mentes de cada sujeito ecológico. Nesta ciranda epistemológica, o movimento terá início quando realmente compreendermos que a EA exige um esforço multissetorial para poder cumprir, pelo menos em parte, os desafios da humanidade. Nossa tarefa ainda está longe de ser concretizada, mas os sonhos ainda permitem um lugar especial às nossas esperanças” (SATO, 2002, p. 15).

É essencial que participantes de um processo educativo reflitam intensamente sobre o que desejam transformar e que tipo de transformação desejam realizar, não esquecendo:

“a necessidade de que o coletivo e cada integrante do grupo individualmente conheça a causa primeira dos seus desejos e não apenas realize a identificação dos mesmos, pois é justamente este processo reflexivo que irá permitir e garantir a expressão da práxis emancipatória” (SANTOS, 2002, p. 32).

Boaventura de Sousa Santos (2001) afirma que atravessamos um período de transição de paradigmas e, como em toda transição, não sabemos bem onde estamos, tampouco para onde vamos. Esse é o momento de buscar formas de organização de pensamentos e ações, de criar métodos de desenvolvimento que contemplem os pilares do autoconhecimento, da emancipação e da construção conjunta de novas possibilidades de sobrevivência, na reconstrução de novas tecnologias que sejam pautadas nos conhecimentos científicos que possam trazer maior sustentabilidade a vida.

Segundo Carvalho (1992, p. 33):

“é preciso recolocar os objetivos da prática educativa, situando-os para além da esfera comportamental. Se a educação quer realmente transformar a realidade não basta intervir na mudança dos comportamentos sem intervir nas condições do mundo em que as pessoas habitam. Neste sentido, podemos redefinir a prática educativa como aquela que, juntamente com outras práticas sociais, está implicada no fazer histórico, é produtora de saberes e valores e, por excelência, constitutiva da esfera pública e da política, onde se exerce a ação humana”.

Desta forma, a educação ambiental pode contribuir para a ampliação e consolidação de uma cultura mais democrática e, portanto emancipatória da sociedade. Para Paulo Freire, é através da perspectiva emancipadora da educação que o ser humano chega a ser sujeito, podendo assim, construir-se e construir a sua própria história.

De acordo com Freire (1996, p. 26):

“mudar é difícil, mas é possível, vamos programar nossa ação político-pedagógica, é assim que o saber vem sendo comprovado em princípio de ação e abrindo caminho à constituição na prática, de outros saberes indispensáveis. Não se trata obviamente de impor à população sofrida que se rebele, que se mobilize, que se organize para defender-se. Trata-se, na verdade de, simultaneamente com o trabalho específico de cada campo, desafiar os grupos populares para que se percebam, em termos críticos caracterizando sua situação concreta”.

Isso significa fomentar junto aos agricultores familiares, a construção de um diálogo que os conecte com a sua realidade e com o seu saber, que discuta e reflita a respeito de temas do seu cotidiano como forma de colaborar para um debate que

evidencie seu conhecimento e influencie nas políticas públicas, para que estas respondam às demandas dos projetos a ela direcionados.

É preciso haver uma forma de educação para a cidadania, não pelo discurso das palavras, mas pelo curso dos acontecimentos. “É passar a mensagem da cidadania criando acontecimentos, onde indivíduo ou grupo ocupa uma posição de centralidade” (FERRETTI et.al., 2004, p. 7).

A grande potencialidade na educação ambiental que nos leva a refletir e nos posiciona frente a tantas tendências existentes, tem como força motriz o estímulo à escolha de um caminho, à um modo de entender o que nos é apresentado como a característica de um conceito.

Desta forma, vê-se aqui como legítimo, desvelar o que chamamos de processo educador ambientalista, através de alguns escritos, estudos, pesquisas que façam conexão e levem ao melhor entendimento possível do termo. Portanto, serão trazidas as linhas de pensamentos de pesquisas e referencias que possam ajudar nesta empreitada.

A Política Nacional de Educação Ambiental na forma da Lei nº 9.795/99, representa a consolidação de uma política pública no país. Ela busca, “transformar, conscientizar, emancipar e exercer a cidadania em educação e para o ambientalismo, enquanto movimento histórico da ruptura com a modernidade capitalista” (LOUREIRO, 2004, p. 20).

É importante lembrar e relatar que no Brasil a Constituição Federal de 1988, trouxe um amparo ambiental constitucional, no qual identifica dois grandes princípios, segundo Ferreira (2003):

- 1) Todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado;
- 2) O poder público e a coletividade têm o dever de preservar e proteger o meio ambiente.

Para a autora a expressão "meio ambiente" utilizada aqui, vem imbuída de vários significados, tais como, “artificial, cultural, patrimonial, urbano, regional” (FERREIRA, 2003, p. 30) e ao longo deste trabalho poderão ser melhor identificadas.

“O cumprimento desses princípios depende da ação conjunta e harmônica do poder público federal, estadual e municipal. As constituições disciplinaram o campo de atuação da União e do Estado, e a lei orgânica deveria nortear a ação municipal” (FERREIRA, 2003, p. 30).

Atores de grupos e instituições lutam pela questão ambiental, essas lutas se disseminam pelos mais variados lugares, governos, grupos comunitários, empresas, pesquisadores e etc. “O ambientalismo, surgido como um movimento reduzido de pessoas, grupos e associações preocupados com o meio ambiente, transforma-se num capilarizado movimento multissetorial” (FERREIRA, 2003, p. 90).

Ferreira, 2003, fala de três abordagens teóricas que têm sido utilizadas para analisar o ambientalismo, são elas: o grupo de interesse, o novo movimento social e o movimento histórico.

O ambientalismo teve enfoque como novo movimento social, na Europa ocidental pelos neomarxistas, radicais ecologistas. Desta forma, transformando estruturas sociais e que, por sua vez, vem estimulando novos movimentos sociais. Movimentos estes que questionam o sistema capitalista, agora com mais ênfase na qualidade de vida e na descentralização (FERREIRA, 2003, p. 91).

Já o enfoque no movimento histórico trás em seu conceito a insustentabilidade a médio e longo prazo da civilização contemporânea através de quatro fatores: “crescimento populacional, depleção da base de recursos naturais, sistemas que utilizam tecnologias poluentes e baixa eficiência energética, e sistema de valores que propicia a expansão ilimitada do consumo material” (FERREIRA, 2003, p. 91).

Alguns setores da sociedade tem repensado e demandado sobre a nossa qualidade de vida, salvaguardando as necessidades básicas e alguns itens a mais, como acesso à internet, redes sociais, computadores, entre outros. Junto a isso tem se atentado para os problemas ambientais em geral. Para tanto, esses tem sido os motes estimuladores para o movimento ambientalista.

“Provavelmente um dos aspectos mais relevantes da emergência de ações sociais, provenientes da questão ecológica tem sido o de cristalizar o significado da cidadania, não só em termos de conquistas institucionais, mas, sobretudo na constituição de uma identidade que gradualmente vai quebrando a consciência fragmentária que nos foi imposta pelo regime autoritário e pela situação subalterna dos atores sociais” (FERREIRA, 2003, p. 96).

Com o intuito da compreensão da identidade que gradualmente vai se constituindo, é fundamental rever, analisar, entender e argumentar o que está colocado como regra, desta forma, re-significar questões sociais, ambientais culturais no desenvolvimento pessoal e/ou coletivo.

A partir deste caminhar pelas obras visitadas, buscou-se refletir sobre alguns dos conceitos da EA, procurando entender a sua origem na educação e no ambientalismo, utilizando de diferentes exemplos de estudos, projetos, programas formais, não formais, informais, que a EA apresenta, trabalha e se desenvolve, refletindo num processo educador ambientalista.

Nossas próprias vivências e lutas sociais são muitas vezes, diluídas e desconexas, desta forma, torna-se difícil analisá-las à luz de teorias, visualizando a sua realização na prática. Ou seja,

“a ideia de que “tudo é válido” desde que se almeje proteger o ambiente, ignorando o modo como este se constitui, não colabora para alcançarmos novas relações sociais e formas sensoriais e perceptivas de nos compreendermos e nos sentirmos como parte da sociedade e de uma vida planetária”. (LOUREIRO, 2004, p. 22).

No Brasil a educação ambiental é vista como um meio de transformação social, guiada pelo diálogo, cidadania, melhorias da qualidade de vida como um todo. Segundo Loureiro (2004), uma educação ambiental transformadora é aquela na qual buscamos o diálogo conosco, com o nosso vizinho, com a nossa comunidade, com outras comunidades, redes sociais, com a própria natureza, desta forma, “transformando o conjunto das relações pelas quais nos definimos como ser social e planetário” (LOUREIRO, 2004, p. 24).

E desta forma a educação ambiental acontece pela busca de conhecimento e a partir desta, pelas ações desenvolvidas e realizadas, porém pensando e repensando nossas ações, aprendendo e reaprendendo. “A educação é feita com o outro que também é sujeito, que tem sua identidade e individualidade a serem respeitadas no processo de questionamento dos comportamentos e da realidade” (LOUREIRO, 2004, p. 28).

Fala-se de uma educação ambiental que acontece através da relação consigo mesmo e com o outro, se ampliando nas esferas de relações do mais próximo ao mais distante, distante aqui, como uma rede social, uma comunidade de outro estado, país, do mundo em si. Pois “a ação conscientizadora é mútua, envolve capacidade crítica, diálogo, a assimilação de diferentes saberes, e a transformação ativa da realidade e das condições de vida” (LOUREIRO, 2004, p. 29).

Produzir este estímulo é muito importante para que seja possível uma tomada de consciência mais aprofundada dotada de senso crítico, para que se

tenha como fio condutor a “ética, atitudes e condutas individuais e coletivas que contribuam à proteção e ao melhoramento do meio ambiente.” (SORRENTINO, 1991, p. 47).

Para tanto, é necessário olhar de forma ampliada para a educação ambiental, utilizando-se de diferentes objetivos, métodos, técnicas e exemplos advindos da ecologia, do ambientalismo, da antropologia, da psicologia, dentre outras ciências e movimentos sociais. Cada objetivo, cada exemplo pode contribuir para uma visão diferenciada do futuro e do mundo.

Nesta pesquisa compreendemos que para falar, entender e conceituar o que chamamos de processo educador ambientalista, é necessário enveredar pelos estudos da ecologia, das utopias, da pedagogia/ educação, do ambientalismo, entre outros. A “relação de dependência que deve manifestar-se não de forma rígida e inflexível, mas como preocupação constante a nortear nosso fazer pedagógico e político” (SORRENTINO, 1991, p. 48).

Para que com isso, se busque e estimule novas formas de olhar para as ações que nem sempre trazem em suas propostas de trabalho a educação ambiental, mas que nos levam, nos ajudam a ter nossas próprias reflexões e maior consciência sobre as questões ambientais. Tendo sempre em mente “não desistir de tentar entender o mundo e a si próprio” (SORRENTINO, 1991, p. 49).

“Educação é algo mais do que treinamento e conhecimento dos fatos. Quando as pessoas reivindicam educação, o que estão buscando são “ideias que tornem o mundo e a própria vida delas inteligíveis para si mesmas. Quando uma coisa é inteligível, tem-se um sentimento de participação, quando é ininteligível, o sentimento é de distanciamento (...) nossa tarefa e a de toda educação é entender o mundo atual, o mundo no qual vivemos e no qual fazemos nossas opções (...) estimulando o indivíduo a esclarecer suas próprias convicções fundamentais, de forma a conseguir interpretar o mundo e não ter dúvidas quanto ao sentido e à finalidade da própria vida. Talvez nem seja capaz de explicar por palavras estas coisas, mas sua conduta na vida revelará uma certa segurança na execução, que provém de sua clareza interior” (SORRENTINO, 1991, p. 50).

Para que não haja “distanciamento” entre o que se ouve e participa, é necessário trabalhar a reflexão sobre nossos valores fundamentais, para tanto, a participação deve ter seu alicerce nesta percepção de forma que estimule as discussões e os questionamentos sobre os nossos valores.

Desta forma,

“Nossa proposta é de valorizarmos uma perspectiva diferenciada de desenvolvimento, onde ocorra a descentralização do capital, a valorização

do ser humano, a recuperação ambiental e o fortalecimento das pequenas organizações autogestionárias de produção e educação, estimulando-as a adotar alternativas econômicas de sobrevivência de seus participantes, que causem o mínimo de impacto ambiental possível, o máximo de retorno social e o indispensável crescimento individual” (SORRENTINO, 1991, p. 52).

A inclusão da educação ambiental participante, crítica, de ou para políticas públicas, para que nos mais variados campos da sociedade aconteçam em diversos ambientes e estruturas, é preciso que esses mesmos ambientes e estruturas estejam e/ou sejam preparados de atributos/conteúdos educadores, “que contenham em si o potencial de provocar descobertas e reflexões, individuais e coletivas simultaneamente, a exemplo do poder provocador e até transformador de uma obra de arte” (MATAREZI, 2005, p. 163).

Segundo Sorrentino et al. (2005), educar para a cidadania através e com a educação ambiental é uma possibilidade de construção de ações políticas, “no sentido de contribuir para formar uma coletividade que é responsável pelo mundo que habita”.

“Para enfrentarmos as causas mais profundas da erosão da diversidade precisamos conhecer a nós mesmos e nossos processos civilizatórios no sentido empregado por Boaventura de Souza Santos, quando nos convida à realização de uma arqueologia virtual do presente. Certamente encontraremos razões psicossociais, culturais, econômicas, educacionais, históricas e conjunturais, que delinearam um modelo devastador das relações estabelecidas entre os seres humanos e destes com o meio ambiente. Esse modelo, uma construção histórica baseada na erosão da diversidade biológica e cultural, homogeneiza saberes, sabores, paisagens, comportamentos, espécies e raças, por meio do estímulo ao consumismo, da comunicação de massas, da genética e por autoritarismos de todos os tipos” (SORRENTINO et al., 2005, p. 287).

O ambientalismo nos leva à reflexão sobre nossos comportamentos humanos em várias relações seja com o consumo desenfreado, a violência com a natureza e portanto contra si próprio. E é com a luta ambientalista que se constitui a ética para a sustentabilidade, surgindo daí a educação ambiental, que trás em seu cerne o “processo educativo que conduz a um saber ambiental materializado nos valores éticos e nas regras políticas de convívio social e de mercado” (SORRENTINO et al., 2005, p. 288), além da questão de distribuição tanto de benefícios, quanto de prejuízos pelo uso da terra/ natureza.

“Essa concepção de educação ambiental foi parcialmente apropriada pela Política Nacional de Educação Ambiental (PNEA—lei 9795/99) que em seu artigo primeiro define a educação ambiental como processos por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos

e habilidades, atitudes e competências voltadas para conservação do meio ambiente, bem de uso comum do povo, essencial à sadia qualidade de vida e sua sustentabilidade (...). Ainda enfatiza a questão da interdisciplinaridade metodológica e epistemológica da educação ambiental como “componente essencial e permanente da educação nacional, devendo estar presente, de forma articulada em todos os níveis e modalidades do processo educativo, em caráter formal e não-formal” (art. 2º). Reforça a responsabilidade coletiva da sua implementação, seus princípios básicos, objetivos e estratégias” (SORRENTINO et al., 2005, p. 290).

Ainda, segundo Sorrentino et al. (2005), a EA integra a sustentabilidade social e ambiental, de tal forma que busca sempre técnicas que ajudem na organização de processos que conectem o refletir, agir e repensar, na comunicação, educação e informação.

“Ela se realiza presencialmente e à distância, promovendo o contato entre uma diversidade de atores, de locais e de tempos diversos, aproximando pessoas e grupos, no desafio de se educar ambientalmente, relacionando subjetividade e política pública, desde a ação micro local a uma mais abrangente” (ALVES et al., 2010, p. 9).

É importante que desta forma, se desenvolva e fortaleça ambientes de intervenções, “produção e articulação de conhecimentos e saberes, pautados pelo diálogo e sintonizados com a transformação humana e social” (ALVES et al., 2010, p. 9). Ambientes que tragam a possibilidade de reflexão com seu eu e com o outro, para assim expandir-se.

Portanto, os sujeitos e/ou grupo de uma comunidade, envolvidos em projetos ou ações precisam atentar para a realidade socioambiental e seus mais variados cenários. É preciso olhar, ouvir, sentir, refletir, pensar e participar para que todos se percebam pertencendo àquele grupo e desta forma, “conhecer para estabelecer co-responsabilidades perante as problemáticas socioambientais da contemporaneidade” (LESTINGE; SORRENTINO, 2008, p. 603).

É necessário que o sujeito contemporâneo esteja conectado para,

“além de ser um sujeito informado que opina, além de estar permanentemente agitado e em movimento, é um ser que trabalha, tanto um mundo “natural” quanto o mundo “social” e “humano”, tanto a “natureza externa” quanto a “natureza interna”, segundo o seu saber, seu poder e sua vontade” (BONDÍA, 2001, p. 5, apud LESTINGE; SORRENTINO, 2008, p. 6).

Desta forma, há um resgate e uma constante reconstrução da autoestima e da habilidade em olhar pra si mesmo e para o seu entorno, de forma crítica, porém construtiva para o crescimento e aperfeiçoamento em confiar no próximo para construir-se juntos, no mesmo sentido, embora com suas particularidades. Ver e

rever a própria identidade, a identidade local, comunitária e planetária. Implicando processos de conexão e complementação entre os sujeitos e as suas comunidades (e para além delas), fortalecendo assim, processos que são educadores e ambientalistas por si só.

3 METODOLOGIA

3.1 Pesquisa Qualitativa

De acordo com as características da pesquisa optou-se pelo desenvolvimento do método qualitativo que busca captar a realidade dinâmica e complexa dos sujeitos deste estudo.

Segundo Minayo (1994), a abordagem qualitativa caminha pelo mundo dos significados das ações humanas, de maneira que não se equaciona, ou seja, medida por estatísticas, mas se desenvolve pela “palavra, como símbolo de comunicação por excelência, e a interação entre o pesquisador e os atores sociais estudados, como parte fundamental da investigação qualitativa” (MINAYO, 1994, p. 66).

“Em Ciências Sociais, tendo como referência a pesquisa qualitativa, o trabalho de campo se apresenta como uma possibilidade de conseguirmos não só uma aproximação com aquilo que desejamos conhecer e estudar, mas também de criar um conhecimento, partindo da realidade presente no campo” (MINAYO, 1994, p. 51).

A complexidade intrínseca a esta área do conhecimento, requer aprofundamento nos estudos das análises, necessárias ao melhor entendimento do trabalho desenvolvido em campo.

Segundo Ludke e André (1986), é o tipo de abordagem que ajuda no melhor entendimento de uma pesquisa, a partir do olhar dos participantes. Para Minayo (1996), é a busca pelo entendimento e explicação de como se dão as relações sociais, experiências vivenciadas e desta forma, o entendimento das ações humanas nas instituições e suas estruturas.

Buscando assim, pesquisar as representações de linguagem, pensamento e visão, juntamente com as ações de cada indivíduo, de cada grupo, definido pelo conjunto de suas relações sociais, para se chegar ao conhecimento de seu nível de consciência e/ou alienação num dado momento (LANE, 1984, p. 44).

Portanto, visou-se a realização de uma pesquisa adaptada à realidade local e às especificidades do grupo em foco. As técnicas foram pesquisadas e ajustadas de várias áreas como a psicologia e a educação ambiental, tornando a própria pesquisa um exercício da *práxis*, “se parte do empírico, se analisa, se “teoriza”, se volta ao empírico e assim por diante” (LANE, 1984, p. 46).

3.2 Estudo de caso

A partir da opção da abordagem qualitativa, focou-se na realização do estudo de caso, que tem como mote pesquisar sobre o contexto histórico de um dado grupo, ou seja, é a escolha de um objeto a ser pesquisado.

Para Farina (1997, p. 98), o estudo de caso tem como característica “maior foco na compreensão dos fatos”, podendo usar ainda, “vários métodos de pesquisa”, conectando “à abordagem interpretativa, na medida em que o investigador procura entender e compreender os significados que os indivíduos atribuem às suas ações e as dos outros”.

De acordo com Cunha, Senger e Senger (2004, p. 96):

“Nas ciências sociais, o estudo de caso passou a ser considerado como uma forma de estudar e analisar intensamente, de forma exploratória, explanatória ou descritiva alguma unidade social, a qual pode ser identificada por meio de uma organização, de um indivíduo isolado ou em conjunto, de uma comunidade, de um programa ou de um projeto de desenvolvimento, e até mesmo um balanço contábil de uma determinada empresa num certo período de tempo, cabendo ao pesquisador fazer referência a um acontecimento especial, uma mudança política, algum tipo de conflito, enfim, um fenômeno recente que mereça especial atenção”.

Para Yin (2001, p. 32), o estudo de caso em si é uma investigação de um fato num contexto de vida real, ele é baseado por “várias fontes de evidências e beneficia-se do desenvolvimento prévio de proposições teóricas para conduzir a coleta e a análise de dados”.

Quanto aos objetivos do método, destacam-se dois, trazidos por Becker (1999, p. 99), “que são o de tentar chegar a uma compreensão abrangente do caso estudado, ao mesmo tempo em que pretende desenvolver declarações teóricas mais gerais sobre regularidades do processo e estruturas sociais”.

É importante salientar que através das coletas de dados, apresentam-se dados empíricos que tem como missão, ajudar na elaboração de “problemáticas teóricas (...), muitas vezes, suscitam novos temas para investigação na forma de pesquisa, dissertações e teses” (CUNHA; SENGER; SENGER, 2004, p. 107).

3.3 Levantamento Inicial

Em princípio foi realizada uma pesquisa de caracterização da comunidade de agricultores familiares do distrito de Taiapuêba, Mogi das Cruzes - SP, para saber

quem são, quantas famílias envolvidas com as atividades do fruto de juçara vivem no local, de onde vieram, o que plantam, no que e como trabalham, enfim os primeiros questionamentos e entrevistas semi-estruturadas. Questões que ajudaram a identificar em todo o desenvolvimento do projeto com juçara a possibilidade de trazer à tona, fomentar, potencializar em cada participante e/ou grupo um educar ambiental, que esteja comprometido com o resgate da identidade local do grupo envolvido.

De acordo com Haguette (2001), a técnica de entrevista semi-estruturada prevê interações sociais, quando dois sujeitos compartilham o momento de entrevistado e entrevistador, onde este segundo tem por objetivo colher informações que são formadas por um roteiro para a entrevista, que contenha tópicos antecipadamente estruturados, de acordo com os objetivos e/ou hipóteses de uma pesquisa ou de um projeto.

É uma técnica que pode proporcionar maior liberdade nos diálogos, pois vem imbuída da intenção de obter respostas da forma mais natural possível, tendo em vista que cada indivíduo tem sua forma de ver o mundo e de expressarem suas representações sociais.

Segundo Lane (1984, p. 38),

“compreender representações sociais implica então conhecer não só o discurso mais amplo, mas a situação que define o indivíduo que as produz. Para tanto Flahault desenvolve a noção de Espaço de Realização do Sujeito (...). Desta forma é o espaço da comunicação, da intersubjetividade, das relações sociais que identificam o indivíduo, e assim produz e reproduz a formação social nos indivíduos que a compõem. Resumindo, o Espaço Realizado do Sujeito se apresenta: 1) como *objetivos comuns* ao grupo social, que superam os fins particulares; 2) como um conjunto de regras e valores; 3) como substância enquanto mediação de realidades materiais e corporais, através da linguagem, que levam a práticas que definem uma realização limitada e específica do sujeito e uma mediação que o põe em relação com vários outros sujeitos”.

Para tanto, a compreensão das representações sociais implica na busca pelo conhecimento do que se observa nas falas em entrevistas de forma minuciosa, revendo, refletindo, analisando para o melhor entendimento. Concatenando as categorias que levam a interpretação e análise das entrevistas semi-estruturadas.

“A palavra *categoria*, em geral, se refere a um conceito que abrange elementos ou aspectos com características comuns ou que se relacionam entre si. Essa palavra está ligada à idéia de *classe* ou *série*. As categorias são empregadas para se estabelecer classificações. Nesse sentido, trabalhar com elas significa agrupar elementos, idéias ou expressões em torno de um conceito capaz de abranger tudo isso. Esse tipo de

procedimento, de um modo geral, pode ser utilizado em qualquer tipo de análise em pesquisa qualitativa” (LANE, 1984, p. 70).

Foram utilizadas categorias que possibilitam o entendimento do que acontece no dia-a-dia, que levem pessoas e comunidades a educarem-se ambientalmente. Para tanto, foram utilizados os cinco conceitos estudados e pesquisados na Oca – Laboratório de Educação e Política Ambiental (Oca), são eles: **Identidade; Comunidade; Diálogo; Potência de Ação e Felicidade**, como já citados na introdução deste trabalho.

Para que todo o levantamento inicial que caracteriza esta pesquisa fosse realizado, foram desenvolvidas, adaptadas e seguidas as seguintes técnicas:

1. Observação direta com anotações no diário de campo de:
 - a) encontros;
 - b) reuniões;
 - c) toda e qualquer situação de encontro com pessoas ou grupos.
2. Análise documental de:
 - a) boletins;
 - b) jornais;
 - c) comunicados produzidos pela comunidade ou sobre ela;
 - d) materiais videográficos e radiofônicos.
3. Entrevistas semi estruturadas, constando de:
 - a) pesquisa de caracterização da comunidade;
 - b) pesquisa focada sobre a questão educadora ambientalista.
4. Entrega das entrevistas transcritas e impressas aos respectivos entrevistados, em oficina, como forma de retorno do trabalho desenvolvido.

De acordo com Lane (1984), os sujeitos de uma história são constituídos de relações sociais e ser mais ou menos atuante depende do grau de autonomia e da iniciativa que o sujeito alcança e é assim que ele se define, desempenhando atividades que transforme a si mesmo e ao outro.

3.4 Entrevistas

Na etapa de desenvolvimento dos critérios do trabalho aqui apresentado, foi feita uma visita e revisita as entrevistas realizadas, a cada questão trabalhada, além de diários de campo e observações. Fala-se em experiência e ação, do que

acontece no mundo que nos rodeia, mas também há outras dimensões existentes, como por exemplo, as leituras, os diálogos, as reflexões, a imaginação.

Segundo Maturana e Varela (1995),

“toda reflexão, inclusive a que se faz sobre os fundamentos do conhecer humano, ocorre necessariamente na linguagem, que é nossa maneira particular de ser humanos e estar no fazer humano. (...) Tudo que é dito, é dito por alguém. Toda reflexão faz surgir um mundo. Assim a reflexão é um fazer humano, realizado por alguém em particular num determinado lugar” (MATURANA; VARELLA (1995, p. 32).

E é desta forma, olhando e refletindo para o mundo interno e externo de cada indivíduo de um grupo, que traremos à tona uma análise mais detalhada do trabalho realizado em campo à luz do referencial teórico utilizado.

Questões balizadoras:

1. Identificar a família/ seu histórico na região/ qual o seu vínculo com a terra;
2. Como chegou ao Projeto Juçara/ se ele tem ajudado e como;
3. Como os seus vizinhos enxergam o Projeto Juçara? Tem opinião diferente da sua, como vê isso?
4. O que o Projeto Juçara tem em comum com sua realidade, com sua história de vida? Com os seus vizinhos e com sua região? O que ele têm te trazido de bom? Você conheceu alguém que não conhecia (pouco ou nada) com o Projeto Juçara?
5. Como vê as questões econômicas, sociais e ambientais da sua região?
6. Quais são as pessoas e instituições que colaboram com o Projeto Juçara? Quais são importantes para você? (porque?) como é a relação de vocês com elas?
7. Quais os sentimentos que você tem em relação a mata?
8. O Projeto Juçara tem alterado esses sentimentos? Como?
9. Como resumiria em uma palavra/ símbolo que represente vocês neste projeto?

3.5 Estudos do Laboratório de Educação e Política Ambiental – Oca, ESALQ/USP

Oca é o nome fantasia do Laboratório de Educação e Política Ambiental da ESALQ/USP. Como uma Oca indígena, a grande casa que acolhe a todos, desde sua criação ainda no final dos anos 80, passou por diversas transformações, mas tem buscado ao longo desse período manter coerência entre as suas atividades de

ensino, pesquisa, extensão e gestão. Desde 2009 vem orientando os seus trabalhos pelo aprofundamento nos conceitos que também conduzem esta pesquisa – identidade, comunidade, diálogo, potência de ação e felicidade.

Autores como, Martin Buber, Zygmunt Bauman, David Bohn, Manuel Castells, Carlos Rodrigues Brandão, Izabel Carvalho, Marcos Sorrentino, entre outros contribuem para fundamentar esses conceitos. Por esta mesma razão eles também foram utilizados como critérios para analisar os dados obtidos neste estudo.

A seguir será feita uma pequena visita aos cinco conceitos, através do olhar do grupo de estudos e pesquisas da Oca. Em anexo está o artigo construído à várias mãos e publicado em revista científica (anexo A). São eles:

Identidade, com o qual esta pesquisa mais se envolveu; Comunidade; Diálogo; Potência de Ação e Felicidade¹⁰.

3.5.1 Identidade

“É nos conhecermos, nos reconhecermos e nos fortalecermos enquanto nós mesmos”.

De acordo com os estudos desenvolvidos entende-se que,

“A construção de nossa identidade enfrenta inúmeras dificuldades, entre as quais está a armadilha de nos anularmos no outro. É necessário mergulharmos no outro para compreendê-lo em sua totalidade, mas para avançar rumo ao universo subjetivo do outro sem nos levar à auto anulação é preciso inicialmente nos conhecer, nos reconhecer e nos fortalecer enquanto nós mesmos” (ALVES et al., 2010, p. 18).

Há um raciocínio e/ou uma consciência que permeia desde a identidade individual a uma identidade mais ampliada, é nesta integração que se busca resgatar os elementos locais, sociais e culturais. São muitos enfrentamentos e crises que se tem pela frente, é neste aspecto que o educador ambiental pode estimular o olhar e a reflexão para a identidade individual e coletiva de cada comunidade, de cada cultura. Assim, com o estabelecimento identitário que prima pelas “responsabilidades pessoais perante a busca pela sustentabilidade da vida, estaremos mais próximos de alcançarmos a sustentabilidade dos próprios processos educadores” (ALVES et al., p. 19).

Segundo Bauman (2005, p. 17), as identidades definidas pela “entidade” da comunidade a que se pertence, tem dois tipos, comunidades de vida e de destino,

¹⁰ A breve descrição que verão a seguir, pode ser aprofundada no artigo produzido coletivamente pelos pesquisadores da Oca, em anexo (anexo A).

“cujos membros (...) “vivem juntos numa ligação absoluta”, e outras que são “fundidas unicamente por idéias ou por uma variedade de princípios”.

Desta forma,

“tornamo-nos conscientes de que o “pertencimento” e a “identidade” não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis, e de que as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age – e a determinação de se manter firme a tudo isso – são fatores cruciais tanto para o “pertencimento” quanto para a “identidade”. Em outras palavras, as idéias de “ter uma identidade” não vai ocorrer às pessoas enquanto o “pertencimento” continuar sendo o seu destino, uma condição sem alternativa. Só começarão a ter essa idéia na forma de uma tarefa a ser realizada, e realizada vezes e vezes” (BAUMAN, 2005, p. 18).

Guiddens (2002, p. 37) fala que momentos de “transições na vida dos indivíduos sempre demandaram a reorganização psíquica, algo que era freqüentemente ritualizado nas culturas tradicionais na forma de ritos de passagem”.

Levando-se em conta que a modernidade se contrasta com as tradições, com a atualidade e suas alterações, sendo extremamente importante a reconstrução das identidades que considere elementos de reflexão, processos que ajudem na conexão das mudanças pessoais, sociais, culturais e ambientais para o crescimento individual e coletivo.

3.5.2 Comunidade

“Um processo de vivência e convivência local a partir do fortalecimento das nossas identidades individuais e coletivas”.

“Isto exige, em primeiro lugar, o desejo de romper com esta lógica das elites e comprometer-se, em seguida, com a construção de processos capazes de resgatar ou desenvolver a auto-estima e a capacidade de diálogo profundo em e entre cada pessoa e grupo social, no sentido de estabelecerem as suas agendas de prioridades e os seus pactos de governabilidade e de governança para e nos territórios onde constroem os seus projetos de futuro” (ALVES et al., p. 9).

É importante destacar que a comunidade não suprime o indivíduo, o que acontece é a conexão, ampliação e fortalecimento do indivíduo e do coletivo.

Para Buber (2009, p. 52), “podemos preparar o caminho de uma nova organização social, em que o princípio a partir do qual tal crescimento surgiu retorna à atividade consciente”. Buber fala de tipos de vontades que se desenvolvem e se expressam através da comunidade e da sociedade. Que viver em comunidade não é

mais como nos primórdios “viver-um-no-outro” e sim, “viver-ao-lado-do-outro”. “(...) útil para uma observação ordenada do passado; se se quiser demarcar o caminho do futuro com sinais indicadores” (2001, p. 53).

Esse viver em comunidade se dá, para Bauman:

“na realização de tais tarefas, é que a comunidade mais faz falta; mas também aqui reside a chance de que a comunidade venha a se realizar. Se vier a existir uma comunidade no mundo dos indivíduos, só poderá ser (e precisa sê-lo) uma comunidade tecida em conjunto a partir do compartilhamento e do cuidado mútuo; uma comunidade de interesse e responsabilidade em relação aos direitos iguais de sermos humanos e igual capacidade de agirmos em defesa desses direitos” (2003, p. 134).

É necessário que se tenha controle sobre as circunstâncias pelas quais encaramos os desafios da vida e de acordo com Bauman, para “a maioria de nós esse controle só pode ser obtido coletivamente” (2003, p. 133). Ao menos é o que torna o caminhar mais ameno, mais seguro e com maiores possibilidades conjuntas.

3.5.3 Diálogo

“É quando ouço o que o Outro fala que posso organizar as minhas idéias, saber como me colocar melhor, reconhecer as diferenças”.

“No processo educativo de construção de uma nova identidade planetária, o diálogo tem importância primordial, enquanto meio para se formar uma amálgama entre as diversidades, entre os modos de viver, pensar, sentir e agir, individual e coletivamente” (ALVES et al., p. 20).

Ao agregar as diferenças culturais e sociais, até mesmo individuais, possibilita suprimir barreiras sem que isso anule as particularidades de cada um ou do grupo, desta forma, fomentando o diálogo.

“De acordo com Buber (op. cit.), as atitudes com as quais os homens se colocam diante do mundo permitem dois tipos de relação, que podem, por sua vez, ser estabelecidas com a natureza, com outros homens e com seres espirituais. Tais formas de relação são nomeadas por ele por palavras-princípio: Eu-Tu e Eu-Isso. (...) Esse tipo de relação reconhece a exclusividade do outro, sua distinção e humanidade ilimitados” (ANDRADE; LUCA; SORRENTINO, 2012, p. 619).

É extremamente importante fortalecer a habilidade do diálogo entre pessoas e coletivos, além do estímulo à auto-estima, de tal forma que os levem a se incluírem na participação das decisões dos seus próprios destinos, pois estas formas de “políticas públicas participativas podem levar à emancipação e ao fortalecimento da dimensão política da vida” (ANDRADE; LUCA; SORRENTINO, 2012, p. 55).

Segundo Fonseca, o diálogo não é um processo que acontece externamente, de forma superficial nas pessoas, mas que traz profundas transformações internas, ou seja, “a ocorrência do diálogo depende da existência da compreensão do fluxo subjacente que une as essências das pessoas, a relação recíproca de Buber, em uma totalidade” (ANDRADE, 2012, p. 60¹¹).

3.5.4 Potência de ação

“É aquilo que me dá alegria de viver e me faz saber que sou capaz de correr atrás das coisas que desejo”.

“A ampliação da potência de agir reside na tomada de consciência da causa primeira de nossos afetos ou sentimentos, pois para Espinosa, sentir é uma maneira de pensar, por mais confusa que possa ser. É através da reflexão/meditação a respeito do que sentimos pelas coisas é que podemos formar delas idéias mais claras e distintas. (...) Sendo, para Espinosa, felicidade a própria liberdade de pensar e agir por si próprio a partir da compreensão da origem/causa dos sentimentos/afetos que nos mobilizam. As idéias aqui apresentadas objetivam possibilitar a compreensão do conceito de potência de ação, trazido pelo filósofo holandês do século XVII Baruch de Espinosa” (ALVES et al., 2010, p. 27 e 29).

Refletindo sobre as formas onde acontece e/ou se desenvolve a nossa potência de agir, nota-se a existência de uma ligação com o processo de participação, seja ele individual ou coletivo, podendo ocorrer em processos educadores ambientalistas.

Segundo Costa-Pinto (2012, p. 98),

“Essa possibilidade, mais uma vez permite aproximarmos o pensamento de Espinosa da educação ambiental, pois, (...) busca a construção da sustentabilidade, faz-se necessária a produção de um novo tipo de saber na procura por alternativas às maneiras de viver e de produzir das sociedades humanas contemporâneas. Isso implica que cientistas e cidadãos estejam empenhados nesta tarefa, tanto para construir dita ‘ciência cidadã’, como para modificar hábitos cotidianos tanto individuais, como coletivos através da construção não só da consciência crítica dos sujeitos mas também de valores cooperativos e solidários”.

Para que se desvele no indivíduo a potência de ação, é necessário procurar em cada ser ou no coletivo, “quais são as suas capacidades individuais, os seus talentos, as suas potencialidades. Essas descobertas estimulam a sua ação e participação, ou seja, o desenvolvimento da sua cidadania” (COATI, 2006, p. 29).

¹¹ ANDRADE, D.F. **O Diálogo em processos de delineamento e implementação de Políticas Públicas de Educação Ambiental**. Tese (Doutorado) – PROCAM/Universidade de São Paulo – São Paulo, 2012. Material não publicado, cedido pelo autor. 209 p.

3.5.5 Felicidade

“Quando me sinto tranqüilo, respeitado, buscando pelos meus sonhos e com o coração leve e feliz”.

“No atual contexto social, em que há uma preocupação cada vez maior com as conseqüências ambientais da atividade humana pós-industrial, surgem alternativas na busca de indicadores de qualidade de vida global, como a do reino budista do Butão que propõe-se a orientar o desenvolvimento sustentável concretamente a partir de questões subjetivas, mas transformadas em vários parâmetros mensuráveis e cruzados para se chegar ao índice chamado Felicidade Interna Bruta ou FIB (tradução de Gross National Happiness ou GNH). Os parâmetros são um conjunto de indicadores contidos em nove dimensões: bem-estar psicológico, uso do tempo, saúde, educação, diversidade e resiliência cultural, boa governança, vitalidade comunitária, diversidade e resiliência ecológica e padrão de vida para o desenvolvimento holístico. No Brasil há certa mobilização em direção ao indicador, que no entanto carece de estudos e pesquisas de fundamentação e validação” (ALVES et al., 2010, p. 31).

Quando o indivíduo olha pra si e para um olhar mais amplo, onde percebe e se percebe no todo, é um dos caminhos para a paz interior, assim, transforma-se energia em energia criativa que pode aumentar ou estimular a nossa potência de agir, “nasce a possibilidade real de uma transformação sustentável, porque está centrada na percepção consciente do sujeito que assume a si próprio como “sendo a mudança que quer ver no mundo” célebre frase de Gandhi” (ALVES et al., 2010, p. 32).

A felicidade é,

“uma atividade – algo que se cultiva e constrói, algo que, por alguns momentos, se conquista e se desfruta, que é fonte de contentamento, mas que está sempre a exigir de nós empenho e amor, sempre recomeçando outra vez” (GIANETTI, 2002, p. 177).

Segundo Gianetti (2002, p. 177), não é possível idealizar a felicidade, sem o sentido de realização humana, seria “o supra sumo da alienação”, a felicidade não está ligada ao ter e sim ao fazer, não é algo que está ligado ao nosso humor, mesmo que aquele humor que nos exalta, nos anima, mas sim a forma de reger a vida com a reflexão sobre os valores e boas condutas.

3.6 Análise dos Resultados

A análise dos resultados se deu através da interpretação dos dados. Segundo Minayo (1994, p. 69), esta etapa pode ter três finalidades que são complementares:

“estabelecer uma compreensão dos dados coletados, confirmar ou não os pressupostos da pesquisa e/ou responder às questões formuladas, e ampliar o conhecimento sobre o assunto pesquisado, articulando, ao contexto cultural da qual faz parte”.

Para a operacionalização da análise foram feitas as transcrições das entrevistas semi-estruturadas e a criação de critérios para realizá-la, segundo categorias que permitam também incluir as notas tomadas em reuniões e encontros do projeto junto ao público alvo.

Para Ludke e André (1986), na realização de uma análise é importante “ler e reler o material até chegar a uma espécie de ‘impregnação’ do seu conteúdo”, procurando identificar os temas relevantes e recorrentes, assim como idéias contraditórias e as centrais, visando os critérios estabelecidos.

Para assegurar um entendimento e análise mais aprofundados das questões em foco, foi utilizada a triangulação¹², que de acordo com Huberman e Miler (1994, p. 438) permite a convergência entre diferentes pesquisas e/ou teorias. De acordo com Denzin (1978), sendo utilizada a triangulação de técnicas e de sujeitos, que consiste na utilização de múltiplas informações para estudar um problema.

O resultado almejado é atingir os objetivos propostos, através da visualização de quais formas de trabalhos em educação ambiental são utilizados e quais resultados são obtidos por esse grupo de pessoas, assim fomentando outros projetos, que possam se embasar, promover e estimular processos educadores ambientalistas inseridos em seus planos, de tal forma, que se tornem naturais à busca pela ética, pela justiça, pela qualidade de vida, pela própria identidade, pelo protagonismo de suas histórias, pela contribuição e gentileza entre os humanos.

¹² A triangulação foi feita a partir das técnicas empregadas: 1- observações de campo; 2-análise documental; 3-entrevistas semi-estruturadas e 4ª-retorno das entrevistas.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 Histórico e Contextualização

Será apresentado a seguir uma breve descrição dos participantes da pesquisa, a fim de ajudar no entendimento da contextualização do histórico do trabalho de campo desenvolvido nesta pesquisa.

Observando que todos os Participantes serão referidos aqui como, “Sujeito 1, Sujeito 2...” e assim por diante.

Sujeito–1 _ mora no seu sítio, cresceu em Taiaçupeba e divulga isso com muito orgulho. Participa ativamente da política local, sendo um dos formadores da SAT. Apaixonado e divulgador do cambuci, fruto endêmico da Bacia do Tietê (Mata Atlântica). Participa ativamente da Rota do Cambuci (eventos festivos e gastronômicos que ocorrem em várias cidades da região, ressaltando o fruto). Escreve artigos e crônicas e no momento da entrevista desta pesquisa estava escrevendo sobre a história de Taiaçupeba.

Sujeito–2 _ Agricultor orgânico, mora com a família e é um dos responsáveis pelo cultivo de sua propriedade, participa ativamente de um grupo de produtores orgânicos da região e atualmente cursa um técnico de agronegócio. É o filho mais novo, mora no sítio com os pais, um irmão e um agregado.

Sujeito–3 _ Veio de São Paulo após um problema de saúde devido ao estresse, nunca trabalhou com a terra, mas está aprendendo. Mora ele e a esposa, tem dois filhos que dizem não gostar de viver ali no sítio, não moram com eles.

Sujeito–4 _ É advogado, casado, cresceu na cidade de Mogi das Cruzes, freqüenta o local desde a sua infância, quando a família comprou um sítio, o qual ele toca hoje em dia, no entanto, ainda mora na cidade. É bastante envolvido com associação de moradores do seu local.

Sujeito–5 _ Estudou em Mogi das Cruzes, conheceu sua esposa na mesma época, sonhavam em ter um sítio ali, hoje estão tocando o sítio, mas somente ele mora no local, a esposa e a filha moram em outra cidade. É produtor de shitaki e está empolgado com o juçara.

Sujeito–6 _ Apaixonado pela terra, toca seu sítio, mas mora em Mogi das Cruzes com a esposa e dois filhos envolvidos com a questão ambiental, tocam uma

loja de produtos naturais. Ele também é muito envolvido com a associação de moradores da região.

Sujeito-7_ Morador de um pequeno bairro de Taiapuêba e proprietário de um pequeno mercado, mora com a família, esposa, e três filhos. Além de cuidar do negócio também cuida do sítio.

Sujeito-8_ Mora no sítio com sua esposa, tem quatro filhos que moram em Mogi das Cruzes, sendo que um deles mora em outro estado. Trabalhou por muito tempo no ramo de construção e após aposentar comprou o sítio e veio viver nele.

Sujeito-9_ É um jovem que está tomando conta do sítio da avó, foi uma escolha dele em viver mais próximo da natureza. Abandonou a faculdade de agronomia e tem se dedicado a aprender cuidar e viver da terra.

Sujeito-10_ Não possui um sítio, mas é um importante fomentador e estimulador de vários projetos e acontecimentos políticos, sociais e culturais de Taiapuêba. É presidente da SAT há alguns anos, participa desde seus 18 anos.

Sujeito-11¹³_ É natural de Mogi das Cruzes, morou em Taiapuêba e trabalhou no PdN, além de fazer seu mestrado com campo de pesquisa neste mesmo local. Embora não seja produtor, foi fomentador do Projeto Juçara, tendo contato com todos os participantes supracitados.

Sujeito-12¹⁴_ Pesquisador do Departamento de Agroindústria, Alimentos e Nutrição da ESALQ/USP, foi quem levou a informação sobre o fruto da juçara e ajudou a idealizar o projeto.

Sujeito-13¹⁵_ Gestor do PdN, precursor do Projeto Juçara, mora no local. É importante colocar aqui, que junto a este sujeito, existem outros participantes que colaboram com este sujeito em todo o processo do Projeto Juçara local.

Segue histórico e contextualização:

Como já foi escrito na apresentação, a participação da pesquisadora nas oficinas de juçara, começou através do contato de algumas pessoas do Parque das Neblinas (PdN), com Sujeito-12 (naquele momento ele era pesquisador do Departamento de Agroindústria, Alimentos e Nutrição da ESALQ/USP). Nesta

¹³ É importante dizer que este sujeito foi mantido nas entrevistas, mediante seu histórico de morador local e trabalho com o PdN, ou seja, com extenso histórico e vivência local, julgando-se desta forma, interessante e importante ter esta visão no trabalho de campo.

¹⁴ A sua participação está exclusivamente ligada à contextualização do histórico, este sujeito não foi entrevistado como público alvo.

¹⁵ A sua participação está exclusivamente ligada à contextualização do histórico, pois é parte importante do processo, sendo Gestor do PdN.

primeira conversa contaram que estavam colhendo frutos da palmeira juçara, pisoteando e fazendo o plantio das sementes (pisoteando para otimizar a germinação). O Sujeito-12 pediu para que parassem e marcou uma reunião com os encarregados deste trabalho no PdN.

Nesta reunião foi feita a apresentação de ambas as partes, ESALQ (representada por Sujeito-12) e PdN (representado por Sujeito-13), e a explicação do que já estava sendo feito com a despolpa do fruto da palmeira juçara, a qual tem uma polpa muito parecida com a do açaí (fruto nativo da Amazônia). Além de ser falado sobre a Rede Juçara, que é a união de instituições, ONGs, e afins, que atuam em vários estados do Brasil, para disseminação, pesquisa, fortalecimento de comunidades entre outras atividades, através da utilização da polpa da juçara.

A pesquisadora não participou deste primeiro contato, somente quando começaram a falar em reunir pessoas e fazer uma apresentação sobre a palmeira juçara e o que dela deriva, é que se iniciou o envolvimento com este grupo.

É importante dizer que não há ata desta reunião, aliás, o PdN não trabalhava nas oficinas com nenhum tipo de anotação, gravação ou qualquer outra forma de descrição de todo o processo feito até agora. Fato este constatado por volta da 10ª oficina de juçara.

Em relação à análise documental, foi outro obstáculo encontrado, pois são poucos os documentos relativos à primeira etapa. Foram encontrados, dois vídeos no site do PdN e um documento, também feito pelo PdN, utilizado aqui para ajudar na contextualização e na construção da introdução desta pesquisa. Além deles, a partir de algumas falas sobre a existência de reportagens do Projeto Juçara, citadas nas entrevistas e oficinas, encontrou-se duas delas:

- ✓ <http://www.youtube.com/watch?v=x19XxeDKP-k>
- ✓ <http://www.youtube.com/watch?v=iNwx4rawBfw>

Quanto aos participantes das oficinas de juçara são: agricultores familiares; pessoas que estão envolvidos por interesse próprio e algumas que não tem propriedade rural; a prefeitura de Mogi das Cruzes; associações de moradores e ONGs da região de Taiacupeba, distrito de Mogi das Cruzes – SP.

O público-alvo desta pesquisa são os agricultores familiares, participantes das oficinas de juçara. Somente dois dos entrevistados não são agricultores, um deles Sujeito-11 trabalhou e desenvolveu sua pesquisa de mestrado no próprio parque e

também participou desde o início das oficinas de juçara. Quando lhe foi falado sobre a presente pesquisa ele se prontificou a conceder entrevista e participar da pesquisa. Ele parou de participar das oficinas de juçara por volta do início de 2008, ou seja, das oficinas em si, ele somente participou de três delas.

O outro entrevistado que também não é agricultor o Sujeito-10 presidente da Associação Amigos de Taiaçupeba, conhecida como SAT (há muito tempo atrás era Sociedade dos Amigos de Taiaçupeba, ainda se referem da mesma forma), também um participante desde o início das oficinas de juçara, um colaborador, fomentador, crítico (como ele mesmo se apresenta em sua entrevista) e participante de tudo que lhe é possível e que acontece na região. É uma pessoa que conhece muito da história local, conhece bem as pessoas e instituições da região, está envolvido na SAT desde os seus 18 anos, como também dito em entrevista.

Quanto aos organizadores e fomentadores das oficinas de juçara, também foram requisitados a concederem uma conversa, julgando-se importante ter o olhar e contextualização das pessoas que trabalham pelo PdN/Instituto Ecofuturo. A entrevista foi realizada no início de 2012 e dela participaram três pessoas, o Sujeito-13 Gestor do Parque, uma coordenadora do Projeto Juçara e mais um participante ativo do Parque que ajuda na colheita dos frutos e também na organização das oficinas.

A entrevista foi bastante positiva, pois a intenção era ter a visão tanto da instituição - PdN, como o olhar da coordenação das oficinas de juçara. O que mais se evidenciou foi a forma como descrevem, percebem e sentem suas vivências em um momento onde podem falar das reflexões e/ou inflexões que fazem do trabalho que desenvolvem. É também uma forma de aproximação da pesquisa com as pessoas que a constroem, aplicando-se para contextualizar as oficinas do Projeto Juçara e entender melhor os acontecimentos destas.

Outro ponto importante a ser destacado, é que para o PdN essas oficinas e a cultura do juçara, em especial, foi estratégico para aproximar a comunidade do Parque, pois há um histórico de colaborações e conflitos entre eles. Este histórico está presente nas falas dos entrevistados, Sujeito-4 e Sujeito-10.

Eles contam que:

Sujeito-4 – “O pai do Sujeito-6 gostava de contar histórias e ele falava que na época dele se comprava madeira lá, pra fazer carvão, teve esse tempo do carvão. Aí nos anos 70 eu cheguei a conhecer uma comunidade onde hoje tem só uma família,

existia uma igreja que a comunidade construiu, tinha missa todo domingo. Houve a fase do carvão, a fase da construção do cano e depois uma fase do eucalipto da Suzano (PdN). Que acabou pulverizando, hoje está tudo abandonado, com essas máquinas da Ponce (marca/tipo da máquina), ela corta, descasca põe no caminhão, e aí virou deserto, tem lugar que você anda e não tem nada. Essa fase foi a mais agressiva, já se ouve lá na região, que a Suzano está pensando na Pedra do Sapo¹⁶, porque já não dá mais, não vale mais a pena, porque aquela região tem outros valores, ali entra mais uma rota ambiental. Eu já imaginava isso, porque os eucalipto da Suzano entra na Serra do Mar, sobe pelas encostas, uma hora vai ter que parar. A legislação ambiental evoluiu muito, já nem fica legal pra Suzano continuar fazendo isso, ela pode transformar num marketing pra ela, que nem o Parque, então eu acho que ali vai viver um outro momento. Quem resistiu a tudo isso, talvez vá presenciar uma vinda de uma outra cultura, uma coisa que tem a ver mais com a região. Está regenerando tudo lá! Tem tudo a ver com o curso de ecoturismo rural, é fazer parcerias, é abrir os olhos pra isso, tem tudo a ver com o juçara, com o alimento, é um desenvolvimento” (Sujeito-4, 14 de abril de 2011).

Continuando a contar da relação com o PdN, por um outro olhar:

Sujeito-10 – “tem uma coisa do próprio ser humano que quando não conhece o outro já fala ah! é um chato. Eu acho que só começa a melhorar quando você começa a conhecer. Até porque quando começou o negócio do parque vir falar (do juçara), eu fui crítico porque os caras cortaram tudo, acabaram com tudo agora vai querer falar aí! E não é bem assim, porque você critica, mas se não tivesse? Então quer dizer, por que é que existe? Razões são várias, mas hoje você sabe que as empresas se não tiver o ambiental, está perdida, ele pode até falar pro Zezinho, Luizinho (nomes fictícios) que faz isso porque é muito legal, importante, mas falar pra mim! Mas o que a gente precisa é saber como transformar isso em benefício pra comunidade. Hoje a Suzano está aqui na associação ajudando a manter quase todos os projetos, mas não é por isso que eu vou deixar de dizer as coisas, uma coisa é uma coisa, outra coisa é outra coisa. Mas tem que reconhecer essas relações” (março de 2011).

Contextualizando com o material feito pelo PdN, indicando que de acordo com as informações disponíveis o,

“Distrito de Taiapuêba data de meados do século XIX, com a construção de capela e conseqüente surgimento de povoado, inicialmente denominado

¹⁶ Pedra do Sapo é um local da região, que tem potencialidade para ser um ponto turístico.

Capela do Ribeirão e posteriormente Distrito de Taiaçupeba. Por volta de 1850, toda região a qual abrange hoje os distritos de Biritiba Ussu, Taiaçupeba e Quatinga, onde se encontram os Bairros de Vargem Grande, Manoel Ferreira, Pindorama, Santo Antônio e Sertão dos Freires, era conhecida como região do Campo Grande. A capela que deu origem ao povoado de Taiaçupeba é a igreja de Santa Cruz, construída em local diferente daquele da Capela do Ribeirão, que não existe mais” (PÁDUA, 2008, p. 3).

Hoje em dia os mais velhos ainda se referem ao distrito como Capela do Ribeirão, já os mais jovens se referem como Taiaçupeba. Numa conversa informal em um encontro com Sujeito-10, comentou que essa forma de chamar o distrito por um ou outro nome se dá por cunho religioso, com a vinda das igrejas pentecostais e afins, estes por sua vez não se sentem à vontade de tratar o distrito por Capela do Ribeirão, pois é um nome proveniente da igreja católica.

Segundo Brandão (1985, p. 5),

“Deuses há sempre, santos mais ainda, e modos coletivos de crer, ainda mais. Quando uma forma cultural de crer nos mistérios do sagrado morre (...), nem sempre dá lugar ao seu oposto, mas a formas novas, ou à recriação das antigas, de modo a que, reinventados, eles possam ser de novo amados e acreditados. É necessário um forte esforço de esquecimento teórico para separar da vida cotidiana das pessoas reais e dos momentos vividos dos mais diferentes tipos de sujeitos populares, o teor e a força da presença das incontáveis modalidades de experiências culturais de trocas com o sagrado”

Na região acontecem muitas festas, em geral são quermesses locais, cada bairro, distrito e pequenos municípios tem a sua, do seu Santo padroeiro. Em Taiaçupeba, no Bairro de São Sebastião, por exemplo, acontece a festa/quermesse do Santo que dá nome ao bairro.

Segue foto da igreja do centro de Taiaçupeba:

Figura 7 – Capela de Santa Cruz no distrito de Taiaçupeba, Mogi das Cruzes - SP

Brandão, fala da importância social e cultural que as festas religiosas e locais trazem, “possivelmente esta será a qualidade mais essencial da *festa de santo*, ou seja, a capacidade de, (...) propor (...) à sociedade cotidiana, produzir situações de extremos de solidariedade, coletividade e celebração” (BRANDÃO, 1985, p. 146).

No bairro central de Taiaçupeba, uma das festas mais famosas que acontece, é o Festival de Inverno. Tem a exposição de várias organizações, ONGs, associações, além de barracas de alimentação. Nas exposições, por exemplo, tem o espaço do PdN com oficinas, palestras e materiais expostos dos trabalhos desenvolvidos, inclusive com temas e materiais sobre os processos desenvolvidos em torno da palmeira juçara. Outro espaço é a do Sujeito-1, com mudas de Cambuci, geléias, pingas entre outros, tudo feito por ele e pela família, além de fotos e materiais de divulgação. Entre outros espaços com exposições de trabalhos e projetos locais.

Segue foto do fruto de Cambuci:

Figura 8 – Fruto de Cambuci (*campomanesia phaea*)

Todo o trajeto que vem sendo desenvolvido e construído no Projeto Juçara em Taiaçupeba tem em si, tanto a questão de conflitos, como a de cooperação, como já mencionado.

No geral, o histórico entre comunidade e meio ambiente, e, comunidade e juçara é conflituoso, na questão de sobreposição de territórios entre Parques e comunidades e de alternativas de sobrevivência em seus locais de origem. Porém, no presente trabalho observa-se a busca de cooperação entre as partes, criando essas alternativas de desenvolvimento local e de construções e elaboração das relações coletivas.

Portanto,

“O ambiente nesse caso é uma referência fundamental, já que nele estão impressas as marcas de construção da sua história pessoal e coletiva. Sabe-se que levado pela necessidade de buscar os meios de sobrevivência, o homem trabalhou a terra e construiu objetos que são reveladores do seu modo de viver e de fazer. Seus saberes, seus usos e costumes, seus mitos, seus ritos, sua forma de manifestar tensões e aspirações, suas festas são todos eles signos da sua cultura. Quando privado desses signos, o homem entra num estado de angústia, porque não se reconhece mais no mundo que o circunda e corre o risco de não mais poder conferir um sentido concreto à própria experiência. Cabe então à memória o papel fundamental de resgatar e rearticular as referências perdidas e, ao mesmo tempo, ser o repertório que permita a descoberta de novos caminhos, de novos modos de lidar com a realidade. Esse repertório será constituído pelos elementos culturais que lhe são próprios” (MARANGON; AGUDELO, 2004, p. 12).

A comunidade tem em sua memória a história com o Parque, mas também reiniciou uma nova relação, de abertura para novas possibilidades, de respeito entre ambas as partes e de construção conjunta. Mesmo embora, o Parque pareça ter maior poder aquisitivo, ou de envolvimento com a comunidade como um todo, ou ainda de relações sociais externas, a sociedade local, vem se atentando para isso e percebendo que estão no mesmo nível de possibilidades de comunicação, de entendimento, de crescimento coletivo, ou seja, estão buscando o seu lugar “ao sol”, no seu território, no seu local e espaço.

4.2 Oficinas de Juçara

Após os primeiros contatos descritos acima entre pesquisadores da ESALQ e técnicos do PdN o próprio Parque começou a organizar o que eles intitularam de “Oficina de Juçara”. Essas oficinas vêm ocorrendo desde então, são encontros onde são proporcionadas palestras com os organizadores e convidados, tudo referente à palmeira juçara, o que dela deriva e em especial sobre a polpa e tudo o que tem sido dialogado sobre suas potencialidades. No anexo B, um exemplo de convite onde, como de costume, é explicitada a pauta do dia.

Desde o início, o Instituto Ecofuturo, direcionou todas as oficinas, quem iria apresentar o quê, o que seria apresentado, discutido e oferecido em cada uma das oficinas ocorridas até a última oficina em 2012. No entanto, ao final de cada oficina, eram distribuídas fichas com indicações de vários assuntos que poderiam ir para pauta da próxima oficina, com a possibilidade do participante propor outros temas, demandas que surgiam com a vivência do dia a dia no processo do Projeto Juçara.

Assim, as primeiras oficinas eram direcionadas para expor as potencialidades da palmeira juçara, numa tentativa de nivelar o conhecimento

disponibilizado sobre ela. Para isso, foram trazidos pesquisadores, outras ONGs que participavam de iniciativas com a juçara em outras localidades, além de estimular a manifestação dos agricultores locais. Eram realizadas palestras introdutórias (biologia da planta, valores nutricionais, importância ecológica, etc.) e em seguida, eram abertas discussões para que cada um pudesse trazer sua contribuição, histórias vividas, ouvidas ou contadas por amigos e parentes.

Segue fotos de uma mesa redonda com troca de experiências entre palestrantes e participantes:

Figura 9 – Palestrantes em Oficina de Juçara e troca de experiências entre os participantes

Figura 10 – Palestra e troca de informações com a Polícia Ambiental

Conforme o processo foi se instalando, as oficinas passaram a ser direcionadas, ainda pelo PdN, de acordo com as demandas surgidas. Questões recorrentes eram tratadas com prioridade. Foram convidados a palestrar, por exemplo, policiais ambientais, foi um pedido do grupo para que viessem na oficina. Eles falaram sobre suas possibilidades, o que exatamente é o trabalho que desenvolvem, onde atuam, quais os problemas, o porquê da demora em atender um chamado. Muitas das ligações para a polícia ambiental vindas deste grupo, são por conta do roubo da palmeira, há uma tensão sobre este assunto, pois em geral muitos deste grupo são roubados e multados pelo corte do palmito juçara, que é protegido por lei. Segue uma das histórias de roubo e pagamento de multa que aconteceu na região.

Sujeito-7 – “No sítio tem uns dez mil pés de palmito, roubaram uns 2 alqueires de pé de palmito, há uns 5 ou 6 anos. Fui multado, aí fui com o pessoal lá no mato, mas disseram que tinha que ser flagrante. Aí um amigo falou, vamos lá no diário de Mogi meter a boca, aí fomos, aí filmaram, saiu no diário de Mogi, saiu lá falando do palmito. Aí passou uma semana veio o comandante e 4 policial, oh eu vou ter que multar o senhor, porque não pegou em flagrante, deu 3500,00 na época, aí meu irmão pegou e recorreu pro IBAMA, fez uma carta, levou pra São Paulo, aí arquivaram o processo. Aí explicaram, quando acontecer isso, você vai na delegacia e faz o BO, porque se acontecer de novo de vim a polícia florestal, você fala oh eu fiz o BO. Agora eu faço. Mas só que agora tem um vizinho meu lá que comprou que é florestal, agora ninguém meche não. Mas a gente conhece, sabe quem é, é um cara aí. Um dia estavam cortando palmito lá, aí um vizinho ligou pra mim e falou,

cheguei lá peguei 2 mulher com o facão, ai chamou o florestal e a militar. Ai ela começou falar que tinha 8 filho, que passava necessidade, to cortando pra comer, e lá no meio do mato tinha um monte de palmito. Ai a militar pegou ela e levou embora. Ai foi o florestal atrás do palmito, tinham levado tudo o palmito, tinha umas 8 pessoas na mata. Inda o policial brincou, olha não deixaram nem um pedaço pra nós comer”.

O grupo em geral participa de forma ativa, ou seja, o grupo intervém nas palestras com suas dúvidas e idéias, além de suas vivências como exemplificado acima, eles costumam levar estes acontecimento para as oficinas.

Outra preocupação abordada nas oficinas foi a questão da vocação local, muitos participantes se identificaram com a possibilidade de produção de mudas e assim, algumas oficinas foram direcionadas para a construção de viveiros de mudas e técnicas de plantio.

Em muitos momentos a produção de sementes e mudas ganhou destaque maior que a própria polpa. Vários fatores tenderam a esta valorização, seja pela afinidade com o manejo da terra; a intensa informação sobre o meio ambiente e o restabelecimento de áreas degradadas; pelo enriquecimento da espécie nos fragmentos florestais, possibilitando que este seja um provedor de futuros rendimentos; pela grande discussão da polpa de juçara e sua potencialidade de mercado, em contrapartida a falta de conhecimento e experiência em processamento de alimentos.

Segundo Tatto e Fanelli (2010), a produção da polpa de juçara ainda é pequena nas comunidades devido ao fato de ser novidade esta atividade, a carência de informações técnicas referentes à colheita, além da estruturação insuficiente da cadeia produtiva, visto que a disponibilidade de matéria-prima ainda é muito pequena e há poucos locais de industrialização e comercialização, também tendo a desvantagem competitiva em relação ao açaí, o qual já conta com escala de produção e cadeia produtiva estruturadas.

Diante de todos esses percalços existentes, na região de Taiacupeba, o Projeto Juçara em suas oficinas, decidiu por montar uma unidade de despulpa para que se pudesse chegar ao produto final da juçara.

Segue foto com a polpa da juçara, o produto final:

Figura 11 – Polpa de juçara sendo retirada da despoldadeira

No dia 1º de outubro de 2011, foi realizada a 14ª Oficina de Manejo Comunitário da Palmeira Juçara, onde aconteceu a inauguração da Central de Beneficiamento de Frutos da Mata Atlântica, que está alojado dentro do PdN, sob a coordenação de Sujeito-13.

Para a unidade de despoldar realizaram reforma em uma casa abandonada, seguindo todas as obrigações e regras que a vigilância sanitária requer. Não foi feito nenhum material desses encontros, somente convites, que são enviados por email ou entregue em mãos aos participantes.

O combinado entre PdN e participantes das oficinas, foi que esta Central de Beneficiamento de Frutos da Mata Atlântica irá funcionar como uma cooperativa, onde cada produtor da juçara entrará em contato com o PdN e agendará seu dia de utilização da central de beneficiamento. Cada produtor será responsável pelos recursos humanos a realizar a tarefa de despoldar, sendo que a princípio haverá uma colaboração do PdN. Em todo o processo está incluso as normas vigentes do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA).

Os participantes como dito acima, são agricultores familiares, sendo que alguns deles não moram no sítio (termo usado pelos entrevistados, que denota pequena propriedade) e outros, além do sítio, também realizam outros trabalhos, estudos e vínculos.

Com isso, a participação na organização do processo ocorreu em alguns momentos pontuais. Poucos, chegaram a participar das reuniões no PdN, para ajudar no desenvolvimento das pautas e da oficina como um todo, pois dizem que é muito difícil pra eles pelo horário da reunião, pelo trabalho a mais que terão de

fazer, além do trabalho do sítio que não é pouco para o dia a dia, segundo Sujeito–2 e Sujeito–8, que comentaram ter participado dessa tentativa.

Segundo Brandão (1999, p. 250), é importante que se crie estratégias de participação da comunidade “e fazer com que as práticas de mediação sejam, participantes de situações e processos de produção e fortalecimento do poder” da comunidade.

A participação das pessoas aconteceu dentro da própria oficina, seja recebendo o grupo no seu sítio, fazendo o alimento, organizando em especial a oficina quando ocorre na própria casa/sítio. Mas também, no decorrer das oficinas trocando idéias e compartilhando com o grupo os seus desejos, suas dúvidas e o que acredita que deva ser apresentado e discutido no próximo encontro.

Uma distinção deste grupo é sempre estar muito à vontade para fazer colocações, alguns com mais facilidade de brincar com o assunto que estiver em pauta, outros com um jeito mais sério, mas no geral sempre participando das discussões.

As oficinas aconteceram da seguinte forma: é enviado um convite para alguns por email e para outros que não utilizam meio virtual, são entregues pessoalmente, por alguém do Instituto Ecofuturo.

Inicia-se às 9:00 horas com um café da manhã onde cada um dos participantes traz sua colaboração, um bolo, uma torta, bebida enfim, um café comunitário, na seqüência começa a primeira parte que é feita no período da manhã e a segunda parte no período da tarde, com o almoço entre os períodos.

As primeiras oficinas foram feitas no PdN, depois passou a acontecer cada uma em um sítio dos participantes, com o intuito de conhecer a propriedade e o juçaral ou o que cada um desenvolve, sempre com uma caminhada antes do almoço para conhecer os atributos do local. O almoço é oferecido pelo proprietário, no entanto, como são em média, 40 participantes, às vezes mais, às vezes menos, o Instituto Ecofuturo dá uma ajuda na alimentação e em geral com recurso humano para ajudar na cozinha.

Alguns participantes se conheceram através dessas oficinas, outros já se conheciam, mas de qualquer forma há um grupo coeso, que vem se envolvendo com as oficinas de juçara.

Segue foto de uma das oficinas realizada na casa de um dos participantes, momento de visita ao sítio:

Figura 12 – Conhecendo a horta orgânica

Truzzi (2007), fala do sentimento de inclusão ao grupo, o que contribui na definição de costumes de algumas comunidades, e ajuda no entendimento do comportamento de receptividade do grupo.

Oswaldo Truzzi (2007, p. 262), conceitua dizendo que,

“O conceito de comunidade carrega, porém, em si, certas ambigüidades. Ele certamente diz respeito a um conjunto constituído de determinadas relações sociais baseadas em atributos comuns aos participantes da comunidade. Mas esses atributos comuns podem variar bastante: a noção de comunidade pode ser ao mesmo tempo associada a uma base espacial ou territorial – um bairro delimitado ou uma aldeia, por exemplo –, a um determinado estilo de vida típico dos habitantes dessa área, ou ainda a uma rede social cujos membros desfrutam de características comuns – independentes ou além de uma base espacial própria –, tais como atributos ocupacionais, raciais, ou étnicos”.

De fato, o caso pesquisado traz atributos comuns aos participantes, ou seja, é uma região que tem características e qualidades peculiares ao local e as pessoas estão participando e desenvolvendo ações com a juçara, movidas por interesses comuns na melhoria da qualidade de vida, melhoria na situação econômica, etc. Sendo que a palmeira juçara vem representando uma potencialidade de novas possibilidades e alternativa econômica, além de ganhos indiretos, como a união de novos grupos, a busca de soluções para problemas comuns a todos, seja qual for o distrito ou bairro.

4.3 Entrevistas e Entrevistados

Quanto às entrevistas foram semi-estruturadas, como já citadas acima. Foram construídas a partir da hipótese e dos objetivos da pesquisa. O processo se deu da seguinte forma. A pesquisadora veio acompanhando este grupo desde o seu início, dialogando com cada um dos participantes, pedindo uma entrevista e isso sempre foi bem vindo por eles e assim foi feito.

Desta forma, fez-se um pedido informal (em oficinas) e formal através de carta via email (anexo C), solicitando ao pessoal do Instituto Ecofuturo e PdN os contatos e endereços dos participantes das oficinas de Juçara, ao mesmo tempo explicando o motivo de tal solicitação, que seriam as entrevistas para a presente pesquisa.

No entanto, não foi recebida nenhuma resposta e diante da urgência de realizar o trabalho, a pesquisadora foi a campo estabelecendo contato direto com o público alvo. O motivo pelo não recebimento de retorno da carta enviada ao PdN, foi por falha de comunicação entre ambas as partes, o pessoal do parque e a pesquisadora. Segue em anexo a carta resposta, entregue em mãos, após a realização das primeiras entrevistas (anexo D).

Como alguns participantes já haviam se prontificado a conceder as entrevistas passando seu contato durante as oficinas, foram realizadas as primeiras entrevistas. Após este momento e com a carta resposta em mãos, foi feita uma apresentação do trabalho em oficina do Projeto Juçara.

Estas entrevistas foram feitas individualmente (anexo E), indo visitar cada sítio, cada proprietário. Em outro momento após as primeiras entrevistas, foi feita uma apresentação da pesquisa em oficina, aí então, foi realizada mais uma etapa de entrevistas, indo aos outros participantes, com a ajuda de um dos primeiros entrevistados o Sujeito-2 que indicou quem era proprietário e tinha Juçara em seu sítio.

Em todas as entrevistas, entregou-se um documento/termo de consentimento (anexo F) redigido pela pesquisadora, seguindo o modelo da comissão de ética da universidade, desta forma tendo a assinatura de todos que concederam a entrevista e da própria pesquisadora.

Em última instância, como retorno aos participantes, foi entregue a transcrição dessas entrevistas aos seus respectivos entrevistados. Pediu-se que olhassem e

se quisessem comentar ou falar sobre algum assunto ali descrito, isto poderia ser feito. Nenhum deles deu retorno.

4.4 Minhas Percepções - Estado da Arte

As dificuldades em desenvolver a pesquisa, deram-se a partir da comunicação truncada com a coordenação do Parque, que transparecia uma postura de liderança controladora, vista pela forma como desenvolve o processo das oficinas até hoje, não estimulando o empoderamento e a autonomia do grupo. A não visualização e/ou percepção da importância ao estímulo a multiplicação do grupo em outros grupos ou subgrupos, que poderiam trazer ao processo das oficinas de Juçara maior amplitude de reverberação, diante da sua importância para as questões ecológicas, de conservação, social, econômica imbuídas num projeto como o Juçara. Sem esquecer o acesso que pode trazer a outras pessoas que não podem ou não querem participar de reuniões e oficinas, pessoas que moram em lugares mais distantes, com dificuldade de locomoção por exemplo.

Outra mostra do anseio de manter o controle, foi no momento das entrevistas, onde a comunicação falha mostrou o desejo e a preocupação da coordenação em manter sob seu olhar o que poderia ser feito nestas entrevistas, o que estava sendo perguntado, quem seria entrevistado. A referida coordenação fez questionamentos do porque foram iniciadas as entrevistas com os participantes sem pedir autorização, nem comunicar a eles.

Destaca-se que a presente pesquisa foi consentida/autorizada pela equipe e coordenação do Parque e teve seu início em processo de cooperação e colaboração com o mesmo. A pesquisadora acompanhou e colaborou sempre que solicitado, sem demonstrar em momento algum a intenção de ter qualquer tipo de controle sob a coordenação, grupo ou processo.

Foi enviado uma carta/email oficializando a ida a campo, que não foi recebida, segundo a coordenação, disseram também terem respondido, o que também não foi recebido, diante desta dificuldade e como já citado, com o tempo da pesquisa avançando, decidiu-se ir a campo, com o sentimento de tranquilidade, pois o sentimento era de cooperação e participação do processo do Projeto Juçara.

Somente nesta ocasião foi oferecido um momento da oficina para fazer a apresentação da pesquisa. Mesmo depois disto feito, não houve nenhuma

movimentação da coordenação do Parque em disponibilizar os contatos dos participantes para que pudesse continuar as entrevistas, isto foi feito pelos próprios entrevistados que iam me indicando outros participantes, com contatos e endereços.

Havia uma questão que se fazia presente, porque o grupo não se emancipa? Talvez essa dependência da Instituição promotora lhe fosse de alguma forma, útil? No entanto, um acontecimento trouxe à tona um indicativo a essa questão, vivenciando junto (comunidade e Parque) um processo que pode promover a emancipação do grupo, foi possível aos participantes das oficinas, perceberem que está nas próprias mãos o destino que querem tomar. Pegaram um projeto que estava sendo feito em conjunto, mas que não teve a colaboração combinada e esperada do Parque e deram continuidade, com isso, conseguiram por força própria a aprovação do projeto. Isso tem grande valor, relevância e virtude da própria movimentação que fizeram na busca de aprovação de um projeto que pode trazer melhorias em processamento de produtos orgânicos, dos agricultores da região e a pedido dos avaliadores, foram inseridos no contexto do processamento os frutos de juçara e cambuci, devido ao seu destaque crescente na região.

Outro ponto importante que traz essa vivência é a emancipação do grupo, a percepção de que o Projeto Juçara, por exemplo, está nas mãos deles. Todo o processo do projeto embora longe de trazer estímulo a emancipação e empoderamento dos participantes, isso aconteceu, ou seja, a vivência no grupo, a identidade local de pessoas unidas, o compartilhamento de ideais, o acolhimento do outro, mesmo quando não fosse um membro participante das oficinas, é uma característica local, do grupo.

O que leva a hipótese deste trabalho, que inicia uma vivência no processo educador ambientalista com o Projeto Juçara, mesmo com todo o controle e não intencionalidade de ser uma proposta de educação ambiental, colaborou com o fortalecimento e com a manifestação da identidade local, do grupo, como dito acima, algo que já é uma característica deste grupo, potencializando assim a busca por uma possibilidade de auto empoderamento de viver da terra em melhores condições.

4.5 Reflexões e Análises

Para Carl Gustav Jung¹⁷, “a história do simbolismo mostra que tudo em nossa vida pode assumir uma significação simbólica: objetos naturais (...), fabricados pelo homem ou mesmo formas abstratas. De fato todo o cosmos é um símbolo em potencial” (JUNG, 1964, p. 232).

Refletindo sobre o Projeto Juçara, como sendo um símbolo abstrato, construindo e estabelecendo outros símbolos como por exemplo, a criação de um logo, pelo Sujeito-2, um dos envolvidos na pesquisa. Entre outros símbolos criados e ou cultivados como a palmeira, o ambiente natural, a polpa do fruto, os animais que vivem dos frutos, uma nova possibilidade de alimento, sustento e etc.

Segue foto na figura 1 com os desenhos de dois logotipos, desenhados por um dos participantes do Projeto Juçara:

Figura 13 - Desenho dos logotipos para polpa de juçara de Taiapuêba, desenvolvidos por participantes das oficinas

“A explicação psicológica subjacente é uma forte identificação entre o ser vivo e sua imagem, que é considerada a alma daquele ser” (JUNG, 1964, p.235). Desta forma, penso que não há ação humana sem uma emoção que a constitua como tal e a torne um ato, uma ação.

Foi pedido que falassem uma palavra ou símbolo que representasse o Projeto Juçara, a princípio ficavam um pouco desconcertados, pensativos, mas falavam algo que não conseguiam ter certeza de que era aquilo que cabia naquela pergunta ou

¹⁷ Carl Gustav Jung, foi um psiquiatra suíço e fundador da psicologia analítica, também conhecida como psicologia junguiana.

pedido, sempre perguntavam, “é isso?” ou “está certo?” ou ainda “está bom isso?”. O que Jung chama de símbolo autêntico, que só aparece quando o indivíduo sente a “necessidade de expressar aquilo que o pensamento não consegue formular ou que é apenas adivinhado ou pressentido” (JUNG, 1964, p. 249).

Isto também se reflete no que diz Buber, trazido por Newton Aquiles Von Zuben (2009, p. 23):

“Mais do que uma análise objetiva da estrutura lógica ou semântica da linguagem, o que faria da palavra um simples dado, Buber desenvolve uma verdadeira ontologia da palavra atribuindo a ela, como palavra falante, o sentido de portadora de ser. É através dela que o homem se introduz na existência. Não é o homem que conduz a palavra, mas é ela que o mantém no ser. Para Buber a palavra proferida é uma atitude efetiva, eficaz e atualizadora do ser do homem. Ela é um ato do homem através do qual ele se faz homem e se situa no mundo com os outros”.

Através das falas, os participantes deixaram suas mensagens, formas de pensamentos e seus traços, são frases que trazem contida as suas referências, seus atos, suas ações, seus desejos e seus olhares, para tudo que vêm acontecendo por meio do Projeto Juçara.

Seguem as falas referentes a um pedido feito nas entrevistas, para que resumissem em uma palavra ou em um símbolo o que representa o Projeto Juçara para eles, são elas:

Sujeito-1 - “A mata é vida para a água, a água é vida pra gente.”

Sujeito-2 - “É um sentimento de amor, de querer bem, de cuidar de algo que não é só meu. É o que eu falo, o que a gente faz volta.”

Sujeito-3 - “Em cada cantinho aqui tem o dedo de Deus. Porque um dia você olha a planta e tá murcha, no outro, tem flor, aí atrai um pássaro, já aparece outro.”

Sujeito-4 - “O projeto juçara é uma grande oportunidade, é trazer mais renda sem causar tantos transtornos.”

Sujeito-5 - “O projeto veio me preencher, preencheu algo mais.”

Sujeito-6 - “O projeto representa pra mim, uma coisa importante na minha vida, faz parte da minha vida. E pretendo enquanto eu tiver forças dar continuidade nesse projeto, junto com outras coisas, a juçara, o Cambuci, o turismo rural ligado ao meio ambiente, a natureza. Até o final da minha vida tá fazendo alguma coisa que esteja ligado a natureza, plantação, criação, o mais orgânico possível, e que o exemplo da gente sirva pra outras pessoas.”

Sujeito-7 - “É que quer o bem né? Que tem que continuar. É importante pra ajudar a mata, prestar mais atenção na natureza.”

Sujeito-8 - “Agradecimento. Do que tinha e do que tem, melhorou.”

Sujeito-9 - “Minha religião é a natureza.”

Sujeito-10 - “Eu acho que o que foi extremamente importante, foi a volta da identidade das pessoas com a palmeira.”

Sujeito-11 - “Eu vou falar uma coisa que ouvi do Sujeito-1 ‘o juçara na mata é igual farinha pra gente, é básico!’”

Trata-se de diferentes universos simbólicos, como instrumentos de conhecimento e objetos de construção do mundo, como "formas simbólicas", reconhecimento no e do mundo.

Através das perguntas **“Identifique a família/ seu histórico na região/ qual o seu vínculo com a terra?”** buscou-se olhar para o histórico de cada participante da pesquisa, quem são eles e qual a relação que estabeleceram e desenvolveram com a terra. Isso vem no intuito de refletir sobre a importância que a nossa própria história tem para as nossas atitudes, no desenvolvimento e na construção constante da identidade, nos costumes entre outros tantos adjetivos, valores e características. O envolvimento que cada um dá e tem com o que lhe é importante na vida ou com o que simplesmente a vida lhe apresenta. Algo semelhante aos traços da fisionomia, como as digitais, traços tão particulares a cada indivíduo.

O que implica perceber que as nossas vivências, histórias de vida e em especial as nossas memórias, o que fica gravado é o mais importante da nossa trajetória, para o próprio indivíduo.

Segundo Fentress (2007, p. 36),

“a memória não é um receptáculo passivo – a memória é ativa. Só podemos nos lembrar das coisas que significam algo para nós. Assim, organizamos nossas memórias de um jeito que elas nos façam sentido antes que nos lembremos das coisas”.

São as construções de memórias, das histórias de vida, das nossas próprias narrativas, como no caso de entrevistas, documentários, etc. ou mesmo quando fazemos nossas próprias avaliações ou retrospectiva de vida.

É o que Machado (2007, p. 52), chama de

“narrativas da memória e construção das narrativas históricas, (...) nenhuma das duas surge pronta de algum lugar ou instância, e nem podem ser simplesmente recuperadas a partir dos documentos. Ambas são frutos de processos sociais de construção de identidades, que atuam em diferentes níveis de articulação e inserção social”.

As histórias contadas, lembradas, resgatadas, interpretadas, são o que cada um dos participantes, naquele momento, teve como sua verdade, parte de seu ser ali contado e compartilhado, num gesto de generosidade.

As respostas obtidas nas questões feitas levam a muitas reflexões fundamentais nos critérios elegidos, onde demonstra como os participantes vêem a importância deste trabalho e a relação deles com a juçara.

A maioria dos participantes chegou ao projeto por convite do PdN, mas em 2012 já se encontravam muitos novos participantes que em geral, vieram por convite dos que já participavam das oficinas de juçara desde o início. E os antigos já não têm participado com afinco. Um exemplo disto segue no comentário de um dos participantes.

Sujeito-11 - “eu acho que trouxe coisa boa, porque já está na 20ª oficina né? Eu acho que nas primeiras houve uma mobilização maior o pessoal conheceu sobre o juçara, porque ainda não é muito disseminado na comunidade, só quem está mais envolvido com o projeto que está sabendo, mas eu acho que com o tempo a presença das pessoas foi diminuindo, talvez o modo como está levando, não promoveu o manejo do juçara ou a organização maior dos produtores, acho que gerou mais dificuldade, porque agora no final gerou a demanda, uma expectativa muito grande deles e uns acabaram indo pra tocar a vida deles e muitos desmobilizaram totalmente... é bom trazer informação, é ótimo, mas só isso não basta”.

Para alguns é uma possibilidade de retorno econômico, onde pode contribuir para a melhoria da vida no campo, além da permanência da família no local. Já, para outros, é a possibilidade do encontro, de troca, de aprender e ensinar, de reconhecer no outro um agente de compartilhamento de idéias e ideais. É um ponto de encontro onde várias outras questões aparecem e em geral, tem a condição de diálogo, do pensar junto, observar outras formas de lidar com um mesmo problema, questão ou dúvidas, o que seja.

De acordo com Alves et al. (2010, p. 19):

“é quando ouço o que o Outro fala e suas idéias, que posso organizar as minhas, saber como me colocar melhor, reconhecer as diferenças. (...) Nas interações, com e no mundo, encontrando significados e novos significantes”.

Essa troca de olhares, de saberes, de vivências no grupo tem se mostrado uma ação muito rica e importante para os participantes das oficinas, onde “a perspectiva do conviver com diferentes formas de ver o mundo, na diversidade das identidades, é também a perspectiva de trabalhar coletivamente” (ALVES et al., 2010, p. 20), e essa convivência coletiva é um processo educador que tem a dádiva de aproximar o velho e o novo, o antigo e o contemporâneo, sem que isso anule as peculiaridades de cada um e sim somando e tornando tanto o grupo mais forte, como também cada indivíduo mais atuante.

Não há neste caso, um aprofundamento do estímulo à participação dos sujeitos das oficinas, ou seja, é preciso atentar o olhar e ouvir o porque da não continuidade em participar da coordenação, adequar horários e dias das reuniões, propor que o próprio grupo comunitário escolha algumas pessoas que tenham a possibilidade e o desejo de participar da construção das oficinas de Juçara, para que o façam. No entanto, é preciso levar em conta, que talvez esta não seja uma proposta que tenha sido pensada em algum momento com maior rigor, seja qual for o motivo, não se atentar a isso, o envolvimento no processo acaba por engolir esse tipo de disponibilidade e mudança de comportamento, tanto pra quem oferece, quanto pra quem recebe.

Para Brandão (1999, p. 44),

“Qualquer que seja a denominação utilizada para caracterizar estas práticas sociais, elas podem ser entendidas como uma atividade onde se procura modificar a realidade circundante e o comportamento dos grupos, derivando daí alinhamentos teóricos para o conjunto da sociedade”. (...) “Se se observar o tipo de experiências desenvolvidas e sua base organizativa, é cabível pensar que em alguns casos elas aparecem onde existe espaço político para tanto, e se reconstituíram a partir da experiência de participação dos movimentos sociais, perfilando-se como uma atividade que persegue a criação de novos espaços onde possam se desenvolver coletivamente modelos alternativos de trabalho social, político, econômico e cultural” (BRANDÃO, 1999, p. 44).

Há muitos espaços para o desenvolvimento e aperfeiçoamento das idéias e propostas do Projeto Juçara, o que se precisa é observar, é abrir-se para esta possibilidade de crescimento, no sentido de que o grupo se multiplique e tenha total autonomia, ter este tipo de apoio e estímulo pode trazer o sentido de empoderamento e conseqüentemente de emancipação. O Projeto Juçara traz em si o potencial de ser um movimento social, político, econômico e cultural. É extremamente relevante caminhar junto, se encontrar, a formação de grupos de

atualizações e fomentos, para que ele se fortaleça e não se acabe, porque ele é somente uma porta para tantas outras novas alternativas e oportunidades.

Seguem algumas falas dos participantes da pesquisa:

Sujeito – 6 - “Então a intenção da gente para o futuro, sem enfraquecer o grupo, é pegar um subgrupo, o pessoal da gente ali e montar uma central, pra poder facilitar, pra que mais proprietário possa participar do projeto”.

Sujeito - 6 - “Projeto juçara precisa de um estágio mais avançado, na hora que tiver colhendo o fruto mesmo e levando pra despolar. Eles sabem do que tá acontecendo, mas querem ir num estágio mais avançado”.

Sujeito - 4 - “A questão social tem muito pra avançar, quando você não dá condições sociais pra comunidade, você automaticamente está criando um problema ambiental, na região ali é muito descaso, naquela região do Manuel Ferreira, já na região de Taiapuêba onde o pessoal se organizou, você tem uma presença do poder público maior, você vê que ela está presente, tem posto policial, tem várias coisas que ainda precisa avançar lá. (...). Eu acho que a associação tem que se envolver mais com essa questão, é uma auto crítica minha”.

Quando se pensa em envolvimento, podemos discorrer sobre vários conceitos, temas ou adjetivos que seja, pois através das falas (algumas descritas acima) mostra a qualidade do envolvimento de cada um e para, além disso, que se conectar a um grupo, à coletividade, os torna mais fortes com a união, com a troca, com o diálogo.

É importante observar a força e virtude que existe no grupo, pois as relações construídas e mantidas neste núcleo, dependem dessa qualidade para ter continuidade. Tudo isso motiva, empodera e fomenta o trabalho desenvolvido, no caso, as oficinas de juçara e o que delas derivar.

Sujeito-4 - “Gera uma confiança, posso produzir porque alguém vai despolar e alguém está procurando colocar isso no mercado, então eu não estou sozinho nessa, no grupo a coisa acontece”.

A união entre ações e atitudes como o envolvimento, a persistência e a disseminação, são maneiras de entrega e confiança na atividade realizada, o que leva a uma ação mais espontânea, o indivíduo “deixa de se perceber como dinâmica

distinta da atividade que está realizando” (MASSARELLA; WINTERSTEIN, 2009, p. 61).

Desta forma, as participações demonstradas acontecem como um fluxo que desencadeia no indivíduo maior envolvimento, o que transforma as atividades em uma experiência positiva.

Para Massarella e Winterstein (2009), quando há uma motivação inerente ao indivíduo, esses não estão pensando em recompensas, falar em ser recompensado é simplesmente uma consequência do envolvimento, esforço e/ou comprometimento com a causa, como tem sido.

Os escritos de Maturana e Varela (2001, p. 31), falam sobre a circularidade, a conexão entre a ação e a experiência do indivíduo, essa ligação entre o jeito de ser tão particular a cada um de nós e como o mundo nos parece ser. Dizem “todo ato de conhecer faz surgir um mundo” e “todo fazer é um conhecer e todo conhecer é um fazer” (MATURANA; VARELA, 1995, p. 32).

O modo de conhecer é o segredo para entendê-lo, quando cada um dos participantes da pesquisa desvela o seu mundo, segundo Maturana e Varela (2001, p. 33), essa é a dimensão pulsante do conhecimento e de estar ligado às nossas raízes, portanto, no fazer as nossas ações se manifestam em nós e através da nossa vida social. “O fenômeno do conhecer é um todo integrado e está fundamentado da mesma forma em todos os seus âmbitos”.

Olhar para questões econômicas, sociais e ambientais é algo que requer dos indivíduos reflexão sobre estas questões inseridas no seu dia a dia, com isso faz-se constatações e conseqüentemente visualiza-se possibilidades. Isso tudo vem imbuído da capacidade de criticar construtivamente e de conhecer seus próprios potenciais.

Assim, requer um indivíduo que esteja atento às mudanças que acontecem em nossa sociedade e que tenha a capacidade de constantemente rever e melhorar suas idéias e ações.

Segundo Carvalho (2005, p. 11),

“A idéia de mudanças abarca não apenas uma nova sociedade, mas também um novo sujeito que se vê como parte desta mudança societária e a compreende como uma revolução de corpo e alma, ou seja, uma reconstrução do mundo incluindo o mundo interno e os estilos de vida pessoal”.

Este é um processo do conhecimento e de autoconhecimento que precisa ser construído e desenvolvido sempre, geram mudanças e novas formas de olhar e ver o mundo, como pode se notar no grupo do Projeto Juçara, pelas falas que seguem:

Sujeito-6 - “Mudou bastante, porque veio reafirmar aquilo que a gente pensava, fortaleceu e ao mesmo tempo a vê que não está sozinho, tem muita gente pensando assim. Se tem outras pessoas que pensam assim, outras mais também tão pensando assim e tão sozinhas por aí, por isso que é preciso fazer um site, divulgar isso daí, porque tem condições de trazer mais gente ainda”.

Sujeito-6 - “Aprendi também com as reuniões, também com a prática e as conversas. Porque logo em seguida a gente começou a participar das reuniões e cada vez a gente aprende mais, tem ajudado bastante”.

Pela construção coletiva seja em pequenos projetos ou algo de maior amplitude, é um dos caminhos que leva a elaboração e estruturação de políticas públicas.

Segundo Höfling (2001), especialmente quando se foca em políticas sociais, entendidas como saúde, educação, economia, saneamento, entre outros, é a partir desses fatores, que se pode analisar o sucesso ou fracasso de um projeto, por exemplo.

No coletivo define-se prioridades de políticas públicas, pois o padrão de comportamento de um indivíduo que pertence a um grupo específico decorre da posição de cada um dentro daquele sistema social. “Essas características comuns produzem e são influenciadas por perspectivas culturais, ideológicas e políticas que mobilizam cotidianamente os sujeitos para que estes se compreendam como parte de um coletivo” (FERREIRA, 2004, p. 62). Somente essas bases de ações comuns, podem transformar os indivíduos em atores para uma mobilização política coletiva.

Através do Projeto Juçara e suas oficinas, aos poucos tem se buscado novas possibilidades de melhorias para a região, através da construção indireta de políticas públicas, diz-se indireta, pois é um processo que tem caminhado junto ao grupo, buscando pessoas, instituições entre outros, para participarem das oficinas, para contarem suas experiências.

Um exemplo disto foi um pedido do grupo para que numa próxima oficina, fosse convidada a Polícia Ambiental, assim foi feito. O grupo queria entender porque as chamadas telefônicas não são atendidas, demoram muito até chegarem ao local

(falando do roubo do palmito juçara). Isso foi explicado, houve entendimento, porém não houve aceitação da situação e eles continuam na busca de melhorias para isso, o resultado possível para aquele momento, foi uma forma de parceria com o PdN para que esse faça as chamadas para os policiais, pois eles conseguem mais rapidez no atendimento. A discussão continuou ocorrendo no grupo.

A questão da auto organização, das parcerias e da cooperação têm origens diversas e na história recente pode-se mencionar os movimentos sociais dos anos 70, que tinham como objetivo fortalecer o processo de luta pela democratização do país.

“Além de organizarem demandas e pressionarem o Estado, muitos desses novos atores buscaram desenvolver alternativas autônomas de intervenção social ancoradas nas idéias de ajuda mútua e de iniciativa própria no atendimento de carências sociais. Sua ação envolveu desde a proliferação de manifestações de massa até formatos mais organizados centrados em problemas locais, passando por coletividades aglutinadas ao redor de temas como gênero, raça, paz ou meio ambiente, além de movimentos de cunho religioso. Envolvem, também, o voluntariado, as redes de solidariedade parental ou de vizinhança e as instituições comunitárias” (SILVA; JACCOUD, 2011, p. 18).

No caso em foco, a parceria tem papel relevante, pois vem fortalecer vínculos dentro e fora do grupo, fortalece o Projeto Juçara, que por sua vez, vem sendo trabalhado neste sistema de buscar unir-se a parceiros, disseminando e consolidando suas bases para as várias comunidades e grupos envolvidos nesse processo.

Com suas limitações, como em qualquer outro projeto ou trabalho, o que foi possível perceber, é que os participantes estão buscando e refletindo sobre a importância das parcerias.

Da mesma forma o compartilhamento, definido por Tonet e Paz (2006), como um comportamento do indivíduo de compartilhar o que sabe com as pessoas com quem trabalha ou convive e que o outro também compartilhe o conhecimento que possui.

Uma característica deste grupo, é o respeito e entendimento do limite do outro, quando um vizinho de sítio, por exemplo, se interessa pelo Projeto Juçara, mas não quer participar das reuniões, seja qual for o seu motivo, eles continuam levando informações a esses indivíduos/ vizinhos.

Sujeito-2 - “aqui os vizinhos mais próximos não tem envolvimento, mas tem a participação ajudando na preservação”;

Sujeito-11 - “eles mesmos (produtores) trouxeram pessoas pras oficinas ou com o cadastro eles pediam pra levar a ficha pro vizinho. Mas alguns nem foram, porque não queria participar de reunião. Tem várias maneiras de participar, tem uns que só abre pra coleta na propriedade, têm uns que querem participar da organização, alguém pra trabalhar na despolpa, mas é isso, vários papéis”.

O compartilhamento no grupo é apreendido por toda a entrevista e mais ainda nos contatos individuais com eles, nos bate-papos de intervalos, nos diálogos durante as oficinas de Juçara, ou seja, através da participação e da imersão do grupo, no processo coletivo.

De acordo com Maturana e Varela (2001), a visão de mundo, crenças, conhecimentos de cada pessoa e/ou grupo, são recebidos pelos estímulos do ambiente em que se inserem. É possível notar, que através destes encontros sobre o Projeto Juçara, essas pessoas puderam se conhecer melhor, se aproximar mais umas das outras e da própria empresa Suzano, entre outras instituições, isso tudo tem trazido mudanças no interior desse grupo. A busca por soluções de problemas, como no exemplo já citado sobre roubo do palmito nos sítios e o diálogo sobre isto, em oficina com policiais da ambiental, possibilita ao grupo saber de seus limites. Isso ainda não é o suficiente, no entanto, é o que nos parece possibilitar a mudança dessa realidade.

Para Bastos e Santos (2007, p. 37), “a principal contribuição é a busca pioneira pela compreensão do compartilhamento do significado da mudança no interior das redes sociais informais”.

Portanto, as parcerias e compartilhamentos de conhecimento, de empoderamento, tem sido um ponto forte do grupo a ser enfatizado. Vem imbuída de valores que pressupõe que o indivíduo se relaciona com o mundo físico e social, como um indivíduo participante, onde se envolve de forma atuante e não como um mero observador.

Tamayo (2007), fala em uma escala de valores ao longo da sucessão de importância, onde há uma relação desses valores com o tempo, sendo um elemento fundamental de desenvolvimento para esse indivíduo e onde se encontra o desejo, a cumplicidade, entre outros, tais como, proteção, amor, vida, beleza e retribuição.

Os valores provêm da vivência desse grupo com a terra, com o local, o território, vivências essas muito intensas, de histórias de vida, de viver do sustento

da terra, da vontade de permanecer no local, de *‘voltar à terra após a morte’* (Sujeito-6), demonstrando uma relação profunda com o meio em que vivem. “Nós paramos para atender a exigências biológicas; cada pausa estabelece uma localização como sendo significativa, transformando-a em lugar” (TUAN, 1976, p. 4).

Segundo este mesmo autor, lugares variam muito de tamanho, “uma poltrona perto da lareira é um lugar, mas também é um estado-nação” (TUAN, 1976, p.4). Falando dos lugares pequenos que podem ser conhecidos como uma experiência direta, como os sentidos de cheirar e tocar. Uma região grande como o estado-nação, fica distante da experiência direta para muitas pessoas, no entanto, pode ser convertida em lugar que Tuan (1976, p. 5), chama de:

“uma localização de lealdade apaixonada, através do meio simbólico da arte, da educação e da política. Como um mero espaço se torna um lugar intensamente humano (...) para tanto, apela a interesses distintamente humanísticos, como a natureza da experiência, a qualidade da ligação emocional aos objetos físicos, as funções dos conceitos e símbolos na criação da identidade do lugar”.

Portanto, os indivíduos podem permanecer num território dando sua importância a cada um deles, além do “que não podem correntemente perceber” (TUAN, 1976, p. 6), ou seja, algo que está ligado ao emocional, às experiências mais sublimes e simbólicas conseqüentemente subjetivas, parte do que constrói a identidade com o local que se vive.

Refletindo sobre a pesquisa e as entrevistas, há uma ponderação que visa à questão da valoração econômica da polpa e da situação da terra. Tendo um olhar sobre o fortalecimento das relações, da importância da mata em pé, do reconhecimento do outro estar caminhando junto e em especial fortalecendo a identidade individual, coletiva e local.

Segundo Abramovay (1998, p. 4),

“a noção de capital social permite ver que os indivíduos não agem independentemente, que seus objetivos não são estabelecidos de maneira isolada e seus objetivos nem sempre estritamente egoístas. Neste sentido, as estruturas sociais devem ser vistas como recursos, como um ativo de capital de que os indivíduos podem dispor”.

Nesta linha de pensamento, a questão da união do grupo almejando crescer, cooperar, compor parcerias, se multiplicar e compartilhar o olhar crítico para a situação em que se encontram, pode fazer a diferença. Com todo o processo de

vivência e aprendizagem que pode ser utilizado para o desenvolvimento local, nas questões econômicas, culturais, ambientais e sociais.

Todas estas questões descritas acima, conduzem à reflexão sobre a importância da identidade que essa comunidade tem na proximidade de manejo da terra. O que facilita para eles a visualização da atividade de “plantar”. As atividades relacionadas com a parte industrial do processo (processamento de alimentos), pode parecer mais distante, fora do ambiente que ele se reconhece.

Segundo Ferreira (2002, p. 30),

“A ruralidade é um conjunto de representações que fazem valer tais papéis, neles integrando identidades *rurais* em transformação. (...) A posição da reconstrução e ressignificação: o rural é um espaço de vida e trabalho, uma rede de relações sociais, uma paisagem ecológica e cultural e representações específicas de pertencimento, de desejo ou projetos de vida (FERREIRA, 2002, p. 30).

Esta é uma questão extremamente importante para a reflexão que vem sendo feita tanto nas comunidades, quanto na própria Rede Juçara. Tem sido um assunto em foco, tem levado a muitas discussões e teorias. O importante aqui é entender que a vivência em cada comunidade, em cada grupo é que trará uma resposta mais condizendo com o local, sua vocação e mais ainda com a sua identidade.

No entanto, com o intuito de que esteja nas mãos das comunidades, todo o processo cabível para a palmeira juçara, há um gargalo a ser amplamente considerado, pensado e dialogado entre fomentadores e comunidades. Que é pensar sobre toda a cadeia produtiva, que possibilita uma retroalimentação da produção de juçara. É necessário que se pense quem são os atores envolvidos em cada etapa desta cadeia (produtores, processadores, distribuidores, comerciantes, consumidores) baseado em suas vocações para que se construa um processo sólido, pensando em um mercado justo¹⁸.

¹⁸ “As redes solidárias e o comércio justo são peças de um mesmo quebra-cabeças, que traz em sua montagem a construção de uma nova visão sistêmica da vida, baseada nos princípios holísticos, e representam a preocupação de grupos e pessoas com o desenvolvimento das comunidades locais, práticas de conservação e equilíbrio dos ecossistemas” (OLIVEIRA; MELO, 2003, p. 57).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

“A afirmação do humano não é um objeto de análises objetivas, exatas, infalíveis, mas sim um projeto que envolve o risco supremo da própria situação humana da reflexão” (BUBER, 2009, p. 6).

Durante todo o processo de pesquisa, as observações, a participação nas oficinas e as entrevistas foram significativas e propiciaram as percepções e impressões sobre como cada integrante do grupo pensa e sente em relação ao Projeto Juçara e é desta forma que o trabalho de campo foi se desvelando e orientando a própria pesquisa.

Quando desenvolve-se uma EA que seja adequada às peculiaridades de cada pessoa, seu grupo e condições sociais, culturais e ambientais, é necessário que o processo educador estimule, potencialize, empodere os envolvidos, “promovendo a ampliação de sua conectividade com instituições educadoras ambientais diversas e o fortalecimento deste processo, possibilitando a sua continuidade” (ALVES et al., 2010, p. 9).

“De outro lado, as reivindicações de democracia direta e a criatividade daqueles que compreendem “participação” como exercícios emancipatório cotidianos, aonde indivíduos e grupos vão, através da gestão dos seus espaços e da partilha de seus sonhos, desenhando processos de desenvolvimento e compromisso de cada um, de cada grupo e de cada comunidade, com o todo, com a vida, com o planeta, seus sistemas naturais e os humanos e não humanos que aqui habitam. Cultivando uma solidariedade sincrônica e diacrônica que permita não só a sobrevivência, mas que tenha um permanente sentido emancipatório, para todos e para cada um” (SORRENTINO, 2002, p. 81).

Refletindo sobre o fortalecimento da identidade local e da possibilidade de viver da terra, observando o histórico que os participantes da pesquisa têm na e com a região, muitos herdaram a terra que vivem, de onde tiram o sustento. Alguns plantam e comercializam suas produções, tais como, hortaliças e frutas nativas, outros cultivam somente o necessário para o consumo da família. No entanto, todos têm e conservam uma relação forte com a comunidade e seus costumes, também com a busca coletiva pela melhoria da qualidade de vida local.

A polpa da juçara traz uma nova possibilidade de retorno financeiro e uma forma de fortalecimento local, de se manter na terra, no seu território. Fortalecimento no sentido de abrir novas possibilidades de trabalho, de trazer a família para perto,

de mostrar aos que vêm procurar a região para turismo, o que a sua terra produz e o que a união comunitária pode fazer e trazer como melhorias locais.

Em todo esse processo, ligado à cultura local, às frutas nativas, aos costumes e ao cotidiano, os participantes da pesquisa demonstram amor e esperança na possibilidade de superação das dificuldades, atrelado à busca de realização dos seus sonhos.

Sujeito-2 - “O meu sonho é ver o Projeto Juçara dar certo, virar uma ação concreta, trazer retorno pra subsistência local, da mata atlântica e do meio ambiente”.

Ocorrem conflitos causados pelo roubo do palmito, que mata a planta e o agricultor é multado, como eles estão em uma área que fica distante da polícia ambiental, quase nunca conseguem encontrar os palmiteiros. Este conflito causa, por vezes, desânimo e sempre indignação nos agricultores, pois é uma questão que ainda não conseguiram resolver, mesmo com a ajuda do PdNs.

Sujeito-6 - “A partir do momento que tem a despoldadeira funcionando, nós vamos procurar os palmiteiros, porque a gente sabe quem são eles, porque por uma necessidade econômica, eles vão lá extrair da mata (...) a partir do momento que a gente mostrar pra eles que vai ser muito mais vantajoso, muito mais econômico pra ele vender a polpa, do que cortar o palmitero, ele vai acabar vindo”.

Este fato demonstra a união do grupo, pois continuam na busca de soluções, no entanto, é fundamental continuar buscando formas de fomentar a responsabilidade do grupo e ampliar a participação deles em outros grupos e em outros pontos que os levem à reflexão e à luta social no campo das políticas públicas.

“Responsabilidade exige, entre outras coisas, autonomia para a participação no debate de políticas públicas como, por exemplo, a qualidade da educação, o empoderamento de pequenos agricultores ampliando a oferta local e a diversidade de produtos de qualidade, a mudança na matriz energética e de transporte, a relação das comunidades locais com o lixo produzido e compromissos pelos bens comuns” (SORRENTINO et al., 2005, p. 288).

A inviabilidade da agricultura tradicional, atividade de peso econômico para as famílias, acaba forçando os trabalhadores a procurarem outras fontes de renda. É importante lembrar que no capitalismo, o sistema é mais amplo e as mudanças propiciadas pelo processo educador, quando muito podem influenciar as políticas

públicas no jogo de forças que levam a divisões diversas da intenção do processo pesquisado.

“ (...) nas interpretações acerca do papel e da posição dos agricultores diante das transformações estruturais da agricultura sob o regime capitalista. De um lado, há os que abordam as mudanças sociais, econômicas e espaciais da agricultura e do mundo rural a partir da internacionalização do sistema agroalimentar (agri-food-system), apontando a homogeneização dos mercados de trabalho rural e urbano e o aumento da hegemonia do capital financeiro em escala global como suas características principais. Em contrapartida, uma segunda vertente focaliza o processo de reestruturação da agricultura a partir do estudo da agricultura familiar e das estratégias que as famílias rurais adotam (...)” (SCHINEIDER, 2003, p. 108).

A extração da polpa dos frutos, mantém vivas as palmeiras, potencializa o manejo sustentável, proporcionando uma nova opção de renda com a comercialização, além das suas sementes e mudas. Tornando possíveis novas estratégias de desenvolvimento da agricultura familiar. E mesmo sob o regime capitalista, reforça a função de transformação que a agricultura familiar e os coletivos podem trazer nas estruturas econômicas instaladas.

Sujeito-4 - “Um monte de gente quer ver esse negócio dar certo, querem ver a despoldadeira, querem ver o processo se tornar ali, local, se tornar auto suficiente”.

Sujeito-10 - “O pessoal que foi saindo, saíram com a mentalidade de que é bom plantar juçara, é bonito, faz bem pra natureza, se eu tirar a semente eu tenho a polpa, mesmo que ele não queira continuar na reunião ele tem uma outra visão”.

Sujeito-9 - “Uma forma de ganhar dinheiro também, mas não é o principal, mas a auto suficiência é o foco”.

Ao olhar todo o material descrito e trabalhado na pesquisa, se torna impreterível refletir sobre o valor do grupo, da coletividade e a importância de contemplar o indivíduo, bem como, vivenciar o grupo nas oficinas e entrevistá-los individualmente, indo às suas casas, aos seus sítios.

Segundo Castells (1999), as pessoas tendem a se unir em organizações comunitárias e com o tempo motivam um sentimento de pertencimento e há casos que geram uma identidade cultural.

Castells diz,

“para que isso aconteça, faz-se necessário um processo de mobilização social, isto é, as pessoas precisam participar de movimentos urbanos (não exatamente revolucionários), pelos quais são revelados e defendidos interesses em comum, e a vida é, de algum modo, compartilhada, e um novo significado pode ser produzido” (CASTELLS, 1999, p. 79).

O processo trazido por Castells vem acontecendo neste grupo, conforme manifestado em algumas falas ajudam no entendimento de como as coisas estão caminhando neste sentido, dizem eles:

Sujeito-6: “Na nossa região ali, nós temos até a possibilidade de fazer um subgrupo, tem a gente que já participa e vários outros sitiantes que querem participar, agora vamos fazer essa experiência lá no parque com a despoldadera lá, se a coisa der certo, talvez até pensa em fazer lá também, porque nos temos nessa faixa o Sujeito-2, tem o Sujeito-3. Por exemplo, montar uma central ali no Sujeito-2, fica bom pra gente, porque pega o Sujeito-3 e todo o pessoal ali perto dele, pega todo o pessoal do bairro. Então a intenção da gente pro futuro, sem enfraquecer o grupo lá, é pega um subgrupo, o pessoal da gente ali e montar uma central, pra poder facilitar, pra que mais proprietário possa participar do projeto. Muita gente fala, o projeto já tá funcionando e tal, como que faz pra levar o fruto, eu queria participar desse estágio”. Sujeito-4 - “Ai numa dessa o seu fulano se envolveu, o próprio Sujeito-6 que já começou a plantar as palmeiras, eu que me envolvi com isso e tem mais um participante do grupo, o Sujeito-5, um monte de gente que quer ver o negócio dar certo, querem ver a despoldadera, querem ver o processo se tornar ali, local, se tornar auto suficiente”.

O desejo de indivíduos pode formar grupos, que por sua vez vão se tornando mais fortalecidos e com isso sendo fomentados e multiplicados, “as pessoas se socializam e interagem em seu ambiente local, seja ele a vila, a cidade, o subúrbio, formando redes sociais entre seus vizinhos” (CASTELLS, 1999, p. 79).

Para Maturana (2002, p. 23), “a emoção que funda o social como a emoção que constitui o domínio de ações no qual o outro é aceito como um legítimo outro na convivência é o amor”. São várias falas que trazem o amor que sentem pela terra, pelo juçara, pela natureza, dentre outros amores.

*Sujeito-6 - “Como eu falei, porque sempre o **amor** que eu tinha pelas coisas naturais, nativas da região, principalmente aquelas que estão em extinção; Sujeito-2 - “é um sentimento de **amor**, de querer bem, de cuidar de algo que não é só meu...”; Sujeito-9 - “é puro **amor**”, ‘essa relação com a natureza’, “(risos) **amor** puro, carinho total, dedicação total a ela” (terra); Sujeito-11 - “É um sentimento de **amor**, de querer bem, de cuidar de algo que não é só meu. É o que eu falo, o que a gente faz volta.”.*

A própria emoção do indivíduo é que constitui o social, o resultante desta fusão é daí que surgem as ações e é também a partir daí com esta convivência que o outro é aceito, o grupo é legitimado, é o que Maturana, (2002) chama de amor.

Desta relação, de amor e do processo educador ambientalista emancipatório, que se estimula e desenvolve o núcleo de um grupo, pois é no cotidiano das pessoas que essas atitudes e sentimentos os levam a refletir e agir em prol da melhoria da qualidade de vida.

A educação ambiental descrita em artigo da Oca – Laboratório de Educação e Política Ambiental da ESALQ/USP de 2010, fala, “a educação ambiental que propomos busca desconstruir o discurso da modernização e recuperar o sentido comunitário, por meio da construção de coletivos educadores ambientais” (ALVES, et al., 2010, p. 11).

“Longe de ser uma tarefa simples, tais idéias nos ajudam a delinear saberes e valores que podem ser mirados como estratégias de construção de um modelo teórico-metodológico que fortaleça as energias emancipatórias, no desenvolvimento de processos pedagógicos de Educação Ambiental (EA) (ALVES et.al., 2010, p. 13).

O que se pode perceber pelos resultados dessa pesquisa é a busca do sentido comunitário, através de seus sonhos, da busca compartilhada no grupo por todo o processo de despolpa e manutenção da palmeira juçara em pé, atrelado à qualidade de vida e da conexão que fazem com suas histórias de vida.

Sujeito-3 - “Tem ajudado, incentivou a preservação do juçara”.

Sujeito-2 - “Eu acho que o projeto e as conseqüências dele, pra comunidade do local eu acho que são benéficas nesse ponto de conscientizar que tem outro aproveitamento da palmeira que não esse. Que mantendo ela em pé pra posterior aproveitamento dos frutos, rende mais, porque todo ano você tem”, “tem meios de trabalhar de formas diferentes, tem alternativas pra se adaptar no local”.

É importante ter em mente:

“a questão das características desta aprendizagem que desejamos suscitar. Pode ser a de que o outro aprenda tudo (ou quase tudo) o que vou ensinar-lhe, ou pode ser a de que ele incremente a sua capacidade de aprendizagem partindo de sua peculiar trajetória de vida e seguimento na(s) direção(ões) que os seus aprendizados vão lhe proporcionando optar” (MATAREZI, 2005, p. 164).

Para fomentar e empoderar o que as pessoas do grupo já trazem em si, é necessário um trabalho mais aprofundado, que reforce os valores de uma educação

ambiental de amor, de compartilhamento, de aprendizagem, do sentido comunitário, de identidade local e cultural, entre outros.

Sujeito-10 - “Economicamente – eu costumo dizer que nos somos privilegiados, você não tem miserável, economicamente o pessoal é simples, modesto, mas não miserável. Aquele que chega a uma situação quase extrema, ele é amparado ou por uma associação, ou outra associação, ou a igreja pela católica ou pela evangélica ou pelo centro de umbanda”.

No entanto, para que tudo isto esteja conectado com o processo de conservação e utilização dos frutos da palmeira juçara, é importante falar sobre essa educação ambiental com o grupo, ligar-se a outros grupos que estejam pensando neste mesmo sentido, isso pode e tem o poder de fortalecer ainda mais o trabalho com a juçara e o próprio grupo na busca de soluções e de políticas públicas para uma vida melhor no campo.

Pela educação ambiental vivenciada no grupo, percebe-se a construção de novos conhecimentos, onde a emancipação se destaca. Este grupo em questão, como citado acima, vislumbra a possibilidade de um subgrupo, em um dos bairros envolvidos. Outro ponto importante é que dizem não querer prejudicar o grupo existente, mas se tudo correr bem com a unidade de despolpa, eles acreditam que podem se emancipar, que podem multiplicar tanto o grupo, quanto as idéias do grupo.

“É neste ponto que a solidariedade é vista como forma de saber, obtida no processo sempre inacabado de irmos nos tornando capazes de construir e reconhecer intersubjetividades, reinventando territorialidades e temporalidades específicas que possam nos permitir conceber nosso próximo numa teia intersubjetiva de reciprocidades, substituindo o objeto para-o-sujeito, pela reciprocidade entre sujeitos” (ALVES et.al., 2010, p. 13).

O importante aqui é criar oportunidades de diálogos, é estimular sonhos e desejos, para que um grupo defina suas ações, linhas de pensamentos e busque seu próprio caminho. Embora sempre conectado a outras dinâmicas, outras visões e conceitos, estimulando assim, ampliar a compreensão sobre a educação ambiental ou processo educador ambientalista.

Estar conectado a outras dinâmicas, grupos, quer dizer, estar ligado à associações de bairro, coletivos ligados à várias tipos de questões, como ambientais, desenvolvimento local, administração participativa das prefeituras, ou

seja, o que o próprio grupo tiver à sua disposição para fomentar o processo educador, ambiental, econômico, social, enfim.

“(...) as narrativas geradas pelas vivências dos grupos são excelentes materiais e formas não apenas de avaliação, mas também para aprofundamento e sistematização do próprio grupo. Se forem grupos com forte identidade comunitária associada ao bairro/escola ou mesmo parque/unidade de conservação, pode-se valer ainda das histórias de vida (pessoal, coletiva e do lugar onde se vive) que afloram facilmente nos diálogos em grupo. Criatividade e Aprender Fazendo em coletivo (observação-registro-reflexão-ação) são indicadores importantes para a configuração dos espaços e/ou estruturas educadoras. (MATAREZI, 2005, p. 167 e 168).

No entanto, há uma necessidade de ir além do que já se conseguiu até agora, como no caso das oficinas de juçara, o importante é estar se conectando a outros grupos que venham contribuir para a ampliação da questão educadora e ambiental, já que o mote aqui é a conservação de uma espécie da nossa flora em vias de extinção. Sabendo que a educação sozinha não transforma o mundo, mas sem ela tampouco, os processos de vivências em projetos e atividades, como exemplo esta trabalhada aqui, precisam ocorrer com sustentabilidade e profundidade. Ampliando nossos olhares para questões que possam nos transformar, trazendo novos olhares e assim, nos tornando “multiplicadores”, “editores”, “sujeitos ecológicos”, dessas idéias e ideais.

Diante dos resultados que mostram as características de uma liderança controladora, apresento alguns aspectos que podem tornar o processo mais sustentável e aprofundado nas vivências do grupo do Projeto Juçara. Por exemplo:

Redesenhar as oficinas para a continuidade de todo o processo integrando o conteúdo do Projeto Juçara à educação ambiental, proporcionadora da participação crítica e da emancipação individual e coletiva, buscando olhar para a identidade das pessoas, do grupo, do local, da região.

Outro aspecto importante a serem destacado são:

Estimular e fomentar a apropriação das oficinas pelos participantes, para que a cada dia esta esteja sendo pensada e construída pelos participantes junto ao Parque e aos parceiros.

Estimular, fomentar a autonomia, a efetivação e multiplicação de outras oficinas, vindas do ideário dos próprios participantes, se estendendo a outros bairros

e distritos da região, também deve ser um princípio a animar a organização das atividades.

Refletir sobre as propostas e idéias dos participantes com atividades e informações que fomentem os subgrupos em suas próprias oficinas, estimulando e evidenciando o que podem desenvolver nessas sub-oficinas para o crescimento destas, a multiplicação de informações de qualidade, para serem trabalhadas e refletidas nas mesmas.

Essas são algumas possibilidades para o Projeto Juçara ser mais participativo, mais estimulante, fomentando a participação nele ou em outros Projetos e tornando-os mais aprofundados, efetivos e conseqüentemente mais educadores e ambientalistas, para cada envolvido e/ou interessado nesse tipo de vivência. Busca-se ampliar os olhares e as possibilidades de tornar-se um processo voltado à formação dos participantes e à inserção dessa temática nas políticas e programas locais, bem como, almeja-se atingir um público maior inserindo essas reflexões sobre identidade e educação ambiental nas políticas públicas, em todas as esferas e instâncias destinadas à sua formulação e implantação.

Cacuriás

(domínio público, adaptação de Consuelo de Paula)

Lera chorou, lera chorou
eu te disse lera
vão te tomar seu amor...

boa noite minha gente
foi agora que eu cheguei
fui chegando e fui cantando
se é do seu gosto eu não sei

lera chorou, lera chorou
eu te disse lera
vão te tomar seu amor

avoou, avoou
avoou deixa avoar...
no galho da embaúba
gavião totoriá...

se eu soubesse que tu vinhas
como de certo vieste
mandava varrer caminho
com galinhos de acipreste

avoou...

se eu soubesse que tu vinhas
eu tinha me preparado
com a minha casa varrida
e meu cabelo penteado

lera chorou, lera chorou
eu te disse lera
vão te tomar seu amor

eu vou dar a despedida
como deu a jaçanã
não cantamos tudo hoje
deixa o resto pra amanhã

ela é rosa menina
da folha da juçareira
da folha da juçareira
da folha do juçara.

Figura 14 – Que tanto a juçara quanto outras espécies continuem frutificando, nos alimentando, ao animais e a si mesma (...)

Figura 15 – Que continuemos a construir pontes entre projetos, entre pessoas, entre territórios, entre o homem e a natureza (...)

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, R. **O capital social dos territórios**: repensando o desenvolvimento rural. 1998. Disponível em:

<http://www.sep.org.br/artigo/4_congresso_old/ivcongresso66.pdf>. Acesso em: 22 dez. 2011.

ALVES, D.M.G.; ANDRADE, D.F. de; BARBOSA, C.R.; BIASOLI, S.A.; BIDINOTO, V.M.; BRIANEZI, T.; CARRARA, M.; COATI, A.P.; COSTA-PINTO, A.B.; FERREIRA, L.E.C.; LUCA, A.Q. de; MACHADO, J.T.; NAVARRO, S.M.; PORTUGAL, S.; RAIMO, A.A.; SACCONI, L.V.; SIM, E.F.C.; SORRENTINO, M. Em busca da sustentabilidade educadora ambientalista. **Ambientalmente sustentável**. Coruña: CEIDA, 2010. v. 1, p. 7-35.

ANDRADE, D.F.; LUCA, A.Q.; SORRENTINO, S.O Dialogo em processos de políticas publicas de educação ambiental no Brasil. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 33, n. 119, p. 613-630, abr./jun. 2012. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em: 15 dez. 2012.

BALÉE, W. The culture of Amazonian forests. In: POSEY, D.A.; BALÉE, W. **Resource management in Amazonia**: indigenous and folk strategies. New York: New York Botanical Garden, 1989. p. 1-21.

BASTOS, A.V.B.; SANTOS, M.V. Redes sociais informais e compartilhamento de significados sobre mudança organizacional. **Revista de Administração Empresarial**, v. 47, n. 3, p. 27-39, 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rae/v47n3/v47n3a03.pdf>>. Acesso em: 22 dez. 2011.

BAUMAN, Z. **B341c comunidade**: a busca por segurança no mundo atual. Trad. de P. Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. 138 p.

_____. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Trad. de C.S. Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005. 110 p.

BECKER, B.K. Amazônia, fronteira experimental para o século XXI. In: BECKER, P. (Org.). **Bioética no Brasil**. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1999. p. 165-200.

BERGER, P.L.; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade**. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 2002. 248 p.

BOFF, L. **Saber cuidar**: ética do Humano. Rio de Janeiro: Vozes, 1999. 199 p.

BONDÍA, J.L. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. 2001. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/rbe19/03-bondia.pdf>>. Acesso em: 18 out. 2007.

BORBA, F.B. (Org.). **Dicionário UNESP do português contemporâneo**. São Paulo: UNESP, 2004. Disponível em: http://books.google.com.br/books?id=RFRcN3hCsHoC&pg=PA199&lpg=PA199&dq=:+1+Express%C3%A3o+racial+distintiva+do+brasileiro+e+do+Brasil.+2+Amor+ao+Brasil.&source=bl&ots=ODkaVhpdst&sig=oBF29WsSzrLDpbB8LILMWY8P8yU&hl=pt-BR&ei=kM7bTvGAOsStgQeWtIXrDA&sa=X&oi=book_result&ct=result&resnum=1&ved=0CB4Q6AEwAA#v=onepage&q=%3A%20Express%C3%A3o%20racial%20distintiva%20do%20brasileiro%20e%20do%20Brasil.%202%20Amor%20ao%20Brasil.&f=false. Acesso em: 28 out. 2011.

BRANDÃO, C.R. **Memória do sagrado**: estudos de religião e ritual. 1985. Disponível: http://sitiodarosadosventos.com.br/livro/images/stories/anexos/memoria_sagrado.pdf. Acesso em: 12 jan. 2013.

_____. **O que é educação?** São Paulo: Brasiliense, 1993. p. 116.

_____. (Org.). **Repensando a pesquisa participante**. São Paulo: Brasiliense, 1999. 252 p.

BRITO, M.C.W. **Unidades de conservação**: intenções e resultados. 2. ed. São Paulo: Annablume; FAPESP, 2003. 230 p.

BUBER, M. **1878 – 1965: eu e tu**. Trad. de N.A. Von Zuben. São Paulo: Centauro, 2001. 137 p.

CAPRA, F. **O tempo das redes**. São Paulo: Perspectiva, 2008. 259 p.

CARMO, L.F. **Processamento e sistema de qualidade da cadeia de produção da polpa de juçara**. São Paulo: Projeto FAPESP n- 06-594739-8, 2007. 104 p.

CARVALHO, I.C. **Educação ambiental**: a formação do sujeito ecológico. São Paulo: Cortez, 2004. 256 p.

CARVALHO, I.C.M. A invenção do sujeito ecológico: identidades e subjetividade na formação dos educadores ambientais. In: SATO, M.; CARVALHO, I.C.M. (Org.). **Educação ambiental**: pesquisa e desafios. Porto Alegre: Artmed, 2005. p. 16.

CARVALHO, U.C.M. Educação, meio ambiente e ação política. In: _____. ACSELRAD, H. (Org.). **Meio ambiente e democracia**. Rio de Janeiro: IBASE, 1992. p. 32-42.

CASTELLS, M. O poder da identidade. In: _____. **A era da informação**: economia, sociedade e cultura. 2. ed. Trad. de K.B. Gerhardt. São Paulo: Paz e Terra, 1999. p. 359.

_____. **O poder da identidade**. Trad. de K.B. Gerhardt. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000. 530 p. (A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura, 2).

CIAMPA, A.C. **A estória do severino e a história da severina**: um ensaio de psicologia social. São Paulo: Brasiliense, 1987. 242 p.

COATI, A.P. **Envolvimento de jovens em processos grupais de educação ambiental**: um estudo de caso. 2006. 133 p. Dissertação (Mestrado em Ecologia de Agroecossistemas) – Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”, Universidade de São Paulo, Piracicaba, 2006.

CONSÓRCIO MATA ATLÂNTICA. **Reserva da biosfera da Mata Atlântica e sua aplicação no Estado de São Paulo**. São Paulo: Imprensa Oficial, 1992. 262 p.

CONTE, R. **Estrutura genética de populações de *Euterpe edulis* Mart. Submetidas à ação antrópica utilizando marcadores alozímicos e microssatélites**. 2004. 135 p. Tese (Doutorado em Genética e Melhoramento de Plantas) – Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”, Universidade de São Paulo, Piracicaba, 2004.

COSTA-PINTO, A.B.; SORRENTINO, M.; FERREIRA, M.L.R. **Potência de agir e educação ambiental**: aproximações a partir de uma análise da experiência do coletivo educador ambiental de Campinas (COEDUCA) SP/Brasil. São Paulo: Lisboa, 2012. 164 p.

COUTINHO, M.C.; KRAWULSKI, E.; SOARES, D.H.P. Identidade e trabalho na contemporaneidade: repensando articulações possíveis. **Revista de Psicologia & Sociedade**, Belo Horizonte, n.19, ed. esp. 1, p. 29-37, 2007.

CROALL, S.; RANKIN, W. ECOLOGIA. **Coleção conheça**. Trad. de E. Marie. São Paulo: Proposta Editorial, 1981. 177 p.

CUNHA, E.P.; SENGER, C.M.; SENGER, I. O estudo de caso como estratégia metodológica de pesquisas científicas em administração: um roteiro para o estudo metodológico. **Revista de Administração**, São Paulo, v. 2, n. 3, p. 93-116, ago. 2004

DENZIN, N.K. **The research act**: a theoretical introduction to sociological methods. 2nd ed. New York: McGraw-Hill, 1978. 306 p.

FANTINI, A.C.; RIBEIRO, R.J.; GURIES, R.P. Produção de palmito (*Euterpe edulis* Martius - Arecaceae) na floresta ombrofila densa: potencial, problemas e possíveis soluções. **Sellowia, Itajaí : Anais Botânicos do H.B.R.** n. 49/52, p. 256-280, 2000.

FARINA, E. **Estudos de caso em agribusiness**. São Paulo: Pioneira, 1997. 179 p.

FAVRETO, R.; BAPTISTA, L.R.M. Desenvolvimento vegetativo inicial de *Euterpe edulis* Martius (Arecaceae) sob bananal e sob floresta, Maquiné/RS, Brasil. In: CONGRESSOBRASILEIRO DE BOTÂNICA, 2006 Gramado. **Anais...** Gramado: Sociedade Botânica do Brasil. 2006. p. 57.

FEENY, D.; BERKES, F.; MACCAY, B.J.; ACHERSON, J.M. A Tragédia dos comuns: vinte anos depois. In: DIEGUES, A.C.; MOREIRA, A.C. (Org.). **Espaços e recursos naturais**. São Paulo: USP, NUPAUB, 1990. p. 17–42.

FENTRESS, J. Preservação e modernidade. In: FENTRESS, J.; MIRANDA, D.S. **Memória e cultura: a importância da memória na formação cultural humana**. São Paulo: Edições SESC SP, 2007. p. 304.

FERREIRA, A.D.D. Processos e sentidos sociais do rural na contemporaneidade: indagações sobre algumas especificidades brasileiras. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS RURAIS E URBANOS - **Estudos sociedade e agricultura**. São Paulo: USP, CERU, 2002. p. 28-46.

FERREIRA, L.C. **A questão ambiental: sustentabilidade e política pública no Brasil**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003. 154 p.

_____. Dimensões humanas da biodiversidade: mudanças sociais e conflitos em torno de áreas protegidas no Vale do Ribeira, SP, Brasil. **Ambiente & Sociedade**, v. 7, n. 1, jan./jun. 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/asoc/v7n1/23536.pdf>>. Acesso em: 22 dez. 2011.

FERRETTI, C.J.; ZIBAS, D.M.L.; TARTUCE, G.L.B.P. Protagonismo juvenil na literatura especializada e na reforma do ensino médio. **Caderno de Pesquisa**, São Paulo, v. 34, n. 122, p. 411-423, maio/ago. 2004.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996. 165 p. (Coleção Leitura).

FROELICH, J.M. REDES: o 'local' na atribuição de sentido ao desenvolvimento. Santa Cruz do Sul. **Revista Paranaense de Desenvolvimento**, Curitiba, n. 94. 1999.

GIANNETTI, E. **Felicidade: diálogos sobre o bem-estar na civilização**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. 232 p.

GUARESCHI, N.M.F.; REIS, C.D.; HUNING, S.M.; BERTUZZI, L.D. Intervenção na condição de vulnerabilidade social: um estudo sobre a produção de sentimentos com adolescentes do programa do trabalho educativo. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, p. 17-27, 2007.

GUIDDENS, A. **Modernidade e identidade**. Trad. de P. Dentizien. Rio de Janeiro: Zahar, 2002. 233 p.

GUIMARÃES, M. **Educação ambiental crítica: identidades da educação ambiental brasileira**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2004. 155 p.

HAGUETTE, T.M.F. **Metodologias qualitativas na sociologia**. Petrópolis: Vozes, 2001. 163 p.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Trad. de T.T. da Silva e G.L. Lour. Rio de Janeiro: Editora DP&A, 2006. 102 p.

HARNIK, S. **Em plebiscito, distrito escolhe candidato único a vereador.**

Disponível em:

<<http://www.estadao.com.br/eleicoes2004/noticias/2004/jun/20/99.htm/>>. Acesso em: 01 ago.2004.

HENDERSON, A. The genus *Euterpe edulis* in Brazil. **Sellowia**, Itajaí, v. 49/52, p. 1-22, 2000.

HÖFLING, E.M. Estado e políticas (públicas) sociais. **Cadernos Cedes**, v. 21, n. 55, nov. 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v21n55/5539.pdf>>. Acesso em: 21 dez. 2011.

HUBERMAN, A.M.; MILER, M.B. Data management and analysis methods. In: HUBERMAN, A.M.; MILER, M.B.; DENZIN, N.K.; LINCOLN, Y.S. (Ed.). **Handbook of qualitative research**. Thousand Oaks: SAGE, 1994. p. 428-444.

INSTITUTO BRASILEIRO DO MEIO AMBIENTE E DOS RECURSOS NATURAIS RENOVÁVEIS. Marco conceitual das unidades de conservação federais do Brasil. Brasília: IBAMA, Diretoria de Ecossistemas; Imprensa Oficial, 1997. 228 p.
Paranaense de Desenvolvimento, Brasília, n. 94, p. 87-96, maio/dez. 1998.

JODELET, D. La representación social: fenómenos, concepto y teoría. In: MOSCOVICI, S. **Psicología social II**. Barcelona: Ed. Paidós, 1993. p. 469-494.

JUNG, C.G. **O homem e seus símbolos**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1964. 361 p.

LANE, S.T.M. Psicologia social. 9. ed. In: LANE, S.T.M.; CODO, W. (Org.). **O homem em movimento**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1984. p. 220.

LEI Nº 11.326, de 24 de julho de 2006. Disponível em: <http://www.rebrae.com.br/banco_arquivos/arquivos/legislacao_paa/11.326.pdf>. Acesso em: 06 dez. 2012.

LESTINGE, S.; SORRENTINO, M. As contribuições a partir do olhar atento: estudos do meio e a educação para a vida. **Ciência & Educação**, Bauru, v. 14, n. 3, p. 601-619, 2008.

LOUREIRO, C.F.B. **Trajetória e fundamentos da educação ambiental**. São Paulo: Cortez, 2004. 150 p.

LÜDKE, M.E.; ANDRÉ, M.E.D.A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 1986. 203 p.

MAC FADDEN, J. **A produção de Açaí a partir do processamento dos frutos de palmiteiro (*Euterpe edulis* Martius) na Mata Atlântica**. 2005. 91 p. Dissertação (Mestrado em Agroecossistemas) – Centro de Ciências Agrárias, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.

MACHADO, M.H. P.T. A construção narrativa da memória e a construção das narrativas históricas: panorama e perspectivas. In: MACHADO, M.H.P.T.; MIRANDA, D.S. **Memória e cultura**: a importância da memória na formação cultural humana. São Paulo: Edições SESC SP, 2007. p. 304.

MANTOVANI, A.; MORELLATO, L.P.C. Fenologia da floração, frutificação, mudança foliar e aspectos da biologia floral do palmitreiro. **Sellowia**, Itajaí, v. 49-52, p. 23-38, 2000.

MARANGON, M.; AGUDELO, L.P. P. **Comunidades rurais da APA de Guaraqueçaba**: entre diálogos e conflitos. Disponível em: <http://www.anppas.org.br/encontro_anual/encontro2/GT/GT04/libia_patricia.pdf>. Acesso em: 21 jan. 2013.

MASSARELLA, F.; WINTERSTEIN, P.A. Motivação intrínseca e o estado mental flow em corredores de rua. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v. 15, n. 2, p. 45-68, abr./jun. 2009.

MATAREZI, J. Estruturas e espaços educadores: quando espaços e estruturas se tornam educadores. In: FERRARO JÚNIOR, L.A. (Org.). **Encontros e caminhos**: formação de educadoras (es) ambientais e coletivos educadores. Brasília: MMA, 2005. p. 359.

MATURANA, H. **Emoções e linguagem na educação e na política**. Trad. de J.F.C. Fortes. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002. 98 p.

MATURANA, H.R.; VARELA, F.G. **A árvore do conhecimento**. Trad. de H. Mariotti e L. Diskin. São Paulo: Palas Athena, 2001. 264 p.

MCCORMICK, J. **Rumo ao paraíso**: a história do movimento ambientalista. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1992. 224 p.

McGREW, A. A global society? In: HALL, S.; HELD, D.; MCGREW, T. (Org.). **Modernity and its futures**. Cambridge: Polity Press; Open University Press, 1992. p. 61-116.

MINAYO, M.C.S. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 1994. 64 p.

_____. (Org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1996. 89 p.

MOREIRA, E. Conhecimento tradicional e sua proteção. **T&C Amazônia**, ano 5, n. 11, p. 33-41, jun. 2007. Disponível em: <https://portal.fucapi.br/tec/imagens/revistas/005_rev011_conhecimento_tradicional_e_a_protecao.pdf>. Acesso em: 21 set. 2011.

MOSCOVICI, S. **Representações sociais**: investigações em psicologia social. Petrópolis: Vozes, 2003. 404 p.

NOGUEIRA, M.C. **Educação ambiental e extração clandestina de palmito juçara (*Euterpe edulis*): o caso do Parque Estadual “Carlos Botelho” – São Paulo.** 2003. 87 p. Dissertação (Mestrado em Recursos Florestais) – Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”, Universidade de São Paulo, Piracicaba, 2003.

OLIVEIRA, M.K.S.; MELO, R. Redes solidárias e mercado justo: alternativa para a planetariedade sustentável. **T&C Amazônia**, Manaus, v. 1, n. 3, p. 57-60, dez. 2003.

PARQUE das Neblinas. Disponível em: <<http://www.ecofuturo.org.br/parque-neblinas>>. Acesso em: 21 nov. 2012.

PERONI, N. Métodos quantitativos em etnobiologia: introdução ao uso de métodos multivariados. In: AMOROSO, N.C.M.; MING, L.C. **Métodos de coleta e análise de dados em etnobiologia, etnoecologia e atividades correlatas.** Rio Claro: UNESP; CNPQ, 2002. p. 91.

PETRINI, C. **Almanaque do movimento internacional slow food.** Brasília: Editora Brasília, 2008. 254 p.

POSEY, D.A. Interpretado e utilizando a “realidade” dos conceitos indígenas: o que é preciso aprender dos nativos? In: DIEGUES, A.C.; MOREIRA, A.C.C. **Espaços e recursos naturais de uso comum.** São Paulo: USP, NUPAUB, 2001. p. 294.

RAMANUSH, N. **Nheengatu-Tupi**, vocabulário e gramática Tupi Guarani: quinhentos anos de Pindorama. São Paulo: Ed. STS, 2000. 109 p.

REIS, A. **Dispersão de sementes de *Euterpe edulis* Martius. (Palmae) em uma Floresta Ombrófila Densa Montana da Encosta Atlântica em Blumenau, SC.** 1995. 154 p. Tese (Doutorado em Biologia Vegetal) – Instituto de Biologia, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1995.

REIS, A.; KAGEYAMA, P.Y. Dispersão de sementes de *Euterpe edulis* Martius Palmae. In: REIS, M.S. dos; REIS, A. (Ed.). ***Euterpe edulis* Martius – (Palmiteiro):** biologia, conservação e manejo. Itajaí: Herbário Barbosa Rodrigues, 2000. p. 60-92.

REIS, A.; KAGEYAMA, P.Y.; REIS, M.S.; FANTINI, A. Demografia de *Euterpe edulis* Mart. (Arecaceae) em uma floresta ombrófila densa montana, em Blumenau (SC). **Sellowia**, Itajaí, v. 45/48, n. 1, p. 5-37, 1996.

REIS, M.S. dos. **Diagnóstico do palmiteiro no Vale do Ribeira (SP).** São Paulo: CNRBMA, 2001. 74 p. (Relatório final do projeto “Sustentabilidade e Certificação Florestal na Mata Atlântica”).

SADER, E. **Quando novos personagens entraram em cena:** experiências, fatos e lutas dos trabalhadores na grande São Paulo em 1970-80. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988. 329 p.

SAID, E. Narrative and geography. **New Lef Review**, London, n. 180, p. 81-100, Mar./Apr. 1990.

SANTOS, B.S. **A crítica da razão indolente:** contra o desperdício da experiência - Para um novo sendo comum: a ciência o direito e a política na transição paradigmática. 3. ed. São Paulo : Cortez, 2001. 598 p.

SANTOS, C.C. **Formação de educadores ambientais e potência de ação:** um estudo de caso. 2002. 164 p. Dissertação (Mestrado em Recursos Florestais) – Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”, Universidade de São Paulo, Piracicaba, 2002.

SANTOS, C.C.; COSTA-PINTO, A.B. **“Potência de ação.” encontros e caminhos:** formação de educadores ambientais e coletivos educadores. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2005. 298 p.

SÃO PAULO. **Decreto Nº 9.866, de 28 de novembro de 1997.** São Paulo: Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo, 1997.

SATO, M. **Educação ambiental.** São Carlos: RiMa, 2002. 66 p.

SCHNEIDER, S. **A pluriatividade na agricultura familiar.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003. 205 p.

SILVA, F.B.; JACCOUD, L.; BEGHIN, N. **Políticas sociais no Brasil:** participação social, conselhos e parcerias. Disponível em: <http://desafios.ipea.gov.br/sites/000/2/livros/questaosocial/Cap_8.pdf>. Acesso em: 16 dez. 2011.

SILVA, G.M. **Degradação da antocianina e qualidade sensorial de polpa de juçara (*Euterpe edulis*) embalada e submetida à pasteurização.** 2012. 98 p. Dissertação (Mestrado em Ciências e Tecnologia de Alimentos) – Escola Superior “Luiz de Queiroz”, Universidade de São Paulo, Piracicaba, 2012.

SILVA FILHO, J.L.V. **Análise econômica da produção e transformação em ARPP, dos frutos de *Euterpe edulis* Mart. em açaí, no município de Garuva, Estado de Santa Catarina.** 2005. 66 p. Dissertação (Mestrado em Agroecossistemas) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.

SORRENTINO, M. Educação ambiental, participação e organização de cidadãos. **Espaço Aberto**, Brasília, v. 10, n. 49, p. 47-56, jan./mar. 1991.

_____. Educação ambiental na América Latina. In: SAUVÉ, L.; ORELLANA, I.; SATO, M. **Textos escolhidos em educação ambiental de uma América a Outra.** Montreal: Les Publications Ere-Uqam. 2002. cap. 1, p. 79-84.

_____. Educação ambiental como política pública. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 2, p. 285-299, maio/ago. 2005.

TAMAYO, A. Hierarquia de valores transculturais e brasileiros. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 23, n. esp., p. 7-15, 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ptp/v23nspe/02.pdf>>. Acesso em: 22 dez. 2011.

TATTO, N.; FANELLI, L. **Semeando sustentabilidade: a juçara e as comunidades quilombolas no Vale do Ribeira**. São Paulo: Instituto Socioambiental, 2010. 63 p.

TOLEDO, R.F. **Educação ambiental em unidades de conservação do estado de São Paulo**. 2002. p. 326. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública) - Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

TONET, H.C.; PAZ, M.G.T. Um modelo para o compartilhamento de conhecimento no trabalho. **RAC**, Curitiba, v. 10, n. 2, p. 75-94, abr./jun. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1415-65552006000200005&script=sci_arttext&tlng=pt>. Acesso em 21 dez. 2011.

TROIAN, L.C. **Contribuições ao manejo sustentável dos frutos de *Euterpe edulis* Mart: estrutura populacional, consumo de frutos, variáveis de habitat e conhecimento ecológico local no sul do Brasil**. 2009. 77 p. Dissertação (Mestrado em Ecologia) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

TRUZZI, O. Comunidades de memória. In: TRUZZI, O; MIRANDA, D.S. **Memória e cultura: a importância da memória na formação cultural humana**. São Paulo: Edições SESC SP, 2007. p. 304.

TUAN, Y. Humanistic geography. **Annals of the Association of American Geographers**, Washington, v. 66, n. 2, p. 266-276, June 1976.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: WOODWARD, K.; SILVA, T.T. da (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais** Petrópolis: Vozes, 2000. p. 7-72.

YIN, R.K. **Estudo de caso: planejamento e método**. 2. ed. São Paulo: Bookman, 2001. 56 p.

ZIMMERMANN, E.B. **O arquétipo da criança e a formação do indivíduo**. Disponível em: <<http://www.ipacamp.org.br/site/artigos/55-o-arquetipo-da-crianca>>. Acesso em: 13 out. 2012.

ANEXOS

MARCO TEÓRICO

ISSN: 1887-2417
D.L.: C-3317-2006

Em busca da sustentabilidade educadora ambientalista

In search for environmental education sustainability

Denise M. G. Alves, Daniel F. Andrade, Cibele R. Barbosa, Semiramis A. Biasoli, Vanessa M. Bidinoto, Thaís Brianezi, Miriely Carrara, Ana P. Coati, Alessandra B. Costa-Pinto, Leo E. C. Ferreira, Andrea Q. Luca, Júlia T. Machado, Sandra M. Navarro, Simone Portugal, Andrea A. Raimo, Laura V. Sacconi, Edna F. C. Sim e Marcos Sorrentino. Laboratório de Educação e Política Ambiental (Oca)-Universidade de São Paulo (Brasil)

Resumo

Os conceitos de identidade, comunidade, diálogo, potência de ação e felicidade são os cinco pilares que, na compreensão do Laboratório de Educação e Política Ambiental (Oca) da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiróz da Universidade de São Paulo (ESALQ/USP), promovem a sustentabilidade dos processos educadores. Os conceitos aqui tratados foram revisados à luz de abordagens transdisciplinares e tecidos junto ao grupo de pesquisadores da Oca ao longo de um ano de estudos coletivos. O conceito de comunidade é trazido a partir do diálogo com textos de Boaventura de Sousa Santos, Manuel Castells, Zygmunt Bauman, Carlos Rodrigues Brandão e Enrique Leff, dentre outros. A busca do sentido comunitário, a partir de redes de coletivos educadores ambientalistas comprometidos com a construção de sociedades sustentáveis, é expressão de uma democracia radicalmente inclusiva, com pactos de governança e governabilidade que garantam o fortalecimento das identidades coletivas e individuais. Diante de identidades ameaçadas pela globalização e tantas poli-identidades e individualismos forjados na modernidade, a Educação Ambiental busca na dialética indivíduo-planeta e no diálogo Eu-Tu proposto por Martin Buber, aprofundar percepções mútuas, que permitam o fluxo de significados e o recolhimento de nossos pressupostos de raiz, como nos lembra David Bohm. O exercício de desvelamento descrito por Eda Tassara insere o sujeito no contexto social como agente educador, politicamente empoderado para transformações sociais emancipatórias, conforme proposto por Paulo Freire. A potência de ação do sujeito, consequência desse processo, vem da sua participação no coletivo a partir dos chamados "bons encontros", sob o olhar de Espinosa, resultando na tão buscada felicidade. Esta por sua vez é considerada resultado da expressão de três componentes: o prazer, proveniente do engajamento, mas com significado. Significado compreendido aqui na confluência de saberes e troca cultural Ocidente/Oriente, em cujo cultivo de valores/virtudes encontra-se o silêncio que liberta, unifica e transforma, como nas palavras de Krishnamurti. Por fim, com versos de Fernando Pessoa, termina-se este ciclo conceitual tal qual se iniciou, onde amar é o não-pensar e ao sentimo-nos na totalidade é que poderemos, um dia, saber a Felicidade.

Abstract

The concepts of identity, community, dialogue, power of acting and happiness are the five pillars which, in the understanding of the Laboratory of Education and Environmental Policy (OCA) of the Superior School of Agriculture "Luiz de Queiróz" of the University of São Paulo (ESALQ/USP), promote the sustainability of educational processes. Such concepts have

been reviewed here in the light of transdisciplinary approaches and interwoven by the group of OCA researchers throughout one year of collective studies. The concept of community has been brought about in dialogues with Boaventura de Souza Santos, Manuel Castells, Zygmunt Bauman, Carlos Rodrigues Brandão and Enrique Leff's texts, among others. The search for the communitarian sense, from Collective Educators' networks committed to the construction of sustainable societies, is the expression of a radically inclusive democracy, with governance and governability pacts which guarantee the strengthening of collective and individual identities. In face of identities threatened by globalization and many multi-identities and individualisms forged by modernity, Environmental Education searches for, in individual-planet dialectics and in I-Thou dialogue put forth by Martin Buber, to inquiry into mutual perceptions, which allow the flow of meaning and the acknowledgement of our basic presuppositions, as approached by David Bohm. The unfolding exercise outlined by Eda Tassara inserts the subject into the social context as an educational agent, empowered politically to emancipatory social transformations, as dealt with by Paulo Freire. The subject's power of acting, consequent to this process, arises from their collective participation in the so called "good encounters", under Espinosa's eyes, resulting in the so pursued happiness. Happiness, in its turn, is considered as an outcome of the expression of three components: pleasure, originated in engagement, but with a meaning. Here such meaning is comprehended in the knowledge confluence and cultural exchange between West/East, in which the cultivation of values/virtues give rise to the liberating, unifying and transforming silence, as in Krishnamurti's words. Finally, with Fernando Pessoa's verses, this conceptual cycle ends where it first started, where love is not-thinking, and whenever we feel in totality is that we will be able to, one day, know happiness.

Palabras chave

Educação Ambiental, Identidade, Comunidade, Diálogo, Potência de Ação, Felicidade.

Key-words

Environmental Education, Identity, Community, Dialogue, Power of Acting, Happiness.

O meu olhar é nítido como um girassol.
Tenho o costume de andar pelas estradas
Olhando para a direita e para a esquerda,
E de vez em quando olhando para trás...
E o que vejo a cada momento
É aquilo que nunca antes eu tinha visto,
E eu sei dar por isso muito bem...
Sei ter o pasmo essencial
Que tem uma criança se, ao nascer,
Reparasse que nascera deveras...
Sinto-me nascido a cada momento
Para a eterna novidade do Mundo...
Creio no mundo como num malmequer,
Porque o vejo. Mas não penso nele
Porque pensar é não compreender...
O Mundo não se fez para pensarmos nele
(Pensar é estar doente dos olhos)

Mas para olharmos para ele e estarmos de
acordo...
Eu não tenho filosofia; tenho sentidos...
Se falo na Natureza não é porque saiba o que
ela é,
Mas porque a amo, e amo-a por isso
Porque quem ama nunca sabe o que ama
Nem sabe por que ama, nem o que é amar...
Amar é a eterna inocência,
E a única inocência não pensar...
O Meu Olhar
Alberto CAIRO,
em "O Guardador de Rebanhos", 8-3-1914

Como garantir a continuidade e a sustentabilidade de processos educadores e ambientalistas? Quais caminhos podem contribuir para o aprimoramento dos processos de educação ambiental e para a sua autogestão política?

O poema em epígrafe pode, paradoxalmente, oferecer pistas para construir-se respostas a essas questões: manter o encantamento com o mundo e a VIDA, surpreender-se a cada momento com as descobertas que nos preenchem da potência de existir e, ao mesmo tempo, cultivar a racionalidade que auxilia a organizar, resistir, expandir ações voltadas ao Bem Comum, comprometidas com uma cultura de procedimentos democráticos capazes de garantir a governabilidade e a governança do Planeta Terra, a partir de nossas comunidades e micro territórios locais de atuação cidadã.

Pensar e realizar uma Educação Ambiental adequada às particularidades de cada pessoa e de cada grupo e seus contextos socioambientais, exige que o processo educador potencialize os atores nele envolvidos, promovendo a ampliação de sua conectividade com instituições educadoras ambientais diversas e o fortalecimento desse processo, possibilitando a sua continuidade.

Essa conexão deve permitir o diálogo entre teoria e prática, comunicação e educação, o pensar, planejar, informar, agir, avaliar e

estudar. Ela se realiza presencialmente e à distância, promovendo o contato entre uma diversidade de atores, de locais e de tempos diversos, aproximando pessoas e grupos, no desafio de se educar ambientalmente, relacionando subjetividade e política pública, desde a ação microlocal a uma mais abrangente. Assim, requer a construção e/ou fortalecimento de espaços de mediação, produção e articulação de conhecimentos e saberes, pautados pelo diálogo e sintonizados com a transformação humana e social. Espaços que propiciem momentos de reflexão consigo próprio e com o outro, fundamentados na descoberta da plenitude da essência humana.

Este texto, construído durante um ano de diálogos entre os autores, apresenta cinco conceitos - comunidade, identidade, diálogo, potência de ação e felicidade, que podem ser úteis à atuação em Redes de EA, sendo um convite à ação, ao apoderar-se individualmente e coletivamente deste desafio de construir um mundo melhor.

COMUNIDADE.

Diferentes abordagens

O conceito de comunidade nasceu na Sociologia e a chave para sua compreensão vem da oposição ao conceito de sociedade. Ferdinand TÖNNIES (2002) afirmou que na segunda metade do século XIX, a

comunidade era o lugar das relações naturais, não-rationais, baseadas em sentimentos, como a amizade ou a vizinhança. Já a sociedade era fruto de associações deliberadas para fins racionais, baseadas em interesses, como os contratos econômicos ou os partidos políticos. Émile DURKHEIM (2008) distinguiu a solidariedade mecânica da solidariedade orgânica¹. Enquanto a primeira estaria para a comunidade, por ser caracterizada pelo compartilhamento de tradições e atividades que caracterizam o pequeno (a vila), a segunda estaria para a sociedade, por constituir-se de uma diversidade de habilidades, idéias e funções complementares.

Nas duas perspectivas, há a predominância de um tom romântico, saudosista: a comunidade é idealizada como espaço de consenso e de cooperação plenos, ameaçados de extinção. Há ainda outra vertente, que também aborda o conceito de comunidade em contraste ao de sociedade, mas a partir de um ângulo oposto: o da glorificação do presente. Nessa abordagem, a modernidade é que passa a ser exaltada e a comunidade é vista como algo primitivo e ultrapassado (BRIANEZI, 2007).

É importante que se ressalte que idealização e preconceito são faces da mesma moeda: a caricatura, e que resultam de

classificações externas arbitrariamente impostas aos seres classificados, costumando legitimar discursos de dominação, mas que podem se tornar bandeiras. Por exemplo, as ditas comunidades tradicionais amazônicas são vistas por muitos preservacionistas como essencialmente protetoras dos recursos naturais, mais do que sujeitos com cultura dinâmica e cidadãos portadores de direitos (DIEGUES, 1996). Por outro lado, para os ideólogos do progresso, elas são núcleos de atraso e pobreza, a serem extintos ou modernizados (BRIANEZI, Op. Cit.). O que nos interessa são as auto-denominações, como os indivíduos vêm a si e ao próximo e constroem uma identidade coletiva. Os moradores da floresta adotaram a denominação "comunidade" como bandeira, e não por acaso a política pública criada em 2007 pelo governo federal, com intensa participação deles, intitulou-se Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais, deslocando o termo populações, mais apolítico, proveniente do campo da demografia (ALMEIDA, 2007).

Para nós, a comunidade não é entendida como sinônimo de localidade geográfica, mas sim, como coloca GUSFIELD (1995), um conceito existencial organizador da relação das pessoas ao grupo, do sentimento de identidade comum e do apelo à solidariedade. Em outras palavras, como critério de ação governado pelo pertencimento comum e não como a arena física

1 Nesses conceitos cunhados por Durkheim no século XIX, mecânico e orgânico têm o sentido oposto ao senso comum contemporâneo

onde a ação ocorre.

Zygmunt BAUMAN em seu livro, *"Comunidade: a busca por segurança no mundo atual"* (2003), aborda a tensão entre liberdade e segurança, dois valores urgentes e necessários que nunca foram ajustados por nenhuma forma de união humana. Num mundo privatizado e individualizado, onde tudo se desloca numa velocidade sem precedentes, as comunidades são avidamente desejadas como uma necessidade de segurança. Assim, para o autor, a Revolução Industrial e a criação do Estado-Nação geraram um novo ambiente de trabalho, que não estava mais vinculado aos ciclos da natureza. Pessoas foram despidas dos antigos hábitos comunitariamente sustentados, resultando na destruição de seus papéis sociais, de sua individualidade e condensadas na massa trabalhadora. A naturalidade dos trabalhos vivenciados e sua rede de interações, que era dotada de sentido e pertencimento, não foi reproduzida no ambiente frio de trabalho das fábricas, propiciando um regime de comando, obediência e punição, terminando por exterminar as comunidades por meio do desenraizamento de suas teias. Apesar disso, BAUMAN (Op. Cit.) sustenta que o termo continua nos remetendo a algo cálido e confortável, um lugar seguro, uma memória de paraíso perdido que não faz parte da "dura realidade" em que vivemos. Enquanto humanos, sentimos necessidade de enfrentar, coletivamente, medos e ansiedades. Daí o foco na *"comunidade perdida"*.

Para BAUMAN (Op. Cit.), a busca por pertencer a uma comunidade constitui guetos voluntários e guetos verdadeiros. O primeiro caso seria o dos condomínios fechados, que ao invés de fomentar a comunidade, estimulam uma maior individualidade. O segundo caso seria ilustrado pelas favelas, onde o ódio e a humilhação individuais são partilhados com outros sofredores. Em ambos os casos existe a percepção do homogêneo de 'dentro' separado do heterogêneo de 'fora', desfavorecendo a diversidade dentro da comunidade.

Recuperando o sentido comunitário

A educação ambiental que propomos busca desconstruir o discurso da modernização e recuperar o sentido comunitário, por meio da construção de coletivos educadores ambientais. Segundo LEFF (2002), frente ao processo de globalização, regido pela racionalidade econômica e pelas leis de mercado, está emergindo uma política do lugar, das diferenças, do espaço e do tempo, que centralmente traz os direitos pelas identidades culturais de cada povo e legitima regras mais plurais e democráticas de convivência social. É uma política do ser, que valoriza o significado da utopia como direito de cada comunidade para forjar seu próprio futuro.

Manuel CASTELLS (2007) defendeu que estamos vivendo um novo paradigma de organização social: a chamada sociedade informacional, que substituiu a sociedade industrial. Nela, a informação vira matéria-prima e mercadoria primordiais, as novas tecnologias moldam atividades humanas (mas não as determinam) e a produção e organização social segue a lógica de redes (onde não desapareceram as assimetrias, mas predomina a interdependência). Nesta nova cultura, as bases principais seriam o *"espaço de fluxos"* (que substituiu o *"espaço de lugares"*) e o *"tempo intemporal"*, no qual *"passado presente e futuro podem ser programados para interagir na mesma mensagem"* (CASTELLS, Op.Cit. 462).

O autor salientou que o espaço de fluxos e o tempo intemporal não são as únicas formações espaciais e temporais existentes, mas destacou que elas são as atualmente hegemônicas. E é contra esta hegemonia excludente que, de acordo com Enrique LEFF (Op. Cit.), os povos e comunidades estão se insurgindo, reinventando a política do espaço e do tempo.

Milton SANTOS (2004) também criticou o ideário da aldeia global, da suposta supressão do espaço e do tempo. Ele lembrou que poucas pessoas, mesmo nos países ricos, beneficiam-se amplamente dos novos meios de circulação e que as informações que constituem a base das ações são seletivas, não incidem igualmente so-

bre todos os lugares. Para o geógrafo, o espaço ainda constitui, ao mesmo tempo, *"condição, estrutura de controle, limite e convite à ação"* (SANTOS, Op. Cit.: 321).

Mas como seria a realização e a reconstrução de uma idéia de comunidade nesta contemporaneidade? Seria possível recriá-la e desenvolvê-la? Se a segurança que a comunidade pode propiciar é uma qualidade fundamental para nós humanos sermos felizes para que possamos enfrentar coletivamente os desafios da vida, é aqui que, segundo BAUMAN (Op. Cit.:134) *"reside a chance de que a comunidade venha a se realizar (...) tecida em conjunto a partir do compartilhamento e do cuidado mútuo"*.

Neste sentido de construção coletiva, Boaventura de Souza SANTOS (2007) nos traz a perspectiva das comunidades interpretativas, que seriam baseadas num novo senso comum ético para a construção de um novo paradigma: a solidariedade com forma de saber. Tais comunidades seriam a experimentação de sociabilidades alternativas, onde há espaços para campos de argumentação em direção à vontade emancipatória, funcionando como uma construção microrrotópica de acrescentar força no poder argumentativo dos grupos que pretendem realizá-lo. A construção destas 'neo-comunidades' avançaria à medida que a argumentação introduzisse exercícios de solidariedade cada vez maiores.

O princípio da solidariedade é também o princípio da responsabilidade para além das preocupações e consequências imediatas, é uma responsabilidade compartilhada pelo futuro. As comunidades interpretativas abarcariam a solidariedade como marca ética, identificando nos moldes de sociabilidades colonialistas a ignorância. Como marca política, estas comunidades trariam a dimensão da participação num movimento de repolitização da vida coletiva, acreditando no princípio de que quanto mais vasto for o domínio da política, mais teremos liberdade humana. Tais comunidades, baseadas na solidariedade e na participação, poderiam auxiliar na construção de um novo senso comum que ponha fim ao monopólio de interpretação, ou à renúncia dessa, comportamento tão reproduzido durante a modernidade. Também podem se constituir como espaços privilegiados que nos ajudam a superar o desconexão cultura/natureza, sujeito/objeto (SANTOS, Op. Cit.).

Longe de ser uma tarefa simples, tais idéias nos ajudam a delinear saberes e valores que podem ser mirados como estratégias de construção de um modelo teórico-metodológico que fortaleça as energias emancipatórias, no desenvolvimento de processos pedagógicos de Educação Ambiental (EA). Para que a educação ambiental vivenciada em comunidades interpretativas possa criar conhecimento-emancipação e um novo senso comum ético e estético, é necessário que superemos a incapacida-

de de conceber o outro a não ser como objeto, o que é típico do colonialismo tão hegemonicamente imposto durante a modernidade. É neste ponto que a solidariedade é vista como forma de saber, obtida no processo sempre inacabado de irmos nos tornando capazes de construir e reconhecer intersubjetividades, reinventando territorialidades e temporalidades específicas que possam nos permitir conceber nosso próximo numa teia intersubjetiva de reciprocidades, substituindo o objeto-para-o-sujeito, pela reciprocidade entre sujeitos (SANTOS, Op. Cit.).

A expressão '*comunidades interpretativas*' já foi aproximada ao campo da Educação Ambiental pelos autores AVANZI E MALAGODI (2005). Centralmente traz a noção da importância do outro em nosso movimento de produzir significados e sentidos, na reciprocidade entre indivíduos que partilham territórios físicos e simbólicos. O encontro fecundo entre as práticas de educação ambiental e a promoção de comunidades interpretativas trabalha na perspectiva dialógica da linguagem, desenvolvendo o potencial de comunicação e o entendimento do outro. Nos traz um desafio pedagógico, pois deve garantir a igualdade de acesso ao discurso argumentativo, mesmo sendo diferentes as habilidades de argumentação de cada envolvido (AVANZI E MALAGODI, Op.Cit.).

Assim como Bruno LATOUR (2004), propomos a retomada poética do sentido do comum, da procura em comum do mundo, a

partir da superação da dupla ruptura platônica: já não há, de um lado, as coisas como elas são e, de outro, as representações que fazemos delas. Em outras palavras: os fatos legitimados pelas Ciências, inquestionáveis, e os valores construídos pelos homens, imprecisos. A partir da ecologia política, humanos e não-humanos recusam-se a serem tratados como objetos: A crise ecológica, lembramos muitas vezes, apresenta-se antes de tudo como uma revolta generalizada dos meios (LATOUR, Op. Cit.)

A lógica instrumental dá lugar à construção de coletivos, sempre imperfeitos e provisórios, que se constituem pela experimentação. No lugar do tempo linear da ideia de progresso, temos a circularidade; no lugar da objetividade, a ligação.

Dessa forma, a educação ambiental não deve ficar presa apenas aos círculos científicos, mas podemos chegar ao todo, melhorando as relações entre as pessoas e o mundo que as cerca. Em cursos organizados pela Oca, ao não definir-se previamente o que é educação ambiental, colhe-se dos participantes constantes tentativas de elaborarem as suas próprias definições. Numa delas, um agrônomo, extensionista rural atuando no interior da Bahia, disse:

Então essa educação ambiental que vocês fazem é catingueira! Tem as características dos comportamentos dos humanos da Caatinga, que não batem de frente, contestando ou

aceitando de cara as orientações que o agrônomo lhe passa. Ele ouve, muda de assunto e encerra a conversa sem uma conclusão. No encontro seguinte, no meio da conversa volta a tocar no assunto e também não manifesta a sua opinião. Depois de algum tempo e encontros, progressivamente vai sentindo confiança na relação e sentindo segurança para se apropriar de novas propostas, transmutando-as de acordo com a sua realidade.

Outro participante, de um programa de especialização, quase ao final do curso, definiu a educação ambiental que fazíamos como democrático-circular: "Vocês vão nos provocando, dando insumos e estímulos para a gente progressivamente elaborar as nossas próprias definições e propostas de atuação".

A formação de pessoas que saibam e queiram atuar na construção de sociedades sustentáveis, como escrevem SORRENTINO E NASCIMENTO (2010: 2), é a "expressão de uma democracia radicalmente inclusiva, onde a totalidade dos humanos possa estabelecer os seus pactos de governabilidade e governança, tendo acesso a produzir e aos resultados da produção de conhecimentos elaborados por todas as humanidades nos mais distintos espaços/tempos possíveis".

Uma democracia, nas palavras de LATOUR (Op. Cit.: 33), que não seja "refém da lógica da caverna platônica, formada por duas câmaras, a primeira constituída pela tota-

lidade dos humanos falantes, os quais se encontram sem nenhum poder, senão o de ignorar em comum, ou de crer por consenso nas ficções plenas de toda realidade exterior (...) e a segunda sendo a realidade de fora, apenas acessível e acessada por um bem pequeno número de pessoas, únicas capazes de fazer a ligação entre as duas assembléias e de converter a autoridade de uma na da outra”.

Isto exige, em primeiro lugar, o desejo de romper com esta lógica das elites e comprometer-se, em seguida, com a construção de processos capazes de resgatar ou desenvolver a auto-estima e a capacidade de diálogo profundo em e entre cada pessoa e grupo social, no sentido de estabelecerem as suas agendas de prioridades e os seus pactos de governabilidade e de governança para e nos territórios onde constroem os seus projetos de futuro. Assim, a comunidade não pressupõe o fim da individualidade, mas um processo de complementação e de interconexão entre os seres (vivência e convivência) a partir do fortalecimento de suas identidades individuais e coletivas.

IDENTIDADE.

A questão da identidade

O desafio de se firmar uma identidade dentro da diversidade é algo presente nos dias

atuais, principalmente devido às múltiplas influências a que a sociedade contemporânea está exposta. Vivemos em um planeta em que as distâncias encurtaram, as transformações são cada dia mais rápidas e completas e as fronteiras entre os países são cada dia mais tênues. A história que recai sobre cada indivíduo hoje, inevitavelmente, é a história mundial (MILLS, 1965). Com apenas um clique é possível navegar pelo mundo, atualizar-se sobre as fofocas do momento, as últimas tendências da moda ou mesmo acompanhar em tempo real os acontecimentos de uma determinada região. Vivemos afinal na era da globalização, em que *“cada parte do mundo faz, mais e mais, parte do mundo e o mundo, como um todo, está cada vez mais presente em cada uma das partes. Isto se verifica não apenas para as nações ou povos, mas para os indivíduos”*. (MORIN, 2003: 67).

O autor Boaventura de Sousa Santos (2003) aponta para existência de não apenas um, mas alguns tipos de globalização: um dos quais seria o localismo globalizado, que segundo o autor é caracterizado por aspectos de uma cultura específica de determinada nação ou território, difundida através do mundo, como o que observamos com a disseminação do fast food, típico da cultura norte americana, ou ainda, a transformação da língua inglesa em língua universal. Outra forma de globalização seria a globalização localizada, a qual se consiste no impacto específico de questões transnacionais nas condições locais, estas

condições locais seriam então desestruturadas por tais impactos e reestruturadas de modo a responder a estas questões transnacionais.

BAUMAN (2001 e 2005) caracteriza a atual fase da história moderna de Líquida e justifica o uso da metáfora: *"os fluidos, por assim dizer, não fixam o espaço nem prendem o tempo. Enquanto os sólidos têm dimensões espaciais claras, mas neutralizam o impacto e, portanto, diminuem a significação do tempo, os fluidos não se atêm muito a qualquer forma e estão constantemente prontos (e propensos) a mudá-la"* (BAUMAN, 2001: 8).

Para GIDDENS (2002), a questão da auto-identidade é um problema moderno, originado no individualismo ocidental. Segundo esse autor, a modernidade, em especial a modernidade tardia, gera diferenças na maneira como as pessoas pensam, constroem e vivem suas identidades. Assim, a construção da identidade é um processo que não tem fim ou destino, é sempre um projeto incompleto. Para ORTIZ (2006), não existe uma identidade legítima, mas uma pluralidade de identidades, construídas por diferentes grupos sociais em diferentes momentos históricos (ORTIZ, Op. Cit.). Neste sentido, para MORIN (2003: 78), na era planetária que vivemos, cultivamos a polidentidade, que, segundo o autor, é a integração da *"identidade familiar, a identidade nacional, a identidade regional, a identidade étnica, a identidade religiosa ou filosófica, a*

identidade continental e a identidade terrena". Assim, nesse leque de possibilidades, é permitido comparar, escolher e decidir: qual identidade pegar na estante? Mas a identidade escolhida é transitória, deixada de lado logo que passe a satisfação de tê-la consumida, afinal, como observa BAUMAN (2005: 96) as *"identidades são para usar e exibir, não para armazenar e manter"*.

Existem comunidades de vida e de destino, cujos membros, segundo a fórmula de Siegfried KRACAUER, *"vivem juntos numa ligação absoluta", e outras que são "fundidas unicamente por idéias ou por uma variedade de princípios"* (KRACAUER, 1963 apud BAUMAN, 2005:17). BAUMAN localiza a origem dos questionamentos em relação a identidade com o momento em que as comunidades do primeiro tipo são enfraquecidas e, ao mesmo tempo, se fortalecem as do segundo tipo descrito acima. É nesta transição que a identidade perde a sua proteção social que a fazia *"parecer 'natural', predeterminada e inegociável"* (BAUMAN, Op. Cit.: 30). Assim, a identidade passa a ser *"um manto leve e pronto a ser despido a qualquer momento"* (BAUMAN, Op. Cit.: 37).

A fluidez da identidade nos revela um sentimento de desenraizamento, de não pertencimento e que SA (2005) conecta diretamente com a crise socioambiental. Nas palavras da autora: *"a ideologia individualista da cultura industrial capitalista moderna construiu uma representação da*

“pessoa humana como um ser mecânico, desenraizado e desligado de seu contexto, que desconhece as relações que o tornam humano e ignora tudo que não esteja direta e imediatamente vinculado ao seu próprio interesse e bem-estar” (SA, Op. Cit.: 247).

Manuel CASTELLS (1999: 24) propôs a seguinte classificação das identidades, de acordo com o lugar delas nas relações sociais de poder: “*identidade legitimadora*” (a dominante, mais valorizada), “*identidade de resistência*” (estigmatizada) e “*identidade de projeto*” (revolucionária). O autor observou que o estigma, muitas vezes, pode funcionar como fator de mobilização. Assim, não raro, identidades de resistência convertem-se em identidades de projeto.

Podemos afirmar que estamos vivenciando esta transição no Brasil, no caso dos auto denominados povos e comunidades tradicionais. Eles vêm cada vez mais se afastando do estigma preservacionista e, desta forma, contribuindo para politizar a arena ambiental. Em outras palavras: identidades coletivas emergentes estão se objetivando na forma de movimentos sociais, de sujeitos sociais organizados: raizeiros, quebradeiras de coco babaçu, seringueiros, faxinalenses, quilombolas, ribeirinhos, para ficar em apenas alguns exemplos (ALMEIDA, 2008).

Apesar da exposição de um leque de possíveis identidades, o direito a escolha não compete a todos os seres humanos igual-

mente, contrariando a aparente homogeneização que a globalização demonstra ter. BAUMAN (Op. Cit.) inclui os indivíduos que tem o direito a identidade (ou identidades) negada em uma subclasse: “*O significado da ‘identidade da subclasse’ é a ausência de identidade, a abolição ou negação da individualidade, do ‘rostro’ (...). Você é excluído do espaço social em que as identidades são buscadas, escolhidas, construídas, avaliadas, confirmadas ou refutadas*” (BAUMAN, Op. Cit.: 46).

Assim, enquanto parte da humanidade encontra-se no circuito planetário de conforto, de ‘poliidentidades’, a grande parte está restrita nos limites planetário de miséria, de ‘identidade da subclasse’. E, embora a mundialização seja “*evidente, subconsciente e onipresente*” (MORIN, Op. Cit.: 68), ela também o é desigual. É neste contexto que estão os desafios para a educação do futuro e, consequentemente, para educação ambiental.

Educação ambiental e identidade

Nesta perspectiva, o papel do (a) educador (a) ambiental na consolidação de uma identidade individual ou coletiva, é o de fornecer, durante o processo educador ambientalista, elementos para a busca de uma identidade planetária que nos permi-

ta enfrentar os desafios colocados pelas questões ambientais em escala global, sem se sobrepor à identidade micro local, a qual é responsável por sua vez, pelo surgimento de formas criativas de enfrentamento a crise socioambiental com toda a especificidade de cada local e de cada cultura. Nas palavras de MORIN (Op. Cit.: 64):

O planeta exige um pensamento policêntrico capaz de apontar o universalismo, não abstrato, mas consciente da unidade/diversidade da condição humana; um pensamento policêntrico nutrido das culturas do mundo. Educar para este pensamento é a finalidade da educação do futuro, que deve trabalhar na era planetária, para a identidade e a consciência terrenas.

É estabelecido assim um processo dialético entre identidade planetária e em menor instância a identidade individual, tendo um gradiente de identidades intermediárias neste "espectro". Durante o processo educador ambientalista no contexto da formação das identidades, é importante resgataremos os componentes locais da cultura e da identidade. Estes elementos devem ser trabalhados para que o local não seja entendido como o atrasado, o ultrapassado e para que possamos assim, manter nossa conexão com a infinidade de influências culturais, sem necessariamente anular os componentes locais de nossa cultura, conciliando a ansiedade da conectividade com o mundo e ao mesmo tempo mantendo a essência da "prosa caipira". Desta forma,

precisamos buscar a construção de identidades a partir de leituras da totalidade, abandonando ingenuidades e reconhecendo as múltiplas influências que sofremos, de modo a sermos capazes de extrairmos o que de fato consideramos importante do universo de "bombardeio" cultural ao qual estamos expostos: *"A educação ambiental se realizará de forma diferenciada em cada meio para que se adapte às respectivas realidades, trabalhando com seus problemas específicos e soluções próprias em respeito à cultura, aos hábitos, aos aspectos psicológicos, às características biofísicas e socioeconômicas de cada localidade. Entretanto, deve-se buscar compreender e atuar simultaneamente sobre a dinâmica global (...) para que não haja uma alienação e um estreitamento de visão que levem a resultados pouco significativos"* (GUIMARÃES, 1995: 37).

A construção de nossa identidade enfrenta inúmeras dificuldades, entre as quais está a armadilha de nos anularmos no outro. É necessário mergulharmos no outro para compreendê-lo em sua totalidade, mas para avançar rumo ao universo subjetivo do outro sem nos levar à auto anulação é preciso inicialmente nos conhecer, nos reconhecer e nos fortalecer enquanto nós mesmos. BUBER (1974) aponta para a existência de duas formas de existir ou de ser no mundo, que se alternam ao longo da existência humana: as atitudes Eu-Tu e Eu-Isso. Trata-se de duas posturas presen-

tes em todos nós, em nossa relação com o outro, com as coisas e com o mundo. Nas palavras do autor: *"A palavra-princípio EU-TU, só pode ser proferida pelo ser na sua totalidade. A união e a fusão num ser total não pode ser realizada por mim e nem pode ser efetivada sem mim. EU se realiza na relação com o TU; é tornando EU que digo TU"*. (BUEER, Op, Cit.:13).

No que concerne aos desafios da Educação Ambiental na formação desta identidade planetária, salientamos a importância de se trabalhar a necessidade de enfrentamento da crise ambiental. Nesta perspectiva a educação ambiental deve estar disseminada na sociedade, estando disponível e presente no momento em que as diferentes pessoas estejam em seus universos individuais abertas ao diálogo mais profundo, podendo, assim, exercer significativo papel na reavaliação de nossa inserção nesta sociedade, na consolidação desta identidade planetária que não anula nossas especificidades locais e individuais, nesta unidade dentro da diversidade que propicia, sobretudo, a partir das diferenças, reconhecer o que nos une e o que nos faz nós mesmos.

A partir da consolidação de identidades preocupadas com as responsabilidades pessoais perante a busca pela sustentabilidade da vida, estaremos mais próximos de alcançarmos a sustentabilidade dos próprios processos educadores.

DIÁLOGO.

Diálogo e educação ambiental

A educação ambiental realiza-se na relação com o Outro. Como nos relacionamos com os outros humanos e com as outras formas de vida que nosso planeta sustenta? E como nos relacionamos com os rios, mares, florestas? É valorizando as relações e a forma como percebemos o Outro que a educação ambiental traz uma perspectiva de qualidade, de cuidado, de responsabilidade partilhada. E, como diz Paulo FREIRE (1996), ensinar exige disponibilidade para o diálogo. É quando ouço o que o Outro fala e suas idéias, que posso organizar as minhas, saber como me colocar melhor, reconhecer as diferenças. No diálogo não há como se fechar ao mundo. Ao contrário, construímos saberes e nos reconhecemos como seres inacabados, no sentido mais orgânico da palavra: estamos sempre em construção, em processo, em movimento. Nas interações, com e no mundo, encontrando significados e novos significantes.

Rompendo com a "educação bancária" tão bem explicitada por Paulo FREIRE (Op. Cit.), a educação libertária que alimenta a educação ambiental traz como primeiro princípio em seu documento de referência, no Tratado de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global, o seguinte termo: "A educação é

um direito de todos, somos todos aprendizes e educadores”.

Quando estamos conscientes de nosso não-acabamento, percebemos com maior facilidade que há espaços para mudança e para aceitar o diferente. E a perspectiva do conviver com diferentes formas de ver o mundo, na diversidade das identidades, é também a perspectiva de trabalhar coletivamente. A educação ambiental nos oferece esse desafio: agir coletivamente, justamente o oposto do ‘ser individual’, tão enraizado nas práticas diárias de nossa sociedade.

No processo educativo de construção de uma nova identidade planetária, o diálogo tem importância primordial, enquanto meio para se formar uma amálgama entre as diversidades, entre os modos de viver, pensar, sentir e agir, individual e coletivamente. É possível diminuir barreiras espaciais e cognitivas e conciliar contradições inerentes à vida, sem descaracterizar ou anular a essência e as especificidades de cada pessoa ou grupo, promovendo e ampliando a comunicação e a interação entre os diversos.

O diálogo é um exercício profundo de desvelamento (TASSARA e ARDANS, 2005) que não tem limite ou ponto de chegada, pois a vida está sempre em transformação. Desvendar-se e desvelar o Outro, num eterno entrelaçar de significados. Dialogando expomos nossa essência e ganhamos mais

consciência de nós mesmos, nossas fragilidades e fortalezas, virtudes e falhas. Percebendo o que queremos e o que não concordamos, vamos encontrando nosso lugar na sociedade. A partir do diálogo é que se formarão as conexões necessárias à construção não somente de uma identidade, mas de uma consciência e responsabilidade planetárias, que não constituem um produto pronto e acabado. Elas são sempre resultado de um movimento constante de avaliação e reavaliação da nossa postura perante o mundo. Estimular o exercício do diálogo é um desafio e uma necessidade para a educação ambiental que queremos realizar: aquela que fortalece e confere autonomia e confiança aos indivíduos, que promove a coexistência equilibrada entre as realidades e contextos pessoais e coletivos, entre o moderno e as tradições, entre a tecnologia e, por exemplo, o jeito caipira de ser. O diálogo é a via de acesso para a democratização das identidades e saberes diversos.

O diálogo, com estes elementos constitutivos, é a Práxis, que pretende transformar, problematizar e pronunciar o mundo, para além da relação eu-tu, no encontro de mulheres e homens que se comprometem com esta pronúncia de mundo e, assim, ganham significação enquanto humanos: “... o diálogo é uma exigência existencial” (FREIRE, 1999: 79). Educadores ambientais, inspirados na educação dialógica da pedagogia libertária de Paulo FREIRE, buscam o desenbrutecimento que processos pe-

dagógicos opressores podem estimular em seus participantes. Esses espaços de interação são fonte de alimento intelectual, afetivo e racional, de fortalecimento dos indivíduos, permitindo enfrentar de forma mais equilibrada as questões cotidianas comumente marcadas por injustiças socioambientais.

A sustentabilidade de processos educadores ambientais exige uma atitude sensível do educador-aprendiz perante o Outro, reconhecendo na alteridade sua via de ação, pois cada pessoa/grupo/comunidade num certo tempo/momento/situação é único na sua visão de mundo. O “certo, o bom, o melhor” nunca está pronto e passível de ser “entregue ou transmitido” por um educador ambiental que desconstrua de forma radical, a cultura ocidental do desejo de colonizar o outro. Educação ambiental dialógica traz humildade na escuta da pronúncia de mundo do Outro. É autocohecimento, pois traz a ação de re-conhecimento de meus outros “eu”, de minha própria ignorância que procuro não mais alienar. Traz também a fé em nós mesmos, nas mulheres e homens e no poder de fazer e construir. Não uma fé ingênua, mas dialógica e crítica, que sabe que o ser humano é um ser histórico e tem o poder de transformar ao agir coletivamente pela sua libertação (FREIRE, 1999).

Que é diálogo?

A complexidade e interdependência dos problemas institucionais e globais exige a busca de respostas compartilhadas. O simples fato de pessoas conversarem não significa a ocorrência do diálogo rumo à resolução desses problemas, já que as falhas de comunicação e desentendimentos culturais que ocorrem, não permitem a abordagem das questões de forma comum. Isso motiva o desenvolvimento da capacidade de se pensar junto, desenvolver pensamento colaborativo e ação coordenada (ISAVCS, 1993).

Segundo BOHM (2005: 2), a palavra diálogo provém do grego *dialogos*, significando em última instância, “uma corrente (ou fluxo) de significados” (dia: através de; logos: o significado da palavra) entre nós e através de nós, contrariando o senso comum, que atribui à palavra a noção de “dois” (di). Assim, o diálogo pode acontecer com qualquer número de pessoas, inclusive individualmente, dado que as condições para sua ocorrência estejam presentes. O fluir de significados propicia, então, a construção de algo novo, não existente anteriormente, um significado compartilhado coerente, que, de acordo com o autor, é a cultura, que é o que mantém pessoas e sociedades unidas. Quando os significados compartilhados não são coerentes, há então problemas na organização social, porque se perde a capacidade de comunicação com profundidade.

Em geral, diálogo é confundido com debate, consenso, discussão ou negociação. Entretanto, uma análise mais aprofundada dos quatro termos demonstra rapidamente a diferença. ISAACS (Op. Cit.) aborda o “debate” elucidando sua raiz, “bater”, processo em que necessariamente um lado ganha e o outro perde, ambos mantêm seus pressupostos e não há reflexão mais aprofundada sobre eles. Aborda também o consenso, cuja raiz significa “se sentir junto”, que tem como objetivo encontrar uma visão que reflita o que a maioria possa tolerar. Da mesma forma que o debate, não altera os padrões fundamentais que levaram as pessoas a discordarem no primeiro momento, ou seja, também não tem a ambição de explorar os padrões de significado presentes. Já discussão provém da mesma raiz de concussão e percussão, que significa “partir as coisas”, e é um processo em que os diferentes pontos de vista serão analisados em separado com objetivo, também, de ganhar o jogo. Finalmente, na negociação, o que ocorre é um processo de ajuste de todas as partes envolvidas de forma a satisfazer a todos. Apesar de importante, também não toca nos aspectos fundamentais para a ocorrência do diálogo (BOHM, Op. Cit.).

Os processos acima abordados possuem todos um aspecto em comum. Em nenhum deles toca-se no que BOHM (Op. Cit.) chama de pressuposições de raiz: pressuposições profundas formadas ao longo da experiência de vida das pessoas com as

quais constroem senso da vida e da realidade. Essas pressuposições de raiz são, em geral, defendidas com vigor quando desafiadas, pois as pessoas identificam-se a si mesmas com suas pressuposições e qualquer oposição a elas soará como uma ofensa pessoal. A resposta esperada a isso é, então, uma forte reação emocional, que impede a comunicação posterior, pois quando defendemos uma opinião não conseguimos pensar juntos. Por outro lado, quando alguém não escuta nossas pressuposições, então isso nos parece uma violência. E se dois lados opostos possuem certezas intocáveis, como compartilhar?

E esse é um dos obstáculos ao diálogo discutidos por SCHEIN (1993). Em seu texto, o autor coloca que nós somos culturalmente treinados para esconder informações que de alguma forma ameaçariam a “ordem social”, ou seja, preferimos ser educados a sermos sinceros, o que CHRYS ARGYRIS, citado pelo autor, chama de rotina defensiva. Se por um lado isso permite o convívio social e a não externalização de conflitos, por outro impede o diálogo mais aprofundado e a compreensão das pressuposições de raiz que embasam as opiniões. Sacrifica-se a comunicação e o entendimento em nome de uma posição social (ibid).

Outro obstáculo ao diálogo são os papéis que as pessoas assumem para si a partir de suas experiências de vida. Algumas se

colocarão como dominantes, outras nem tanto, e esses papéis emergirão no processo de construção do diálogo (BOHM, Op. Cit.). A fragmentação do pensamento e a defesa das partes é também uma dificuldade reconhecida para o processo (ISAACS, Op. Cit.). Por isso, convicção e persuasão não seriam indicadas para estarem presentes em um diálogo. Ao se tentar vencer por meio de palavras - convencendo com uma "conversa dura" ou persuadindo com uma "conversa suave" - não se constroem pensamentos coerentes. Da mesma forma, não se espera a participação de princípios de hierarquia e autoridade num diálogo, o que traria bloqueios (BOHM, 2005).

Diferentemente dos processos elucidados acima, no diálogo ninguém está querendo ganhar ou, quando alguém ganha, todos ganham (BOHM, 2005). Segundo BUBER (1979), o diálogo está no reconhecimento do ser no outro, escondido em seus papéis sociais, que por sua vez o objetificam e conferem ao ser uma utilidade, uma função. BUBER (Op. Cit) diferencia então a relação Eu-Tu, de encontro entre a essência dos seres, da relação Eu-Isso, fundamentalmente utilitária. A primeira propicia uma relação que pode se dar em três esferas, a vida com a natureza, a vida com os homens e, finalmente, a vida com os seres espirituais. A segunda, por sua vez, propicia uma experiência, no sentido em que coisifica o outro, tornando-o um objeto, e permite sua exploração, manipulação e controle. A primeira ocorre na presença,

no encontro e na relação. Presença, no entanto, que "aguarda e permanece", não que é passageira. Já a segunda é vivida no passado, pois o objeto é estagnado, interrompido, desvinculado, "privado de presença" (BUBER, Op. Cit.:14).

Para BOHM (Op. Cit.), o diálogo está passivo de ocorrer quando as partes forem capazes de reconhecer suas pressuposições e as dos outros e, em um processo, deixá-las em suspenso, ou seja, sem trabalhá-las ou suprimi-las, sem acreditá-las ou desacreditá-las, sem julgá-las boas ou más, mas simplesmente ver o que elas significam. É importante ressaltar que não se trata aqui de ignorar os conflitos, mas sim de não tornar-se refém deles. Assim, dialogar significa encontrar tempo para perceber o que se passa nas nossas mentes e nas dos outros, sem fazer julgamentos ou chegar a conclusões. SCHEIN (Op. Cit.) é ainda mais preciso em sua colocação, deixando claro que na maioria dos casos em que esteve envolvido em processos de diálogo, utilizou a maior parte do tempo tentando compreender o que as suas próprias pressuposições eram, mais do que prestando atenção nas dos outros.

Ao se observar o que todas as opiniões significam, estará se formando um conteúdo compartilhado comum e menor importância se dará às opiniões individuais, pois será possível se verificar que tais opiniões são apenas opiniões derivadas de pressupostos. O processo de revelar pressupo-

sições permite também que as pessoas livres-se delas ou sejam capazes de analisá-las criticamente para ir além. Precisariamos buscar compartilhar um significado comum, para então participarmos juntos do mesmo pensamento. A direção a ser tomada é para algo novo e criativo (Bohm, Op. Cit.).

Por fim, o diálogo busca o aprendizado *"do contexto e da natureza dos processos pelos quais as pessoas formam seus paradigmas"* (Isaacs, Op. Cit.: 38), é a forma coletiva de aliviar julgamentos e avaliar pressuposições (Bohm, Op. Cit.), fazendo com que as pessoas sejam capazes de perceberem-se como participantes de um conjunto de significados compartilhados (Isaacs, Op. Cit.).

Para que o diálogo seja incentivado é necessária, então, a criação de um espaço ou ambiente propício para isso, onde são ouvidas todas as opiniões sem nada ser feito, sem agenda ou objetivos especiais ou necessidade de concordância. O ouvir compartilhado fará com que as pessoas fiquem juntas, pois formará uma sensação de confiança entre elas (Bohm, Op. Cit.). É necessária uma postura colaborativa entre os participantes para que a partir de uma escolha individual em colaborar, se consiga o máximo de uma conversa (Schein, Op. Cit.).

Mesmo sabendo das dificuldades que se pode enfrentar, e destacando a importân-

cia para que não cedamos às frustrações, Bohm (Op. Cit.) diz que se pudessem ser deixados em suspenso todos os impulsos e as pressuposições, e se fosse possível olhar com uma posição observadora para eles, todos os envolvidos no diálogo atingiriam o mesmo estado de consciência, estabelecendo-se a consciência comum. Se o processo possibilitar que as pessoas se tornem conscientes dos mecanismos pelos quais formam suas pressuposições e suas crenças e sejam, de alguma forma, recompensadas por isso, então estará nascente uma força e capacidade para trabalhar e criar coisas em conjunto.

O espaço de diálogo é, portanto, um espaço de investigação com a finalidade de transformar a qualidade da conversa e, principalmente, o pensamento subjacente a ela (Isaacs, Op. Cit.). Ao propiciar as condições em que as influências sutis e tácitas sobre o pensamento sejam alteradas, o diálogo possibilita uma transformação da natureza da consciência, permitindo a emergência de novos tipos de inteligências individuais e coletivas, em substituição aos padrões mentais existentes quando as questões surgiram. E esse novo tipo de inteligência pode potencializar a ação, conforme será visto a seguir.

POTÊNCIA DE AÇÃO

"Satisfação consigo mesmo é uma alegria que surge porque o homem considera a si próprio e sua potência de agir"
(E III^a, definição dos afetos 25)

As idéias aqui apresentadas objetivam possibilitar a compreensão do conceito de potência de ação, trazido pelo filósofo holandês do século XVII Baruch de ESPINOSA, tendo em vista a construção de processos educadores.

A educação como processo formador comprometido com a sustentabilidade socioambiental exige a participação, individual e coletiva, das pessoas nele envolvidas, o que tem relação direta com a diminuição e/ou aumento de nossa potência de ação, como veremos a seguir.

Para SAWAIA (2001: 17) até os anos de 1980, o sentido da participação caracterizava-se pela ênfase no coletivo, na objetividade e na racionalidade, e após este período observa-se um enfoque maior no *"subjetivo e menos estrutural, e a objetividade e o coletivo cedem lugar à preocupação com a individualidade e a afetividade. Autonomia,*

emancipação e diversidade tornam-se valores éticos mais aplaudidos em substituição à liberdade e à igualdade".

Se, por um lado, essa mudança possibilita a superação da dicotomia entre razão e emoção, público e privado, por outro, é necessário que, ao incorporar a subjetividade no espectro da participação, não sejam desconsideradas as outras dimensões dessa participação, evitando, assim, o subjetivismo, que relativiza tudo para justificar qualquer coisa. Pois, essa é uma armadilha que coloca a participação como algo de foro exclusivamente íntimo, como se o espaço de liberdade e felicidade estivesse apartado do mundo material, político, econômico e social no qual estamos inseridos.

Para ESPINOSA, a participação é imanente/constituente e inseparável à condição humana, portanto, são muitos os sentidos que podem estar agregados a esse conceito: participar dos lucros da empresa, das decisões familiares, dos movimentos sociais, da política governamental, entre outros. Outro aspecto importante é o fato de que, segundo Sawaia, há uma variação na intensidade, na espacialidade e nos motivos dessa participação.

As formas de participação variam de intensidade, desde simples adesão até a absorção do indivíduo; de espacialidade, participação 'face a face', anônima, virtual, local, global; de motivo, por obrigação,

2 A obra *Ética de Espinosa* está dividida em cinco partes ou livros: I – Deus; II – A natureza e a origem da mente; III – A origem e a natureza dos afetos; IV – A servidão humana ou a fora dos afetos; V – A potência do intelecto ou a liberdade humana. A citação 'E III' refere-se ao Livro III da *Ética* (Spinoza, 2007).

por interesse, por imposição, por afeto; de temporalidade, longa duração, imediata. (...) [A autora traz também] a função social da participação: excludente (voltada ao 'status quo') ou integrativa (visando a revolução) (SAAWAIA, Op. Cit.: 119).

Independentemente dessa variedade, *"quando discutimos participação, estamos nos posicionando sobre concepções de sociedade, de cidadania, de ética e de justiça"* (SAAWAIA, Op. Cit.:120). A participação como potência de ação refere-se ao encontro com o outro e o desejo de participar não vem de fora, e sim, conforme Espinosa, é uma necessidade natural do sujeito, uma busca pela liberdade e pela felicidade independentemente de obrigação ou moralidade. *"Participar para não ser governado, para viver em alegria de não ser comandado e para evitar que o desejo de não ser governado de uns transforme-se em desejo de governar [de outros] e o poder se personalize"* (SAAWAIA, Op. Cit.: 125).

Para COSTA-PINTO (2003), ao definirmos a participação como potência de ação podemos afirmar que o que move a participação é a vontade de ser feliz, cuja ação reflete em última instância na ação política transformadora. Contudo, o motor dessa ação não é apenas a consciência política, mas também a descoberta de potencialidades, talentos e capacidades individuais, pois estas descobertas trazem o estímulo à ação e à participação.

Essa participação, vista sob a perspectiva de formação do sujeito ecológico (CARVALHO, 2004), implica na capacidade do ator social de, ao identificar os problemas ambientais, mobilizar-se e comprometer-se com a tomada de decisões que se faça necessária. A emergência da capacidade de agir em direção à transformação que queremos está relacionada à potência de ação, *"à passagem da passividade à atividade, da heteronomia passiva à autonomia corporal"* (SAAWAIA, Op. Cit.:125).

Potência de ação é a capacidade de ser afetado pelo outro, num processo de possibilidades infinitas de criação e de entrelaçamento nos bons e maus encontros. É quando me torno causa de meus afetos e senhor de minha percepção (idem).

Trata-se de fortalecer o sujeito através da ampliação e do aprofundamento da consciência das capacidades, talentos e potencialidades que possui e constrói para modificar a realidade, bem como consciência de sua situação social (COSTA-PINTO, Op. Cit.).

Percebe-se, assim, que a associação dos humanos em grupos – cooperativas, associações, sindicatos etc., (...) [aumenta] o seu direito natural de existir, já que se unem para suplantarem o medo, o ódio e todas as coisas e sentimentos que possam trazer sofrimento e reduzi-los ao estado de servidão (...) (SANTOS e COSTA-PINTO, Op. Cit.: 298).

A ampliação da potência de agir reside na tomada de consciência da causa primeira de nossos afetos ou sentimentos, pois para Espinosa, sentir é uma maneira de pensar, por mais confusa que possa ser. É através da reflexão/meditação a respeito do que sentimos pelas coisas é que podemos formar delas ideias mais claras e distintas. O caminho proposto pelo filósofo exige estarmos cotidianamente atentos *"para nossos sentimentos, exige-nos buscar a compreensão da causa dos afetos que são gerados em nós a partir da relação com o outro, seja este outro um parente, um amigo, um conhecido, o ilustre desconhecido que se encontra na rua ou no supermercado, a árvore que floresce na calçada, uma cachoeira de águas cristalinas, o rio poluído de uma cidade etc."* (COSTA-PINTO, 2010: iv e v).

O intuito é que a partir da clareza de suas potencialidades, o sujeito passe a se envolver com as regras sociais de maneira ativa e crítica, atuando não apenas como um cumpridor de papéis, mas buscando caminhos para exercer sua potência de modo a transformar a realidade, visando sua felicidade (COSTA-PINTO, 2003).

Participar, portanto, mobiliza os sujeitos para, dentre outras coisas, o encontro consigo próprio e com o outro, à percepção do nosso *modus operandi*, das nossas virtudes e das nossas limitações, o que muitas vezes pode fazer emergir sentimentos de insegurança, dúvida e conflitos. De acordo

com Portugal (2008), um caminho possível para o enfrentamento dessas questões pode ser trilhado na medida em que os sujeitos busquem respostas para suas (in)certezas, abrindo-se para o diálogo e se aprimorando interiormente. A experiência renovadora desse encontro, que segundo a teoria psicodramática criada por MORENO (1984), é a vivência plena de troca e compreensão mútua, abre possibilidades de aprimoramento perceptivo do indivíduo. É no encontro e na troca de papéis que a transformação acontece "tornando um próximo das profundidades do interior do outro" (GONÇALVES, 1988: 57) e, como num espelho, talvez seja possível perceber os reflexos e a dimensão das próprias ações. Nesse sentido, é importante que se compreenda o conceito espinosano de potência de ação, a partir da maneira como esse filósofo concebe os encontros éticos. Ele descreve primeiramente dois tipos de encontros: os bons - aqueles provenientes da alegria, que propiciam a agregação de potências, que fortalece todos os seus membros emocional e intelectualmente - e os maus - aqueles provenientes da tristeza, que geram subjugação de indivíduos, que são degenerativos de nossa auto-estima, de nossa potência (COSTA-PINTO, 2003 e 2010).

Nenhuma coisa ou ação, considerada só em si mesma, é boa ou má (Ética IV, proposição 59, outra demonstração) "(...) Uma única e mesma coisa pode ser boa e má ao mesmo tempo e ainda indiferente. Por

exemplo, a música é boa para o melancólico; má para o aflito; nem boa, nem má para o surdo" (E IV, prefácio).

Segundo FERREIRA (1997: 474) *"o que faz a coisa boa ou má é o afeto de que deriva"*. Os encontros passivos podem ser alegres ou tristes, compatíveis ou incompatíveis, ou seja, podem gerar afetos de alegria ou de tristeza. Enquanto que, os encontros ativos geram afetos (sentimentos ou "um tipo particular de idéia"), sendo sempre alegres (DELEUZE, 2002, apud COSTA-PINTO, 2003).

A possibilidade que temos de aumentar nossa potência depende do modo como nos relacionamos com as coisas, como as usamos em proveito próprio. Os afetos (...) [apresentam-se] como critério de diferenciação individual (...) (FERREIRA, Op. Cit.: 474).

Para ESPINOSA, a única maneira de se conhecer algo verdadeiramente é *"conhecer pela causa"* e, portanto, se faz fundamental a consciência da causa primeira de nossos desejos, pois, segundo ele, os desejos impulsionam nossas ações, tendo a alegria e a tristeza o papel de direcionar o movimento iniciado, podendo ser em direção ao incremento ou diminuição de nossa potência de ação (COSTA-PINTO, 2003.).

A busca pela mudança de comportamentos, valores, conhecimentos e atitudes, é cultivada através de, e, para um ideal eco-

lógico, que leve à construção não apenas de uma nova sociedade, mas também de um novo sujeito, que se vê como parte dessa mudança na sociedade. É também uma revolução de corpo e alma/mente, uma reconstrução do mundo incluindo os estilos de vida pessoal e coletiva (COATI, 2006).

É importante lembrar que, para ESPINOSA, *"ser livre não significa fazer o que se quer no momento em que se quer, e sim empreender de maneira responsável e consciente ações coletivas"* (SANTOS e COSTA-PINTO, 2005:299).

ESPINOSA *"nos diz ainda, que o papel do bom governo não é o de garantir a justiça e a equidade, mas sim o de garantir a expressão da potência de todos, pois uma vez que estar potente é realizar ações coletivas tendo um entendimento adequado das causas de nossos sentimentos, a justiça e a equidade são uma consequência da expressão das potências individuais"* (COSTA-PINTO, 2010: 5).

Práticas educadoras construídas a partir de bons encontros possibilitam aos sujeitos envolvidos compartilhar suas experiências e são promotoras do incremento da potência de ação, neste sentido espinosano do termo, exigindo o envolvimento dialógico (BOHM, 2005), comprometido com a sustentabilidade do processo. Essa sustentabilidade está relacionada com a construção de novos valores, no plano in-

dividual e coletivo, estimulando uma reflexão geradora de conhecimentos, sobre si próprio, sobre o mundo e sobre a relação com o outro, seja este outro uma pessoa, um objeto ou qualquer ser vivo. Sendo, para ESPINOSA, felicidade a própria liberdade de pensar e agir por si próprio a partir da compreensão da origem/causa dos sentimentos/afetos que nos mobilizam.

FELICIDADE.

Uma difícil conceituação

Apesar da temática da “felicidade” estar presente nas discussões e reflexões da racionalidade ocidental desde a Grécia antiga, até os dias atuais não foi construído um consenso acadêmico sobre o seu significado. Segundo GIANNETTI (2002), a ideia de felicidade encerra pelo menos três condições relevantes: ser consequência de um fato concreto que aumentou o nível de satisfação de uma pessoa por um determinado tempo; a satisfação ocorrente em um determinado espaço de tempo e sem a ocorrência de fatos conscientes que levem alguém a isso; e o resultado de uma avaliação global sobre as condições de vida de uma determinada pessoa. As duas primeiras são estados transitórios e, portanto, levam ao sentimento de “estar feliz”. Já a terceira remete a uma condição de vida e, assim, ao sentimento de “ser feliz”.

O nível mais básico de felicidade, relacionado ao prazer material, é abordado por COSTA (2004: 161) como uma “redefinição em nossos ideais de felicidade”, agora centralizada no significado do corpo, pois a sociedade midiática transformou a vida dos ricos e famosos em algo a ser admirado e imitado e absolutamente dependente da presença do outro, como fonte de estímulo e excitação. Ainda nessa esfera, ARGYLE E MARTIN (1991) relatam que as sete principais causas de prazer são: contato social com amigos ou outros em relações próximas; atividade sexual; sucesso e conquista; atividade física, exercício e esportes; natureza, leitura e música; comida e bebidas; álcool. A satisfação, por sua vez, possui sua principal fonte na satisfação objetiva, que não possui ainda medidas diretas, mas que é explicada por teorias cognitivas, como a teoria da comparação (com os outros) e a teoria da adaptação (nos tornamos adaptados a um determinado tipo de situação e, portanto, necessitamos de aumento nos estímulos).

O valor do prazer na felicidade tem sido tema para outros psicólogos e psiquiatras nos últimos anos. SELIGMAN et al. (2005) apontam três componentes essenciais, mas que são individualmente incapazes de assegurar a felicidade: o prazer (ou emoções positivas), o engajamento e o significado. O prazer, embora presente, é consequência do engajamento e do significado. O engajamento é o envolvimento em qualquer atividade que traz prazer. Já o signi-

ficado, o sentimento de pertencimento a algo que faça sentido além do material, eleva a felicidade a um outro patamar.

Anteriormente, VEENHOVEN (1991a) buscava conceituar "felicidade", mas diante da grande variedade de significados atribuídos à palavra, por falta de disciplina conceitual e também por implicações ideológicas veladas na discussão que figuravam na época, tentou propor "felicidade" como o *"grau ao qual um indivíduo julga a qualidade geral de sua vida favoravelmente"*. DIENER (et al. 1991) associaram felicidade à frequência de afetos positivos e ausência de afetos negativos, que ARGYLE e MARTIN (1991) exemplificaram como depressão e ansiedade. Já CSIKSZENTMIHALYI e WONG (1991), abordaram o conceito a partir de duas dimensões interconectadas, a dimensão da peculiaridade, que seria uma disposição permanente do indivíduo de experimentar o bem-estar independentemente de condições externas e a dimensão do estado ou uma experiência subjetiva transitória em resposta a eventos momentâneos ou condições do ambiente.

VEENHOVEN (2010) concluiu que os seres humanos avaliam a qualidade de sua vida baseados em experiência afetiva, que está ligada a uma gratificação das necessidades humanas universais e em comparação cognitiva, que é moldada pelos padrões culturais de bem-estar. As condições para a felicidade parecem ser muito semelhantes em todo o mundo, e por isso são as consequências da apreciação ou não da vida.

Conclui também que há maior variação cultural na avaliação da felicidade e nas crenças sobre as condições para a felicidade e que a maior variação encontrada está no quanto as pessoas se consideram felizes.

SELIGMAN et al. (Op. Cit.), estudando a durabilidade do bem-estar psicológico em 40 países com significativas diferenças culturais, chegaram ao que é considerado essencial a cada cultura e concluíram que algumas virtudes estão onipresentes nas diferentes culturas estudadas. São elas: sabedoria/conhecimento, coragem, humanidade, justiça, temperança e transcendência, que por sua vez desdobram-se em mais 24 características às quais chamam de força de caráter. Estas virtudes/forças de caráter encontram-se descritas no Manual "Vivendo Valores" (BRAHMA KUMARIS, 1995) preparado na ocasião das comemorações dos 50 anos da ONU, como sendo essenciais à construção de uma cultura de paz. A referida obra propõe uma universalidade desses valores essenciais vindos da convergência de diferentes visões de mundo acessados em levantamento realizado em diversos países dos diferentes continentes. Essa abordagem vem ao encontro da busca intensa por significados e respostas às inquietações humanas da sociedade contemporânea ocidental, cuja receptividade crescente tem promovido intensa troca cultural e espiritual com o Oriente.

Felicidade: encontro de saberes para construção política

No atual contexto social, em que há uma preocupação cada vez maior com as consequências ambientais da atividade humana pós-industrial, surgem alternativas na busca de indicadores de qualidade de vida global, como a do reino budista do Butão que propõe-se a orientar o desenvolvimento sustentável concretamente a partir de questões subjetivas, mas transformadas em vários parâmetros mensuráveis e cruzados para se chegar ao índice chamado Felicidade Interna Bruta ou FIB (tradução de Gross National Happiness ou GNH). Os parâmetros são um conjunto de indicadores contidos em nove dimensões: bem-estar psicológico, uso do tempo, saúde, educação, diversidade e resiliência cultural, boa governança, vitalidade comunitária, diversidade e resiliência ecológica e padrão de vida para o desenvolvimento holístico. No Brasil há certa mobilização em direção ao indicador, que no entanto carece de estudos e pesquisas de fundamentação e validação.

O *Report by the Commission on the Measurement of Economic Performance and Social Progress* (STIGLITZ-SEN-FITUSSI, 2009), um relatório solicitado pelo governo francês de SARKOZY aos laureados com o Nobel de Economia, incluiu o conceito de "felicidade" na busca de indicadores.

Um aspecto que contribui para facilitar a implementação desse tipo de indicador complexo é o crescimento de grupos filosófico-religiosos que trazem no centro de diferentes discursos uma educação voltada para fins pacíficos, para o incentivo e divulgação de atitudes realmente sustentáveis, ações humanitárias e para a valorização de saberes tradicionais. Dentre as inúmeras tendências em fortalecimento, sejam vindas da Índia, China ou Japão, a grande maioria centra-se na educação de valores e construção de uma cultura de paz universal.

No diálogo entre ocidente e oriente é importante a influência que o pensador indiano Jiddu KRISHNAMURTI teve no trabalho do físico David BOHM (PEAT, 1996), cuja repercussão no meio científico, permitiu que o místico indu se notabilizasse pela maneira despojada e desprovida de teor cultural, proselitismo, negando religiões institucionalizadas e o método enquanto agente limitador do potencial humano, acessando-nos uma síntese da busca do Ser.

Para KRISHNAMURTI³ *"a suprema felicidade - não a oriunda do prazer, mas a que promana dessa quietude interior que é a segurança da tranquilidade, a realização da inteireza. Em tal estado não existe progresso, mas sim realização contínua, na qual todos os problemas, toda as complexidades se*

3 KRISHNAMURTI, J. Sobre a Felicidade. Disponível em: <<http://www.krishnamurti.org.br/?q=node/186>>. Acesso 12 dez. 2009.

esvaece. Essa verdade, essa integridade interna, existe em todas as coisas; em todo o ser humano; e essa realidade interna jamais está ausente no que é mínimo como também jamais se exaure no que é máximo. (...). Para mim a realização desta verdade é a finalidade do homem".

Aqui, o sujeito encontra sua paz interior percebendo-se no todo, numa identidade atemporal, onde ele é único. O diálogo transforma-se em silêncio preenchido de significado, no qual se fundem, embora conscientes de que são distintos e se sustentam simultaneamente na criação coletiva de mútua apreciação. KRISHNAMURTI (2009) pontua que para ocorrer a transformação, uma grande quantidade de energia é necessária. Essa energia torna-se disponível e é liberada quando o observador torna-se o observado, para além das palavras, na apreciação genuína criada pelo silêncio unificador, quando há conexão de olhares, conectividade profunda entre seres. Como nessa consciência não há conflito, grande quantidade de energia torna-se disponível e com esta energia criativa aumenta-se a potência de ação, o potencial humano manifesta. Nasce a possibilidade real de uma transformação sustentável, porque está centrada na percepção consciente do sujeito que assume a si próprio como "sendo a mudança que quer ver no mundo" célebre frase de GANDHI.

Considerações finais

A busca de uma identidade planetária desenrola-se numa síntese-integrativa da multiplicidade cultural, por meio de uma ponte dialógica e da resignificação de conceitos, onde os sujeitos desvendam-se em suas identidades individuais, reconhecendo-se no espectro identitário coletivo, nas identidades locais, regionais e na identidade planetária, sendo todas intrínsecas ao pensar/agir.

O caminho percorrido nesta busca lembra a poesia *Mar SALGADO*, de Fernando PESSOA, que narra a trajetória do viajante português ao deixar o Velho Mundo (o conhecido) e atravessar o oceano (o desconhecido obscuro), enfrentando desafios e perigos. No fim da jornada, ele se depara não apenas com um novo mundo (o desconhecido atraente) mas, depois de muito sofrer, encontra-se a si mesmo:

*Com duas mãos –o Ato e o Destino–
Desvendamos. No mesmo gesto, ao céu
Uma ergue o fecho trêmulo e divino
E a outra afasta o véu.*

*Fosse a hora que haver ou a que havia
A mão que ao Ocidente o véu rasgou
Foi a alma a Ciência e corpo a Ousadia
Da mão que desvendou.
(...)*

*Os Deuses da tormenta e os gigantes da terra
Suspendem de repente o ódio da sua guerra
E pasmam. Pelo vale onde se ascende aos céus*

Surge um silêncio, e vai, da névoa ondeando os véus,
 Primeiro um movimento e depois um assombro.
 Ladeiam-no, ao durar, os medos, ombro a ombro,
 E ao longe o rastro ruge em nuvens e clareões.
 (...)

Valeu a pena? Tudo vale a pena
 Se a alma não é pequena.
 Quem quer passar além do Bojador
 Tem que passar além da dor.
 Deus ao mar o perigo e o abismo deu,
 Mas nele é que espelhou o céu.

Chegando aqui, o "velho europeu" re-fresca-se nas águas límpidas deste novo mundo, embrenha-se na mata, alimenta-se da cultura nativa e da importada africana, gerando dentre outros, o sabor caipira, do qual somos degustadores antropofágicos.

"Antes de os portugueses descobrirem o Brasil, o Brasil tinha descoberto a felicidade": seriam a simplicidade e a tranquilidade presentes na alma caipira, resquícios da felicidade pontuada por Oswald de ANDRADE (1928)?

Numa atmosfera intensa de reflexão, com a busca sincera de soluções internas que se convertam em ações, encerramos com mais perguntas do que respostas, lembrando que Érico VERÍSSIMO também nos convida a "fazer pausas para olhar os lírios do campo e as aves do céu". O escritor lembra-nos que "há na terra um grande trabalho a realizar", que "é tarefa para seres fortes, para corações corajosos", diante da qual "não podemos cruzar os braços". Essas

pausas (auto-conhecimento) podem nos indicar a importância da observação e reflexão (diálogo interno), para que por meio delas possamos encontrar nossa ligação com o ambiente (a Natureza e o Outro) e assim, ao nos identificarmos com ele, reavaliarmos nossas atitudes (potencializando ações) e quiçá transformá-las, partindo de nós, das comunidades à totalidade. Assim poderemos um dia saber/sentir o amplo e pleno significado da Felicidade.

Referências Bibliográficas

- ALMEIDA, A. W. B. (2007): "Apresentação" em SHIRAIISHI NETO, Joaquim (org.), *Direito dos povos e das comunidades tradicionais no Brasil*. Manaus: UEA.
- (2008): *Antropologia dos arquivos da Amazônia*. Rio de Janeiro: Casa 8 / FUA, 2008.
- ANDRADE, O. (1928): "Manifesto Antropófago", em *Revista de Antropofagia*, Ano 1, No. 1. [Acesso em 18 maio de 2010: <http://www.lumiarte.com/vuardeoutono/oswald/manifantropof.html>]
- ARGYLE, M.; MARTIN, M. (1991): "The psychological causes of happiness" em STRACK, F.; ARGYLE, M.; SCHWARZ, N., *Subjective well-being: an interdisciplinary perspective*. Oxford: Pergamon.
- AVANZI, M. R. e MALAGODI, M. A. S. (2005): "Comunidades interpretativas" em FERRARO JÚNIOR, L.A. (org.), *Encontros e caminhos: formação de educadores ambientais e coletivos educadores*. Brasília: MMA.
- BAUMAN, Z. (2001): *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora.
- (2003): *Comunidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora.
- (2005): *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Rio de Janeiro: J. Zahar Editor.
- BOHM, D. (2005): *Diálogo: comunicação e redes de convivência*. São Paulo: Palas Athena.
- BRIANEZI, T. (2007): "A reforma agrária ecológica na Floresta Nacional de Tefé. Somanlu" em *Revista de Estudos Amazônicos*, ano 7, nº 1, jan./jun.

- BUBER, M. (1974): *Eu e Tu*. São Paulo: Cortez & Moraes.
- CARVALHO, I. C. M. (2004): *Educação Ambiental: a formação do sujeito ecológico*. São Paulo: Cortez.
- CASTELLS, M. (2007): *A era da informação: economia sociedade e cultura. Volume I: A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra.
- (1999): "O 'verdejar' do ser: o movimento ambientalista" em *O Poder da Identidade*. São Paulo: Paz e Terra.
- COATI, A. P. (2006): *Envolvimento de Jovens em Processos Grupais de Educação Ambiental: um estudo de caso*. Dissertação (Mestrado) – Escola Superior Luiz de Queiroz/ Universidade de São Paulo. Piracicaba.
- COSTA, J. F. (2004): *O vestígio e a aura: corpo e consumismo na moral do espetáculo*. Rio de Janeiro: Garamond.
- COSTA-PINTO, A. B. (2003): *Em busca da Potência de Ação: Educação Ambiental e Participação na agricultura caieira no interior da Área de Proteção Ambiental de Ilha Comprida, SP*. Dissertação (Mestrado). Programa de pós-graduação em Ciência Ambiental / Universidade de São Paulo.
- (2010): *Potência de Agir, Educação Ambiental e Política Pública: uma análise da experiência do Coletivo Educador Ambiental de Campinas*. Relatório de qualificação (Doutorado). Programa de pós-graduação em Ciência Ambiental / Universidade de São Paulo.
- CSIKSZENTMIHALYI, M.; WONG, M. (1991): "The situational and personal correlates of happiness: a cross-national comparison" em STRACK, F.; ARGYLE, M.; SCHWARZ, N. *Subjective well-being: an interdisciplinary perspective*. Oxford: Pergamon.
- DIEGUES, A. C. (1996): "Populações tradicionais: conceitos e ambiguidades" em *Mito moderno da natureza intocada*. São Paulo: Hucitec.
- DIENER, E.; SANDVIK, E. PAVOT, W. (1991): "Happiness is the frequency, not the intensity, of positive versus negative affect" em STRACK, F.; ARGYLE, M.; SCHWARZ, N. *Subjective well-being: an interdisciplinary perspective*. Oxford: Pergamon.
- DURKHEIM, E. (2008). *Da Divisão Social do Trabalho*. São Paulo: Martins Fontes. 483 p.
- FELICIDADE INTERNA BRUTA (FIB). [Acessado em 05/10/2009: <http://www.felicidadeinternabruta.org.br/>]
- FERREIRA, M. L. R. (1997): *A dinâmica da razão na filosofia de Espinosa*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbekian e Junta Nacional de Investigação Científica.
- FREIRE, P. (1996): *Pedagogia da autonomia. Saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra.
- GIANETTI, E. (2002): *Felicidade: diálogos sobre o bem-estar na civilização*. São Paulo: Companhia das Letras.
- GIDDENS, A. (2002): *Modernidade e Identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora.
- GONÇALVES, C. S.; WOLFF, J. R.; ALMEIDA, W. C. (1998): *Lições de Psicodrama*. São Paulo: Agora.
- GUIMARÃES, M. (1995): *A dimensão ambiental na educação*. Campinas: Papirus.
- GUSFIELD, J. R. (1975): *Community: a critical response*. New York: Harper & Row Publications.
- HEIDEMANN, F. G. (2009): "Do sonho do progresso às políticas de desenvolvimento" em HEIDEMANN, F.G., SALM, J.F. (Orgs). *Políticas públicas e desenvolvimento: bases epistemológicas e modelos de análise*. Brasília: UNB.
- ISAACS, W.N. (1993): "Taking flight: dialogue, collective thinking and organizational learning" em *Organizational Dynamics*, Vol. 22, Issue 2, Autumn.
- KRISHNAMURTI, J.: *Sobre a Felicidade*. [Acesso 12 dez. 2009: <http://www.krishnamurti.org.br/?q=node/186>]
- LATOUR, B. (2004): *Políticas da natureza, como fazer ciência na democracia*. São Paulo: Edusc.
- LEFF, E. (2002): "Limites y desafíos de la dominación hegemónica" em CECEÑA, A.E. & SADER, E. (comps). *La guerra infinita: hegemonía y terror mundial*. Buenos Aires: CLACSO.
- LIPOVETSKY, G.; CHARLES, S. (2004): *Os tempos hipermodernos*. São Paulo: Barcarolla.
- MILLS, C. W. (1965): *A imaginação sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar.
- MORENO, J. L. (1984): *Fundamentos do Psicodrama*. São Paulo: Summus.
- MORIIN, E. (2003). *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO.
- ORGANIZAÇÃO BRAHMA KUMARIS (1995): *Vivendo Valores. Um Manual*. Brahma Kumaris: São Paulo.
- ORTIZ, R. (2006): *Cultura brasileira e identidade nacional*. São Paulo: Brasiliense.

- PEAT, D. (1996): *Infinite Potential. The Life and Times of David Bohm*. Addison: Wesley Publishing Company.
- PORTUGAL, S. (2008): *Educação ambiental na escola pública: sua contribuição ao processo de construção participativa de uma cultura emancipatória*. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Educação. Universidade de Brasília.
- SÁ, L.M. (2005): "Pertencimento" em FERRARO JÚNIOR, L.A. (Org.). *Encontros e caminhos: formação de educadoras (es) ambientais e coletivos educadores*. Brasília: MMA, Diretoria de Educação Ambiental.
- SANTOS, B.S. (2007): *A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência*. São Paulo: Cortez.
- SANTOS, B.S. (org.) (2003): *Reconhecer para libertar: os caminhos do cosmopolitismo multicultural*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- SANTOS, C. e COSTA-PINTO, A. B. (2005): "Potência de Ação" em FERRARO JÚNIOR, Luis & SORRENTINO, Marcos (orgs). *Encontros e caminhos: formação de educadoras(es) ambientais e coletivos educadores*. Brasília: MMA, Departamento de Educação Ambiental.
- SANTOS, M. (2004): *A natureza do espaço: técnica e tempo razão e emoção*. São Paulo: Edusp.
- SAWAIA, B. (2001): "Participação Social e Subjetividade" em SORRENTINO, M. (coord.). *Ambientalismo e Participação na Contemporaneidade*. São Paulo: EDUC/FAPESP.
- SCHEIN, E.H. (1993): "On dialogue, culture and organizational learning" em *Organizational Dynamics*, Vol. 22 (2).
- SELIGMAN, M. E.P.; S., Tracy A.; PARK, N. and PETERSON, C. (2005): "Positive psychology progress. Empirical validation of interventions" em *American Psychologist* Volume 60.
- SORRENTINO, M. e NASCIMENTO, E. P. (2010): "Universidade e políticas públicas de educação ambiental. Viçosa" em *Revista Educação em Foco*, no prelo.
- SORRENTINO, M., PORTUGAL, S. E VIEZZER, M. (2010): "Educação Ambiental de Jovens e Adultos" em EAJA, *A Educação de Jovens e Adultos à Luz do Tratado de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global*. La Piragua, Montevideo: CEAAL.
- SPINOZA, B. (2007): *Ética/SPINOZA*. Belo Horizonte: Autêntica Editora.
- STIGLITZ, J. SEN, A. and FITOUSSI (2009): *Report by the Commission on the Measurement of Economic Performance and Social Progress*. Paris. [Acessado em 10 de Junho de 2010 www.stiglitz-sen-fitoussi.fr]
- UNDP (1999): *Human development report*. New York/Oxford: Oxford University.
- TASSARA, E. e ARDANS, O. (2005): "Intervenção psicossocial" em FERRARO JÚNIOR, L.A. (Org.). *Encontros e caminhos: formação de educadoras (es) ambientais e coletivos educadores*. Brasília: MMA, Diretoria de Educação Ambiental.
- TÖNNIES, F. (2002): *Community and Society*. Nova Iorque: Dove Publication.
- VEENHOVEN, R. (1991a): "Questions on happiness: classical topics, modern answers, blind spots" em STRACK, F.; ARGYLE, M.; SCHWARZ, N. *Subjective well-being: an interdisciplinary perspective*. Oxford: Pergamon.
- (1991b): "Is happiness relative?" em *Social indicators research*, nº 24, pp. 1-34.
- (2010): "How universal is happiness?" em DIENER, E.; HELLIWELL, J.; KAHNEMAN, D. (Eds.), *International Differences in Well-Being*. New York: Oxford University Press.
- VERÍSSIMO, E. (2005). *Olhai os lírios do campo*. São Paulo: Cia das letras.

ANEXO B

13ª Oficina de Manejo da Palmeira Juçara Parque das Neblinas

Venha contribuir com a **13ª Oficina de Manejo Comunitário da Palmeira Juçara** na **Chácara Santo Augustinho**, no Bairro São Sebastião, onde compartilharemos informações sobre as **atividades de manejo** do Distrito de Taiacupeba e Região.

Programação:

- Café com Juçara;
- Conhecendo a floresta do Sítio;
- Troca de Experiência com Sítio do Bello-Paraibuna;
- Bate papo sobre a Safra 2011;
- Atualização sobre a Central de Beneficiamento;
- Compartilhando Experiências sobre Agrofloresta.

Data: **16 de Julho (sábado)**
 Horário: **das 09:30hs às 16:30hs**
 Local: **Chácara Santo Augustinho**
 Estrada do Capassi, nº 10,
 Referência Pousada/Taiacupeba.
 (Seguir placas indicativas no caminho)
 Tel. 4724 0180 ou 9510 7595
 Falar com Augustinho ou Valdete.

“Venha com roupas leves para atividades de campo e não esqueça de colaborar com o nosso Café Comunitário.”

Confirme sua presença até 14 de Julho, para que possamos organizar a alimentação do dia.

(11) 4724-0556 ou 4724-0555
parquedasneblinas@ecofuturo.org.br

RESERVA
 Parque das
 Neblinas
 ECOFUTURO

ANEXO C

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
 ESCOLA SUPERIOR DE AGRICULTURA "LUIZ DE QUEIROZ"
 Av. Pádua Dias, 11 – Caixa Postal – CEP 13415-900 – Piracicaba, SP – Brasil
 Fone (19) 3422-4100 – FAX (19) 3422-5952
<http://www.esalq.usp.br>

USP

Prezados Paulo Groke e demais,

Estamos desenvolvendo o projeto de doutorado no qual o tema é "A adoção de novas tecnologias sociais na utilização da polpa do juçara (*Euterpe edulis*) sob o olhar da educação ambiental", sendo orientado pelo Prof. Dr. Marcos Sorrentino e pesquisado por Ana Paula Coati, junto ao Programa de Ecologia Aplicada da ESALQ/USP.

A participação da ESALQ vem caminhando junto ao processo desenvolvido no distrito de Taiaçupeba desde seu início. Desta forma, o público alvo desta pesquisa são os participantes deste processo, com toda a possibilidade de incremento social e educacional que este pode trazer.

Sendo assim, propõe-se neste momento da pesquisa a realização de uma entrevista com cada participante em seus sítios, por meio de uma visita previamente agendada e com todos os cuidados éticos que devemos ter neste tipo de pesquisa, como por exemplo, estar munida de um documento para permissão e responsabilidades éticas para a entrevista, a ser assinado por cada um dos entrevistados antes de seu início.

Para tanto, vimos por meio desta solicitar ao Ecofuturo a lista de contatos dos participantes das oficinas desenvolvidas por esta instituição, de forma a auxiliar o desenvolvimento desta pesquisa, que conta com prazos a serem cumpridos.

Segue em anexo o projeto de pesquisa para melhor apreciação, e se houver qualquer dúvida estamos à disposição para esclarecê-la.

Certos de poder contar com vossa compreensão e colaboração, agradecemos antecipadamente,

Ana Paula Coati
 Marcos Sorrentino

ANEXO D

Pertiga, 18 de janeiro de 2011.

A

ESALQ – Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”

Departamento de Ciências Florestais - Programa de Ecologia Aplicada

Sr. Marcos Sorrentino

Sra. Ana Paula Coati

Prezados Marcos e Ana,

Primeiramente gostaríamos de agradecer o interesse em desenvolver o projeto “A ADOÇÃO DE NOVAS TECNOLOGIAS SOCIAIS NA UTILIZAÇÃO DA POLPA DO JUCARA (*Euterpe edulis*) SOB O OLHAR DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL” no distrito de Tajuapeba, junto ao Programa de Manejo Comunitário da Palmeira Juçara promovido pelo Parque das Neblinas.

Este Programa de Manejo Comunitário vem sendo desenvolvido pelo Ecofuturo desde 2003. O engajamento comunitário a partir do envolvimento de proprietários privados tem sido nosso principal foco, entendendo que assim potencializamos os esforços conservacionistas na região. Desta forma, estamos certos que o projeto em questão apresenta alinhamento com o Programa de Manejo e deverá contribuir não só para a construção de conhecimento como para o incremento das ações atualmente realizadas.

Ressaltamos que a compreensão do projeto e a sua validação pelos proprietários, são de suma importância para o engajamento de todos, disponibilização de dados e realização de pesquisas junto ao Programa de Manejo.

Entre os meses de fevereiro e março deste ano organizaremos a 12ª Oficina de Manejo Comunitário, oportunidade na qual será um prazer recebê-los para apresentação da proposta de pesquisa e validação da mesma junto ao grupo.

Contamos com sua compreensão e nos colocamos à disposição para caminhar continuamente na aproximação dos trabalhos desenvolvidos pelo Ecofuturo – Parque das Neblinas com esta Escola.

Atenciosamente,

Guilherme Rocha Dias

Coordenador do Parque das Neblinas

ANEXO E

Entrevista 1

A bisavó era daqui, hoje mora com a mulher e 2 filhas, filhos moram por perto.

Eram em 11 filhos e faziam agricultura de subsistência, para sobreviverem mesmo.

1. Convite do parque. Não ajudou em nenhum momento. Somente gostoso de reunir com as pessoas.
2. Não tem nenhum vizinho envolvido. (ele mora no distrito, o sítio fica bem nos arredores).
3. Chegou agora com o projeto. Ficou com raiva do projeto juçara, foram roubados quase todos os pés da palmeira. Desde o começo do projeto avisou que isso seria problema para os proprietários, se não tiver uma parceria concreta daqui a pouco eu nem posso viajar, fico preso na minha propriedade, pra tomar conta dos pés.

Cambuci era usado como isca pra bichos.

O pai tinha um pé e pediu para uma tia cuidar, pois tiveram que se mudar. Na época, diziam que não podia comer o Cambuci, pois era fruta fria, dava gripe. A tia assustou mais tomou conta. Aí é que surgiu a atenção dele com essa fruta. Hoje já distribuiu mais de mil mudas.

4. Ambiental – terrível. Esperava muito do parque, eles deixam o entorno sem cuidado. Problema socais – com invasões, só criar boi e traz pessoas de fora para ser caseiro, acabam sem caminho e ficam aqui. Ta pobre, levam o dinheiro para fora daqui. Drogas – ta devastando, precisa de trabalho nisso. Ele tentou falar com as mães, para ficar de olho, mas eles (povo da cidade) não deixam.
5. Só o parque. Não tem retorno. A relação é colocada numa parede e não vai para frente. Essa visão é compartilhada com os outros pequenos proprietários.

6. A mata é vida para a água, a água é vida pra gente. (é Tb a frase final).
-

Entrevista 2

1. Pai, – Mãe, eu filho mais velho de 25 anos, meu irmão mais novo o com 22 anos e o agregado que trabalha com a gente desde 85 é da família né.

Sempre foram da região, nasceram lá. Desde o bisavô tem o sítio, que ficou pro pai e agora ele ajuda a cuidar.

Taiçupeba em tupi (acho) é terra dos porcos selvagens. Ou algo ligado a pimenta...

2. Através do pessoal do Parque que veio aqui fez o convite, fizeram o levantamento das palmeiras, viram o potencial e daí convidaram pra começar a participar das reuniões, oficinas e logo em seguida já começaram as coletas. A 1ª coleta foi o [REDACTED] que fez, com o pessoal do IPEMA, então foi o início o Parque e depois Esalq e Ipema, as 3 instituições envolvidas.

E vcs já sabiam desse potencial da palmeira, do fruto?

Não conhecia.

3.

4. Com os seus vizinhos e com sua região? – tem mais pra lá o [REDACTED], o [REDACTED], o outro. Aqui mais próximo não tão envolvido o s. [REDACTED] seu [REDACTED], mais eles preservam, o seu [REDACTED] tem o filho na polícia ele sempre ajuda, a gente perde a paciência quando chama e a polícia demora, aí pedimos ajuda pra ele e ele fala, deixa que o meu filho vai aí. Não tem envolvimento, mas tem a participação ajudando na preservação.

O que ele têm te trazido de bom, tem ajudado? - Tem sim, tanto pra conscientização, que acho que é o principal mesmo, porque o pessoal rural tem muito o hábito do consumo do palmito e Tb a extração ilegal do palmito pra venda, não por parte dos proprietários pq eles tem que cuidar, mas outros, por

vários motivos né, por não ter nada, por ta mais fácil, se bem que não é fácil cortar no mato, mas ta lá e é de graça né. Mas eu acho que o projeto e as conseqüências dele, pra comunidade do local eu acho que são benéficas nesse ponto de conscientizar que tem outro aproveitamento da palmeira que não esse. Que mantendo ela em pé pra posterior aproveitamento dos frutos, rende mais, pq todo ano vc tem.

Agora que começou a trazer retorno, começou a despertar o interesse, ai tem mais gente querendo entrar. Que nem, o Parque compra a um real, então vc já tem uma renda que a gente pode se juntar e com a renda desse ano comprar a despoldadeira, eu gostaria de poder aplicar nele mesmo, é que tem todo o procedimento, tem que ter como armazenar, vai envolvendo mais coisas. Que nem eu não posso usar o meu frizer aqui de casa, pq eu vou guardar as nossas coisas onde? Poderia vender aqui em casa, tem que criar uma cadeia. O que falta mesmo é a independência, pq é duro ficar dependendo da tua boa vontade (se refere ao [REDACTED]), é longe pra caramba, vem vai e volta, tem meios de trabalhar de formas diferentes, tem alternativas pra se adaptar no local. Eu não sei, se a gente ficar dependendo da SAT pra liberar um lugar, ela libera, mas ficariam esperando até hoje, e a gente não libera, pode usar o espaço pra fazer uma creche... eu acho chato pq a gente mobiliza arquiteto e tudo mais e não faz.

Vc acha que as pessoas estão começando a olhar pro fruto? - Eu acho que tão, pq aqui em casa muita gente que vem já comenta, já liga a gente ao fruto, e nisso o projeto ajuda, a um falar pro outro, sai em jornal, é bom pq que evita a banalização do consumo do palmito, só pra colocar numa pizza ou num pastel, não que não se deva, mas a palmeira ta em extinção . pq o consumo é até pra subsistência, antigamente o palmito era a mistura, hoje já não. Até pq ta acabando, não tem nem como e tem a questão de legislação.

O roubo deu uma trégua, acho que pela oferta de emprego que aumentou um pouco, ainda acontece, mas bem menos. A pessoa que rouba aqui, é o mesmo de sempre, ta no sangue dele né, não consegue não fazer, mas ta acabando Tb pq o mais velho tão morrendo e os novo não ta começando nisso, é muito difícil né. Eles vinham de Biritiba Mirim, de Salesópolis, vinha cortar aqui.

Vc conheceu alguém que não conhecia (pouco ou nada) com o projeto juçara?

+ ou – o envolvimento (de qquer forma) das pessoas, deu um salto depois da divulgação do projeto. Esse ano teve coleta aqui, deu 1400k e só foi um pouquinho não chegou a 20% . pq o Parque só precisa um pouco de cada um, como não tem a despolda aqui fica difícil. Um espera que o outro faça e ninguém faz, ninguém vai atrás da unidade de despolda mesmo, a gente espera o Parque e o Parque espera a gente ir atrás. Precisava ter um líder, logicamente essa pessoa tem que ter um retorno, pq tem que se dedicar, mas a gente tem biólogo, jornalista..., então falta um empreendedor, lógico que com responsabilidade, ótimo se fosse alguém de nós. Pq se não vem alguém de fora e leva, essa é uma preocupação do [REDACTED] mesmo. Mas tem que ser feito logo, pq tem muito palmito novo, tem lugar que nem ta colhendo, vai ter muito logo logo.

Tem um pessoal da UMC que ta se envolvendo, do curso de administração, eles pensam pra valorizar o produto fazer juçai...

Vcs já tem algum histórico com a juçara? – com a palmeira sim, até quando meu avô ia limpava a terra pra plantar ele falava pra deixar os palmitos, cortava a madeira. O avô deixava cortar palmito mais longe, mas os de perto não.

5. Eu vejo que economicamente a situação ta melhorando pra todo mundo, até vou dizer que um reflexo do governo, da atual política, desde a época que mudou pro governo Lula, num sei, eu não sou nem contra nem a favor, mas nas épocas anteriores a gente via que a vida era bem mais difícil. Acho que o pessoal tem mais poder de compra, pode sonhar mais e realizar, isso pra todo mundo, a gente vê hoje pessoas que andavam a pé, hoje andam de carro, de moto, ta melhorando a vida.

Pena que junto com isso não melhora a condição social, de violência, ai vc não tem, por ex. estrada boa, não tem ônibus que queira passar nessa estrada que é ruim, vc não tem saneamento básico, esgoto, então, eu acho que poderia ter uma atenção melhor pra zona rural, que o homem do campo acaba tendo que andar com as próprias pernas, sempre teve. Como roubam o fio do telefone e a

polícias nunca pega, vc fica meio desconfiado, até eu sei quem ta roubando, mas o investigador não sabe e é constante, é direto, ai vc não tem uma internet, sem telefone, pede pra telefônica arrumar, ai ela esquece seu, ai pede de novo, ela arruma e eles roubam de novo, fica sem comunicação. E não tem uma estrada boa, o carro quebra, vai entregar um produto é ruim, as lojas não quer entregar pq é muito longe, a estrada é ruim, não tem sinalização, não tem iluminação pública. Se Deus quiser um dia vai melhorando né? E aí a violência Tb, agora o policiamento ta passando com mais freqüência, mas pq ultimamente a violência aumentou, tráfico de drogas, furto em chácaras, entrou no vizinho, roubou produção dele, canos, materiais de construção. É cada um com a sua espingarda em casa, pq se não tiver roubado o fio vc consegue ligar pra polícia vai levar no mínimo meia hora pra chegar.

E ambientalmente o que pode ser bom, mas eu não acho é o loteamento, a cidade ta chegando, o povoamento ta chegando, o pessoal compra ai divide em pedacinho pequeno ai pra onde vai o esgoto de cada casa, não tem, não tem estrutura, ou vai pra represa ou vai pro solo, escorre na beira da estrada. Aí o pessoal vem morar pra cá, não tem emprego pra todo mundo, sai daqui pra ir pra cidade ou faz o que é mais fácil né? Eu acho que esses loteamento tinha que ser melhor regularizado, um lote rural o mínimo é 20/21 mil metros² pra ligar a luz, que prova que é um produtor rural. O cara compra esse lote de 20 mil, coloca a luz no nome dele e divide e vende irregularmente em uns 4 terrenos, faz lote como de fosse cidade, 10/30m² daí põe uma casa em cima da outra, vira barraco e ai reclama que com a chuva cai tudo, mas não tem estrutura nenhuma, não tem água, os caras fazem o posso e fossa um do lado do outro, isso num terreno de 10/30 ai imagina né contamina tudo, tem Tb o vizinho. Tem um ai vendendo o m² por 1,00 real imagina, na cidade paga 50.000 mil e aqui paga 1000 então, nem perde muito de tiver algum problema.

E o turismo? Então, amanhã mesmo ta vindo um pessoal do SEBRAE, sobre turismo rural, mas não tem uma pousada, não tem um restaurante, não tem estrutura ainda. E acho que até não tem demanda, mas a prefeitura ta vindo agora pro lado de Taiacupeba. Isso é legal, pq nunca teve, mas agora tá em processo.

6. Tem a OMC, a SATI e a ESALQ, o IPEMA, Tb apoiou bastante, mas acho que o principal é o Parque, pq acaba encabeçando, organiza.

Quais são importantes para vc? (pq?)

Acho que aqui ainda é o Parque, pq o contato é com eles, o pagamento (pagamento dos frutos coletados) são eles que fazem, as reuniões Tb vem por parte deles.

como é a relação de vcs com elas?

É sim, eu vejo o Parque como um parceiro. Tem pessoas que tem preconceito, pq o Parque é da Suzano... acham que o parque é uma fantasia da Suzano. Eu não vejo assim não, vejo o parque independente, é mantido por ela, mas não é dela. Então o parque não tem pq defender interesse da companhia, tem gente que ainda vê assim, acha que toda essa relação com o projeto, com a biblioteca... é pra fazer uma imagem pra companhia Suzano.

7. Eu tenho um sentimento de amizade com a mata, de retribuição pq tudo que a gente tem vem da natureza, no nosso caso aqui a gente trabalha vive do sítio, o que a gente consegue vem da terra e a gente tem que respeitar o ambiente, a mata, a água que a gente bebe vem de nascente, vem da mata o ar que a gente respira. A minha relação é essa pelo menos de retribuição de devolver o que a gente retira e ainda assim a gente não devolve tudo.

8. Eu sempre tive, mas o projeto faz vc ver que a relação ainda é maior, pq vc, a mata te dá tudo que vc precisa, vamos ter uma visão de índio aí... RS te dá a condição que vc tem, eu falei isso pq antigamente, vc morava aqui não tinha mistura vc ia a caça, cortava um palmito, quando não tinha agricultura era carvão, não que 100% da subsistência fosse isso, mas tinha uma boa parte. E aí essa relação com o Parque, ele vê que além de vc retirar da mata, vc devolver com manejo adequado dos produtos florestais que vc vem a ter, ainda vc ganha com isso, vc ganha no que vc consome, vc acaba por vender, esperamos que as pessoas aplique isso no retorno pra própria natureza, pra preservação, que é o que acontece. Quando vc tem meios que gerem rentabilidade, vc preserva aquilo, pq aquilo é o teu sustento, vc luta, se um cara vem roubar o seu palmito, vc fala não, vc ta roubando o meu sustento, agora se eu não ganho com isso, ele roubando ou não, tanto faz. Cria essa relação de vc cuidar com mais vontade. Vc ter essa relação de dizer isso é meu, eu vou deixar pros

meus filhos e vamos preservar. Eu acho que a longo prazo, tomara que os ladrões virem ladrões de cacho de palmito, se eu ver o cara subindo e cortando um cacho eu não vou ficar tão bravo, é melhor que acabar com a espécie. Essa relação com a mata vem da família, desde de pequeno aqui, a pessoa cuida daquilo que é dela, eu mora aqui, eu vivo aqui, então vamos fazer desse lugar o melhor que a gente puder.

9. É um sentimento de amor, de querer bem, de cuidar de algo que não é só meu. É o que eu falo o que a gente faz volta.

Entrevista 3

1. Eu e a Esposa, meus dois filhos moram fora, eles não gostam disso aqui não, nem vem muito aqui.

A gente vem de São Paulo, eu fui da aeronáutica e depois tive uma empresa, mas tive uns problemas e fiquei doente, aí resolvi mudar de vida e comprei esse sítio aqui. A gente ta aprendendo no dia a dia a lidar com a terra.

2. Através do convite de um amigo, desde a primeira reunião, em 2008. Eu tava chegando aqui, não sabia nada.

se ele tem ajudado e como; ahhh incentivou bastante a preservação do juçara né.

E vc tem juçara aqui? Tenho, minhas matrizes já.

Já coletou? Já tive uma coleta, 80 kg.

3. Tem se entusiasmado, eu deixo convite ali pra eles, a [REDACTED] deixa aqui e eu levo pra eles tb.

Os vizinhos já sabem do projeto juçara? Já sabem. O [REDACTED] frequênta, tem a vizinha aqui, que não mudou ainda, ta construindo, aí era um centro de umbanda e eles compraram agora. Eu tenho convidado eles, dei a polpa de juçara pra eles, ainda não sei se gostaram. A mulher que comprou é danada, é motorista de caminhão ela. Faz serviços pesados. Ela é corajosa, porque quem que compra uma terra dessa q eu era centro de umbanda? O povo tem medo, eu acho que vou falar que aqui é Tb, assim ninguém vem roubar nada aqui. Rsrrsrs.

4. Já tive contato com a terra, pq era chácara que a gente morava, eu pesquei no rio Aricanduva, mas a questão do juçara é novo, pq no sítio do amigo perto do Parque da Neblina, nem tinha lá. Era tudo cortado.

Começamos a falar de beija flores e passarinhos que vem ali na casa e bebe água e do dia a dia com isso tudo ...

5. Econômica - Hummmmm, é ruim, tem os alfacero, fora da cidade, na cidade (Taiaçupeba) tb é aquele comércio ali, não tem muita coisa. Eu até tinha uma lojinha de roupa ali, mas não dava, pq o pessoal só queria pegar e marcar e a gente não conhece o pessoal, e Tb não funciona né, tivemos que fechar.

Ambiental – por lei os caras acabam tendo que proteger, adequando ao projeto de ambiental.

Social – violência, drogas já tem aqui já, aqui nunca aconteceu nada, mas tem um lugar que é semi internato e as vezes eles acabam roubando pra comprar a droga, até a própria família, é na região esse lugar.

6. Além do Parque tem uma ONG a GATE acho, mas é discórdia eles falam que o projeto era deles e fica nisso.

Esposa - fala que – é muita gente né, então a gente vem de São Paulo, e fica aquele negócio de gente de fora, ninguém quer se unir, fica aquela picuinha, pq o projeto é meu, ah então aquele é dele, então não quero.

Ah, chegou no projeto a faculdade, a UMC de Mogi, de propôs a fazer a parte de administração e gerenciamento.

Esposa – o que falta é gente com mais iniciativa.

Quais ou qual a instituição que vcs acham que tem mais condições de fazer o projeto andar?

O parque né. A Sat prometeu dar a área pra fazer a unidade de despolpa e depois tirou.

O processo das coisas aqui é muito lento, tem muita fofoca, prestam atenção na vida do outro.

A relação com o parque é legal. Eu falo pra [REDACTED], e aí vai ou não vai? Vai parar tudo? Oh eu ouvi uma coisa, kkkkkkkkkkkkkk ela fica louca de curiosidade, já quer saber, eu brinco com ela. Esposa - a [REDACTED] tem boa vontade, mas tem coisa que segura, não deixa ir, eu sei lá?

[REDACTED], a burocracia que empata né. A UMC veio aí, um diretor da parte administrativa, participou, já tivemos outra reunião no parque, aquilo, os professores que ia trazer os alunos agora, ia desmembrar uns professores e alunos pra envolver na parte administrativa. Pq eles já trabalham na parte orgânica lá na faculdade, tem idéia de exportação Tb, é o tal negócio tudo envolve né. Um já chega com o pé atrás diz é pouca coisa, o outro é muita coisa, é normal é do ser humano.

7. Ah! Pra nós é tudo né.

Esposa – ah, mas sempre foi, não é de agora né. Já morava e gostava da mata, morava na chácara em SP, é que era dos outros, agora não é nossa.

Nesse momento aparecem uns beija-flores, aí eles falam da beleza dos bichos, e da época das borboletas. Contam de um casal de corujas que vivem ali.

A gente gosta muito, não é só com mata é com os bichinhos, deixa eles aí.

Falam dos manacás da serra, que tem que ser filmados, pq daqui a pouco acaba a floração, olha como tá lindo, mostram os morros à volta do sítio.

Esposa fala que no entardecer Deus joga mais uma pincelada e fica lindo aquela névoa. Vai ser difícil nós sair daqui, eu nem tenho medo mais, já tive no começo, mas do bicho homem né, mas hoje, eu abro janela, abro porta, olha isso?! Eu saiu e de vez em quando pego um caniveteinho e vou por aí, num tenho mais medo não.

8. Já tinha, mas através do juçara a gente tomou um conhecimento né.

Esposa, a gente que nasce o asfalto não tem a convivência que tem aqui né,

Sujeito 3 – pé de quê? Kkkkkkkkkk

Esposa – aqui não tira o pé dali, deixa ali, aí a gente vai saber pra que serve, que frutinha que é. O cambuci, descobrimos uma árvore aqui, depois outra ali, a gente não sabia, vai descobrindo, é legal!

9. Minha religião é a natureza.

Esposa, em cada cantinho aqui tem o dedo de Deus. Pq um dia vc olha a planta tá murcha, no outro, tem flor, aí atrai um pássaro, já aparece outro.

Entrevista 4

1. Bom, eu vou lá nos remotos, nos anos 80. Eu lembro até primeira vez que eu fui lá. Aquele sítio é herança do meu avô, que ficou pro meu pai, que ficou pra mim. O meu pai tinha só irmã mulher que não teve interesse por esse sítio, quem teve foi meu pai, e eu acho que durante alguns anos meu pai teve distante, pelas condições da região, de chegada, ainda não é uma situação ideal na região, de chegada no sítio. Nos anos 80 o meu pai tinha um jipinho DKV, a primeira vez que a gente tentou ir, a estrada era de terra ainda, a Mogi – Bertiooga não era asfaltada. Eu lembro que a gente tentou ir e tinha um enxame de abelha no caminho, picou a gente voltou, acabou não chegando, mas depois a gente conseguiu chegar até o sítio. Aí que lá pra cá virou uma rotina, moramos tudo aqui em Mogi. Então com essa rotina de ir quase todo final de semana, a gente pode acompanhar várias mudanças que aconteceram, a Mogi-Bertiooga ganhou asfalto, o horário de ônibus ampliou, pq as vezes a gente ia de ônibus, meu pai vendeu o jipe, ia de perua. E sempre foi mantendo ali, meu pai sempre teve um lado mais preservacionista, nunca gostou dessa questão do eucalipto, sempre teve essa dificuldade de aceitar o eucalipto. E a gente pegou aquela época que a Suzano onde muita área verde foi derrubada, teve o processo de reflorestamento da Suzano, ao mesmo tempo isso começou mudar, teve esse lado ruim. E o sítio entrou um pouco nesse ambiente, nessa rota, ele é 5 km pra dentro de Manuel Ferreira, do lado esquerdo da estrada, é 5 km da estrada, ele fica na região de esplanada. Lá a gente viveu boa parte da vida, tinha vez que ia ficava 2, 3 dias, chegamos a levantar a casa. Aí depois eu me afastei um pouco né, por causa da universidade, movimento estudantil, chegava final de semana tava num congresso, viajando. Então, eu fiquei bem ausente eu acredito que uns 8 anos, que eu ia muito pouco. E aí quando eu terminei tudo isso daí, foi um pouco antes do meu pai falecer, meu pai sabia que eu gostava de me meter em política, participar de evento, de agitar e me chamou pra ir numa reunião da associação, eu acabei indo. Conheci [REDACTED], foi por causa do meu pai, aí a coisa degringolou rrsrs. Fiquei enquanto sociedade, enquanto comunidade e aí as coisas foram

acontecendo, inclusive essa relação com a região, com o sítio acabou ficando mais íntima do que antes, comecei conhecer os problemas, buscar soluções.

2. O próprio projeto juçara, a gente convivia com aquilo, mas não sabia, sabia da situação do palmito, conheci muito mateiro ali na região pessoal que sobrevivia da samambaia como fonte de renda. E hoje se estabeleceu essa nova cultura né. Isso é muito bacana e a gente conheceu enquanto associação que fez ponte com o Parque das Neblinas.

O projeto juçara aconteceu justamente por causa da associação, se a gente não tivesse com a associação poderia até conhecer o juçara, mas não da forma e nem do jeito que foi, a gente foi convidado enquanto associação pra participar de uma oficina. O meu primeiro contato com o juçara foi depois do [REDACTED], depois de uns membros da associação ver. Foi lá no Parque das Neblinas, que eu conheci o [REDACTED], eu acho que vc Tb, e aí eu fiquei encantado, que projeto legal, a culinária, o cambuci, o juçara, teve as palestra, teve a polícia ambiental, esse foi o primeiro contato, aí a gente se enturmou, foi bacana, puxou essas discussões nas reuniões que a gente tinha uma vez por mês. Pq a gente se reuni na escola do bairro, com o [REDACTED], todo 3º domingo do mês, a gente se reuni na escola e discuti pautas que a comunidade leva e aquelas que tã no olho do furacão. Quase toda reunião, a gente pega a discussão do juçara, acabou virando uma alternativa pra quem tinha sítio, pq o palmito é ilegal, então vc tem essa possibilidade de buscar uma renda sem precisar fazer nada ilegal. Foi importante pra associação apresentar o projeto como uma coisa concreta pra vida ali.

3. A gente realizou uma reunião, e a [REDACTED] foi lá na escola, onde a gente reuniu vários moradores da região e ela apresentou pra esses moradores. Então, gradativamente e bem lentamente eles começam a se inserir nessa atividade. A gente tá trabalhando com a natureza da coisa, deixando cada um no seu tempo, aí um chega pergunta como é esse negócio da oficina, a gente explica e tal. Aí numa dessa o seu João se envolveu, o próprio [REDACTED] que já começou a plantar as palmeiras, eu que me envolvi com isso e tem mais, o [REDACTED], o [REDACTED], um monte de gente que quer ver o negócio dar certo, querem ver a despoldadeira, querem ver o processo se tornar ali, local, se tornar auto suficiente.
4. Então, muitas coisas das que eu fiz, pode-se dizer que eu to 30 anos naquela região ali, nessa história toda eu me envolvi com o pessoal ali e a gente fazia muita trilha, pra cachoeira e nessa vc começa a interagir que tinha macaco, preá, que tinha num sei o quê... que tinha a planta tal, inclusive essas palmeiras, agora de forma mais precisa não. Teve uma época que eu andei pesquisando, queria plantar palmeira no sítio, nem era o juçara. Então esse conhecimento do juçara foi por causa do trabalho, foi instituído ali. Mostrando que aquela palmeira era local, isso foi uma coisa que eu aprendi na oficina.

Ta ajudando sem dúvida, é um facilitador, organiza dá apoio, investi, produz material. Então facilitou, pq tem material gráfico, a exposição técnica, um processo de segurança que se estabelece, gera uma confiança posso produzir pq alguém vai despoldar e alguém tá procurando colocar isso no mercado, então eu não to sozinho nessa, no grupo a coisa acontece.

5. Esse ano eu mandei um projeto, fiz um projeto da rotatória do portal e levei pra reunião, apresentei pra um grupo, que apoiou, até o ministério do turismo ia liberar verba pra isso, quando eu mandei o projeto o pessoal abraçou, quer dizer, vc colocou a questão ambiental e do turismo, teve apelo, o pessoal deixou claro que a gente tava com um potencial turístico e a questão ambiental nem se fala. Ali é uma região que ela já entrou numa definição de potencial, não só de ecoturismo, mas de meio ambiente, o mar a preservação em si, isso eu acho que tá muito bem caracterizado, agora, muito mau cuidado. Da mesma forma que existe um potencial, (adendo)" esse final de semana a gente tá fazendo um curso de turismo rural, todo final de semana tá tendo um encontro. Aí La nos encontros, eu tava conversando sobre um dos sítios que a gente foi visitar, oh desse lado pra cá o pessoal polui o rio, tem 5 ou 6 casas que joga o lixo in natura, parece que o pessoal num pegou, não liga, mas a água que vai pra La, se poluir a fiscalização fica em cima. Aí eu fiquei pensando nisso, é uma situação que é totalmente desprovido de um olhar técnico, eles cuidam da água que vai pro Tietê,

mas a que vai pra Bertioga não, pq lá não tem ninguém cuidando. É interessante, pq quando a gente fala das questões da região, a gente flla inclusive destas questões né. É vc dar uma condição que o esgoto não seja lançado da forma como é. Então eu acho que essa questão ambiental na região tem que melhorar muito, evoluiu, mas tem muito pra melhorar. A questão social tem muito pra avançar, quando vc não dá condição social pra comunidade, vc automaticamente ta criando um problema ambiental, a região ali é muito descaso, naquela região do Manuel Ferreira, já na região do Taiaçupeba onde o pessoal se organizou, vc tem uma presença do poder público maior, vc vê que ela ta presente, tem posto policial, tem várias coisas que ainda precisa avançar lá. Se vc não ver isso tudo, vai acabar virando loteamento irregular, que nem no domingo, o [REDACTED] andando de carro comigo, a gente foi entregar feijão, ah oh o fulano ta vendendo o sítio dele aqui, o cara ta vendendo sem documento sem nada, metragem de 10/50. Um monte de gente comprando e construindo as casinhas. E vc conversa com o [REDACTED], ele é gente boa pra caramba, o pai morreu e dividiu em 5, 6 filhos e cada um ta fazendo do seu jeito, então, essas coisas tem que ser vista com cuidado, isso lá pra frente vai dar problema, ali são áreas lotadas de juçara, tem que plano diretor. Eu acho que a associação tem que se envolver mais com essa questão, é uma auto crítica minha. Tem lugar que não chega a luz, eles não se envolvem de maneira que faça diferença. Então eles ficam desesperado e pra não perder, eles vendem de qquer jeito. Eu fiquei sabendo esse final de semana, ainda nem processei isso, tem que pensar alternativas.

6. O instituto Ecofuturo, a Sat, nós e a comunidade, alguns jovens. O projeto juçara ta devagarzinho ganhando espaço, teve gente que não quis se envolver no começo, uns ficaram meio assim, naquele começo que querida saber quantos juçara tinha no seu sítio, mas é questão de ir trabalhando e mostrar o outro lado do projeto.
7. Eu gosto da mata, por ex. a água dentro de casa vem tudo de lá, então assim, eu tenho uma relação com a região muito forte, eu não moro, não penso em morar lá, acho que tudo tem seu tempo, sua hora. Tenho vinculo.
8. Ta mudando. O pai do [REDACTED] gostava de contar história e ele falava que lá na época dele ele comprava madeira lá pra fazer carvão, teve esse temo do carvão, aí nos anos 70 eu cheguei a conhecer uma comunidade onde hoje tem uma família, existia uma igreja que a comunidade construiu, tinha missa todo domingo. Ouve a fase do carvão, a fase da construção do cano e depois uma fase do eucalipto da Suzano. Que acabou pulverizando, hoje ta tudo abandonado, com essas máquinas da Ponce, ela corta, descasca põe no caminhão, e ai virou deserto, tem lugar que vc anda e não tem nada. Essa fase foi a mais agressiva, já se houve La na região, que a Suzano ta pensando na pedra do sapo, pq já não dá mais, não vale mais a pena, pq aquela região tem outros valores, ali entra mais uma rota ambiental. Eu já imaginava isso, pq os eucalipto da Suzano entra na serra do mar, sobe pelas encostas, uma hora vai ter que parar. A legislação ambiental evoluiu muito, já nem fica legal pra Suzano continuar fazendo isso, ela pode transformar num marketing pra ela, que nem o Parque , então eu acho que ali vai viver um outro momento. Quem resistiu a tudo isso, talvez vá presenciar uma vinda de uma outra cultura, uma coisa que tem a ver mais com a região. Ta regenerando tudo La. Tem tudo a ver com o curso de ecoturismo rural, é fazer parcerias, é abrir os olhos pra isso, tem tudo a ver com o juçara, com o alimento, é um desenvolvimento.
9. O projeto juçara é uma grande oportunidade, é trazer mais rendas sem causar tantos transtornos.

Entrevista 5

1. Eu fiz a faculdade aqui em Mogi das Cruzes, nos anos 70. Eu não sou da região, eu sou de Guarulhos, nasci no Paraná, a minha família se mudou pra SP e já tinha um parente em Guarulhos e propôs um negócio pro meu pai e nós já tínhamos um negócio lá no Paraná, mas ele tava muito mau de saúde e tinha que vir sempre pra SP, ele vinha com duas malas, uma com as roupas e outra com os remédios e nenhum diagnóstico dizia o que ele tinha. Nesse convite do meu tio, ele disse quer saber de uma coisa, desfez das coisas lá no Paraná e veio embora pra Guarulhos, lá (Paraná) ele era madeireiro, ele começou na região norte do Paraná, de Londrina, todas as casas

lá eram de madeira, então ele começou a profissão dele como carpinteiro. Começou a trabalhar com meu avô, conheceu minha mãe e aí eu nasci rsrsrsrs.

Eu fiz economia, vinha pra cá a noite balançando num trenzinho e vinha. Eu tinha uma combi e eu comecei a vir pra Mogi com a combi e eu comecei a fretar, assim foi os 3 primeiros anos, depois comecei a cansar muito, aí eu parei com isso e passei a ir sozinho, mas nessa história de ir e voltar a [REDACTED] minha esposa, vinha em uma outra perua, mas a gente não se conversava nessa época, uma aversão legal sabe? E era recíproco. Uma vez a perua dela quebrou, no retorno, aí o amigo falou assim, “oh dá pra vc levar o meu pessoal?” e veio ela e uma amiguinha e sentaram do meu lado e a amiguinha fazendo pressão sabe? Daí começamos a conversar, namoramos e casamos. Casamos de uma forma informal, comunicamos a família e fomos morar juntos (...).

E o pq eu vim parar aqui em Mogi das Cruzes. Na época que nós acabamos de nos formar, a gente formou um ciclo de amizade aqui em Mogi, que era muito legal, aí quando a gente se formou nos pensamos, vamos comprar um sitinho aqui, aquele sonho cinematográfico, onde a gente vai ter aquela puta casa, aquilo tudo que a gente pensa, sonha. Ai viemos procurar e encontramos esse espaço, com muito verde e foi o que aconteceu, temos a mais de 30 anos esse sítio aqui. E ficou aqui, de vez em quando a gente vinha dava uma limpadinha e ficamos por aqui. Ai vende, não vende, vem corretor, mas aí que saber vamos ficar aí e uma hora a gente vê o que faz com isso. Nesse meio eu trabalhei como analista de custo em algumas empresas e depois que o [REDACTED] a gente deu uma baqueada legal, eu estava inclusive com uma oficina de bordado industrial. Depois aquilo ficou vazio, a dificuldade de eu entrar na oficina era... Ai eu parei. Um dia eu conversando com um amigo que é consultor de RH, ele falou escuta eu vou dar um curso na secretaria do trabalho da prefeitura, eu vou dar o curso pra formador, e eu falei, mas eu tenho esse curso, mas faz esse curso comigo, pq ta pintando um programa aí, é mais fácil eu te encaixar no programa, até a [REDACTED] fez comigo Tb, pra distrair um pouco, preencher... aí esse programa saiu o programa chama-se bolsa família, não, bolsa auxílio ao desempregado, a prefeitura chamava os desempregados com mais de 2 anos e ensinava a pescar... eu era um formador e dava matemática básica, aí olhando tudo nós pensamos e propomos um trabalho de geração de renda e passei a fazer isso. Eu fiquei com a turma de cooperativa de jardinagem e agricultura familiar. Nisso um amigo começou a falar de cogumelo japonês que é um remédio..., nesse embalo fui parar em Indaiatuba num curso desse cogumelo, quando eu cheguei La eu pensei legal, mas não é bem isso que eu quero. Mas, cogumelo é interessante, aí eu comecei a pesquisar sobre cogumelo, comprei o cogumelo na madeira e comecei em Guarulhos Na casa do meu pai, eu fiz um lote experimental. Ai pensamos e o que a gente faz com o sítio então, ta lá parado, o melhor lugar é aqui mesmo (sítio) aí eu vim embora pra cá, trabalhando lá e vinha pra cá de finais de semana. Ai comecei com a história da tora, mas aqui começou a complicar aí eu fui pra esse processo do pó de serra.

Hoje eu continuo alguns trabalhos lá em Guarulhos e fico aqui e lá

O vínculo com a terra veio dessa história minha e da [REDACTED].

2. O projeto juçara aconteceu da seguinte forma, eu conhecia o Seu [REDACTED], ele era presidente da associação dos moradores daqui e num encontro político aí eu fui apresentado ao Seu [REDACTED]. Bom já que eu estou no lugar eu vou procurar cuidar do lugar e eu comecei a me envolver e aqui eu acabei tendo com o pessoal, mais com os caseiros daí que me ajudaram na construção e eu acabei sendo um vínculo, meio que uma liderança, precisava de alguma coisa eu ia. Num desses encontro e conversando com o [REDACTED] ele falou que ia ter uma reunião, vai lá conhecer nossa associação, conheci o [REDACTED], [REDACTED], o [REDACTED], outros aí e fui convidado pra participar da nova diretoria, hoje faço parte. Nas conversas fala-se do juçara, eu falei oh [REDACTED] eu tenho bastante juçara lá e ele veio aqui e começamos a andar. Vamos aproveitar isso e trabalhar junto pro desenvolvimento do juçara e divulgar isso, levar isso pra fora Tb. Ai a [REDACTED] falou que ia ter reuniões e comecei a participar das oficinas.

3. Nesse projeto não. Tenho falado, tão começando a mudar a idéia de que é melhor deixar em pé. Antes, principalmente caseiro, eles iam pro fundão e contava, onde o patrão nunca ia ver. Quando eu falei que poderia reverter alguma coisinha pra ele, aí...

A relação com eles e com a região é tranquila. Aqui não to tendo problema com invasão. É que antigamente não tinha essa pressão, fiscalização um trabalho de consciência. Hoje a pessoa que compra o palmito, o consumidor ta ficando consciente, quando vc oferece um shitaque vc dá o histórico dele, e ele começa a respeitar o que ele ta comendo, não é só um alimento, assim tanto a agricultura natural, a orgânica, enfim, quando se começa a trabalhar isso o final começa a fiscalizar o início, muda a relação, a minha linha de pensamento sempre foi dessa forma.

A relação aqui do pessoal mais próximo aqui, é assim, os aqui da frente chegaram a desmatar pra criar boi, plantou pinheiro, depois outro que comprou o sítio cortou o pinheiro e botou boi. Ai achou que realmente não dá certo, eles achavam que ia viver do leite, em 30 mil metro de terra e não tem pasto suficiente pra criar, mas não conhecia. Agora ta vendendo essa área, eu tô de olho pra ver quem compra, pra ver se eu já consigo conversar.

Voltando um pouco, lá na cooperativa dos agricultores familiares, eles plantavam convencional, ai um dia eu perguntei assim pra eles, vcs põe adubo? “Ei [REDACTED], é difícil pq é muito caro, então a gente não põe não”. E um produto bonito, um produto bom. Eu falei, cara vcs tão fazendo o orgânico sem saber. Então vamos trabalhar isso, licenciar isso como orgânico. “Ah, mais ele não cresce”. Não importa, importa que o seu produto é orgânico, ele é diferenciado do outro, não vai ter o atravessador aqui na tua porta, dando o preço que ele quer, vc vai ter o preço do orgânico. E a gente começou a trabalhar nessa linha. Levei eles pra fazer visita em compostagem, a prefeitura dava essa força. E aqui com respeito ao juçara eu tenho conscientizado e falado muito a respeito. Tem uma amiga minha de Tabuão da Serra, consumidora de palmito, rrsrs e ela me pergunta e ai como é que ta? Eu falo, a ta indo, mais tem que plantar muito né, pq vc consome tudo. rrsrs

4. Eu não conhecia o juçara, eu pra mim era só o palmito, eu conhecia o tal de pupunha, mas de ouvir falar. O juçara era aquele cortadinho gostoso, na pizza, na salada. Ai eu comecei afastar ele da salada, da pizza.

O que ele têm te trazido de bom? (já me trouxe o seguinte, [REDACTED]) já despolpou uns grãos meus. Rrsrs coletaram aqui, a [REDACTED] disse, oh quando tiver no ponto vc me avisa, eu nem conhecia qual era o ponto ela falou a gente vai olhar se ta no ponto, ai eles vieram, colheram me mostraram o ponto e avisaram quando tiver é só avisar. Esse foi o primeiro benefício. O segundo é o fato que eu já sei semear

Vc conheceu alguém que não conhecia (pouco ou nada) com o projeto juçara?

5. Ambiental: o pessoal que ta aqui existe um respeito pelo meio ambiente, tanto que alguns fatos que ocorre com desrespeito vem de fora.

Social: com relação ao social, nós não temos problemas, com vizinhos, a vizinhança se respeita, se cuida. Eu tenho mais contato com os empregados, que com os patrões que vem mais finais de semana. Sobre drogas, violência, sempre tem uma coisa ou outra, mas é sempre muito disfarçado, não dão abertura. Assim, tem uns 2 ou 3 usuário aí, mais nada sério assim, que prejudique alguma coisa aqui.

A nível econômico são todos funcionários, alguns que são os donos, tem suas empresas, seus negócios vem aqui pra gastar na propriedade e não retiram da propriedade. Pq quem cultiva sou eu o [REDACTED], tem outras área ai que os proprietários estão no Japão, tem os sub-locadores e tão por ai trabalhando na terra, mas estes vem só pra extração. E tem os que são daqui, herdaram e faz sua rocinha, aluga um pedacinho pros japoneses e tal. Então, a nível de uso e extração da terra mesmo que eu saiba é isso. No mais cada caseiro tem uma horta.

6. Que eu conheço é só o parque. A relação é tranquila.

7. É uma coisa assim de inebriar, vc olha todo dia de manhã, é bonito, é bom, é saudável, vc se sente bem. Eu acho muito bom, eu me afasto daqui, vou pra Guarulhos, SP, fico 2, 3 dias lá eu fico com falta de ar. Então a relação com a mata é muito, tanto é que, “ou vc podia ter cortado naquela época”, eu não vim pra cortar, não vim pra desmatar. Se tivesse na época do meu pai que desmatava pq produzia madeira, a construção, mas hoje não. Até a minha condição aqui é difícil pela falta de espaço, pq eu fiz uma clareira aqui e to mantendo essa clareira, só se cai uma árvore em cima da casa, ai num tem jeito, eu queimo na caldeira que eu tenho, mas até isso eu compro a madeira de fora, quando eu compro o pó de serra vem metade pó de serra, metade o cavaco pra queimar. As vezes a gente queima uma coisa ou outra daqui pq caia, desgasta. O pó de serra e o cavaco, vc paga o transporte, pq é de descarte.

8. Continua, mas fortaleceu, essa história de reconhecer o juçara e respeitá-lo né. Entender a importância dele na mata e o que ele pode fazer Tb fora daqui.

9. O projeto veio me preencher, preencheu algo mais.

Entrevista 6

1. O histórico meu na região começou em média uns 12 anos atrás, eu sempre morei aqui próximo de onde nós estamos em Mogi das Cruzes, fui sempre uma pessoa voltada pro meio rural, da vida no campo. E o meu sogro que faleceu um tempo ai, Tb viveu no campo. Então deu a vontade de procurar um sítio na área rural, onde eu pudesse morar de fato e um lugar onde tivesse o mais natural possível, que não fosse desmatado ou degradado, pra moldar de acordo com esse sonho. Nesse período conversando com os meus filhos, especialmente com o [REDACTED], Tb se interessou e incentivou a gente a fazer isso daí né. E começamos a procurar e consegui achar a coisa do jeito que eu queria, eu falei tem que ser esse daqui, pq ta nas margens da pista, ta fácil de chegar. E tinha duas coisas que eu queria, mata natural, primária num tava mais degradado pelas madeiras de carvão, já tava regenerada, depois eu enriqueci aquela área com várias outras espécies a mata e tal. E desde que eu fui pra lá a preocupação o que era? Era se tinha juçara, que eu percebi que tinha muito pouco assim, eu falei vou atrás que eu vou semear, então desde o começo a minha intenção era encher com o juçara.

Como eu falei, pq sempre o amor que eu tinha pelas coisas naturais, nativas da região, principalmente aquelas que estão em extinção. E eu falei bom, juçara é nativa da região, justo no meu sítio não tem rsrsrsrs, vou ter que voltar a plantar juçara aqui pra que tenha. Então procurei numa vizinhança lá perto, vi que tinha, já pedi semente pra eles e tal, logo de cara já espalhei a lanço as sementes e ao mesmo tempo fiz um viveiro, o pessoal ia falando ela se dá bem assim, no tempo tal, lugar meio úmido. Eu mais ou menos boleei, peguei lá um pedaço de plástico, coloquei substrato natural, terra misturada com húmus, eu fiz um tipo de uma cama, eu joguei bastante semente por cima, mas por conta própria, e daí então começou a germinar, comecei a passar pros saquinhos, eu Tb sempre procurei aproveitar o máximo as coisas que vc tem né. Peguei caixinha de leite e cortei e coloquei substrato, aqueles que começava a sair aquela raizinha assim, eu já passava e dali então fiz um monte de muda né. Essas mudas quando tinha umas 6 folhas eu comecei levar pra mata, daí comecei fazer experiência, mata bem fechada, sombreada e tal e nas bordas da mata né. Por experiência própria, pq eu conversava com o [REDACTED], com as pessoas e eles falava ah lugar assim ela cresce mais, foi pegando, pq aquilo que o pessoal falava é que acontecia na prática né. Aquelas da borda da mata parte ensolarada foram Tb, já tão com uns 2 metros de altura, aquelas que tão no lugar mais sombreado, num tão igual, mas tão num porte médio, fica mais mirrada. E a partir dessa primeira experiência inicial toda vez que eu pegava semente eu semeava essas sementes né. E depois logo em seguida que eu tinha uma de porte grande assim, que era uma única matriz que eu tinha e comecei pegar semente jogar no mata tal, os pássaros começaram pegar e espalhar. Depois naturalmente com essa matriz e outras que começaram dar fruto por perto os pássaros Tb traziam pra cá, então a medida que eu percebi que aquelas que eu comecei jogar, germinava e os pássaros Tb estavam trazendo sementes, eu parei de semear. Então hoje a mata La do meu sítio ta forrada de

juçara, vários portes, pequeno, médio, tem lugar assim que parece até um tapete. Então hoje eu to bastante contente, que aquilo que eu não vi no começo, hoje ta bastante povoada de juçara no meu sítio. E tem essas com porte médio, que daqui uns 2 anos já começa dar fruto já e continuo cuidando, pq depois que começou o grupo juçara lá.

2. O meu filho tava fazendo o mestrado dele lá no parque, e ele começou falar né, lá o pessoal ta falando pra fazer assim e assim e tal, quando tem 3, 4 folhas sempre tem a necessidade de buscar mais luz, mais calor, então nunca pode ta com muita folha se não rouba a força. Pq ela com 3 folhas e tem necessidade, a média é 4 ou 5 folhas com mais roubar a força, vc corta e ela começa a espichar. Aprendi Tb com as reuniões, Tb com a prática e as conversas. Pq logo em seguida a gente começou a participar das reuniões e cada vez a gente vai aprendendo mais.

Tem ajudado bastante né.

E agora vc vai percebendo que tem os demais vizinhos lá que a gente conhecia, que tinha interesse no juçara, que tinha interesse nos produtos da nossa região e outros mais né. Foi então que eu procurei o [REDACTED], o [REDACTED], o [REDACTED], monte de gente lá que de umas 10 pessoas que eu convidei, pelo menos umas 3 ou 4 foram. Tem várias pessoas que tão interessadas mais o problema deles é o seguinte, é falta de tempo e locomoção, que ta forrado de juçara, mas que tem dificuldade de colher, mais os meninos do parque Tb num consegue ir. O projeto juçara mesmo precisa de um estágio mais avançado, na hora que tiver colhendo o fruto mesmo e levando pra despolar. Eles sabem do que ta acontecendo, mais eles querem ir num estágio mais avançado. Na nossa região ali, nos temos até a possibilidade de fazer um subgrupo, tem a gente que já participa e vários outros sitiantes que querem participar, agora vamos fazer essa experiência lá no parque com a despoldadera lá, se a coisa der certo, talvez até pensa em fazer lá Tb, pq nos temos nessa faixa o [REDACTED], tem o [REDACTED]. Por exemplo, montar uma central ali no [REDACTED], fica bom pra gente, pq pega o [REDACTED] e todo o pessoal ali perto dele, pega todo o pessoal do Manuel Ferreira. Então a intenção da gente pro futuro, sem enfraquecer o grupo lá, é pega um subgrupo, o pessoal da gente ali e montar uma central, pra poder facilitar, pra que mais proprietário possa participar do projeto. Muita gente fala, o projeto já ta funcionando e tal, como que faz pra levar o fruto, eu queria participar desse estágio.

E tem vários outros proprietários lá, que tem juçara na fase inicial e querem participar e semear mais juçara, então é um pessoal que tem um outro estágio, que querem ajudar a semear mais né e a participar Tb desse processo.

Eu to participando de uma outro grupo lá no sítio lá, que é de turismo rural, e que através desse projeto de turismo rural eu to incentivando outro sitiantes aqui a proteger e a participar Tb do grupo juçara. Que eles falam ah no meu sítio Tb tem eu não sabia que tinha esse valor, então ta surgindo outras pessoas que a gente vai trazendo. Então vai surgindo do interesse particular, pessoal meu e que vai aumentando o grupo. Que por coincidência o [REDACTED] começou a participar, me chamou comecei a participar, ai levei outro Tb e tal. Pq cada oficina que a gente participa a gente vai crescendo mais, aprendendo mais, levando Tb um pouco de conhecimento que a gente tem pra ajudar o outro.

O próximo estágio lá no meu sítio, depois dessa oficina, é Tb fazer viveiros, só que pelas experiência própria que eu já tive antes, eu vou jogar a sementes e depois passar pro saquinho ou caixinha, eu já comecei a guardar caixinhas de leite, pra poder economizar e aproveitar e reciclar, em vez de comprar saquinho de plástico, eu vou aproveitar o que já tem.

“[REDACTED] – o [REDACTED] ta fazendo em copo de plástico, passa num lugar La e pega do cano, usado”.

E tb pra economizar e aproveitar o que a natureza tem, eu num vou pegar a caixinha de leite, quando eu tenho bambu, eu planto nele e uso a sombra dele Tb. Pq se lá embaixo tá brotando as mudas, é pq o ambiente já é perfeito, eu num vou fazer sombrite. Eu vou ver dois lugares diferentes, e o próximo estágio agora é fazer o viveiro de mudas, pra ver e pra comercializar. Que nem a [REDACTED] as vezes fala, “ah lá o fulano de tal já ta com tantas muda e nós não temos ainda”, nós temos ao natural, temos que aproveitar isso agora e comercializar, agregar valor. Então, nós estamos nisso agora, a partir do nosso grupo crescer e se organizar, o processo é educar, processar (fruto) e

comercializar agora né. Realmente, o grupo do juçara é um negócio espetacular, pq veio a calhar o meu interesse, o interesse de outros proprietários e ao mesmo tempo a gente não deixa morrer a idéia e mudar Tb um pouco a mentalidade de que nós estamos num estágio X que nós temos que enfrentar e disputar com palmiteiro. A partir do momento que tem as despolpadeiras funcionando, nós vamos procurar os palmiteiros, pq a gente sabe quem são os palmitiros, pq por uma necessidade econômica, eles vão lá extrair da mata, das propriedades particulares e tal, a partir do momento que a gente mostrar pra eles que vai ser muito mais vantajoso, muito mais econômico pra ele vender a polpa, do que cortar o palmiteiro, ele vai acabar vindo. Então ele vai começar perceber que se ele deixar a palmeira em pé vai ser muito melhor. Arrisca a vida né. Outra coisa Tb que ta vislumbrando no futuro, é que vai acabar o palmiteiro, pq com a despolpadeira funcionando...

3.

4.

5. A situação econômica da região, não é muito boa pros moradores daqui, locais, muitos deles trabalham como caseiro e tem um pequeno salário né, mas a maioria mora na propriedade, mas não recebe nenhum rendimento, uma troca, mora na casa, tem luz, água, uma série de regalias, o que acontece, as pessoas são obrigadas a trabalhar fora, fazer bico uma série de coisas, pra poder sobreviver. E tem muitos que vivem plantando aqui, plantando lá, criam uma criação aqui. Mas tem um monte de coisa, como criar com a ração que não é apropriada, então ele faz uma série de coisas errada, pq não tem alternativa, ele corta a juçara pra fazer um roçado lá, é a necessidade imediata dele. Tem um lá, que fez um galinheiro enorme, cortou a mata, num pode, num sabe nem o mal que ta fazendo, mata um animal na mata pra poder comer, pq ta passando necessidade né. Então, é essa a situação de quem mora ali. Então, se vc tiver uma alternativa econômica, que mostra pra ele que pode viver por ex. do cambuci, outras frutas nativas da região, então ele vai poder estragar menos o meio ambiente e ajudar o meio ambiente. Mas tem que mostrar alternativas.

Mostrar esse nosso trabalho com o juçara, Tb o cambuci, que é outra coisa que a gente quer fazer. Nesse nosso grupo do juçara, ta lá o [REDACTED], o [REDACTED], é interessado em ver Tb o manejo de orquídeas e bromélias, o manejo da helicônia. Aprender o manejo pra passar pras pessoas que moram lá. É por isso que é bom fazer esse nosso curso de turismo rural, que é pra poder agregar a propriedade esses valores, isso vc vende pro turista, a bromélia, a polpa... então é isso lá, boas perspectivas. (econômica, social e ambiental).

6. Então, eu vejo que pessoas tipo proprietárias de uma OSCIP, pessoas proprietários de chácaras, eu vejo a associação de moradores importantíssima. Tem o pessoal lá da SAT Tb, essas lideranças populares elas podem e devem ajudar na organização né. Pena que o volume de pessoal não dá conta nem de fazer o trabalho social, que dirá fomenta mais coisas né. A gente pretende aos poucos chamar mais pessoas, a gente pretende Tb atingir as organizações, os japoneses ali, tem muitos, eles tem uma organização agrícola em Biritiba Uçú. Eu troco uma idéia com um e com outro, mas não interessa pra eles, pq o econômico hoje é a plantação de fruta, plantação grande deles lá, eles tem orquídea, vende no CEASA, no Rio de Janeiro, então esse econômico eles já garantiram. Então, eles não vão precisar do juçara, não vão precisar do cambuci, então quando isso crescer e mostrar pra eles que pode agregar mais valores, eles podem vir, talvez seja mais um negócio pra eles. Eu conheço vários ali que vivem do comercio de hortaliça, de plantação, que Tb tem matas, que Tb tem juçara, a gente fala ah vai na reunião, mas não vai pq não vê a importância, pra ele já ta colhendo, já ta vendendo, já ta entrando (\$), o juçara ainda não. O dia que eles vêem que o trabalho já ta andando, ai eles vão vir Tb. E tem Tb a associação dos japoneses.
7. A mata pra mim é o nosso berço e nosso sepulcro, nós viemos da terra, do meio natural, nossos antepassados, de tribos coisa e tal, toda a ligação com a mata, com a mãe natureza. Pra traduzir o meu sentimento com a natureza eu fiz um poema pra quando eu morrer eu quero que me enterre na beira do rio pra que eu volte e alimente os peixes. Pq do mesmo jeito que a natureza de alimenta, eu

Tb me alimentei, então ela precisa Tb se alimentar de mim. A minha esposa falou que não vai fazer isso não, que pode até cremar e jogar na mata, eu quero que joga no rio Tb. Eu vim do meio ambiente eu quero voltar pra ele. Desde a minha infância eu fui criado na zona urbana, com bastante contato com a natureza. Meu avô de origem espanhola, ele era do campo, então ele veio pro Brasil e morava em charinha, eu sei que lidava com campo, com animais, então eu me criei assim. Depois quando eu vim morar em Guarulhos, Tb foi uma chácara, tinha o rio, tomava banho no rio, pescava no quintal de casa, então a ligação é grande né.

8. Mudou bastante, pq veio reafirmar aquilo que a gente pensava, fortaleceu e ao mesmo tempo a vê que não ta sozinho, tem muita gente pensando assim. Se tem outras pessoas que pensam assim, outras mais Tb tão pensando assim e tão sozinhas por aí, por isso que é preciso fazer um site, divulgar isso daí, pq tem condições de trazer mais gente ainda.
 9. O projeto representa pra mim, uma coisa importante na minha vida, faz parte da minha vida. E pretendo enquanto eu tiver forças dar continuidade nesse projeto, junto com outras coisas, a juçara, o cambuci, o turismo rural ligado ao meio ambiente, a natureza. Até o final da minha vida ta fazendo alguma coisa que esteja ligado a natureza, plantação criação, o mais orgânico possível, e que o exemplo da gente sirva pra outras pessoas.
-

Entrevista 7

1. Minha esposa nasceu lá. Eu vim pra cá criança, eu vim de São José dos Campos, de Engenheiro de Melo, pertinho lá, eu vim pra cá com 10 anos, meu pai veio trabalhar no DAEE, o antigo DAEE, hoje é SEMAE, antes era tudo junto com energia elétrica. Trabalhou em lavoura, eu trabalhava com ele. Ai com uns 23 anos casei com a [REDACTED], e vim trabalhar de caseiro, fiquei 3 anos lá. Ai o pai da [REDACTED] morreu e ela é filha única né, ai ficou 7 alqueires de terra pra cuidar. Mas fiquei os 3 anos lá e pedi as contas e ai entrei na cooperativa rural e no sítio final de semana, ai depois de 6 anos eu montei esse comércinho aqui, era lanchonete e depois foi virando mercadinho. O vínculo com a terra desde os 10 anos que eu vim pra cá e já fui trabalhar com a terra.

2. Um dia eu tava trabalhando aqui e veio aquela mocinha que trabalha lá, a [REDACTED] e perguntou se eu queria participar do juçara, que eles tava com um grupo que tava reunindo, ai a gente foi lá na reunião eu e minha esposa, eu fui bastante, mas não ta dando pq de sábado e domingo é o dia que aperta aqui no mercadinho né? E num ta dando pra ir. Ahh ensinou muito coisa né. Como é que fazia pra plantar e tal, proteger, assim sempre fui dando força lá. No sítio tem uns dez mil pés de palmito, roubaram uns 2 alqueires de pé de palmito, a uns 5 ou 6 anos. Fui multado, ai fui com o pessoal lá no mato, mas disseram que tinha que ser flagrante. Ai um amigo falou, vamos lá no diário de Mogi meter a boca, ai fomos, ai filmaram, saiu no diário de Mogi, saiu lá falando do palmito. Ai passou uma semana veio o comandante e 4 policial, oh eu vou ter que multar o senhor, pq não pegou em flagrante, deu 3500,00 na época, ai meu irmão pegou e recorreu pro IBAMA, fez uma carta, levou pra São Paulo, ai arquivaram o processo. Ai explicaram, quando acontecer isso, vc vai na delegacia e faz o BO, pq se acontecer de novo de vim a floresta, vc fala oh eu fiz o BO. Agora eu faço. Mas só que agora tem um vizinho meu lá que comprou que é florestal, agora ninguém meche não. Mas a gente conhece, sabe quem é, é um cara aí. Um dia estavam cortando palmito lá, ai um vizinho ligou pra mim e falou, cheguei lá peguei 2 mulher com o facão, ai chamou o florestal e a militar. Ai ela começou falar que tinha 8 filho, que passava necessidade, to cortando pra comer, e lá no meio do mato tinha um monte de palmito. Ai a militar pegou ela e levou embora. Ai foi o florestal atrás do palmito, tinham levado tudo o palmito, tinha umas 8 pessoas na mata. Inda o policial brincou, olha não deixaram nem um pedaço pra nós comer.

3. Que tem juçara só o [REDACTED] e o [REDACTED] o resto acabaram com tudo.

4. Ah eu sempre gostei de preservar, nunca deixei cortar, ai depois que ela veio falar comigo a gente participou né. Fui com as reuniões que fiquei sabendo mais mesmo. Sabendo da fruta. O projeto ta com o que? Uns 3 anos, então, pq teve ano que deu mais, depois diminuiu.

Ah ajuda né, é que eu não to podendo participar da reunião, mas a gente fica sabendo, entende melhor.

5. Ambiental – o moço que é meu vizinho ele sempre ta passando, ajudando a gente, mas tão invadindo aqui em Taiapuêba pegando palmito. Tem que ficar em cima.
Econômica – o negócio aqui é cogumelo e verdura né. O comércio ta razoável, época de calor melhora bem, o pessoal vem mais, que tem sítio chácara, mas se chover nem aparece, de semana é calmo Tb.

E tem turismo? Tem sítio que aluga.

Violência, drogas – é calmo, de vez em quando aparece um ai. Uma vez pegaram eu aqui, em 5, depois fiquei sabendo que a empregada tava o meio. Não é daqui, ele veio, ai amigou com ela. Ai aqui perto tinha um centro pra drogado, tinham uns caras esquisito, vinham aqui pedir pra [REDACTED] arroz, feijão. Ai vieram com um carrinho de feira, pq diz que o namorado da empregada ficou sabendo que tinha 20.000 no guarda roupa, ela inventou isso, ai ele vai e fala com os caras desse lugar. Ai eu fui abrir logo cedo, e já entraram e falaram vão subir que eu sei que vc tem dinheiro, e meu moleque tinha comprado uma (...) e os caras queriam pegar a dele, sabia que tinha a arma, isso a uns 6 ou 7 anos atrás. Ai eu não tinha o dinheiro, eu falei oh, tenho esse dinheiro aqui e tem cheque, ai eles pegaram e roubaram a combi do padeiro, ai ali na frente a combi pifou, ai fugiram a pé. Ai fui dar queixa na delegacia, passou uns 15 dias pegaram eles e ela, a empregada confessou do namorado e foram e prenderam o cara, o cara já tinha passagem policial já.

6. Ah tem muita gente né? Gente de fora, tão bem interessado no projeto, o pessoal de Ubatuba, aquela moça que falou, a [REDACTED] da [REDACTED], o [REDACTED] né?

7. Ahh eu sou muito ligado na mata, desde molequinho, eu gosto muito de planta eu cuido, samambaia de tudo.

8. Aprender né? Entender melhor como é as plantas, como fazer, incentiva bem a gente,

9. É que quer o bem né? Que tem que continuar. É importante pra ajudar a mata, prestar mais atenção na natureza.

Entrevista 8

1. Mora no sítio ele e a esposa. Comprou a terra tem 18 anos, quando se aposentou, trabalhava com obras e não tinha nenhum contato com a terra, começou plantando milho, ia pedindo sementes de tudo e ia plantando do seu jeito.

A família é composta por mim, esposa e cinco filhos.

2. Primeiro veio uma pessoa de Santos querendo colher juçara, ele não deixou (pra vender como açai). Depois o Parque das Neblinas (Parque) procurou e também não deixou, só quando o [REDACTED] veio pedir ele deixou colher. Tem ajudado, porque não ganhava nada e agora ganha um pouco.

Os vizinhos sabem e querem se envolver.

O juçara é novo na minha vida.

Levei alguns vizinhos no Parque mostrando que o fruto dá retorno.

5. Ambientalmente ta bom. Situação econômica as frutas estão trazendo lucros e o turismo ainda é médio, não tem muito retorno aqui.

Violência – tem muito roubo, num vizinho teve 4 assaltos em 4 segundas feiras.

As drogas ta muito, até criança.

6. Parque e [REDACTED] do Rio, a relação é tranquila com as instituições.

7. Preservar muito, tem que proteger.

8. Melhorou, pode dar retorno financeiro.

9. Agradecimento. Do que tinha e do que tem melhorou.

Há 5 anos foi multado por cortar 4 pés de juçara, e pés era para um cunhado que pediu e ele quis fazer a vontade dele, estava doente. A (esposa) pediu mais 2 pro final de semana. Alguém denunciou e ele foi multado. Já plantou em torno de 400 mudas (espécies nativas) agora terá que apresentar fotos do crescimento destas mudas plantadas, por 2 anos a cada 6 meses. Todas as plantas que cortou (4), foram plantadas por ele, pois no início sua propriedade era pasto. Mas não foi registrado o plantio.

Entrevista 9

1. A gente tá aqui desde agosto do ano passado (+ou- 6 meses). O vínculo com a terra é coisa antiga já, quando a gente se encontrava na época que estudava ia na beira do Tietê lá em Mogi e passava a tarde sentado em cima das árvores conversando, explorando o mato mesmo, a gente gostava mesmo. Nós somos de Mogi. Daí cada um foi estudar, fazer faculdade, mas no final de semana maninha esse vínculo, essa amizade sempre lá nesse campão assim, é um campo de futebol de várzea, mais afastada, então é uma área mais preservada lá em Mogi, então a gente ficava lá, aí que começou todo o gosto.

Então, nós fomos pra faculdade, mas desencanamos total, eu fui pra Campinas e o [REDACTED] aqui em Mogi. Pq eu já tava com a idéia na cabeça já. Aqui (sítio) é da minha avó, minha avó morreu e ficava um cara morando aqui que não pagava nada pra minha avó, minha avó não pagava nada pra ele e ele cuidava aqui. Na verdade ele tirava as coisas daqui, tirou bambu, pinheiro, palmeira, irou um monte de coisa.

Tb tinha uma vivência na casa de uma amiga em Mogi, que é meio que um centro, que rolava ensaio de maracatu, o pessoal que mexe com arte Tb, e daí nós fomos num ensaio lá e conhecemos uma cara que tinha o sítio São Francisco em Taiaçupeba, sítio de permacultura já era um trabalho mais antigo deles, então tava bem mais estruturado, quando a gente foi já clareou mais a cabeça. Ainda não tinha parado a faculdade, estuda e trabalhava ainda. Aí a gente começou estudar mais isso (permacultura) e aí foi vindo as outras coisas, conhecendo outros sítios, vendo como é que era, até que na minha cabeça já passou de abandonar tudo, eu abandonei a faculdade em janeiro, trabalhei até julho pra juntar dinheiro, parei de trabalhar, fui pro encontro de comunidade alternativa, aí a gente já tava com esse sítio meio que certo.

O cara que tava aqui, já não queria mais, queria sair, aí eu falei pra minha avó se ela tava pensando em vender o sítio, mas ela falou que não. Aí a gente veio conheceu aqui e ficamos. Eu só vim uma vez quando eu era bem pequeno com a minha avó, mas eu nem lembrava.

Aí a gente veio conhecer com a avó dele, ela veio mostrar, aí quando a gente pisou viu tudo isso, já... a avó dele falava que investia no sítio, comprava adubo e quando a gente veio ver as plantas não tava bonita, por isso que ela já não tava gostando do cara aqui e ele já tava querendo sair, pq ele tava trabalhando fora, então ele não tava ficando no sítio, tava abandonado. Casou, deu sorte né.

2. Quando a gente veio já vimos as palmeiras, aí vimos que era juçara, eu já tinha ouvido falar da polpa, daí já começamos com a idéia, fomos pesquisar a polpa.

Já fizemos até verde, que a gente não sabia direito. Mas tinha um gerenciamento, tinha dois caboclo com a lona aberta, por causa da queda, só que a gente conseguiu ir fazendo a polpa, pilando, a gente ganhou o livrinho de manejo Tb (Acarui), que fala do processamento manual Tb, aí a gente começou a fazer com a idéia de vender pros amigos nosso que vinha aqui tomava, já viajava, muito bom, com banana ainda, aí começamos fazer pra vender pra eles, mas aí já acabou a época, estamos esperando agora de novo. Aqui tão madura, as que tão fora do mato, as que tão mais pra dentro tão menores.

Quando vcs ficaram sabendo das oficinas?

A minha namorada foi levar currículo lá no Parque, que ela queria ver de monitoria, e daí lá ela ficou sabendo que ia rolar oficina de coletor de juçara, aí ela falou pra mim e eu fui, foi no Seu [REDACTED]. Com o [REDACTED], tinha um cara de rapel lá, daí uma amiga nossa falou da reunião que ia rolar agora e a gente foi. De oficina foi a primeira que nós fomos, o outro foi a oficina de coletores.

A gente faz com peconha.

3. Não conheço ninguém que esteja envolvido daqui. Se tem muito juçara eu não sei muito bem, tem o vizinho aqui, acho que é pai do cara que morava aqui, ele viu a gente fazer, falou que tinha umas lá, falou que fez (polpa), mas não sei se ele tem muita.

Tem bastante, mas espalhado.

Os vizinhos são tranquilos.

Tem o senhor que a gente conheceu, o Seu Sudário, quando a gente foi lá, ele até mostrou umas mudas de juçara que ele tava plantando.

Eu falei, falei que a gente tava fazendo, ele curtiu já, precisa convidar ele.

4. Eu conhecia, pq no parque municipal de Mogi a mulher tinha mostrado, a galera faz, ta tirando a polpa, rolou uma trilha que a mulher mostrou, foi no ano passado, na Serra do Itapeti. A [REDACTED].

A intenção é convencer tudo mundo numa coisa mais assim, pro orgânico.

Eu entrei num site que tava falando de certificação de orgânico tal.

Uma forma de ganhar dinheiro Tb, mas não é o principal, mas a auto suficiência é o foco. Mas a gente não ta investindo em hortaliça ainda pq ta querendo procurar um mercado diferente assim, estamos querendo um sistema agroflorestal, amo preparando a terra, plantamos um mamão. A gente ta estudando as coisas ainda. Aqui tem 14 hectare, que tá no papel.

A gente gosta mesmo. A gente ta aprendendo muito, pq a gente conhecia tudo na teoria, mas na prática... se completar o ano a gente já vai ficar bom. É muito louco ver as estações passando, a época, vc vai aprendendo o que cultivar em cada época. A gente conheceu o [REDACTED] do RS, num encontro de agroecologia e ele mandou um monte de semente crioula pra gente. Tem vindo bastante gente ajudar a gente Tb. São amigos e pessoal que vai sabendo da gente e vem ajudar

5. ahhh não sei se ta muito boa. A gente tem pouco contato ainda, as vezes no mercado encontra e cumprimenta, o pessoal é bem de boa, tranquilo. Aqui tem muito sítio de plantação mesmo, mas é tudo convencional acho, maracujá, caqui, cogumelo e hortaliça.

6.

7. Rsrtrs amor puro, carinho total, dedicação total a ela. Sem ela a gente não é nada, quando vai pra cidade a gente fica com a cabeça aqui, querendo voltar.

8.

9.

Entrevista 10

1. Sou nascido aqui, meu pai é de Paraibuna e minha mãe é daqui mesmo. Meu pai trabalhava aqui na Sabesp, se aposentou aqui, mesmo depois que aqui foi desativado e foi tudo mundo pra Suzano, ele ainda ficou aqui, tomando conta e fazendo o ficou aqui. Pq aqui perdeu a função, é um espaço muito grande e não tava sendo utilizado, pq aqui é a barragem do rio Jundiá, o Taiaçupeba mesmo é lá em Suzano, aqui não era mais viável.

Então, e eu estudei aqui, entrei pra trabalhar na Sat em 98, com 18 anos, quando era o [REDACTED], eu estudei com o filho dele e tava sempre na casa dele, e desde que eu me conheço por gente ele fala da Sat né, ele falava vamos lá, precisa de gente nova, até que um dia eu falei vamos lá, põe meu nome, na época tinha vários amigos que se envolveram, fizemos uma diretoria, começamos ajudar a dar leite, ajudando a igreja, pouca coisa, mais aí eu fui gostando e depois com a reestruturação em 2000 que vem o [REDACTED], [REDACTED]... p pessoal cria uma diretoria sólida mesmo, pra falar agora vamos mudar mesmo né, pra Sat deixar de ser associação de bairro que não tem tanta agilidade pra virar uma ONG, tornar uma política pública e aí foi crescendo. Aí eu fiquei associado como diretor adjunto num sei o quê, diretor comunitário, aí eu fui, depois do plebiscito, aí eu fui convidado pra trabalhar como assessor de vereador, isso era até interesse da Sat na época, pra ter alguém da Sat

que ganhasse ligado lá a um contato maior. Primeiro foi o [REDACTED] que não agüentou, aí eu me desliguei da Sat e fui no lugar dele, aí eu sai Tb e voltei pra Sat, voltei como secretário ou 2º secretário, aí foi cotado como presidente fiquei 2 anos, fui reeleito numa nova chapa e esse é meu último ano como presidente, pelo estatuto é tempo indeterminado, eu posso até ficar, mas de 2 em 2 anos tem que ter a votação, no estatuto diz que pra alguém se eleger numa chapa, tem que ser sócio da Sat, com carência de 1 ano, aí ele apresenta uma chapa. Na primeira vez tinha a minha chapa e a do [REDACTED] do escoteiro, aí no dia da eleição ele achou melhor tirar, disse que não queria participar mais queria fazer outra coisa, a idéia de trabalhar com escoteiros. Na segunda chapa não teve concorrente, até teve mais eram poucas pessoas não dava, aí a gente falou então vamos nos juntar, a não ser que um de vcs queira ser presidente, eles disseram não, a gente quer só participar e tá aí funcionando. Hoje quem tá mais presente mesmo sou eu o [REDACTED] e o [REDACTED], o pessoal tá meio relaxado.

Perguntei do envolvimento do [REDACTED], e se ele é de Taiaçupeba.

Não é de SP, mas ele tá aqui há mais de 30 anos, e te digo que ele é mais ativo que eu até, ele abraçou de tal maneira isso aí, que se ele vai numa reunião e alguém ameaça falar algo do sítio dele, ele já diz que tem que tem Tb uma ONG e podem ajudar assim e assado rsrsrsrs. Ele liga quase todo dia, pra saber se tem novidade, o que tá acontecendo, tá precisando de ajuda, da mesma forma o [REDACTED]. Se eu vou pedir um documento, alguma coisa burocrática, com uma empresa é o [REDACTED], mas se for alguma coisa aqui do dia a dia, peço ajuda ele vem, vai na prefeitura em Mogi, ele tá aposentado então é mais fácil pra ele e ele ajuda. Ele não deixa isso aqui morrer, ele segurou várias vezes que não tinha ninguém que quisesse ficar aqui ajudar, ele ficava e tocava sozinho, até reestruturar de novo. A Sat tá fazendo 50 anos esse ano.

Hoje é uma ONG, mudou o foco, pq a sociedade amigos de Taiaçupeba quando surgiu em 61 a distância hoje continua a mesma, mas hoje tem carro, tem celular, telefone, ônibus a casa 15 min. Na época, não tinha o asfalto que veio com a represa, tinha um ônibus de manhã e um à noite. Telefone era mínimo, telefone público menor ainda, tanto que eu ajudei a repovoar isso aqui de telefone público, eu trabalhava na telefônica né, depois tive até que tirar alguns pq eu exagerei né, entre 2000 e 2005 instalou se não me engano 237 aparelhos, mas hoje tá legal. Então na época, a Sat ajudava em tudo isso, e tinha buraco na rua a gente já tava lá com a pastinha e pegava nome o problema local e ia pra prefeitura, oh tá acontecendo isso lá e corria atrás. Depois um período passou a ser assistencial que era o leite, a cesta básica no final do ano, era alguém que tava com dificuldade, continuávamos as reivindicações com a prefeitura. Aí com a reestruturação muda, até por conta da mentalidade do [REDACTED], que fala não é só socorrer e apagar fogo, tem que criar uma associação que veja os problemas do bairro e chegue pra prefeitura e apresente soluções. Demorou um pouco pra comunidade entender o que é a Sat hoje, mudou, alguns não entendem, vê a rua cheia de buraco e vem reclamar, mas é outra a visão, a primeira demanda é meio ambiente, foi o foco depois, aí na minha gestão esse negócio da molecada, eu cresci numa geração que nunca teve nada, a gente ficava na praça, a escola fechada não deixava usar a quadra, eu passei por esse período, muitos amigos se envolveram com drogas, tem uns que tão aí jogados. Com a idéia do [REDACTED] que era pegar essa área aqui em comodato (Sabesp) trouxe a caixa pra cá e a idéia de fazer tudo aqui dentro, que começou com karatê, capoeira, ginástica, aí fez parceria com a prefeitura foi ampliando e hoje a molecada só não fica aqui se não quiser, ainda não é o que eu considero ideal, mas tá melhorando. E aí a população local aqui começou a entender a Sat. Pq a (mulher) que foi a vereadora, foi legal, fez acontecer, mas alguns acham que tá fazendo só pra se eleger, talvez se ela tivesse sido uma ótima, excelente política, talvez a gente tivesse uma visão diferente, mas o que a gente queria mesmo é que ela entrasse lá com uma visão diferente, e depois a gente entendeu que ela entrou lá e era só isso que ela queria, mas foi. RS Por outro lado é muito bom um distrito como o nosso ter alguém de nós lá, seu eu gosto dela ou não, não quer dizer nada. Institucionalmente eu acho muito bom, pq fala de Taiaçupeba na prefeitura quase todos os dias por conta dela, então isso não posso descartar.

Capela do ribeirão é a sede do distrito, é esse bairro central, antes de ser distrito tudo era capela do ribeirão, quando passou a ser distrito de Taiaçupeba, e capela do ribeirão esse bairro central, aí tem São Sebastião, Vargem Grande, Capela do Ribeirão,18, Aroeiras, mais ou menos isso. Pq assim,

se pegar o federal Taiaçupeba engloba Pindorama, Quatinga, Biritiba Ussu, vários, mas no decreto municipal tem um distrito de Quatinga e um de Biritiba Ussu, então diminuiu os bairro que pertencem a cada um. Isso por conta da distância e administração regional.

Tem os Vicentinos que cuidam dos pobres, a pastoral da criança, tem as festas que é cultural, como festa de São Sebastião, cada bairro tem sua igreja e a festa do santo daquela igreja.

Eu estudei filosofia num seminário né? ... vcs conheceram o [REDACTED] que ta vindo nas reuniões?

Ainda não.

Ele é meu amigo, é sócio da Sat e quando eu tava no seminário eu já era da Sat, ele dava o curso de educação ambiental, eu perturbava ele já rsrsrs ele é da economia.

Tem o pessoal da OMC da administração, que mandou um projeto do juçara junto com o parque pro Santander, ficaram entre os 12, mas não receberam a verba. Enviaram através da Sat, como parceiro da comunidade, a universidade UMC, o Parque das Neblinas como incubador, eu acho que foi bacana pq ficou entre os 12. O que a gente tirou como lição é que a juçara tem um potencial grande, onde faltou mostrar isso é que a gente não sabe.

Então voltando a falar do nosso foco aqui, era o meio ambiente, então acho que a história do juçara, do cambuci hoje, com o trabalho do parque e de todo o pessoal ficou muito importante, vc perguntou como que ta sendo, ta sendo ótimo, o próprio retorno é vc ir na praça e não ver mais os sitiantes falando, contaram meu palmito, já tem mais de 3 anos que eu não ouço isso. Que nem, eu vendo carro usado, daí eu to conversando, vou fazer algum negócio, a pessoa já chama pra ver o palmito que plantou,

2. Quando começaram as oficinas que convidaram pra participar, pode-se dizer que eu critiquei muito o projeto no começo, por conta da forma como foi feito no começo, a gente não acreditava muito, mas depois... mas sou eu particularmente, a Sat logo de cara abraçou a idéia, isso foi eu. Oh, vai lá e fala quantos metros tem seu sítio, quantos pés disso, no começo ficamos desconfiado depois foi indo, o pessoal foi aderindo. O pessoal que foi saindo, saíram com a mentalidade de que é bom plantar o juçara, é bonito, faz bem pra natureza, se eu tirar a semente eu tenho a polpa, mesmo que ele não queira continuar na reunião ele tem uma outra visão. Acho que isso daí foi muito importante. Até mais importante do que se vai dar certo ou amanhã ou depois a venda a comercialização, mesmo se ninguém comercializar, mas todo mundo plantar já ta atingiu o objetivo.

3.

4. Uma coisa é que a gente não chamava de juçara era de palmito, isso desde pequeno, eu nasci ali na Bomba, tinha muito mais mata, e se falava do palmito né, mas já existia pessoas que falavam que não pode cortar, eu me lembro, já outros falava que poderia, mas e se acabar, a vc entra no mato e pega, mas era época que o pessoal caçava muito.

E alguém falava sobre a questão de atrair pássaro...?

Falava, era árvore frutera, ia pra matar o passarinho que comia o fruto, o cambuci tb, atrai a paca por ex. a proibição ajudou muito né, mas o fato de vc hoje ter um frango no mercado que custa 5 reais, o cara não vai lá comprar cartucho. Onde eu nasci não tinha água encanada, luz então o que eu comia quando era pequeno era caça, a alimentação era essa, arroz, feijão, fubá, farinha, tatu, caça, a mistura né. Então, aí o que acontece, que eu vejo, com a represa muita coisa se perdeu, lugar onde tinha juçara hoje tem eucalipto, isso é uma outra história, onde eu nasci era muito juçara hoje é só eucalipto.

Vc conheceu alguém que não conhecia (pouco ou nada) com o projeto juçara?

Mesmo quem não frequenta a reunião hoje já sabe, ta ouvindo falar, alguém comentou, falou, mesmo os que não são produtores, ou não estão ligados a associação. É aquilo que a gente falou, não é viável economicamente, não é legal cortar, não é bom, antes a pessoa cortava ninguém falava nada, começaram a falar no assunto ai muda.

5. Econômica – eu costumo dizer que nos somos privilegiados, vc não tem miserável, economicamente o pessoal é simples, modesto, mas não miserável. Aquele que chega a uma situação quase extrema, ele é amparado ou pela associação, ou outra associação, ou a igreja pela católica ou pela evangélica ou pelo centro de umbanda.

Aqui tem centro de umbanda?

Tem, eu acho isso ótimo, eu me comunico com todos. Outro dia uma mulher tava contando, que veio de Goianazes, o marido arrumou emprego em Mogi e o único lugar que com seguiu alugar uma casa foi em Taiaçupeba, eu vim chorando, eu pensei o que eu vou fazer no meio do mato, se lá em Goianazes eu tenho que pegar dois ônibus pra levar meu filho na creche, lá pra fazer compra eu tenho que pegar outro, aí eu vim morar aqui, eu tenho 4 filhos, um ta na creche, outros 2 na escola, o outro na escola em SP, o mercado eu tenho aqui, se vc precisa de um açúcar grita pro vizinho, lá onde morava nem conheci tinha até medo de gritar o vizinho e tomar uma facada.

Então eu acho que social e econômica falta muita coisa, mas ninguém passa necessidade, pode ter a vida difícil, mas tem alguém pra ajudar.

A questão de drogas não é um problema de Taiaçupeba, é geral, eu acho quer por cota da mídia ele ta mais descarado, até mesmo o usuário antigamente se escondia mais, não digo que isso é bom, pq se ele se esconde é mais difícil saber o que ta acontecendo onde ele ta. Como a cidade é pequena vc vê mais, sabe mais. Mas a gente tem trabalhado com a escola, com a polícia, é que é uma questão que não é fácil discutir, é muito complexa, quando é com a pessoa, é assim, o meu filho é homossexual o do vizinho é bicha, o meu filho ta passando um problema com tóxico, o do vizinho é aquele desgraçado... eu tento, mas é complicado, pq hoje que lida com craque aqui são da minha geração, isso me deixa muito triste, mas de certa forma eu os conheço, mas não dá pra acolher tudo, eu não tenho essa grandeza, pq não dá pra lidar com eles mesmo, o máximo que eu consigo fazer é uma parceria com o AA.

O ambiental, eu acho que passa pelo cultural, pq eu adoro o meio ambiente, tem uma árvore enorme na frente da minha casa, então, a minha vida melhorou eu comprei um carro e essa ■ ta atrapalhando na frente de casa...rsrs então, parece que as pessoas mais simples não ligam pq é mato e eu sempre cortei e vou cortar, as pessoas com melhor poder aquisitivo, mora em SP, compra um terreno no mato, corta tudo, cimenta, mura e bota arame farpado, então, poxa vida quando é que isso vai mudar, eu não sei. Fala com a polícia tem a repressão, coisas assim, mas eu sinceramente não vejo que estamos caminhando pra um negócio bom, é bonito falar que a Sat fala disso, o parque fala, é bonito falar que a represa não ta poluída, mas se vc for olhar mais profundo, dar um olhar mais crítico, vc fala ta uma porcária. Pq se o parque tem eucalipto e corta, pq o seu ■ Tb não pode cotar, é pau Tb, e ele não quer saber se aqui é plantado pra ser cortado ou não, pra ele ta saindo do sertão. Então fica difícil fazer uma palestra pra falar que não pode cortar...

Então, é legal, mas o parque é bom que quem vem de fora, é novidade vc ver uma cachoeira, mas pra quem é daqui não é novidade. As vezes eles criticam, ah o pessoal daqui não vai no parque, mas não é, eles querem ver o shopping. Então é legal, pro pessoal que trabalha no parque, criam um vínculo legal, gostam do parque, querem que a família vá lá. Até por experiência minha, quando levo alguém lá, eles ficam ohhhhh e eu falo ah é isso, é pé de árvore, é água. O meu pai dá risada disso, pq pra ele nasceu ali, viu tudo, conhece tudo.

Mas vc acha que se fosse feito um trabalho mais aprofundado com as pessoas aqui, ajudaria, por ex. falar a diferença da árvore que sai do parque e da que ele tem na terra dele...

Eu acho, que tem que trabalhar com as crianças, quando falaram pra minha filha na creche que jogar papel no chão é feio, ela fala papai mais que coisa mais feia rs. Eu acho que essa criançada não tem a relação que eu tive com a natureza, essa criançada ta aqui no mato com o vídeo game, o computador. Então lá, fazer o trabalho que a gente faz com as crianças da creche, levar lá no parque, é muito legal! Fazer um trabalho que a escola municipal leve as crianças no parque pra ver o que a gente teve sem ter parque, eu acho que precisa trabalhar com essa molecada. O meu pai brinca que é gastar vela com defunto ruim, rsrs mas hoje ele mesmo já tem outra visão, ele não caça, não que ele tenha uma consciência ambiental, é que ele tem a consciência que é muito mais fácil ir no mercado comprar um frango, do sair comprar cartucho e ir lá caçar. Ai o pessoal fala ai é que criaram consciência, é que tem coisa mais fácil, mas se ele tive lá no meio do mato e tive mais fácil ele caçar,

ele vai. Até pq vc sabe como é a polícia ambiental, ela pode até querer fazer alguma coisa, mais tem 4 policial pra atender Santa Izabel, Igaraté tudo ai que eles falaram na reunião. A polícia ambiental no Brasil é de mentira, ele não vai pegar o caçador, eles só vão pegar o cara que tive marcando no meio da rua. Apesar que nem tem mais esses tiozinho que saia pro mato já morreram tudo. Mas meu avô pegava um saco de farinha, um saco, uma espingarda e cartucho e voltava uma semana depois né. Perguntava onde ele tava, ele tava no morro da canoa quebrada, tava lá. Hoje

6. O parque né. E acho que todas de Taiacupeba, as escolas, a igreja, o pessoal todo abraçou, a creche, a Sat, os sitiante, o caseiro do dono do sítio que vem uma vez por semana, os comerciantes, todo mundo, acho que aqui virou uma onda.

Até, tem que ter o juçara, o cambuci no restaurante, nos lugares aqui pro pessoal tomar, quem nem outro dia eu levei pro pessoal que joga futebol tomar, e tem um pessoal do norte, já falaram nossa!!!! É açai, tem mais, tem mais, e aí eu expliquei pra eles o que era, o juçara e tal. Mas que nem o cambuci, eu digo até que a culpa de não ter é minha, pq ontem, eu fui almoçar e pedi uma coca. O cara de Suzano que veio aqui e queria saber o que era e pediu, mas se eu sempre pedir as pessoas vão começar a buscar, a ter. o pessoal que vem aqui em Taiacupeba tomar o cambuci, já vai lá no [REDACTED] e ele já faz um charme, todo aquele negócio, vc vai lá ele fala, uai vc não é amigo dos caras do parque? Kkkkkkkkkkkk ele é uma figura, ele é uma cara, que vc vai lá ele ta na mesa dele com um monte de papel, ele é o único cara da idade dele que ta ai lendo tudo que é livro, escrevendo, estudando a história daqui. Quem não conhece, chega e vê ele fala, ah esse veio tonto ai.

Eu acho que todas são importantes no processo, eu volto a bater na mesma tecla, acho que as escolas tem que participar mais, trazer mais

É legal, eu até que ajudei, modéstia parte, assim no começo, ninguém entendeu pq que eu era tão chato com algumas coisas e quem nem o GATE era uma coisa que batia muito de frente com a Sat, eu quero que vcs estejam lá na Sat, que vcs falem quando vão fazer alguma coisa, pra eu não atrapalhar, hoje já são legal, com o [REDACTED], com o próprio parque que eu fui crítico. Pq tem uma coisa do próprio ser humano que quando não conhece o outro já fala ah, é um chato, eu acho que só começa a melhorar quando vc começa a conhecer. Até pq quando começou o negócio do parque vir falar, eu fui crítico pq o cara cortaram tudo, acabaram com tudo agora vai querer falar ai. E não é bem assim, pq vc critica, mas se não tivesse? Então quer dizer, por que que existe, razões são várias, mas hoje vc sabe que as empresas se não tiver o ambiental ta perdida, ele pode até falar pro Zezinho, Luizinho que faz isso pq é muito legal, importante, mas falar pra mim. Mas o que a gente precisa é saber como transformar isso em benefício pra comunidade. Hoje a Suzano ta aqui na associação ajudando a manter quase todos os projetos, mas não é por isso que eu vou deixar de dizer as coisas, uma coisa é uma coisa, outra coisa é outra coisa. Mas tem que reconhecer essas relações.

7.

8.

9. Eu acho que o que foi extremamente importante foi a volta da identidade, das pessoas com a palmeira.

Entrevista 11

1. Eu nasci em Mogi, cresci e vivi lá, eu sou casado tenho uma filha. Comecei estudando biologia e em 2003 comecei a trabalhar o parque, como monitor, na verdade comecei antes até, com pesquisa da faculdade e ai já amarrei o mestrado lá mesmo, com a [REDACTED], mas continuando como monitor. Trabalhei lá até 2009, chegamos a montar uma ONG pra prestar serviço pro parque, uma coisa era pra formalizar as monitorias de trilhas. Mas, tinha muita coisa pra separar e pra fazer ao mesmo tempo ai até atrapalhou o desenvolvimento da ONG.

qual o seu vínculo com a terra;

Tem, o meu avô desde que eu me conheço por gente, ele vivia da roça, eu acompanhava, e onde eu morava era o ponto final da cidade, então brincava no mato na floresta, na bica. E isso pra escolher o

estudo ajudou Tb, fui fazer biologia, eu queria biologia marinha, aí que eu comecei a ver que eu ia pra esse lado, aí fui pra floresta.

2. O parque tinha um projeto desde 2002 com plantio de juçara, começaram com semente do Vale do Ribeira e a gente viu que não tava indo muito bem, começamos a dar sugestões e pegar pessoas dali, pegar sementes do local, aí começamos a expandir e ir pra fora do parque, ir pra comunidade. Eu morei lá em Taiapuêba um ano, eu morava vizinho do [REDACTED] da família dele, que era conhecido como palmiteiros, e a gente começou a conversar, aí eu e o [REDACTED] que levamos o [REDACTED] pro parque.

3.

4. Acho que trouxe já, pq acho que já ta pra lá da 10ª oficina né? Eu acho que nas primeiras houve uma mobilização maior, o pessoal conheceu sobre o juçara, pq ainda não é muito disseminado na comunidade, só quem ta mais envolvido com o projeto que ta sabendo, mas... aí eu acho que com o tempo a presença das pessoas foi diminuindo, talvez o modo como ta sendo levado, não promoveu o manejo do juçara ou uma organização maior dos produtores, acho que gerou mais dificuldade, pq agora no final gerou a demanda, uma expectativa muito grande deles e uns acabaram indo pra vida deles e muitos desmobilizaram totalmente, foram tocando sua vida. A maioria que eu vejo lá a maioria já ta aposentado, uns nem moram no sítio. Então eles já tem o sustento deles, então não é uma coisa que vai trazer uma mudança na vida deles. Eles não tão tendo isso, uma coisa que possa ajudar na parte econômica da família, falta alguma coisa assim pra organizar virar uma coisa mais real né. Uma simples despoldadeira já ia ajudar, mas precisa começar.

Mas faz tempo já que eu to de fora, o ano passado inteiro eu já não tava participando.

Eu acho que tinha que ser mais aberta, mais participativa, pq fica ali limitado a palestra, eles tinham que participar mais falar o que querem o que não querem e ter apoio da ONGs, o que vem de fora tinha que apoiar e não impor um projeto. É bom trazer informação, é ótimo, mas só isso não basta. Foi legal, que a gente chegou falou o que ta acontecendo, do juçara, falou do uso de uma nova história que ta crescendo pela mata atlântica aí a fora, o pessoal se interessou e daí, tem a informação, aí veio polícia ambiental, agora precisa construir uma coisa que seja ali local, pra mobilizar mesmo de fato, tipo segunda fulano tem que fazer tal coisa, eles delegarem tarefas entre eles e aí a gente que ta por trás da o apoio.

Eles mesmos trouxeram pessoas pras oficinas, olha esse é fulano, meu vizinho. Ou com o cadastro eles pediam pra levar a ficha pro vizinho. Mas alguns nem foram, pq não queria participar de reunião. Tem várias maneiras de participar, tem uns que só abrir pra coletar na propriedade, tem uns que querem participar da organização, alguém pra trabalhar na despolda, mas é isso vários papéis.

Lá por exemplo tem a Sat que é bem articulada, tem o [REDACTED], o [REDACTED], conseguem recurso pra fazer projetos, tem uma boa visibilidade na cidade inteira e na região, só que a comunidade local não vê o Sat com bons olhos, eles acham que quem ta lá é de fora, é só gente da grana, quem vem lá só de final de semana. Realmente tem muita gente de fora que participa que quer ajudar, precisa aproximar eles, que nem uma simples taxa que tem lá já é complicador. E não é só da Sat, parece que todas as ONGs que se formam lá, tem a GADES tb, eles são bem local, só gente dali mesmo, que mora lá e tem uma rixa danada com a Sat pq, eles não conseguem o mesmo que as Sat consegue então fica aquela coisa.

Então, parece que as coisas que são criadas lá pra organização, pra levar as coisas pra frente, sempre tem algum empecilho, as pessoas falam mal do GADES e nem participam pra saber. Sei lá, parece que tem um sentimento ali de exclusão, de se auto excluir sabe? Não sei como explicar isso, não sei pq. Tem muito sitiante de fora, muita gente de fora, então eles se sentem excluídos, eles não gostam disso, mas não fazem nada pra fazer parte.

Mas, muita coisa mudou lá com a chegada do Parque da Serra do Mar, o parque estadual. A Suzano sempre teve uma história grande lá em Taiapuêba, todo mundo que morava lá trabalhava no eucalipto e aí veio a mecanização veio a mudança de política da empresa, pq antes o pessoal caçava lá dentro da empresa, tirava helicônia, samambaia tirava uma renda dali, então quando a empresa

teve uma mudança de postura na década de 80 por aí, não pode caçar, não pode nem morar aqui dentro, o pessoal começou a sair de lá de dentro mais de 300 famílias. Antes era uma grande fazenda desde a década de 30, 40 pra fazer carvão lá. Então, muita gente foi pra lá pra trabalhar com o carvão, depois veio o eucalipto, aí logo a Suzano comprou e chegou mais gente pra trabalhar, então esse foi o ciclo econômico lá. E tem muito, nascendo no morro, região de mananciais. E começaram o trabalho de pagamento de serviços ambientais, então ela já tem preservado em vários aspectos.

5. Parte econômica, eles são restritos, por ser área de mananciais não pode ter indústria nada, e até pra eles mesmos pra família crescer fica difícil, a construção precisa ser aprovada, muito mais burocracia, pra fazer uma casa, qualquer coisa. Então, lá é muito agricultura né? Principalmente (...) tem grandes produtores Tb de cogumelo, 80% do champignon vem de lá. Tem hortaliças e frutíferas, o eucalipto tem algumas propriedades que vive do eucalipto do cultivo da rebrota Tb. Mas os jovens tá procurando uma oportunidade na cidade, não tem alternativa muito local, é o parque, a parte de turismo tem muito a crescer, mas ainda tá parado. Eu participei do curso de turismo rural do SEBRAE, foi muito legal, foi de um ano, mas já acabou. Tem que desenvolver um jornal, os comerciantes, uma coisa maior, tem que ter capacidade pra articular, nos tentamos pensar nisso, mas não deu certo. O potencial de turismo é enorme, o potencial de manejo de frutas, de ornamentais, de floresta secundária, de capoeira, de safe e é o que o plano diretor da cidade diz que é o correto, desenvolver o ecoturismo e o manejo atividades menos impactantes pra essas áreas de mananciais. Na parte ambiental, o pessoal nova década, tá tendo um pouco mais de consciência de como se portar com o lixo com as coisas, mas lá ainda tá bem ruim, o saneamento, o centro da cidade, o lixo, tem coleta, mas não tem tratamento de esgoto.

Na parte cultural, social, o pessoal lá não tem muita diferença, tem um padrão, o pessoal que vem de fora que tem grandes sítios, grandes chácaras com todo o conforto, a maioria lá tem muito aposentado, tem a escola. Drogas, aumenta a cada dia, é uma preocupação lá, a quantidade de bairro lá é muito grande, então esse negócio tá chegando com força lá. Violência rola, é briga de bar, assalto, gente de fora Tb, quando acontece algum seqüestro, alguém que mata alguém vai jogar lá no meio do parque. De segurança ninguém mais fica tranquilo, eu tive minha bicicleta roubada, ninguém mais deixa a casa aberta não é mais um lugar tranquilo, molecada né? E é justamente por não ter muita alternativa de lazer, de trabalho. E a molecada que não se interessa por alguma coisa, por algum emprego em Mogi, fica ali no bairro e aí vai.

6. Agora tem a Braz Cuba, a prefeitura, a secretaria de meio ambiente, a Sat, de repente alguém que faça parte do Gade, mas...

7. As vezes eu acho que eu tenho mais é compaixão, vendo o que estão fazendo com a mata, eu tenho dó, aí aquele sentimento de querer ajudar, de querer manter. O primeiro sentimento que vem é isso.

8. Eu acho que sim, tem uma visão que a mata tem mais valor econômico, nutricional pra gente sobreviver, como eu vejo muita gente "oh, deixa aquela árvore ali que é da família". Eu acho que tinha que fazer algo pras pessoas enxergar a mata como algo a mais e não sendo aquele estorvo que as pessoas falam.

9. Eu vou falar uma coisa que ouvi do [REDACTED] "o juçara na mata é igual farinha pra gente, é básico"!

ANEXO F

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
A ADOÇÃO DE NOVAS TECNOLOGIAS SOCIAIS NA UTILIZAÇÃO DA POLPA DO JUÇARA (*Euterpe edulis*) SOB O
OLHAR DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL**

A maior parte das espécies ameaçadas de extinção no Brasil se encontra na Mata Atlântica, sendo que menos de 5% da cobertura original que ainda resta deste bioma, se apresenta na forma de remanescentes pequenos e fragmentos florestais. A região do Distrito de Taiaçupeba – SP, pertencente a Mogi das Cruzes, é uma região que, além do turismo, conta com muitos sítios de produção de hortas e pesqueiros, sendo uma área de Mata Atlântica com certo grau de conservação que conta ainda com a presença da palmeira juçara (*Euterpe edulis*), motivo de conflitos com aqueles que cortam-nas para extração do palmito. Em situações parecidas encontram-se outras comunidades ligadas a projetos que trabalham com os frutos desta palmeira. Através da Rede Juçara, desenvolvem processos de construção da sua própria identidade e legalização do produto. Este trabalho se propõe pesquisar, junto aos pequenos produtores rurais do Distrito de Taiaçupeba, envolvidos no processo de coleta e despulpa do fruto do juçara como alternativa de renda ao corte do palmito, os seguintes parâmetros: identificar os fatores que propiciam a concepção educadora ambientalista para o público em foco, proporcionando o desenvolvimento de novas tecnologias sustentáveis voltadas para a questão da sócio biodiversidade; contribuição para a produção de conhecimento sobre a relação entre a implantação de novas tecnologias sociais e a indução de processos educadores ambientalistas.

Hipótese

A utilização da palmeira juçara (*Euterpe edulis*) através da despulpa dos frutos por pequenos proprietários rurais promove um processo educador ambientalista, pois colabora com o fortalecimento da própria identidade local e potencializa o desenvolvimento de novas possibilidades de viver da terra com dignidade e justiça socioambiental.

2. Objetivos**2.1 Geral:**

Contribuir para a produção de conhecimento sobre a relação entre a implantação de novas tecnologias sociais e a indução de processos educadores ambientalistas.

2.2 Específicos:

- ✓ Mapear os pequenos proprietários rurais de Taiaçupeba – Mogi das Cruzes, envolvidos no projeto juçara;
- ✓ Identificar as influências econômicas, sociais e ambientais do projeto juçara para os pequenos produtores rurais;
- ✓ Relacionar a constituição da dimensão educadora ambientalista junto aos sujeitos da pesquisa com o processo de envolvimento no projeto de utilização do fruto da Juçara;
- ✓ Analisar a construção identitária possibilitada pelo projeto em curso.

As técnicas a serem utilizadas são: 1. Observações anotadas no diário de campo, a) encontros, b) reuniões, e c) toda e qualquer situação de encontro com pessoas ou grupos; 2. Análise documental, a) boletins, b) jornais, c) comunicados produzidos pela comunidade ou sobre ela, d) materiais videográficos e radiofônicos; 3. Entrevistas semi estruturadas, sendo que constará de duas fases: fase 1. Pesquisa de caracterização da comunidade e fase 2. Pesquisa focada sobre a questão da educação ambiental. E por fim, 4. Será construída uma proposta de oficina, disponibilizando todo o material coletado e analisado, para que seja discutido e também analisado pelo próprio público alvo, trazendo o cerne da questão educadora ambientalista vivida por eles, com finalidade de obter maior aprofundamento e participação dos envolvidos no processo de construção e aprendizagem deste estudo. As práticas, as percepções, os conhecimentos se transformam quando são falados e discutidos entre os indivíduos que compõem um grupo.

Informações necessárias:

- não há riscos físicos e/ou psicológicos envolvidos nesta pesquisa;
- os entrevistados podem e devem acompanhar o desenvolvimento desta pesquisa;
- a proponente está aberta para quaisquer esclarecimento necessário antes, durante e depois do desenvolvimento desta pesquisa;
- qualquer pessoa pode se recusar a participar da pesquisa;
- a proponente se responsabiliza em garantir o sigilo quanto a dados confidenciais, ou que de algum modo possa provocar constrangimentos ou prejuízos ao entrevistado;
- não há despesas/ gastos para os entrevistados envolvidos nesta pesquisa;
- uma cópia deste documento deve ficar com o entrevistado.

Proponente: Ana Paula Coati

Av. Antônia Pizzinatto Sturion, 279 – Jd. Petrópolis CEP.: 13.420-640; Piracicaba – SP

Telefones para contato: resid. (19) 3411-3782 cel. (19) 8153-4462

Email: apcoati@yahoo.com.br ou apcoati@usp.br

Ana Paula Coati – Doutoranda pela ESALQ/USP
entrevistado

Nome e assinatura do